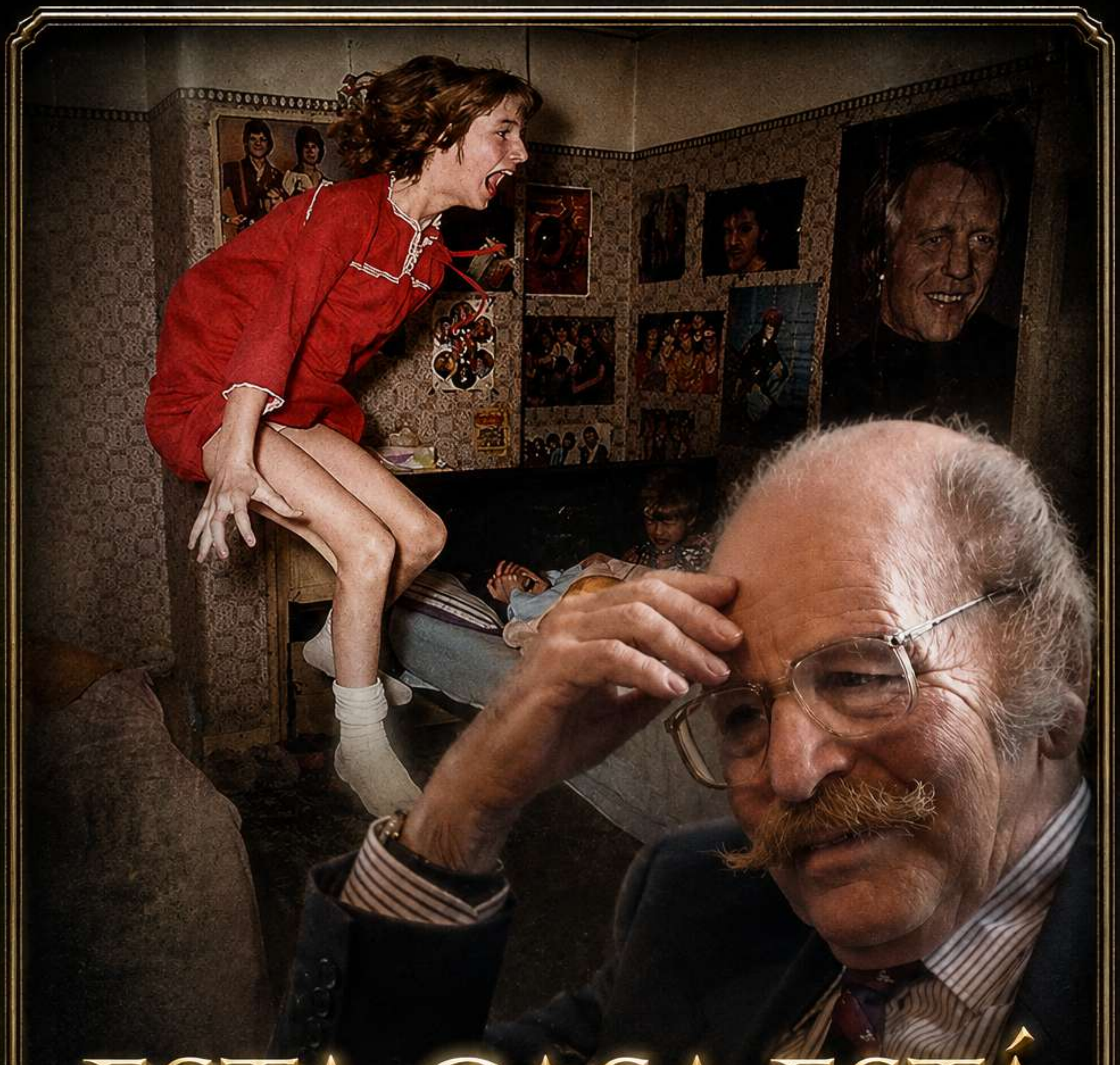

ESTA CASA ESTÁ ASSOMBRADA

A Investigação sobre o Poltergeist de Enfield

Guy Lyon Playfair

Tradução: Amadeu António

ESTA CASA ESTÁ ASSOMBRADA

A INVESTIGAÇÃO SOBRE O POLTERGEIST DE ENFIELD

Guy Lyon Playfair, 2007 A Maurice Grosse

Índice

Prefácio do Autor
Blitz
Dez Coincidências
O Epicentro
«Vi-o Mover-se»
«Ação e Aventura»
«Oh, Está a Responder»
Um para Não, Dois para Sim
Algumas Situações Histéricas
Dez Coisas Traquinas
«Não Consigo Fazer Esse Ruído»
Através da Parede
Falantes Imperfeitos
«Ritual Noturno»
Ano Novo Infeliz
Uma Mancha de Nevoeiro
«Onde Está o Conhecimento?»
Para Enganar o Diabo
«A Minha Mentezinha»
«Uma Estranha Presença»
A Síndrome de Enfield
Apêndice 1: Reflexões Posteriores, 2007
Apêndice 2: Sugestões de Leitura Adicional
Apêndice 3: O que Fazer com o Seu Poltergeist

Prefácio do Autor

O que faria se uma peça do seu mobiliário subitamente deslizasse pelo chão diante dos seus olhos?

Pense por um momento e seja sincero consigo próprio. O que faria na realidade?

Talvez, depois de ultrapassado o choque inicial, encolhesse os ombros, assumisse que se deveu a algo relacionado com um terramoto, o Concorde ou ratos, e apenas esperasse que não voltasse a acontecer.

Mas volta a acontecer. E outra vez. E começam também a acontecer todo o tipo de coisas ainda mais estranhas. Caem pedras no chão da sua cozinha, como se tivessem vindo através do teto. Alguém, ou alguma coisa, começa a bater na parede. Coisas desaparecem e reaparecem noutro local qualquer. Em pouco tempo, percebe que não pode ser um terramoto, nem o Concorde, nem ratos. Tem de ser outra coisa — algo inteiramente inexplicável e, na verdade, muito assustador.

Independentemente do que faria a seguir, ou do que gostaria de pensar que faria a seguir, posso dizer-lhe o que várias pessoas que se viram nesta situação difícil fizeram.

Entraram em pânico.

Em 1978, uma família de Birmingham abandonou a casa onde tinha vivido feliz durante onze anos, recusando-se a voltar a pôr lá os pés. Alguns anos antes, um casal do sul de Londres saiu a correr do seu apartamento social novinho em folha, deixando para trás a mobília e a maior parte dos seus pertences, e nunca mais foi visto na vizinhança.

Outros chamaram vizinhos, a polícia, padres, médicos e jornais e imploraram por ajuda, mas em vão. Subitamente, viram os amigos virarem-se contra eles e as pessoas lançarem-lhes olhares estranhos nas lojas locais. Os transeuntes param e olham fixamente para as suas casas. Recebem cartas maliciosas e chamadas telefónicas ameaçadoras. As suas vidas ficam arruinadas.

Outros foram ainda mais infelizes. Foram reencaminhados para psiquiatras e trancados em hospitais psiquiátricos. Isto aconteceu a uma dona de casa de Londres em 1977.

Mas alguns têm sorte. Encontram alguém que explica que o que tem estado a acontecer é conhecido como atividade de *poltergeist*. Têm sido relatados casos disso por todo o mundo há 1 500 anos. Normalmente para de forma tão súbita e misteriosa como começa, e raramente causa danos graves. Embora, como é evidente, haja exceções, e este livro é sobre uma delas.

«Muito brevemente, o que é um *poltergeist*? Está a dizer?...»

Fazem-me frequentemente este tipo de pergunta e, quando tenho mais de trinta segundos para responder, digo algo como isto:

«Não vou dizer nada muito brevemente, e é por isso que escrevo livros um tanto longos. Não sei o que é um *poltergeist*, e ninguém sabe. Como Bertrand Russell disse sobre a eletricidade, não é uma coisa, mas sim uma forma de as coisas se comportarem.

«Posso dizer-lhe o que a palavra significa. Significa fantasma barulhento, do alemão *poltern* — fazer muito barulho — e *Geist*, fantasma. Já agora, os alemães não usam a palavra hoje em dia. Chamam-lhe *ein Spuk*.

«Também lhe posso dizer como se comportam os *poltergeists*. Parecem surgir em três ou quatro variedades. Podem ser apenas traquinas, podem dar a impressão de que apareceram por acidente, podem até ser benevolentes, ou podem ser inteiramente hostis e destrutivos. O que eles fazem na realidade pode ser agrupado em quatro ou cinco categorias gerais: batem nas paredes e no chão, atiram coisas de um lado para o outro, viram cadeiras e mesas ao contrário, ateiam fogo a coisas e abrem caminho nas nossas mentes e fazem-nos fazer coisas estranhas.

«A atividade de *poltergeist* é, na verdade, o que os médicos chamam uma síndrome, ou um grupo de sintomas que, todos juntos, indicam uma determinada doença ou uma condição anormal. E não é apenas anormal, significando não normal, mas

também paranormal. Isto significa que não pode ser explicada em termos da ciência estabelecida. Isto, por sua vez, explica por que razão os cientistas estabelecidos tendem a ignorá-la por completo e a fingir que não existe, deixando o trabalho de a investigar a indivíduos como eu, que se sentem intrigados por áreas da experiência humana que os cientistas aparentemente não conseguem alcançar.»

O *poltergeist* de Enfield já recebeu mais publicidade do que qualquer caso comparável. Fez a primeira página de um jornal nacional dez dias após ter começado, altura em que um investigador a tempo inteiro já estava no terreno. Tem sido tema de vários programas de rádio e televisão, e de cerca de trinta artigos de jornais e revistas em vários países diferentes.

É agora o tema de um livro de tamanho integral — este mesmo.

A razão para toda esta atenção é que o caso produziu uma quantidade enorme de atividade paranormal, incluindo exemplos de virtualmente todos os fenómenos «psíquicos» alguma vez registados. Grande parte dela foi gravada em fita magnética enquanto estava realmente a acontecer. Alguma foi fotografada por um profissional experiente à medida que ocorria na realidade, e outra foi captada em fita de vídeo. E uma grande parte foi testemunhada em boas condições por pelo menos trinta pessoas, incluindo eu próprio. O experiente investigador e escritor Andrew Green descreveu o caso de Enfield (na *New Psychologist*, janeiro de 1979) como algo que «promete ser o caso de *poltergeist* mais emocionante de sempre». Espero que este livro ajude a cumprir essa promessa.

Mas antes de passar a uma descrição, estrondo a estrondo, de catorze meses de atividade e excitação em Enfield, é necessária uma palavra de aviso.

Se não está saciado por todos os horrores e titilações ocultas de livros ou filmes como *O Exorcista* e a sua hoste de imitadores, e ainda tem fome de emoções ainda mais exóticas, então este livro

não é para si. Irá achar parte dele um tanto monótona, com um enredo não muito bom e alguns diálogos bastante terríveis.

Isto acontece porque *Esta Casa Está Assombrada*, enredo, diálogos e tudo, é verídico. E embora a verdade possa ser mais estranha do que a ficção, como julgo que é, também é muito menos organizada, e pode ser muito repetitiva e até monótona. É suficientemente emocionante quando uma mesa ou um sofá salta no ar e se vira, mas quando isto acontece vinte ou trinta vezes torna-se uma espécie de maçador.

Se, por outro lado, está cansado de todas as versões sobredramatizadas do que em muitos casos foram basicamente acontecimentos reais, e gostaria de saber o que realmente acontece num caso de *poltergeist* com considerável detalhe, então por favor continue a ler, e por favor tenha duas coisas em mente.

Em primeiro lugar, a repetitividade e a confusão geral são características bem estabelecidas da atividade de *poltergeist*, e senti-me na obrigação de registar os episódios enfadonhos deste caso tão complicado, bem como os emocionantes.

Em segundo lugar, quer seja enfadonho quer seja emocionante, o *poltergeist* representa um desafio tremendo para todos nós. Mostra-nos que existe realmente uma ligação entre a mente e a matéria, e sugere que deve haver forças e dimensões no nosso mundo com as quais ainda não se sonhou nas nossas filosofias estabelecidas.

Para mim, a perspetiva de explorar essas dimensões e de rentabilizar essas forças para as fazer trabalhar para nós, em vez de contra nós, como fizemos com muito sucesso com a eletricidade e o magnetismo, é muito mais emocionante do que a mera visão de uma cadeira a cair. E acredito que esta perspetiva é agora muito real.

Se isto fosse um romance, eu deveria declarar aqui que todas as personagens são imaginárias e não têm qualquer semelhança pretendida com qualquer pessoa viva ou morta. Mas não é um romance, e todas as personagens são reais. (Todas as que estão vivas, entenda-se. Não posso afiançar as verdadeiras identidades

daquelas que estão aparentemente mortas). Alguns nomes foram alterados, a maioria a pedido da pessoa envolvida, e estes são indicados por um asterisco quando são mencionados pela primeira vez. Todos os outros nomes são reais, e todos os diálogos citados são retirados de gravações em fita, declarações assinadas ou das minhas notas escritas na altura. Alguns diálogos foram editados ao ponto de se remover material repetitivo ou não essencial, mas nada foi acrescentado. Tive de o fazer porque uma transcrição integral de tudo o que foi gravado durante o caso ocuparia cerca de duas mil páginas.

Agradecimentos especiais são devidos ao meu colega Maurice Grosse, tanto pela sua gestão do caso como pela sua cooperação de todo o coração na escrita deste livro; ao Professor John B. Hasted, David Robertson, Dr. Peter Fenwick, Elsie Dubugras, Luiz Gasparetto, Gerry Sherrick, George e Annie Shaw*, Peter Liefhebber, Dono Gmelig-Meyling, Richard Grosse, George Fallows, Matthew Manning, Graham Morris, Ron Denney e seus colegas, e ao meu irmão John, pela ajuda oportuna de muitas formas. E agradecimentos muito especiais à Sra. Harper* e aos seus filhos (cujos nomes, além do de Janet[1], também alterei) por me darem tanta hospitalidade e por sobreviverem à sua longa provação. Obrigado também a John e Sylvie Burcombe e a Vic e Peggy Nottingham que, com a Sra. Harper e o Sr. Grosse, leram o manuscrito deste livro e assinaram uma declaração no sentido de que o mesmo é verídico.

Embora não tenha procurado nem recebido ajuda financeira de ninguém durante os dois anos passados a investigar e a escrever este livro, agradeço reconhecidamente a ajuda sob outras formas de membros da *Society for Psychical Research*, especialmente Eleanor O'Keeffe, Renée Haynes, Dr. Ian Fletcher, Dr. E. J. Dingwall, Lawrence Berger e os membros do comité chefiado por John Stiles que levou a cabo uma longa reinvestigação do caso em nome da Sociedade.

Finalmente, obrigado a todos os outros mencionados no livro pela sua contribuição. Isto inclui o *poltergeist*.

[1] Utilizeio o seu nome verdadeiro por razões que se tornarão claras.

Nota para a edição de 2007: Quando a edição original deste livro foi publicada, concordei em não revelar o nome da família à qual dei o pseudónimo de Harper e, embora o seu nome verdadeiro e a sua antiga morada tenham sido publicados noutro local, tenciono cumprir a minha palavra.

UM

Blitz

— Consigo ouvir barulhos! — disse Pete Harper. — Eu também — disse Janet.

As duas crianças sentaram-se na cama e escutaram. Era uma espécie de som arrastado que parecia vir do chão do quarto deles, e era na verdade muito estranho.

Pete, de dez anos, e a sua irmã, um ano mais velha, estavam a acomodar-se para passar a noite num dos três quartos do andar superior da sua casa, no subúrbio de Enfield, no norte de Londres. No quarto principal, com vista para a rua, a mãe preparava-se para deitar com os seus filhos mais velho e mais novo: Rose, de treze anos, e Jimmy, de sete. Era por volta das nove e meia da noite de 31 de agosto de 1977, e não se podia esperar que nenhum dos Harpers soubesse que a família já tinha tido a sua última noite de sono normal durante muito tempo.

A Sra. Harper saiu do seu quarto. — O que é que se está a passar aqui? — perguntou ela, de forma algo irritada, pois esta era a segunda vez seguida que Pete e Janet andavam em correrias à hora de deitar. Na noite anterior, tinham tentado fazê-la acreditar que as suas camas se estavam a abanar para cima e para baixo. «A ficar todas estranhas», tinha afirmado Janet. Era sempre o mesmo quando Pete e Janet estavam juntos; eram a dupla energética da família. O que andavam a tramar agora?

— Há qualquer coisa a arrastar-se — disse Janet. — Parece aquela cadeira. — Muito bem, então vou levá-la daqui — respondeu a mãe.

Levou a cadeira para baixo, para a sala de estar, e voltou a subir. Janet e Peter continuavam a tagarelar excitadamente, por isso a Sra. Harper apagou-lhes a luz, esperando que isso os acalmasse. Mas então ela também ouviu algo peculiar.

Acendeu a luz novamente de imediato, mas tudo parecia estar no sítio — a cómoda ao lado da ombreira da porta, a outra cadeira entre as duas camas e o punhado de livros infantis na prateleira da lareira. As crianças estavam deitadas, com as mãos sob a roupa da cama. A Sra. Harper apagou a luz mais uma vez.

Imediatamente, o som arrastado recomeçou como antes. Ela achou que parecia o som de alguém a mover-se pelo chão em chinelos, e tinha a certeza de que, quem quer que fosse ou o que quer que estivesse a fazer o ruído, não poderia ser nenhuma das crianças.

Depois começaram as pancadas.

Os três ouviram claramente quatro pancadas fortes. Pareciam vir da parede de meação e, embora os Nottinghams do lado vizinho recebessem frequentemente amigos para passar o serão, não era próprio deles começarem a bater na parede.

Embora não conseguisse pensar numa explicação normal para as pancadas e para o som arrastado, a Sra. Harper assumiu que deveria haver uma. Mas não podia haver nada de normal no que aconteceu a seguir.

A pesada cómoda, logo do lado de dentro da porta do quarto, começou a deslizar pelo chão, em direção à ombreira da porta e para fora, para o meio do quarto, afastando-se da parede. Por nenhum esforço de imaginação poderia qualquer uma das crianças ser considerada responsável.

A Sra. Harper gelou. Até as crianças ficaram em silêncio. Ela empurrou a cómoda de volta para a sua posição normal. Tinha-se movido, calculou ela, cerca de dezoito polegadas.

Depois, moveu-se novamente como antes, por si mesma, deslizando simplesmente para a ombreira da porta como se tentasse bloqueá-la. E quando a Sra. Harper tentou empurrá-la de volta desta vez, ela não se moveu. Era como se alguém estivesse a empurrar do outro lado.

Como muitas pessoas provavelmente fazem quando se apercebem subitamente de que estão na presença de algo totalmente estranho, a Sra. Harper começou, literalmente, a tremer de medo.

— Está bem — disse ela após uma pausa. — Para baixo, toda a gente.

Reuniram lençóis e cobertores e desceram em grupo para o andar inferior, seguidos eventualmente por Rose e Jimmy, inteiramente enredados em perplexidade.

— O que é que vamos fazer? — perguntou Pete. — Não podemos fazer nada — respondeu a mãe.

Sentiu subitamente um impulso de sair da casa por completo.

— Teremos de ir lá acima a casa do John e da Sylvie — decidiu.

John Burcombe, o seu irmão, vivia com a esposa e os dois filhos apenas seis portas mais abaixo na mesma rua e, desde o divórcio dos Harpers em 1974, tinha feito o seu melhor para ajudar sempre que era necessário um homem.

— Essa gente já deve estar na cama a esta hora — disse Janet.

Ela espreitou através do vidro lateral da janela de sacada da frente.

— A luz da Peggy do lado vizinho está acesa — acrescentou.

Peggy Nottingham era sempre referida como Peggy do lado vizinho para evitar confusões com a Sra. Harper, que também era sempre chamada de Peggy.

Ninguém poderia pedir melhores vizinhos numa crise, ou na verdade em qualquer altura, do que os Nottinghams. Vic, um homem robusto e alegre no início dos seus quarenta anos, era um construtor especializado em trabalhos de telhados. Estava

habituado ao perigo no seu trabalho e não se assustava facilmente. A sua esposa tinha um aspeto invulgarmente jovem para mãe de um filho de vinte anos, Garry, e todos os Harpers a adoravam, especialmente Janet, que a tinha virtualmente adotado como tia.

A Sra. Harper não gostava de incomodar os vizinhos, mas sabia que o seu irmão bem poderia estar ou a dormir ou no trabalho, pois, como fardado de hospital sénior, tinha de cumprir turnos longos e irregulares. Assim, toda a família Harper saiu de roupão e bateu à porta dos Nottinghams.

Vic e Peggy ouviram o relato da Sra. Harper sem, ao início, acreditarem numa única palavra.

— Virias olhar em redor, Vic? — pediu a Sra. Harper. — Tem de haver alguém a brincar com isto, e não é nenhum de nós.

Vic concordou e, com o seu filho, revistou todo o local, incluindo o grande sótão e os quintais da frente e de trás. Não havia nenhum lugar onde alguém se pudesse esconder, e nenhum sinal de cães, gatos ou ratos.

Depois, as pancadas começaram de novo.

Os três Nottinghams ouviram claramente os quatro golpes na parede. Desta vez, pareciam vir da parede exterior.

— Tem de ser alguém lá fora — disse Vic. — Vamos ver se é algum dos miúdos do lado vizinho.

Ele correu para fora pela porta da frente em direção ao beco que dividia a casa dos Harpers dos seus outros vizinhos. Mas tudo estava silencioso. Luzes apagadas. Ninguém à vista.

As pancadas continuaram. Pareciam estar a seguir Vic pela casa fora e, quando Garry colocou a mão na parede durante uma das explosões, disse que a conseguia sentir a vibrar. Havia um curioso som cavo nas pancadas.

— É como se alguém estivesse atrás da parede, a tentar entrar — comentou Peggy.

O que fazemos quando a nossa casa é subitamente invadida por uma força invisível? Se, como os Harpers, não temos telefone, provavelmente chamamos os vizinhos. Mas quando nem eles nem nós conseguimos encontrar uma explicação normal para

o que acabámos de ver e ouvir, o passo lógico seguinte é chamar a polícia, e foi isso que Peggy Nottingham fez.

A agente da polícia feminina Carolyn Heeps estava num carro de patrulha com um colega masculino quando a mensagem, tipicamente concisa, cruzou o rádio do carro:

«Procedam para Wood Lane, 84*. Distúrbio.»

Eles procederam devidamente para lá, esperando talvez uma briga à porta de um pub ou um intruso a tentar forçar uma janela das traseiras. Mas chegaram e encontraram sete pessoas comuns na pequena sala dos Harpers, todas com um aspeto muito semelhante ao de quem acabou de ver um fantasma.

Não tinham visto um fantasma. Isso viria mais tarde, juntamente com exemplos de virtualmente todos os fenómenos «psíquicos» ou «paranormais» alguma vez registados, além de uma boa quantidade de novos. Mas eles certamente pensavam ter ouvido um.

A Sra. Harper tentou manter-se calma.

— Acho que esta casa está assombrada — declarou ela. — Têm estado a acontecer algumas coisas estranhas.

Mostrou aos dois agentes intrigados a cómoda no quarto das traseiras.

— Eu empurrei-a para trás e ela moveu-se outra vez — explicou. — Estava a mover-se para fora, gradualmente a mover-se em direção ao centro da ombreira da porta. Fiquei realmente petrificada. Empurrei-a outra vez porque não conseguia acreditar nos meus olhos.

A polícia escutou sem comentários.

— Olhem — disse Vic Nottingham, quando estavam todos de volta à sala de estar. — Vou apagar a luz e veremos se acontece alguma coisa.

Ele fê-lo, e aconteceu. Como antes, ouviram-se quatro pancadas fortes na parede. Depois, após cerca de dois minutos de silêncio, mais quatro — de uma parede diferente. A luz do candeeiro da rua era suficiente para que todos estivessem claramente visíveis uns para os outros.

Pela segunda vez nessa noite, a casa foi revistada de cima a baixo. Depois, enquanto o seu colega examinava a canalização na cozinha, a agente Heeps estava na sala de estar quando Pete apontou subitamente para uma das cadeiras junto ao sofá, claramente visível à luz que vinha agora da porta da cozinha. Ninguém estava a tocar na cadeira, mas ela estava a oscilar de um lado para o outro. Depois, perante o olhar direto da maioria das oito pessoas na sala, a cadeira fez exatamente o que a cómoda lá de cima tinha feito antes. Deslizou pelo chão em direção à cozinha. A agente Heeps calculou que se moveu cerca de três ou quatro pés e, embora tenha examinado imediatamente a cadeira, não conseguiu explicar como é que ela se tinha movido.

Por esta altura, passava bem da meia-noite, e os dois agentes explicaram que não havia realmente mais nada que pudessem fazer. Ninguém estava a quebrar a lei, e se algo invisível estava a quebrar as leis da natureza, então isso era um trabalho para os cientistas. No entanto, prometeram manter um olho na casa durante os dias seguintes.

Quando a polícia partiu, ninguém quis voltar para o andar superior, pelo que se montou um quarto improvisado na sala de estar. Ficou um pouco apertado e lembrou a Sra. Harper da vida nos abrigos antiaéreos durante a guerra.

— Oh, valha-me Deus — suspirou ela enquanto se encolhia numa poltrona. — É como se a *blitz* estivesse de volta.

Na verdade, era pior, pois sabia-se quem era Hitler e podiam ver-se as bombas e os foguetes, ao passo que agora o inimigo era invisível e totalmente incompreensível. Isso tornava as coisas muito mais assustadoras.

Ninguém dormiu muito nessa noite, mas de manhã tudo parecia estar calmo e a vida continuou normalmente. No entanto, mal os Harpers tinham recuperado do choque dos acontecimentos da noite anterior, a *blitz* recomeçou.

— Janet, foste tu que atiraste isso? — Não, nunca! Não atirei nada! — Se te apanho, vais ver. — Não foi ela, Mãe, a sério!

Alguém, ou alguma coisa, estava a arremessar berlindes e peças dos brinquedos Lego de Jimmy de um lado para o outro, ou melhor, a dispará-los como se fosse com uma catapulta. Surgiam simplesmente do nada e faziam ricochete nas paredes, ou caíam diretamente no chão como se tivessem vindo através do teto.

Novamente, a Sra. Harper recorreu aos seus vizinhos em busca de ajuda, e Vic, Peggy e o pai de Peggy, o Sr. Richardson, vieram ver o que se passava. Enquanto este último estava na cozinha, dois berlindes voaram por ele a uma velocidade terrível e estrondaram contra a porta da casa de banho, ao fundo do corredor. Ele apanhou-os e descobriu que estavam a ferver de quentes.

A polícia voltou a espreitar, como prometido, e o agente masculino, um homem amável e paternal, conversou com as crianças. Era apenas uma daquelas coisas, explicou ele, e não havia necessidade de terem medo.

Mas eles tinham medo, e mais uma vez os Harpers passaram uma noite desconfortável na sua sala de estar. No dia seguinte, o bombardeamento de berlindes e Legos continuou, e assim sucedeu também no dia seguinte a esse. Pela noite de domingo, 4 de setembro de 1977, a Sra. Harper estava à beira da loucura.

— O que é que vamos fazer? — implorou ela a Vic e Peggy. — Olha — disse Vic —, levo-vos a todos à esquadra da polícia na minha carrinha e veremos se eles vos conseguem alojar nalgum sítio por esta noite e resolver isto tudo. — Não — interrompeu Peggy —, não vão já. Vou ligar para o *Daily Mirror* e ver se eles têm alguma ideia sobre quem podemos contactar.

E assim fez, puramente pelo desejo de ajudar os seus vizinhos. Tinham tentado a polícia, e quem mais haveria? Soubesse ela alguns dos segredos de Fleet Street, Peggy teria ligado para qualquer outro jornal em vez do *Mirror*, pois era uma lei não escrita naquele jornal que as «histórias de fantasmas» eram tabu. Esta lei estava em vigor há muitos anos, desde os dias do controverso investigador psíquico Harry Price. Um homem de negócios abastado que dedicou grande parte da sua vida a caçar

fantasmas e a procurar publicidade, Price foi contratado pelo *Mirror* como um caçador de fantasmas assalariado e, na opinião de alguns que o conheciam bem, tendia a encontrar fantasmas por encomenda, quer os houvesse quer não.

Mas Peggy teve sorte. O subdiretor noturno de serviço no fim de semana era um recém-chegado que não tinha ouvido falar da lei não escrita. Cheirando-lhe a uma boa história, enviou o repórter Douglas Bence e o fotógrafo Graham Morris até Enfield.

Após um curto período na casa, Bence e Morris ficaram satisfeitos por verificar que algo de muito estranho se passava, mas, embora tenham passado toda a noite de domingo com os Harpers, nada aconteceu na sua presença. Por volta das duas e meia da manhã de segunda-feira, 5 de setembro, decidiram ir para casa.

— Não há mais nada que possamos fazer agora — disseram eles à Sra. Harper —, mas voltaremos.

Despediram-se e saíram para o carro.

Assim que deixaram a casa, a *blitz* de Legos começou. Os Nottinghams ainda estavam na casa dos Harpers, e o pai de Peggy correu para a estrada para chamar os homens do *Mirror* de volta.

Morris agarrou numa das suas Nikons e correu de volta para dentro da casa. Tinha acabado de fazer a cobertura de uma série de manifestações violentas nas ruas e não se deixava intimidar por um estranho tijolo voador, grande ou pequeno. Bence seguiu logo atrás dele.

De pé ao lado da Sra. Harper na ombreira da porta da cozinha, e com o dedo no disparador, Morris viu algo pelo canto do olho esquerdo. A Sra. Harper abaixou-se e, um microssegundo mais tarde, algo o atingiu com força logo acima do olho direito. (Quando o conheci, uma semana depois, ele ainda tinha uma grande nódoa negra na testa).

Foi uma falha por muito pouco, tanto para o seu olho como para a sua lente, pois o objeto, que se verificou ser uma peça de Lego de cantos afiados, não apareceu no seu negativo. Quando

tirou a fotografia, o objeto devia estar algures nos dez por cento da sala não abrangidos pela sua lente grande-angular.

Havia, no entanto, duas características interessantes na primeira de centenas de fotografias que Morris iria tirar em Enfield. Uma era um minúsculo orifício no negativo, como se feito por uma agulha hipodérmica. Morris revelou o filme ele próprio e foi incapaz de justificar o orifício. A outra, ainda mais interessante e demonstrativa, era o facto de ser perfeitamente óbvio que ninguém na sala tinha atirado o Lego. As únicas duas pessoas viradas para a câmara enquanto o tijolo voava pela sala eram Bence, cujas mãos estavam nos bolsos, e Peggy Nottingham, que estava de braços cruzados.

De volta a Fleet Street, o repórter sénior George Fallows ficou impressionado com o relato dos seus colegas sobre a visita a Enfield. Embora conhecesse muito bem a lei não escrita sobre histórias de fantasmas, achou que esta valia a pena ser acompanhada, pelo que, na manhã de segunda-feira, decidiu ir ver por si mesmo, levando o fotógrafo David Thorpe consigo.

Fallows é o oposto exato da imagem estereotipada do repórter cínico e implacável de Fleet Street. Um cristão profundamente religioso, é educado e atencioso com os sujeitos das suas reportagens, tendo ainda assim conseguido tornar-se um repórter de topo.

Fallows e Thorpe chegaram e encontraram a Wood Lane, 84 vazia e, quando localizaram os Harpers em casa dos Burcombes, no número 72, encontraram uma atmosfera que roçava a histeria em massa. A Sra. Harper estava por esta altura demasiado assustada para colocar os pés na sua própria casa, mesmo durante o dia. Nem ela nem nenhuma das crianças, exceto Jimmy (que nesta fase inicial estava totalmente imperturbável com a *blitz*), tinham dormido adequadamente durante seis noites, e o cansaço começava a fazer-se notar.

A Sra. Harper nem sequer se sentava. Contou a Fallows a sua história como se estivesse num tribunal, de pé à frente dele, com as mãos nas ancas.

Fallows escutou pacientemente.

— Aceito o que diz — disse-lhe ele quando ela o parou de atualizar. — Não sou um perito, mas tenho lido muito sobre este tipo de coisas. Acho que o que tem na sua casa é um *poltergeist*.

— Um quê? — perguntou a Sra. Harper. — *Polka* de dados? — entreveio Janet com um riso nervoso. — Não — respondeu Fallows —, *pol-ter-geist*. Ninguém sabe realmente o que são. Tudo o que sabemos é que é uma espécie de força que atira coisas de um lado para o outro. Podem ser um estorvo, mas não há real necessidade de terem medo. Na verdade, sabe, são bastante comuns, e parece que se ligam a raparigas por volta da idade da puberdade.

Fallows cedo tinha reparado que Rose Harper estava fisicamente madura para a sua idade e também parecia estar mais afetada pela *blitz* do que os outros. Tinha estado, de facto, tensa e nervosa desde o início, desatando frequentemente a chorar.

A Sra. Harper não pareceu compreender, pelo que Fallows explicou o que queria dizer por puberdade, levando-a para o lado, fora do alcance da audição das crianças.

— Ah, isso — disse ela. — Sim, a Rose teve-o em março.

Fallows introduziu então uma pergunta rasteira.

— É inquilina do município, não é? Gostaria de se mudar?

Ele conhecia casos em que inquilinos do município tinham inventado fantasmas para entrarem na lista de prioridades para realojamento.

— Não! — respondeu a Sra. Harper de imediato e com firmeza. — Esta é a minha casa. É aqui que está a minha família e onde estão os meus amigos. Definitivamente não!

Ela estava ali há doze anos, e aquela era a única casa que todos os seus quatro filhos tinham conhecido. Ela não se mudava.

Fallows estava agora bastante seguro de que o caso era genuíno. Como todos os que viriam a conhecer a Sra. Harper ao longo dos meses seguintes, incluindo repórteres e investigadores de todo o mundo, achou-a uma mulher inteiramente aberta e

honesta. Queria fazer a reportagem, mas sentiu-se também na obrigação de fazer o que estivesse ao seu alcance para a confortar.

— Aceito o que diz — repetiu ele —, e gostaria de a ajudar. Mas, como disse, não sou um perito. Gostaria de chamar a *Society for Psychical Research*.

A Sra. Harper desmaiou.

Ela tinha estado de pé, virada para Fallows enquanto ele falava, e, às palavras *investigação psíquica*, desmoronou-se subitamente no chão. Ficou completamente desmaiada.

Fallows e Peggy Nottingham correram a ajudá-la. Acomodaram-na numa cadeira e ela depressa recuperou os sentidos. Após algumas perguntas delicadas, Fallows ficou estupefacto ao saber a razão pela qual ela tinha desmaiado.

Tinha percebido mal o que ele acabara de dizer. Pensou que ele ia chamar um psiquiatra.

Ela tinha algumas razões para desconfiar dos membros desta profissão, pois o psiquiatra local do bem-estar infantil tinha aparentemente sido o responsável por fazer com que Pete Harper fosse enviado para o que a sua mãe sempre se referia como «escola residencial», que era, na verdade, uma escola para crianças com problemas. Contudo, nem o psiquiatra nem mais ninguém tinha alguma vez explicado à Sra. Harper qual era o problema de Pete. Tudo o que ela sabia sobre psiquiatras era que um deles lhe tinha levado o filho mais velho de casa. E isso era tudo o que ela queria saber.

— Olhem — disse Fallows —, todos vocês precisam de um bom descanso. Porque é que não vão para casa e se deitam por um par de horas? Eu fico por aqui, e não precisam de ter medo de nada.

Confortada pelo desejo óbvio de Fallows em ajudar, la Sra. Harper finalmente concordou e foram todos para casa. As crianças depressa adormeceram, mas a Sra. Harper estava demasiado tensa para relaxar.

Cerca de meia hora após o regresso da família, as pancadas começaram. Fallows ouviu-as claramente.

— É isso! — disse a Sra. Harper. — Tal e qual como tínhamos antes.

Janet parecia estar profundamente adormecida, com as mãos sob a roupa da cama. Fallows tinha a certeza de que ela não tinha feito as pancadas por si própria, e mais ninguém estava ao alcance de uma parede.

— Vou chamar os peritos agora mesmo — disse Fallows. — Não se deve preocupar, Sra. Harper. Eles saberão o que fazer.

Subiu a rua até à cabine telefónica, marcou o número da *Society for Psychical Research* e falou com a secretária Eleanor O'Keeffe. Poderia ela enviar alguém imediatamente para investigar um *poltergeist* em Enfield?

A *Society for Psychical Research*, ou SPR, remonta a 1882, quando um grupo de amigos de Cambridge e alguns espiritualistas proeminentes se juntaram para investigar «certos fenómenos obscuros, incluindo aqueles comummente conhecidos como Psíquicos, Mesméricos ou Espirituais», e para publicar os resultados da sua investigação. Os *poltergeists*, esses misteriosos «fantasmas barulhentos», entravam certamente nesta categoria.

A SPR era, e é, uma sociedade científica inteiramente respeitável. Os primeiros membros incluíam membros da *Royal Society*, juízes de paz, deputados (até o Primeiro-Ministro Arthur Balfour) e cientistas de relevo como Sir William Crookes, Sir Oliver Lodge e os prémios Nobel Lord Rayleigh e Charles Richet. Membros distintos subsequentes incluem os escritores J. B. Priestley, Arthur Koestler e Colin Wilson, os cientistas Sir Alister Hardy e o Professor H. H. Price (sem parentesco com Harry), e académicos de mente aberta como os Professores J. B. Hasted, Archie Roy e Arthur Ellison. Outros membros, mais de mil, incluem homens e mulheres de todas as esferas da vida.

No entanto, a SPR, embora se tenha mantido em funcionamento durante quase cem anos, tinha perdido o seu zelo cruzado inicial e, em 1977, muito poucos membros estavam prontos a largar tudo e a sair para caçar fantasmas com aviso prévio a curto prazo. Este estado de coisas tinha começado a

preocupar alguns membros, que sentiam que a SPR estava a degenerar numa sociedade de debate académico, e quando George Fallows ligou, a secretária Eleanor O'Keeffe tinha acabado de elaborar uma lista de membros dispostos a aceitar investigações.

Para lhe dar o contacto que ele queria, ela nem sequer teve de procurar no seu arquivo. Um novo membro em particular andava há algum tempo a pedir-lhe que o informasse de um caso ao alcance da sua casa no norte de Londres. Na verdade, ele tinha estado a tornar-se cada vez mais insistente, como se tivesse razões pessoais urgentes para ter pressa em sair na sua primeira missão como investigador de «fenómenos obscuros» — fenómenos que confundiam a ciência em 1977 tal e qual como em 1882.

Ele tinha, de facto, as suas razões.

DOIS

DEZ COINCIDÊNCIAS

Nas primeiras horas de 5 de agosto de 1976, uma moto conduzida por um estudante de medicina de vinte e dois anos chamado Adam Speller despistou-se no centro de Cardiff. Nenhum outro veículo esteve envolvido e a causa do acidente nunca foi estabelecida. Speller teve morte imediata, enquanto a sua passageira da retaguarda, uma jornalista da mesma idade chamada Janet Grosse, foi levada à pressa para o hospital ainda viva, embora gravemente ferida.

A 4 de agosto, os pais de Janet estavam deitados numa praia em Jersey, onde se encontravam de férias. Subitamente, Betty Grosse sentiu-se mal, de uma forma que nunca se tinha sentido antes. A sensação desagradável passou ao fim de meia hora e nunca mais regressou.

Nessa noite, Maurice Grosse assistiu a um serviço religioso numa sinagoga de Jersey. Tratava-se de um serviço especial para comemorar o Dia de Jejum do Nono dia de Av, e foi-lhe pedido especificamente que completasse o quórum de dez homens

necessário para este serviço no único Dia Santo do ano judaico em que a congregação se senta realmente em luto.

Assim, escassas horas antes do acidente da sua filha, ele estava sentado em luto.

Janet Grosse faleceu por volta das 16:20 de 5 de agosto. Os seus pais conseguiram chegar mesmo a tempo ao hospital para a ver, embora ela nunca tenha recuperado a consciência. A sua cabeça estava envolta em ligaduras; embora estivesse a usar um capacete, a causa da sua morte foi registada como lesões na cabeça.

O dia do acidente era também o dia de aniversário do irmão de Janet, Richard, e nessa manhã ele recebeu um postal de aniversário dela que esta tinha enviado no dia anterior. A capa do postal humorístico mostrava uma rapariga com aspeto desalinhado e com a cabeça envolta em ligaduras. A legenda dizia:

IA MANDAR-TE UM FRASCO DE ÁGUA DE COLÓNIA PARA O TEU ANIVERSÁRIO... (Era o auge da grande seca de 1976).

No interior do postal, a legenda impressa continuava:

... MAS A TAMPA CAIU-ME NA CABEÇA. FELIZ ANIVERSÁRIO!!

Por baixo disto, Janet tinha escrito:

«E também não vai restar muito disso em breve. Muitos beijos, Jan (correspondente galesa).»

Ela estava a trabalhar na altura no semanário *Cardiff Leader*.

Cerca de meia hora antes do acidente, a cunhada de Maurice Grosse, Miriam, teve um pesadelo invulgarmente vívido, não sobre Janet, mas sobre o seu neto jovem, que se estava a afogar.

Miriam soube da morte de Janet às 17:30, cerca de uma hora depois de esta ter ocorrido. Duas horas mais tarde, saiu para visitar o irmão e a irmã mais velha de Janet. Mesmo antes de sair de casa, reparou que o seu relógio de pêndulo rotativo estava a funcionar. Não funcionava há mais de um ano. Apontou isto ao

seu marido, mas não disse nada aos Grosses até vários meses mais tarde.

Quando Miriam e o marido chegaram a casa, por volta das 23:30, o relógio continuava a funcionar. Na manhã seguinte, levantaram-se e descobriram que este tinha parado durante a noite. Os ponteiros marcavam 4:20. Esta era aproximadamente a hora a que Janet tinha falecido doze horas antes. Os Grosses tinham um relógio idêntico na sua casa, mas este comportava-se de forma bastante normal.

O funeral de Janet foi marcado para 7 de agosto. No dia anterior, a dor extrema de Maurice pela perda súbita da sua filha foi atenuada por uma sensação estranha de que demasiadas coincidências já tinham estado ligadas a esse facto.

O postal de aniversário era o mais marcante. Parecia na verdade prever a morte, embora de uma forma descontraída. A cabeça dela estava envolta em ligaduras quando a viram no seu leito de morte, tal e qual como a da figura de desenhos animados no postal. A «tampa» ou capacete deve ter estado de alguma forma envolvida nas lesões que causaram a sua morte e, depois de escrever «e também não vai restar muito disso em breve», Janet tinha desenhado uma seta a apontar para a palavra impressa CABEÇA.

Depois, era estranho que Maurice estivesse num serviço memorial pela primeira vez em muitos anos apenas algumas horas antes do acidente. Havia ainda o súbito e breve período de indisposição de Betty e o pesadelo de Miriam. Quatro «coincidências» já.

E haveria mais por vir.

Grosse deu por si a perguntar-se se Janet, caso tivesse de alguma forma sobrevivido à sua morte física, lhe enviaria um sinal de qualquer espécie no dia do seu funeral. Tinha lido extensamente sobre o tema da investigação psíquica durante quarenta anos e sabia que tais coisas tinham sido frequentemente relatadas.

Não chovia há várias semanas, e Grosse pensou para si próprio que um sinal adequado seria uma gota de chuva. Não disse nada sobre isto, nem mesmo à sua esposa.

No dia seguinte, acordou às 8:15 da manhã. Foi para a sua casa de banho do primeiro andar e olhou pela janela, como fazia sempre. Dali conseguia ver o teto da cozinha, que se estendia para o quintal diretamente por baixo da janela do quarto de Janet.

O teto da cozinha estava complemente molhado. Chamou Betty, para ter a certeza de que não estava a imaginar coisas. Mas ela concordou que o teto estava, de facto, totalmente molhado.

— E olha — acrescentou ela —, tudo o resto que conseguimos ver daqui está completamente seco.

A seca de 1976 durou bem até à última semana de agosto, e esta «coincidência» foi tanto mais marcante porque Grosse tinha especificamente «pedido» uma gota de chuva. E ali estava ela — no teto logo abaixo do quarto de Janet, e em mais lado nenhum.

Depois veio o episódio das velas. Após um funeral judaico, é costume acender uma vela memorial em cada um dos sete dias de luto. As velas em copo de vidro são especialmente concebidas para não se apagarem e queimam normalmente por bem mais de vinte e quatro horas. Na noite de 8 de agosto, Grosse acendeu a primeira vela por Janet.

No dia seguinte, ela tinha-se apagado, embora houvesse bastante pavio e cera restantes, e não houvesse correntes de ar. Nem Grosse nem a sua filha casada Marilyn Grant, licenciada em química, conseguiram dar qualquer explicação para o facto de ter parado de queimar. Ele pegou noutra vela, verificou-a cuidadosamente e acendeu-la.

Na manhã seguinte, esta vela também se tinha apagado sem razão aparente. E exatamente a mesma coisa aconteceu mais uma vez. Três dias seguidos. Durante os restantes quatro dias do período de luto, contudo, todas as velas queimaram como deviam e continuavam acesas quando Grosse as foi retirar.

Tinha de haver um limite, pensou ele, para o número de coincidências que se poderiam esperar por puro acaso. Tinham

sido oito já: a doença súbita de Betty, o serviço memorial inesperado, o postal de aniversário, a chuva, o pesadelo de Miriam e as velas. (O episódio do relógio, se ele soubesse dele na altura, faria nove). Grosse tinha uma sensação muito forte de que Janet não tinha deixado inteiramente de existir.

Pouco tempo depois, escreveu um relato de todos estes acontecimentos e enviou-o para a *Society for Psychical Research*. Foi a primeira vez que estabeleceu contacto com a SPR, apesar do seu interesse de toda a vida pelo tema.

Maurice Grosse nasceu em Londres em 1919. Foi educado no *Regent Street Polytechnic* e, após uma aprendizagem em arte comercial e design, serviu durante toda a Segunda Guerra Mundial na Artilharia Real, recebendo a sua patente em 1941. Casou com Betty em 1944 e tiveram três filhos, dos quais Janet era a mais nova.

Após a guerra, na sequência de um período no negócio de retalho da sua família, Grosse encontrou a sua verdadeira vocação como inventor de dispositivos elétricos e mecânicos. Registou a primeira das suas muitas patentes mundiais em 1945, para um brinquedo mecânico, e em 1962 estabeleceu a sua própria empresa de consultoria de engenharia de design e exposições, através da qual lançou com sucesso muitas das suas próprias invenções por todo o mundo. Estas variavam desde simples acessórios de prateleira até máquinas de venda automática altamente complexas, sistemas de mudança de cartazes vistos em muitos aeroportos internacionais e um dos primeiros distribuidores de jornais totalmente automáticos do mundo.

Membro tanto da *Royal Institution* como do *Institute of Patentees and Inventors*, também dedicava uma grande parte do seu tempo ao trabalho comunitário e a organizações de bem-estar animal e juvenil. Era também um encarregado na Sinagoga Unida.

O interesse de Grosse em matérias psíquicas em 1977 era puramente filosófico. Como qualquer judeu praticante, ele estava ciente das severas proibições listadas no Quinto Livro de Moisés, o Deuteronómio (XVIII, 10-12):

Não se achará entre vós quem... exerça adivinhação, ou pressagiador, ou agoureiro, ou feiticeiro. Nem encantador, nem quem consulte espíritos familiares, nem mágico, nem necromante. Pois todo aquele que faz estas coisas é uma abominação ao Senhor...

Isto não quer dizer que os judeus neguem a existência de todos os fenómenos psíquicos, ou que estejam proibidos de ter algo a ver com eles. Muitos deles acreditam que a alma permanece a pairar em redor do plano terrestre durante cerca de trinta dias após a morte física, e depois ascende gradualmente ao seu destino adequado com a ajuda de orações, que apenas cessam após onze meses.

A religião judaica não é dogmática sobre este tema, no entanto, e os judeus religiosos são encorajados a formar a sua própria opinião sobre esta e, na verdade, sobre qualquer outra questão. Foi certamente isso que Grosse decidiu fazer após a morte da sua filha, e sentiu que uma pequena investigação prática não seria despropositada, desde que fosse feita num espírito de inquirição filosófica e não apenas em busca de sensacionalismo.

Foi com esta base profissional e religiosa que solicitou a inscrição como membro da SPR e, assim que foi aceite, deixou claro que pretendia tornar-se um dos seus membros mais ativos. Fez pleno uso da biblioteca única da Sociedade e era invariavelmente o primeiro a avançar na altura do debate após a reunião da palestra mensal.

Lembro-me dele a castigar um orador pelo seu uso de termos como «perceções extrassensoriais gerais» e «campo psi».

— Não explica nada com todas essas palavras — declarou ele. — O que sabe na realidade?

Eu conseguia ver, mesmo antes de o conhecer, que Grosse não ia ser muito popular entre alguns membros. Tinha pouca paciência para debates académicos; queria avançar com o trabalho para o qual a SPR fora originalmente fundada — investigar e publicar.

Portanto, quando George Fallows telefonou a Eleanor O'Keeffe, a secretária da SPR pôde matar dois coelhos de uma cajadada só. Não só lhe forneceu o investigador que ele queria com muito pouco aviso prévio, como foi capaz de tranquilizar Grosse e dar-lhe o caso pelo qual ele tinha pedido tantas vezes ultimamente.

Esta foi a décima coincidência.

Assim que recebeu a chamada da SPR, Grosse deixou o seu gabinete a meio de uma segunda-feira atarefada e, no espaço de uma hora após o pedido de ajuda de Fallows, o seu reluzente Jaguar vermelho estava a imobilizar-se junto à casa dos Harpers.

TRÊS

O EPICENTRO

Para Grosse, foi um caso de sorte de principiante. No minuto em que passou pela porta da frente dos Harpers, sentiu a certeza de que o caso era genuíno. A atmosfera na casa era de verdadeiro medo.

— Não se consegue fingir isso — disse-me ele mais tarde. — e tudo o que me contaram era típico de casos de *poltergeist* — saído diretamente dos livros. Como eles nem sequer sabiam o que era um *poltergeist* até o Fallows lhes dizer, como saberiam o que dizer se estivessem a inventar tudo?

Há três coisas a fazer de imediato quando um investigador aceita um caso deste tipo, e Grosse fez as três na sua primeira visita.

Primeiro, certificou-se de que o caso valia de todo a pena ser investigado. Em segundo lugar, fez o seu melhor para acalmar toda a gente e assegurar aos Harpers que aquilo por que estavam a passar tinha acontecido a outras pessoas durante séculos por todo o mundo e que, embora a vida pudesse ser um pouco cansativa, iria passar. Estas coisas normalmente duravam apenas seis ou oito semanas, quando muito, e muitas vezes simplesmente desapareciam ao fim de alguns dias.

Terceiro, instou a Sra. Harper a tornar-se uma investigadora juntamente com ele, em vez de simplesmente sofrer como uma vítima passiva. Pediu-lhe que fizesse uma nota de tudo o que acontecesse, indicando a hora exata e, tanto quanto possível, a posição dos presentes. Sentiu-se na obrigação de se apresentar como um «perito» por razões puramente humanitárias; sabia perfeitamente que ninguém no mundo sabia ao certo o que era um *poltergeist*, ou por que razão fazia o que fazia, mas sabia também que tinha sido chamado como perito e que deveria, por isso, tentar agir como tal, para dar à família conforto e esperança num regresso à vida normal.

Tanto os Harpers como os Nottinghams ficaram aliviados por haver finalmente alguém com quem pudessem falar que não pensava que estavam todos malucos.

— Desde que ele está no caso, tudo mudou — disse Peggy Nottingham alguns dias mais tarde. — Estávamos tão assustados, e depois ele começou a explicar-nos e parece que nos acalmou a todos.

Durante um dia ou dois, pareceu que ele também acalmara o poltergeist, pois nada de todo aconteceu a 5 de setembro de 1977. Os dois dias seguintes também foram muito tranquilos, à exceção de um incidente bizarro relatado por uma amiga adolescente das raparigas Harper, que morava mais acima na rua. Ela disse que uns quantos livros saltaram da prateleira e voaram na sua direção enquanto ela estava na porta do quarto de Janet. Grosse tomou nota do incidente e decidiu que, embora não tivesse razões para duvidar da palavra da rapariga, teria de ver algo assim acontecer para acreditar. Não teve de esperar muito.

Quinta-feira, 8 de setembro de 1977, foi o dia do seu primeiro encontro próximo com um poltergeist, apenas três dias após o seu primeiro dia de trabalho como investigador.

A ação começou à 1h15 da madrugada. Janet estava a dormir sozinha, pois Pete tinha voltado para a escola. Grosse e três homens do *Mirror* estavam de vigia lá fora, no pequeno patamar do andar de cima que separava os três quartos. (O terceiro estava

cheio de móveis sem uso, e ninguém dormiu lá até várias semanas depois, quando eu próprio me instalei).

Janet parecia estar profundamente adormecida. De repente, os quatro homens foram sobressaltados por um grande estrondo. Ao correrem pela porta aberta, viram que a cadeira de cabeceira de Janet tinha saltado cerca de um metro e vinte para a frente e tombado, aparentemente tendo-se virado 180 graus ao mesmo tempo. Ninguém a viu realmente, mas uma hora depois exatamente a mesma coisa voltou a acontecer. Desta vez, o fotógrafo David Thorpe viu-a mover-se e conseguiu tirar uma fotografia dela quando ficou imóvel. Janet não deu sinal de movimento, embora, após o primeiro incidente, tivesse acordado e começado a chorar, evidentemente aterrorizada.

Grosse decidiu certificar-se de que ela estava realmente a dormir. Com cuidado, afastou as pálpebras de um dos seus olhos e verificou que o globo ocular estava virado para cima. «Veja o que acha», disse a George Fallows. Fallows levantou o braço de Janet. Não houve resistência e, quando o soltou, caiu flácido. Deu-lhe um leve empurrão na cabeça, e esta rolou para o lado.

«É quase como se ela estivesse inconsciente», disse ele.

Mais cedo naquela noite, o próprio Fallows ouvira batidas na parede, e Douglas Bence fora atingido por um pedaço voador de uma peça de Lego. Todos tinham decidido que aquela era uma história que valia a pena fazer em pormenor, e o outro fotógrafo, Graham Morris, já passava grande parte do seu tempo livre na casa, determinado a obter uma fotografia de algo paranormal a acontecer realmente. Sabia que, se conseguisse, como veio a conseguir após várias semanas de frustração, seria provavelmente o primeiro profissional a fazê-lo.

Embora não tivesse visto a cadeira mover-se, Grosse ficou satisfeito, quando conduziu para casa às 3h30 da madrugada, por ver que o caso estava a seguir o padrão esperado. Os poltergeists quase invariávelmente anunciavam a sua presença com chuvas de pequenos objetos e batidas, e depois passavam a atirar objetos maiores. Este era o caso que ele queria, e decidiu que o levaria até

ao fim. Se soubesse o quão longe no futuro estaria o fim, talvez lhe tivesse sido perdoado se tivesse decidido o contrário.

Naquela noite, a palestra na reunião mensal da SPR (marcada vários meses antes) era sobre poltergeists, e eu por acaso estava sentado ao lado de Grosse, a quem mal conhecia na altura. Creio que só trocáramos palavras em duas ocasiões — uma quando o felicitei por uma das suas perguntas tipicamente diretas após outra palestra, e outra quando ele me disse que acabara de ler um livro meu e gostara.

O nosso orador era o Sr. D.N. Clark-Lowes, um professor reformado que agora era bibliotecário da Sociedade. Fez-nos uma análise erudita e interessante do fenómeno, salientando que o mesmo tipo de coisas havia sido relatado durante centenas de anos em todo o mundo, e delineou as duas principais teorias quanto à sua natureza. Uma era que algumas pessoas, muitas vezes rapazes ou raparigas na idade da puberdade, pareciam conseguir extrudir uma espécie desconhecida de força capaz de ação inteligente. Esta era a abordagem psicológica. A outra era assumir que fantasmas, ou espíritos dos mortos, conseguiam de alguma forma manifestar-se absorvendo energia das suas vítimas e utilizando-a para os seus misteriosos propósitos.

A palestra foi calorosamente aplaudida pela centena de membros presentes e, como eu esperava, Grosse foi o primeiro a pôr-se de pé na hora do debate. Anunciou que estava no meio de um caso naquela altura e que podia usar alguma ajuda. Houve uma pausa. Senti que alguns membros se incomodavam por serem lembrados de que os poltergeists existiam realmente, no mundo real, hoje em dia.

«A possibilidade de alucinação deve, naturalmente, ser considerada», comentou um membro sentado na fila da frente da sala.

Quando a reunião terminou, esperei que se formasse uma fila de voluntários. Mas apenas um membro, Lawrence Berger, um cirurgião-dentista do sul de Londres, se apresentou e ofereceu ajuda, embora a sua consulta atarefada e a distância entre a sua

casa e Enfield tornassem difícil para ele despender muito tempo no caso, disse ele.

Quanto a mim, a última coisa de que precisava em setembro de 1977 era um poltergeist. No dia anterior, entregara ao meu editor o manuscrito do meu livro *The Cycles of Heaven*, resultado de quinze meses de investigação, viagens e escrita muito cansativos. Sentia que merecia as minhas primeiras férias em dois anos.

Sabia o que Grosse poderia esperar em Enfield. Noites sem dormir, uma grande confusão constante e, no final de tudo, o mesmo sentimento de total perplexidade. Tinha ajudado a investigar vários casos no Brasil, com os meus colegas Hernani G. Andrade e Suzuko Hashizume do IBPP (Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas), e descrevera-os em dois livros com algum pormenor.* Agora, já tinha tido suficiente daquelas coisas. Estava mais interessado em manchas solares, que, ao contrário dos poltergeists, se podem realmente ver, medir e estudar em paz e sossego.

«Avise-me se ficar mesmo encalhado», disse a Grosse quando saímos da sala de reuniões da Biblioteca Pública de Kensington. Não devo ter soado muito sincero, mas Grosse agradeceu-me e seguiu diretamente para Enfield, enquanto eu me dirigia ao bar de cerveja artesanal ali ao lado com uns amigos.

Grosse chegou a casa dos Harpers às 21h20 e verificou que tinha havido muita ação desde que saíra, dezoito horas antes. Bolinhas de vidro zuniam por todo o lado como loucas e, enquanto a família via televisão, uma das gavetas do aparador por baixo do televisor abrira-se subitamente sozinha, à vista de todos. Isso fora suficiente para os fazer sair de casa mais uma vez e procurar refúgio ao lado, com os longamente pacientes Nottingham.

Grosse já reparara que nada daquilo parecia acontecer quando ele estava em casa, e perguntava-se se alguma vez aconteceria. Não teve de esperar muito, pois ao fim de uma hora já

testemunhara mais fenómenos paranormais em primeira mão do que alguns investigadores experimentaram numa vida inteira.

Às 22h10, uma bolinha de vidro veio zunindo na sua direção, aparentemente do nada. Parecia vir de cima das cabeças das crianças, e ele tinha a certeza de que nenhuma delas a tinha atirado. Um minuto depois, os sinos pendurados na parede começaram subitamente a balançar para trás e para a frente, e Grosse verificou imediatamente que, mesmo quando a campainha da porta da frente era tocada, os sinos não se moviam de todo.

Ainda escrevia apressadamente as suas notas quando, seis minutos depois, a Sra. Harper o chamou da cozinha. «Há um barulho na casa de banho», disse ela.

Grosse e as três crianças Harper ficaram na cozinha a ouvir. (Pete ainda estava no internato). Estava tudo silencioso. Não havia vento nem chuva lá fora, e não se ouvia trânsito. Então, para seu espanto, Grosse viu a porta da casa de banho abrir-se e fechar-se sozinha. Isto aconteceu três ou quatro vezes. Ao mesmo tempo, sentiu uma súbita brisa fria à volta das pernas e depois à volta da cabeça. Sabia que este era um dos fenómenos mais frequentemente relatados em casos de poltergeist.

Antes de ter tempo para escrever esse pormenor, um movimento súbito na cozinha chamou-lhe a atenção. Uma T-shirt saltou do topo de uma pilha de roupa sobre a mesa e caiu no chão. Ninguém a poderia ter tocado sem que ele visse.

Quando a agitação acalmou, as crianças prepararam-se para dormir. Rose foi à casa de banho lavar os dentes, mas parou na porta da cozinha com um grito.

«Oh! Venham ver isto!»

Um caneco meio cheio de água estava no meio do chão da cozinha. Grosse não conseguia perceber como algum deles o poderia ter colocado ali sem ser notado.

Quando Janet entrou no seu quarto, uma bolinha de vidro embateu na porta ao lado dela, e mais duas foram atiradas pouco depois. Grosse, que estava por perto no patamar, reparou num pormenor curioso: as bolinhas nunca saltitavam. Batiam no chão e

ficavam imóveis, como se tivessem sido colocadas ali por uma mão invisível. Mais tarde, eu próprio pude testemunhar exatamente o mesmo efeito.

No dia seguinte, Grosse ficou satisfeito ao ver que a Sra. Harper tinha começado bem como investigadora do seu próprio caso. Ela mostrou-lhe o seu bloco de notas, onde escrevera ordenadamente:

19h57. Gaveta do móvel da cozinha abre cerca de 15 cm.
20h05. Os sinos da porta balançam para trás e para a frente.
20h10. Uma colher de chá na cozinha salta no ar.

Mais cedo, uma caixa de cartão saltara de uma mesa quando Janet passou, e já se tornava claro que ela era o foco principal dos incidentes, ou o «epicentro», para tomar de empréstimo uma palavra da sismologia. Ela estava sempre por perto quando algo acontecia, o que inevitavelmente levava a acusações de que ela estava a pregar partidas, embora Grosse já estivesse plenamente convencido de que ela não poderia ser responsável por todos os incidentes. Ela não tocou nos sinos da parede nem na porta da casa de banho. Não atirou a bolinha de vidro contra ele, nem causou aquela súbita brisa gelada. Mas ainda tinha de ser vigiada.

Naquela tarde, o pai de Peggy Nottingham, o Sr. Richardson, encontrou as crianças a voltar do parque e entrou com elas em sua casa. Janet subiu as escadas e chamou-o imediatamente. A cadeira do seu quarto estava empoleirada em cima da porta aberta do quarto, encostada à parede. O Sr. Richardson não ficou impressionado.

«Oh, parem de brincar!», disse ele, embora tivesse de admitir que não achava que ela tivesse tido tempo para colocar a cadeira ali em cima sozinha. Estava muito precisamente equilibrada, e um toque do seu dedo fez com que tombasse. Tais proezas de equilíbrio seriam uma característica comum do caso, e, mais uma vez, eu pude mais tarde ver uma com os meus próprios olhos. Também tive grande dificuldade em fazer com que a cadeira ficasse na posição em que Janet disse tê-la encontrado.

«Não fui eu que a coloquei ali», disse Janet indignada. Já começava a aborrecer-se por ser acusada de pregar partidas.

Desceram as escadas, e Janet colocou algumas pedras do parque no aquário para fazer companhia aos dois peixes vermelhos. Recolocou cuidadosamente a tampa do aquário e foi para a cozinha. Ainda lá estava quando a tampa do aquário saltou, voou pelo ar e caiu a cerca de um metro e vinte de distância. Janet apareceu na porta. «Bem, não fui eu que fiz aquilo, pois não?», disse desafiadoramente ao completamente perplexo Sr. Richardson, que estivera sentado mesmo ao lado do aquário.

Mais tarde naquele dia, Grosse falou com a Sra. Harper e pediu-lhe que mantivesse Janet sob vigilância apertada em todos os momentos.

«Não estou a dizer que ela está a pregar partidas», disse ele, «mas não podemos excluir a possibilidade de que esta coisa esteja a atuar na mente dela, levando-a a fazer coisas sem saber porquê.»

A Sra. Harper ouviu atentamente e escolheu as palavras com cuidado antes de responder, como sempre fazia.

«Sabe», disse ela, «a Janet não tem sido a mesma nestas últimas semanas. Não é a rapariga que era. Está de alguma forma diferente.»

Grosse, que criara duas filhas, tentou tranquilizá-la. «É uma idade difícil. Ela está apenas a passar por uma dessas fases de mudança.»

A Sra. Harper não pareceu totalmente convencida. «De qualquer modo», disse ela, «certamente que vou ficar de olho nela a partir de agora.» E de facto ficou.

No sábado, 10 de setembro de 1977, o poltergeist de Enfield fez a capa do *Daily Mirror*, partilhando-a toda com um relato sensacionalista da morte do filho toxicodependente de um político. O título do lado esquerdo da página dizia: «A Casa dos Acontecimentos Estranhos».

George Fallows contou a história tal como ele, os seus colegas, a polícia e Grosse a tinham testemunhado. Manteve-se fielmente aos factos e concluiu:

«Devido ao ambiente emocional na casa e na vizinhança, que ia da histeria ao terror, passando pela excitação e tensão, tem sido difícil registar dados satisfatórios. No entanto, estou convencido de que a impressão global da nossa investigação é razoavelmente precisa. Dentro do possível, eliminámos a possibilidade de ser tudo uma partida...»

Mike Gardiner, produtor do popular programa de telefone *Night Line* da LBC Radio, decidiu dar seguimento à história do *Mirror*. Fallows não mencionara nem o nome verdadeiro da Sra. Harper nem a sua morada, por isso Gardiner dirigiu-se à esquadra da polícia de Enfield. Lá encontrou Maurice Grosse, que estava a falar com a agente Heeps e a obter uma declaração escrita dela, que ela mais tarde assinou, sobre os acontecimentos de 31 de agosto. Gardiner convidou devidamente Grosse, a Sra. Harper e Peggy Nottingham para serem seus convidados no programa naquela noite.

Grosse não fez qualquer tentativa, na altura ou mais tarde, de contactar os meios de comunicação por sua iniciativa. Nem ele nem a Sra. Harper pediram nunca qualquer remuneração, embora a Sra. Harper certamente pudesse ter usado algum dinheiro extra, já que tinha quatro filhos para sustentar com o subsídio e os pagamentos de pensão do ex-marido.

Grosse não se opunha à publicidade, desde que fosse tratada com cuidado, e considerou que uma ida à cidade daria uma distração à Sra. Harper e lhe faria bem.

O programa durou das 22h30 até à uma da manhã de domingo, e a Sra. Harper revelou ser uma locutora natural. Descreveu o seu recente calvário de forma calma e simples, terminando com uma lista de incidentes que tinham ocorrido naquele mesmo dia:

«Fui acordada esta manhã por um barulho de chocalho, e não sabia bem o que era. Ia sair da cama para investigar, quando a Janet entrou e disse-me: "Mãe", disse ela, "está a saltar em cima da cama." Mas acho que ela deve ter querido dizer que estava a mexer a cama.

A Janet chegou da escola às quinze para as quatro, e quando entrou, foi até à gaiola e bateu na gaiola do periquito, e quando fez isso, os sinos pendurados na parede começaram a balançar.

Depois saiu para a cozinha para ir buscar um copo de leite ao frigorífico. Eu segui-a até lá, fiquei atrás dela. Ela passa pela gaveta da cozinha, perto do lava-loiças, e uma das gavetas vai saindo gradualmente. Ela está a beber o leite e diz: "Oh, olha, mãe, a gaveta saiu."

E ela volta para sair da cozinha, e há uma caixa de cartão em cima da mesa com algumas coisas lá dentro, e essa caixa salta do tampo da mesa para o meio do chão da cozinha. E isso eu vi mesmo.»

Peggy Nottingham descreveu como ela e um polícia, que tinha ido lá naquela manhã, subiram para dar uma vista de olhos e encontraram uma marca numa das camas como se alguém estivesse, ou acabasse de estar, deitado ali, embora ela tivesse a certeza de que ninguém tinha subido desde que as camas tinham sido feitas, duas horas antes.

«É estranho», disse ela aos cerca de duzentos e cinquenta mil ouvintes estimados do programa, «porque quando voltei a subir esta tarde e me deitei na cama, e depois me levantei, não havia marca nenhuma onde eu tinha estado deitada. Então como é que aquela outra marca estava lá?»

O apresentador do programa, Simon Reed, perguntou então à Sra. Harper se ela acreditava em fantasmas.

«Bem», respondeu ela lentamente, «acredito na vida após a morte, e em fantasmas, sim, suponho. Mas se tivesse lido isto no jornal, acho que teria pensado que era demasiado para absorver, toda esta atividade.»

Os ouvintes foram convidados a telefonar com as suas próprias experiências, algumas das quais soaram muito convincentes. Helen, de Sutton, deu um relato interessante do célebre caso de Runcorn, em 1952, descrevendo como o estojo de óculos do seu marido fora atirado através de uma sala. Hugo, um solicitador de Bloomsbury, recordou um caso que o seu pai,

advogado, investigara, em que uma escada de mão fora vista a valsar sozinha. Jackie, de Islington, falou das visões de homens estranhos à volta da cama que a sua filha pequena via constantemente (tal como as raparigas Harper viriam a ver mais tarde), e Hilda, de Wandsworth, contou como uma mulher fora levitada por um lance de escadas num caso de Barnsley, em Yorkshire. (Mais uma vez, exatamente a mesma coisa aconteceu mais tarde em Enfield). Todos estes ouvintes pareciam pessoas honestas e inteligentes a dizer a verdade.

Maurice Grosse teve de falar muito, pois os ouvintes não paravam de lhe fazer perguntas que nem ele nem ninguém sabia responder. («Estamos a lidar com seres físicos?» «O poltergeist está a ouvir a LBC agora?» e mais uma ou duas observações ainda menos inteligentes). E, inevitavelmente, fizeram-se comparações com o romance best-seller *O Exorcista* e com o primeiro dos filmes baseados nele.

Embora Grosse soubesse que dois clérigos tinham visitado os Harpers e benzido a casa, sem que tal parecesse fazer diferença, decidiu tacticamente não o mencionar em público e, quando lhe perguntaram diretamente o que pensava sobre exorcismos, desviou deliberadamente o assunto deste tópico tão emotivo.

«Não se pode ser dogmático sobre quem pode curar o quê», disse ele. «Estamos apenas a tocar na ponta do icebergue. Parece haver uma onda deste tipo de fenómenos hoje em dia, talvez para combater esta atitude materialista horrível que temos, de que a única coisa que importa na vida é — mas vou começar a dar uma palestra, por isso mais vale parar!»

Peggy Nottingham observou, perto do final do longo programa, que tivera algumas reações desagradáveis de vizinhos, um dos quais lhe dissera que não teria os Harpers em sua casa. «E», acrescentou, «ouvimos comentários de certas pessoas que acham que somos todos um pouco ingénuos.»

Simon Reed comentou de imediato: «Acho que não serão muitas as pessoas que estiveram a ouvir nas últimas duas horas a pensar isso.» A sua opinião viria a ser partilhada por praticamente

todos os que acabaram por conhecer qualquer uma das principais testemunhas dos fenómenos de Enfield. Poderia ser difícil acreditar no que elas contavam, mas era ainda mais difícil não acreditar que todas elas eram pessoas honestas e verdadeiras.

Após o programa, Grosse regressou com a Sra. Harper e a Sra. Nottingham a Enfield. Embora já fossem quase duas da manhã quando chegaram, encontraram uma visita à sua espera. Apresentou-se como Rosalind Morris, repórter do programa de notícias da BBC Rádio 4, *The World This Weekend*. Passou a maior parte da noite na casa e mostrou uma calma louvável sob fogo quando a ação começou, com a cadeira de Janet atirada para o outro lado do quarto e a sua cama a ser violentamente sacudida para cima e para baixo. Entrevistou a Sra. Harper e Grosse logo após estes incidentes e, embora só tenha chegado a casa ao amanhecer, conseguiu chegar ao estúdio a tempo do programa de almoço, que dedicou dez dos seus quarenta minutos ao caso.

Por acaso, ouvi o programa enquanto comia o almoço de domingo. Era material dramático, e Grosse, que não tinha tido uma noite de sono decente naquela semana, parecia realmente exausto. Sabia bem como ele se sentia, pois já tinha passado por tudo aquilo. Antes ele do que eu, pensei, enquanto levava o meu *Sunday Times* para o jardim para uma agradável e tranquila leitura de tarde.

Mas algo começou a incomodar-me. Lembrei-me do que Hernani Guimarães Andrade, que me ensinou tudo o que sei sobre investigação psíquica, costumava dizer-me enquanto eu trabalhava com o seu grupo de investigação no Brasil: «Quando surgem casos espontâneos, deixamos tudo e vamos atrás deles. Eles não esperam por nós.» Ele fazia soar aquilo como uma obrigação moral.

Parei de folhear as páginas dos anúncios classificados à procura de um voo barato para Portugal e entrei em casa. Ali estava um colega que claramente precisava de ajuda, e pensei que as minhas férias podiam esperar alguns dias. O Algarve é igualmente agradável no final de setembro como no início.

Liguei a Maurice Grosse e perguntei se ele precisava de ajuda. Precisava, disse ele.

E assim, na segunda-feira, 12 de setembro de 1977, adiei (como pensei) os meus planos de férias e fui até à «casa dos acontecimentos estranhos».

QUATRO

«VI-O MEXER-SE»

Não era o que a maioria das pessoas provavelmente imagina ser uma casa assombrada. O número 84 era semelhante a todas as outras casas na Wood Lane, parte de um grande conjunto habitacional construído no típico estilo dos anos 1920, com as casas agrupadas aos pares, vielas entre elas e pequenos jardins na frente. A rua era larga, e a escola do outro lado da rua estava silenciosa no início da noite. Parecia um bairro simpático, amigável e pacífico.

Toquei à campainha e a Sra. Harper convidou-me para entrar noutro mundo.

«Sr. Playfair? Sim, o Sr. Grosse disse que o senhor vinha.»

Simpatizei com ela de imediato. Era sólida, amigável e direta, com olhos azuis claros e um sorriso caloroso, e embora parecesse bastante exausta, percebia-se a fibra cockney no seu carácter. Senti que podia confiar nela.

Fez-me uma chávena de chá e pedi-lhe que me relatasse os acontecimentos dos últimos doze dias, o que ela fez, escolhendo as palavras com cuidado e acrescentando pouco às descrições que já dera a Grosse. Depois, apresentou-me a família.

Rose, a mais velha, aparentava mais de treze anos. Era alta, com cabelo comprido bem penteado, e a sua atitude era agradável e direta, mas um pouco tímida. Não podia ser menos parecida com a irmã.

Janet era toda energia, grande para a idade, a saltar e a correr de um lado para o outro ao mais leve pretexto, e a falar tão depressa que a princípio tive alguma dificuldade em percebê-la.

Tinha um ar maroto, e compreendia porque é que alguns visitantes da casa, nos meses seguintes, a suspeitariam de pregar partidas.

O pequeno Jimmy tinha um grande cabelo louro desgrenhado, um sorriso cheio de dentes e um grande par de óculos. Tinha também um defeito de fala e não conseguia pronunciar consoantes, o que tornava a conversa com ele difícil, embora fosse perfeitamente normal em todos os outros aspetos. O irmão mais velho, Pete, estava fora, na escola, e só o conheci algumas semanas depois.

A sala de estar parecia um estúdio de fotógrafo, com câmaras, tripés, *flashguns* e cabos por todo o lado. Graham Morris ainda estava no terreno, agora a trabalhar por conta própria após ter concluído a sua missão para o *Daily Mirror*. Mostrou-me o hematoma na testa onde a peça de Lego o atingira. Era uma marca feia, e a velocidade do pequeno tijolo de brincar devia ter sido tremenda.

Houve o que a Sra. Harper chamou de «alguma atividade» no início daquela manhã e, embora o resto do dia tivesse estado tranquilo até então, o ambiente estava tenso, e quando um grande mosquito entrou a voar da cozinha, houve, na minha opinião, um pânico desproporcionado. Apanhei o inseto inofensivo com as mãos em concha e soltei-o no jardim das traseiras.

Reparei que uma das portas corrediças do armário da cozinha estava aberta e, embora todos me garantissem que estivera fechada, decidi que seria preciso mais do que isso para me convencer de que havia um poltergeist na casa. Não era que não acreditasse no que me tinham dito; simplesmente tinha de ver com os meus próprios olhos.

A atividade dos poltergeists é tão inerentemente improvável que a maioria das pessoas racionais simplesmente não consegue acreditar nela. E quando a veem e têm de acreditar, têm muita dificuldade em convencer os outros de que realmente acontece. Por isso, embora já tivesse visto muito daquilo antes, e embora pelo menos dez testemunhas externas (Grosse, os quatro homens

do *Mirror*, os Nottingham, Rosalind Morris e o agente da polícia) não tivessem quaisquer dúvidas de que coisas inexplicáveis tinham acontecido, eu queria convencer-me para além de qualquer dúvida razoável. Apesar de tudo, estava desconfiado. Talvez fosse aquele brilho travesso nos olhos de Janet.

Na hora de dormir, Graham e eu montámos vigilância no patamar de cima. Uma câmara com *flash* estava num tripé no quarto, e o longo cabo de disparo nunca saía da mão de Graham. Se algo se movesse ali, ele poderia captá-lo em filme.

Ficámos em silêncio durante meia hora. Nada se moveu. Janet parecia estar a dormir. Disse em voz alta:

«Está bem, podemos descer agora.»

Já tínhamos ensaiado esta rotina. Graham entregou-me o cabo de disparo e desceu ruidosamente as escadas, a falar como se estivesse comigo, enquanto eu ficava exatamente onde estava. Graham, pisando dois degraus de cada vez, como eu lhe mostrara como fazer, dava uma boa impressão de duas pessoas a descer.

Espreitei silenciosamente pela porta aberta do quarto de Janet. Assim que Graham fechou a porta da sala de estar lá em baixo, a cabeça dela apareceu de cima da almofada. Ah, pensei. Então não estavas a dormir. Mas não disse nada, e ela também não. Pelo menos, deixei claro que, se ela podia pregar partidas, eu também podia.

Teria ela esperado que saíssemos para começar a atirar bolinhas de vidro? Expliquei o que fizera à Sra. Harper, e ela compreendeu o meu motivo. «Mesmo que a Janet esteja a pregar partidas», disse eu, «pode não ser culpa dela. Se a apanhar em flagrante, diga-me, mas não lhe diga nada a ela.» Ela concordou de imediato.

Graham e eu voltámos a subir. Mais uma vez, Janet parecia estar a dormir. Com a sua energia, pensei, mais cedo ou mais tarde teria de se cansar.

Às vinte e três para as onze, algo bateu no chão do quarto de Janet. Soou como uma bolinha de vidro, mas não saltitou nem rolou. Fez apenas um som único.

«Não vejo como ela poderia ter atirado isso sem que rolasse, acha?», sussurrei.

«Não, não vejo», concordou Graham. Tirei os sapatos e entrei no quarto, com a intenção de percorrer cada centímetro e encontrar a bolinha.

«Ai!», exclamei. Tinha pisado a bolinha, mesmo no centro da porta. Peguei nela e deixei-a cair de uma altura de cerca de sessenta centímetros. Saltitou várias vezes e rolou no linóleo liso, fazendo bastante barulho. Para repetir o som que tínhamos ouvido antes, tive de a deixar cair de cerca de cinco centímetros, ou então pegá-la e colocá-la no chão. Se Janet tivesse feito alguma dessas coisas, tê-la-íamos visto.*

Assim, na minha primeira visita a Enfield, senti que tínhamos um caso genuíno.

Na noite seguinte, Graham e eu voltámos, e desta vez ele trouxera equipamento fotográfico suficiente para abrir um pequeno negócio. Carregou tudo para cima e montou três Nikons em tripés, de modo a que cada centímetro do quarto de Janet ficasse coberto por pelo menos uma lente. Depois, ligou-os de modo a que os três disparassem em simultâneo por controlo remoto a partir do corredor.

«Vou só tirar uma foto de teste», disse Graham. Lá em baixo, tinha testado as três câmaras e os respetivos *flashguns*. Estava tudo em perfeita ordem, os *flashes* carregados e prontos. Carregou no cabo de disparo e três obturadores clicaram simultaneamente. Mas os três *flashguns* não dispararam.

Espera-se que um profissional de Fleet Street consiga tirar uma fotografia de tudo, em qualquer lugar e sob quaisquer condições. Todo o equipamento de Graham era constantemente verificado, reparado ou substituído. Nos seus sete anos de experiência, nunca falhara num trabalho.

«Hm», disse ele baixinho. «Isso é estranho.» Examinou o equipamento novamente e descobriu que, embora todas as câmaras estivessem em ordem, os três *flashguns* tinham, de

alguma forma, ficado descarregados em simultâneo, apenas pouco depois de terem sido carregados.

No dia seguinte, recarregou os três com o mesmo carregador e verificou que todos funcionavam normalmente.

Esta foi a primeira de inúmeras ocasiões em que câmaras e gravadores se comportaram de forma estranha em Enfield. Eu sabia que isto era uma característica comum em casos de poltergeist, e fazia questão de verificar sempre o meu próprio equipamento de gravação com especial cuidado.

A 19 de setembro de 1977, combinei passar uma noite na casa, e foi desocupado espaço no pequeno quarto de arrumos para que eu pudesse chegar à cama extra. Nessa altura, o caso estava a tornar-se uma rotina monótona, com os mesmos incidentes a acontecer repetidamente — camas a tremer, bolinhas de vidro e Legos a voar, gavetas a abrir e cadeiras a cair. Um relato completo de tudo o que foi visto naquela casa encheria uns dois milhares de páginas e seria uma leitura muito enfadonha.

Apesar da minha relutância inicial (e genuína) em envolver-me noutro caso de poltergeist, rapidamente me vi cada vez mais ligado aos Harpers e à sua misteriosa visitação. Este parecia ser um caso invulgarmente ativo, e decidimos que tínhamos de ficar com ele até ao fim. Como a duração média de um caso é de apenas oito semanas, achei que podia dispensar esse tempo. Se soubesse que me manteria ocupado durante a maior parte dos dois anos seguintes, talvez tivesse desistido ali mesmo.

Da minha cama, conseguia ouvir todos os sons dos outros dois quartos, cujas portas foram deixadas abertas a meu pedido. Às três da manhã, ouvi Janet e a Sra. Harper, que estava a dormir na cama de Pete, acordarem.

Nota do tradutor: a nota do autor refere-se a uma passagem do livro Poltergeist of the South (Cidade do Cabo: Howard Timmins, 1966, p. 42), onde o Professor I.D. Du Plessis descreve um caso sul-africano em que algumas pedras caídas «ficaram onde tocaram o chão, em vez de rolarem, como seria de esperar pelo barulho que fizeram.» Este é apenas um dos inúmeros

incidentes em Enfield que foram réplicas quase exatas de incidentes relatados anteriormente noutros locais.

Espreitei pela porta. «O que se passa?», perguntei.

«Há uma espécie de barulho de arrastar», disse a Sra. Harper sonolenta, embora eu não o tivesse ouvido.

«Oh, provavelmente fui eu», respondi. «Andei a rondar. Não se preocupem.» Voltei para a cama.

No momento em que me deitei, ouviu-se uma única pancada seca, como se algo tivesse batido no linóleo do corredor, a poucos metros da minha cama. Encontrei o objeto de imediato. Era um pequeno pedaço de Lego, que tinha parado nas escadas. Não consegui perceber como Janet o poderia ter atirado. Não tinha ressaltado de nenhuma parede, e ela definitivamente não se tinha levantado da cama.

Na noite seguinte, sem que Janet soubesse, amarrei a cadeira de cabeceira dela a uma perna da cama. Quase assim que ela se deitou, a cadeira tombou, e verifiquei que o arame de jardim se partira limpinho. Voltei a amarrá-la, desta vez com várias voltas de arame. Janet, claro, viu-me fazer isso.

Treze minutos depois de ter descido, ouvimos mais uma queda. A Sra. Harper e eu subimos apressadamente. Ela parou na porta do quarto.

«Oh», disse ela. «Isso é uma história completamente diferente.» Desta vez, foi a grande poltrona junto à lareira que tombara para a frente.

«Estava à espera disto», disse ela. «Foi só hoje que eu disse que era admirável a outra cadeira não se ter mexido.»

Desci para ir buscar a fita métrica. No caminho de volta, ouvi outra pancada. A mesma cadeira movera-se novamente.

«Viu-a mexer-se?», perguntei.

«Vi-a mexer-se», disse ela. «Não foi brincadeira, fez bum. A outra está amarrada?» Disse-lhe que sim.

«É por isso que esta se mexeu», respondeu ela. «A próxima coisa vai ser a cama a deslocar-se.» Estava a desenvolver um dom de precognição assustadoramente preciso, ao que parecia, pois

mal tínhamos descido quando se ouviu um enorme estrondo vindo do quarto de Janet. Não só a outra cama se deslocara como previsto, como a cadeira pequena saltara para a frente, partindo novamente o arame.

Estava a travar-se um duelo de inteligências. O poltergeist estava a exibir-se.

«A seguir, os livros vão cair», disse a Sra. Harper. Havia três livros infantis apoiados na lareira, atrás da poltrona grande. O meu gravador estava no chão junto à porta. Coloquei-o ali para que pudesse captar os estalidos do soalho se Janet se levantasse da cama. Sem fazer isso, ela não conseguiria chegar aos livros.

Poucos minutos depois, aconteceram quatro coisas ao mesmo tempo, e três delas eram claramente audíveis na minha fita.

Novamente, a cama vazia disparou da parede em direção a Janet, e a cadeira pequena tombou. Fora atirada com tanta violência que uma das suas pernas de metal, bem grossa, ficara completamente desalinhada. Ao mesmo tempo, um dos livros voou da lareira para fora da porta, embateu na porta fechada do quarto da frente e foi parar, aberto e em pé, ao chão do «meu» quarto. O livro chamava-se *Fun and Games for Children*.

Este deixou-me verdadeiramente perplexo. Na fita, ouvia-se o livro a passar por cima do gravador a grande velocidade, batendo primeiro na porta e depois no chão. Deve ter atingido a porta num ângulo de cerca de 30 graus e ressaltado em ângulo reto, pois estava bem dentro da porta do outro quarto. Isto desafia as poucas leis da física que conheço, mas ali estava. Acontecera.

O quarto incidente simultâneo foi ainda mais estranho. Pela primeira vez naquela noite, acredite-se ou não, Janet parecia ter acordado. «Olha para a tua almofada, mãe», disse ela. Olhámos.

«Aquela forma ali», disse eu, «parece uma...»

«Sim», interrompeu-me a Sra. Harper. «Uma pequena cavidade.» Era exatamente como se alguém invisível estivesse deitado na cama, como Peggy Nottingham dissera na rádio.

«Temos uma menina a brincar connosco», disse eu.

«Sempre o disse», afirmou a Sra. Harper. «Acho que é uma criança.» Já me contara um caso trágico na vizinhança, anos antes, em que um homem tinha sufocado a filha de quatro anos até à morte e depois se suicidara. Descobriu-se que o Sr. Harper conhecera ligeiramente o homem e de alguma forma adquirira alguns móveis da casa dele. A Sra. Harper saltara para uma conclusão que, com o sinal do tempo, parece ter sido errada, e retirara todos esses móveis de casa poucos dias depois de os problemas começarem. Embora fossem de boa qualidade, simplesmente atirou-os para o jardim das traseiras e pediu à câmara que os levasse. Mas isso não pareceu fazer qualquer diferença.

Mesmo assim, não vi mal em assumir que o poltergeist fosse o espírito inquieto de uma criança a brincar. Porque ter medo de uma menina de quatro anos, viva ou morta?

«Ela está apenas perdida e confusa», disse eu. «Provavelmente só quer falar e não percebe porque é que não respondemos.» Expliquei que, segundo as crenças espíritas*, as pessoas muitas vezes não têm consciência de que estão mortas, e que, no que me dizia respeito, havia provas suficientes de fontes responsáveis para indicar que algo, de facto, sobrevive após a morte física, algo que temos de chamar «espírito» por falta de uma palavra mais precisa. Não era uma palavra de que gostasse, tal como não gostava das tolices sentimentais e triviais demasiado associadas ao Espiritualismo. Mas não há nada de trivial no desejo de saber mais sobre a verdadeira natureza do homem, antes ou depois da morte, e a única forma de adquirir esse conhecimento, pensava eu, era estudando os factos de casos como este, em que as fronteiras entre o familiar e o invisível pareciam ter sido alcançadas.

«Adorava contactá-la», disse a Sra. Harper. «Ela não te vai magoar, Janet. Só está a tentar falar contigo à sua maneira.»

«Mas porquê depois de seis ou sete anos?», perguntou Janet.

«Para eles é diferente», expliquei. «Eles não notam o tempo como nós.» Continuei a conversar com Janet e disse-lhe que não tinha razão para ter medo.

«Não estava a ficar com medo», respondeu ela sonolenta. «Estou a habituar-me, tipo. Mas — bum, crash, bum a toda a hora!...»

Disse boa-noite e desci. Poucos minutos depois, parecia que a casa tinha caído. Rose gritou e berrou «Mãe!», e subimos a correr para descobrir que a cômoda pesada encostada à parede tombara para a frente, com as gavetas vazias a deslizar para o chão enquanto ficava encunhada contra a poltrona grande num ângulo de cerca de 45 graus.

«Meu Deus», disse Rose. «Que força! Seja o que for, é muito poderoso.» Aparentemente, nem Rose nem Jimmy tinham acordado após nenhum dos incidentes anteriores. O que aquela família conseguia dormir nunca deixava de me surpreender.

«Está a ficar mais poderoso todos os dias», disse Janet. «Eu vi aquilo, estava a olhar para lá. Vi-o mexer-se, vi-o inclinar-se. Ouvi estalidos no chão.» A sua última observação era interessante. Eu também os ouvi, quando repeti a fita. Tê-la-ia ela feito? Começava a ter dúvidas novamente.

«O Graham devia estar aqui esta noite», disse Janet. Pensei em telefonar-lhe, mas era tarde e estávamos todos cansados. Além disso, tive uma ideia, e na manhã seguinte Grosse, por minha sugestão, telefonou a todos os fabricantes de equipamento de gravação de vídeo do país e perguntou-lhes diretamente se gostariam de lhe emprestar uma câmara e um gravador para que ele pudesse tentar fotografar um poltergeist em ação.

A sua abordagem ousada valeu a pena, e nessa mesma noite chegou de Cambridge uma equipa de caçadores de fantasmas entusiasmados. Nada menos do que o chefe de produto e o demonstrador principal da Pye Business Communications e dois colegas, todos os quais tinham aproveitado a oportunidade de pôr o seu equipamento a este uso invulgar. Além disso, forneceram-no gratuitamente.

A câmara Newvicon da Pye tem o tamanho aproximado de um tijolo. Consegue tirar uma imagem nítida à luz de apenas uma vela, e se alguém se aproximar, a imagem fica ainda mais brilhante, pois a emissão de infravermelhos do corpo humano é registada em filme.

Ron Denney fora responsável pela demonstração da câmara durante três anos. Como de costume, testou-a minuciosamente, juntamente com o gravador de vídeo e o monitor de televisão, antes de montar o equipamento. Estava tudo em ordem. Colocou a câmara num tripé no quarto de Janet, deixando o gravador lá em baixo ligado ao monitor para que todos pudéssemos ver Janet na cama. Depois, ligou o gravador (não fabricado pela Pye) e, pela segunda vez naquela semana, um equipamento caro deixou de funcionar nas mãos de um operador profissional experiente.

Primeiro, todas as luzes dos vários botões do gravador acenderam ao mesmo tempo, o que Denney consideraria impossível. Depois, a máquina recusou-se a avançar a fita, embora tivesse acabado de ser testada. Depois de algum cocoricó, a equipa da Pye teve de desmontar todo o aparelho e descobriram que a fita caíra sob uma polia de guia, encravando a polia num pino. Foi necessária uma força considerável para soltar as duas peças.

«Não é impossível que este tipo de avaria aconteça», disse Denney numa declaração escrita, «mas é extremamente improvável.» Nem ele nem os seus colegas, acrescentou, tinham visto algo semelhante antes. Mas também nunca tinham tentado fotografar um poltergeist.

«Temos um fantasma com conhecimentos de mecânica entre mãos», comentou Grosse.

Finalmente, o equipamento funcionou, e sentámo-nos a observar em turnos durante várias horas. Foi o programa de televisão mais aborrecido de sempre. Janet adormeceu, ficou a dormir, e absolutamente nada aconteceu. E embora a cooperante equipa da Pye tenha voltado em duas ocasiões, as repetições foram idênticas. Nem um único movimento de coisa alguma.

«Tê-lo-íamos captado algo, normal ou não, se a Janet não soubesse que havia uma câmara ligada», disse eu. «Acho que a Coisa usa as perceções sensoriais da Janet. Se ela não sabe de algo, a Coisa também não sabe.»

«Não contaria com isso, Guy», respondeu Maurice. «É mais inteligente do que nós. Repare na sua pontaria — no momento em que sai de uma divisão, acontece algo. Fica na divisão horas a fio, e nada se mexe. Ela sabe o que estamos a fazer.»

Tive de concordar que isso era provável. «Mas de vez em quando deixa-nos vê-la a trabalhar, não deixa? Consigo, pelo menos.»

«É isso que me deixa perplexo», respondeu Maurice. «Aconteceu mesmo antes de os rapazes da Pye chegarem — não tive tempo de lhe contar. Bem, eu estava sentado na cozinha, sozinho na divisão, repare, quando de repente o bule ao lado do fogão começou a balançar para trás e para a frente sozinho durante cerca de sete segundos, a fazer uma pequena dança mesmo à minha frente. O bule estava vazio e frio. Simplesmente não havia maneira de aquilo acontecer normalmente.»

Examinei o bule, que mais tarde se envolveria num incidente ainda mais extraordinário, e não encontrei forma de o fazer mover como Maurice me garantira que se movera. Também não via como Janet poderia ter estado envolvida, uma vez que ela não estava perto dele.

Insisti em que deveríamos tentar «escutar» a casa. Podería não ser fácil, ou totalmente ético, mas valia a pena tentar. Mal sabia que, quando finalmente conseguíssemos fazê-lo, o resultado seria ainda mais dúvida e confusão.

«Entretanto», continuei, «há outra coisa que temos de fazer. Temos de tentar parar com isto tudo.»

«Justo», respondeu Grosse. «Mas como?»

Mostrei-lhe alguns recortes do *Psychic News*, o jornal semanal espiritista. Na edição de 17 de setembro de 1977, o diretor Maurice Barbanell comentara a cobertura do *Mirror* sobre o caso, dizendo que achava estranho que ninguém tivesse pensado

em pedir a um médium que fosse lá resolver o mistério. «Os médiuns», escreveu ele, «são os únicos verdadeiros especialistas psíquicos nesta área.»

Na semana seguinte, escrevi ao jornal a salientar que, embora os médiuns tivessem sido muito úteis em vários casos que conhecia no Brasil, o problema em Inglaterra era encontrar um que estivesse disposto a fazer alguma coisa.

Falava por amarga experiência. Em 1975, tentei ajudar a vítima de um poltergeist no sul de Londres que estava a causar à rapariga envolvida um verdadeiro sofrimento, e até danos físicos, pois ela aparecia constantemente com arranhões por todo o corpo. (Vi e fotografei alguns desses arranhões enquanto ainda sangravam, na presença de um membro do conselho da SPR). Procurei ajuda junto dos espiritistas em vão. Estavam todos demasiado ocupados, ou então simplesmente não sabiam o que fazer. Um deles chegou a dizer-nos que não se podia envolver «porque a entidade podia ficar colada a mim.»

Se ainda estivesse no Brasil, poderia reunir meia dúzia de médiuns que dariam os seus serviços gratuitamente. Um deles provavelmente «incorporaria» o poltergeist, falando com a sua voz enquanto os outros o persuadiam a deixar o plano terrestre e a passar para os reinos superiores a que pertencia. Tudo isto pode ser um monte de disparates, mas eu tinha muitas provas de que esta abordagem funcionara. E se algo funciona, porque não usá-lo?

Sabia que Grosse não estava muito à vontade com a associação a médiuns, mas não se opunha a que eu procurasse um. Fui então ver Paul Beard, diretor do Colégio de Estudos Psíquicos, e pedir-lhe ajuda. Depois de me questionar longamente sobre as minhas motivações, e aparentemente satisfeito por Grosse e eu querermos genuinamente ajudar os Harpers, deu-me o nome da pessoa que considerava mais adequada para este tipo de caso, insistindo em que o seu nome verdadeiro não fosse usado.

No entanto, ela e o marido estavam de férias, e só na primeira semana de outubro é que pude contactá-la.

Entretanto, os acontecimentos em Enfield tinham tomado um novo rumo, ou antes vários novos rumos, e, no que dizia respeito à já tão sofrida família Harper, todos eles eram para pior.

CINCO

«AÇÃO E AVENTURA»

Às 17h30 do domingo, 25 de setembro de 1977, Sylvie Burcombe entrou na cozinha para fazer chá para a sua família e para os Harpers, que mais uma vez tinham sido assustados e tinham passado a tarde inteira no número 72.

Houve bastante «atividade» para a Sra. Harper registar no seu caderno, pois o dia começara mal e piorara progressivamente:

«Janet e eu acordámos. Esperámos um momento antes de nos levantarmos. Pensámos ter ouvido passos suaves. De repente, a cadeira pequena ao pé da cama saltou uma vez; depois, quando me levantei, saltou outra vez. Hora: 6h45.

Quando saí da casa de banho, Janet seguiu-me. A cômoda grande saltou e depois tombou completamente para o lado. 6h50.

Descemos todos. Janet estava sozinha na sala da frente. A almofada salta da cadeira vermelha perto da vitrine. 7h00.

A seguir, a mesa pequena da televisão no canto vira-se com as coisas em cima para o chão. 7h05.

Janet sozinha na sala. A cadeira vermelha grande no canto oposto vira-se. Janet atravessa a cozinha para ir à casa de banho. A cadeira da cozinha salta no chão. Eu na sala da frente. 8h40.»

Mais tarde naquela manhã, as coisas aconteciam tão depressa que ela só pôde registar os pormenores mais básicos.

«Janet na cozinha. Nós a olhar para a cadeira, esta vira-se com a Janet em cima. O sofá verde salta quando a Janet se levanta.»

Os Harpers esperavam encontrar alguma paz e sossego em casa dos Burcombe, mas não havia de ser. Da cozinha, Sylvie soltou de repente um grito penetrante e deixou cair o bule que

segurava. Passou algum tempo até que se acalmasse o suficiente para descrever o que acontecera.

«Estava a deitar a água do bule para o chá», disse ela, «quando algo apareceu mesmo à minha frente e caiu em cima da bancada da cozinha, e saltitou uma vez.» Era uma vareta de plástico com cerca de quinze centímetros, de um dos conjuntos de brinquedos das crianças.

«Olhei para baixo, abri os olhos, e esta coisa estava à minha frente», disse ela a Grosse, quando ele chegou pouco depois. «Gritei, berrei, saltei para trás, e depois de saltar para trás vi a coisa saltar e subir novamente.»

Grosse interrogou a Sra. Burcombe com muito cuidado sobre este incidente, que parecia ser um caso genuíno de um dos mais raros de todos os fenómenos psíquicos — a materialização.

A vareta de plástico definitivamente não lhe tinha sido atirada, insistiu ela. «Simplesmente apareceu» diante dos seus olhos e caiu. Todos na casa concordaram que nenhum deles a atirara, nem poderia tê-la atirado.

Esta foi a primeira novidade — o poltergeist podia seguir os Harpers para fora de sua casa.

John Burcombe estivera muito cético quando a irmã lhe contara o que se passava em sua casa. «A minha primeira reação foi de total incredulidade», disse ele. «Tentei acalmá-la, dizendo que os móveis a mexerem-se em casa dela eram causados por vibrações, algo do género. Mas com o tempo, continuei sem acreditar realmente, até ver uma ou duas das coisas que vi, e que hoje ainda estou convencido de que não vi, mas sei que vi.» E acrescentou: «Isso é um pouco difícil de explicar.»

Mas já vira demasiado, tanto na sua própria casa como na da irmã. Vira de boca aberta um candeeiro deslizar lentamente sobre uma mesa e cair ao chão, a vibrar violentamente. Vira uma gaveta abrir-se sozinha. Sentira uma força invisível impedi-lo de fechar a porta do seu próprio quarto, que simplesmente ficou presa a meio, embora normalmente fechasse sozinha. E vira algo muito mais

alarmante, quando um dia estava no pé das escadas dos Harpers, a olhar para cima.

«Vi esta luz», disse ele. «Era equivalente, diria eu, a trinta centímetros na vertical. Parecia uma luz fluorescente atrás de vidro fosco, que ardia intensamente e se desvaneceu gradualmente.»

«Como reagiu?», perguntou Grosse.

«Fiquei paralisado de medo. Nunca vira nada assim, e a sensação que tive foi de medo, como se houvesse alguém mesmo ao meu lado a observar. Nunca senti uma coisa assim na vida.»

Os dois filhos também viram muito. Brenda, a filha de dezasseis anos, viu vários objetos moverem-se no seu quarto e também sentiu uma das súbitas correntes de ar frio que são uma característica tão regular nos casos de poltergeist.

«Era como se houvesse algo ali, mas não se visse», disse ela. «Uma pessoa...»

Paul Burcombe, um rapaz de treze anos exuberante e simpático, não só viu muito também, como mostrou ter potencial para ser um bom investigador ao observar cuidadosamente pequenos pormenores.

«A Janet está sentada naquela cadeira», disse ele, «e a cadeira mexeu-se mesmo. Eu estava mesmo ao lado dela, e ela deslocou-se uns centímetros, e depois foi atirada para fora.»

«Era possível que ela tivesse empurrado a cadeira?», perguntou Grosse.

«De modo nenhum», respondeu Paul. «Se ela se mexesse, teria de mover todos os músculos das pernas, contraí-los.» Noutra ocasião, quando Jimmy colocou um dos seus carrinhos de brinquedo em cima de uma mesa, este disparou imediatamente para o chão, mas Paul descobriu de imediato que podia repetir o feito dando algumas voltas à mola. Fiquei contente por ver que estava mais inclinado a procurar uma explicação normal do que a assumir que aquilo era obra do poltergeist.

A segunda novidade no caso foram as aparições, e de todas as pessoas para ver a primeira, foi Vic Nottingham. Era a última

pessoa que eu imaginaria alguma vez afirmar ter visto um fantasma. Mas afirmou que vira, e descreveu-o da sua forma habitual, prática e direta:

«Pode ter sido imaginação vívida», disse ele, «mas não acho que tenha sido. Desci ao meu barracão e, quando subia o jardim, pareceu-me ver uma visão na janela, na janela das traseiras do número 84. Parecia-me uma senhora idosa, uma senhora de cabelos grisalhos.»

Mencionou isto à esposa, mas não a mais ninguém na altura. Mais tarde naquela tarde, encontrou a Sra. Harper na rua.

Nota do tradutor: a nota do autor refere-se à distinção entre Spiritism (Espiritismo, doutrina baseada nos escritos de Allan Kardec, praticada no Brasil) e Spiritualism (Espiritualismo, a religião mais informal europeia e norte-americana).

«Acabei de a ver novamente», disse ela. «Aquela senhora idosa na janela.» A sua descrição da senhora coincidia exatamente com a de Vic, exceto que a sua aparição estivera numa janela da frente. Esta visão independente ocorreu, aliás, no mesmo dia em que Burcombe encontrara a luz nas escadas.

Assim, após o primeiro mês ou mais do caso, tínhamos um total de quinze pessoas, para além dos cinco Harpers — os Nottingham, os Burcombe, a equipa do *Mirror*, a polícia, Rosalind Morris da BBC, Grosse e eu próprio — que estavam convencidos de que o caso de Enfield era genuíno. Podíamos todos ter sido enganados?

Foi apenas a 15 de outubro, na minha décima terceira visita à casa, que finalmente pude pôr de lado todas as dúvidas, com a evidência dos meus próprios olhos e, mais importante ainda, do meu gravador.

Fora um dia de atividade considerável, e um incidente logo após a minha chegada mostrou-me que a Sra. Harper ainda tinha os pés assentes na terra, apesar de tudo. Estávamos sentados na cozinha, e ela descrevia como o bule fora encontrado em cima de uma tira de plasticina debaixo da cadeira da cozinha, rodeado por uma poça de água. De repente, fez uma pausa.

«Sabe o que é aquilo?», perguntou-me.

«O quê?», perguntei.

«Ratos», afirmou ela. «É o que acho que são. Essa é a minha opinião.» Ouvi um fraco som de arranhar vindo de cima. Claramente, não estava inclinada a ouvir fantasmas, mesmo depois de um dia muito difícil, sem procurar primeiro uma explicação normal.

O mesmo se aplicava a Janet e Rose. Uma vez, estávamos todos na cozinha quando se ouviram umas batidas fortes na parede. «São aqueles miúdos ao lado», disse Janet de imediato, e as raparigas correram para fora para os repreender. Eram de facto os miúdos ao lado, e fiquei contente por ver que Janet sabia distinguir entre eles e outra coisa qualquer.

Quando a Sra. Harper terminou o relato dos acontecimentos do dia, decidi subir a rua para ir beber uma cerveja e comer uma sandes. Recusava-me sempre a deixar que ela me desse de comer e, além disso, queria tentar uma nova experiência. Reparara que algo parecia sempre acontecer ou quando eu chegava ou quando saía, por isso, naquela noite, consegui esconder o meu gravador em cima de um armário na sala de estar e deixá-lo a gravar. Tinha a certeza de que ninguém sabia que ele estava ali, e esta, a primeira de várias tentativas de «escutar» a família, revelou-se muito interessante.

A qualidade da fita estava longe de ser perfeita. Estavam a ver *Escape from the Planet of the Apes* na televisão, e no dia seguinte tive algum trabalho a descodificar os vários sons. Mas não havia como enganar o grande estrondo poucos minutos depois de eu ter saído de casa.

«O que foi aquilo?», ouviu-se Rose perguntar.

«Nada», respondeu a mãe.

«Estás a deixar-me em pânico», disse Rose.

«Não há necessidade de entrar em pânico», disse a Sra. Harper.

«No próximo sábado às 19h35, ação e aventura com...», dizia uma voz vinda da televisão. Nesse momento, ouviu-se um estrondo terrível.

«Meu Deus!», exclamou Rose.

«Passou por mim ao lado», disse a Sra. Harper. «Está bem, não entrem em pânico.»

Ouviu-se outra queda.

«Estava quase a sentar-me nela, e ela tombou com força.» Era Janet, que parecia mais irritada do que assustada. Depois, a Sra. Harper disse:

«Esperem aí. Abram essa porta. Olhem para isto tudo...» Mais um grande estrondo a interrompeu, e Jimmy exclamou «Atingiu-me!» Quando estava perturbado, conseguia falar com bastante clareza.

«Depressa, Sr. Playfair, onde quer que esteja», disse Janet.

«Ele não foi por ali, foi para o outro lado», ouviu-se a voz da Sra. Harper. Janet estava presumivelmente na janela a espreitar através das cortinas de renda.

Seguiu-se uma discussão sobre a hora exata em que eu saíra e quando deveria voltar. Ficou bastante claro que todos esperavam que eu voltasse rapidamente.

Depois, a fita acabou. Tinha de ser naquela noite que pus uma cassete de 60 minutos em vez da minha habitual de 90. Mesmo assim, senti que a evidência que tinha era suficiente para sugerir que ninguém estava a pregar partidas na minha ausência. Além disso, quando voltei do pub e perguntei o que acontecera, o relato que me deram correspondia de perto ao que a minha fita registara. As minhas notas tomadas na altura diziam:

«Cadeira vermelha na sala de estar tombada. Sofá tombado. A escova de dentes e o copo de Janet saltaram-lhe da mão depois de ela ter lavado os dentes. Bule viajou do lado do lava-loiças para o canto oposto. Visto por Rose e pela Sra. H. Jimmy atingido na cabeça por uma escova de plástico, aparentemente com bastante força. Ambas as mesas da cozinha se moveram, uma sem

tombar, a outra (com gaveta), que não me lembro de ter mexido antes, tombou quando entrei.»

Enquanto estava na cozinha a tentar ordenar todos estes incidentes, Janet sentou-se numa das grandes poltronas vermelhas da sala de estar, de frente para a porta aberta da cozinha, através da qual a via claramente. Rose estava a dizer-me que vira a escova voar pela sala e atingir Jimmy na cabeça.

«Vi-a levantar-se, e — vrum!», disse ela. Nesse momento, vi Janet levantar-se e caminhar na minha direção. Depois, ouviu-se um zunido e uma pancada enorme, quando a cadeira em que ela estivera sentada deslizou pelo tapete em direção a ela e tombou para trás. Reparei que o tapete estava enrugado onde a cadeira pesada deslizara sobre ele.

«Oh, isso é engenhoso!», disse eu.

«Pude ver isso com os meus próprios olhos», disse a Sra. Harper. Estava diretamente de frente para Janet.

Janet entrou na cozinha para ajudar a apanhar os talheres que se tinham espalhado da gaveta quando a mesa tombara. Fui e sentei-me na cadeira que tombara, e tentei ver se conseguia puxá-la para a frente e pontapeá-la para trás. Era absolutamente impossível. Não só era uma cadeira muito pesada, como a sua frente e os lados eram sólidos até ao chão, e não tombava para trás a menos que se empurrasse a parte de trás com muita força. E Janet estivera pelo menos um passo à frente dela quando tombara. Esse era o incidente que eu esperara. Aquilo era real.

Depois, aconteceu tudo novamente ao contrário, comigo a acabar de me levantar da cadeira e Janet, ainda à minha vista, a levantar-se do chão da cozinha. Com um estrondo ensurdecedor, a segunda mesa da cozinha virou completamente ao contrário, com o tampo a bater no chão de azulejos.

Corri para a cozinha. «Esperem», disse eu. «Vi-vos ali de pé no momento em que a coisa tombou. Bem, vocês não fizeram aquela!»

Isso foi suficiente para mim. Embora não tivesse visto a mesa tombar, vira que nem Janet nem a mãe estavam ao alcance dela. E

mesmo que tivessem estado, virá-la completamente ao contrário tão rapidamente como se ouviu na fita era impossível, como Grosse e eu descobrimos quando mais tarde tentámos fazê-lo nós próprios. Era demasiado larga e pesada para uma pessoa a virar. Isso também era real.

Depois, a Sra. Harper fez uma observação muito interessante, à qual não dei muita importância na altura, dada a excitação geral e o meu alívio por finalmente ter visto algo acontecer.

«Antes de tudo isto acontecer», disse ela enquanto apanhávamos os talheres juntos, «vim aqui e pensei "mais vale limpar isto". Estou com dor de cabeça. Na parte da frente da cabeça — não é uma dor de cabeça normal.»

«Sente-a durante todo o tempo em que a Coisa está aqui, ou apenas quando ela vem?», perguntei. Por «Coisa», queria dizer o Poltergeist.

«Quando ela vem, consigo senti-la», respondeu ela. «E quando as coisas tombam, a dor de cabeça passa. Agora ainda tenho um pouco, mas já aliviou.»

Teria ela um sistema de alerta precoce incorporado na cabeça? Perguntei-me se teria algo a ver com o facto de, como já me contara, ter tido um longo historial de epilepsia na juventude, embora já fizesse dez anos desde que tivera um ataque.

Quando finalmente limpámos toda a confusão e arrumámos as divisões, as crianças subiram para a cama sem incidentes, e estava tudo silencioso quando saí às 22h30.

Assim que saí, as batidas começaram. «Duraram boas duas horas e meia», disse-me mais tarde Peggy Nottingham. «Ficavam mais altas e depois mais baixas, e depois mais altas outra vez. Depois ouvimos coisas a serem atiradas contra a nossa parede.»

Ainda não ouvira as batidas, mas pela descrição de Peggy parecia-me que a Coisa estava a tentar comunicar connosco e, portanto, o sensato era deixá-la fazê-lo. Lembrei-me do comentário de Allan Kardec, o primeiro investigador sério de poltergeists, sobre um caso seu em que houve batidas insistentes.*

Isto, afinal, era apenas um espírito amigável a tentar transmitir uma mensagem, e uma vez que o fez, através de um médium, as batidas pararam. «Quando os soldados já estão em formação», observou Kardec, «já não se bate o tambor para os despertar.»

Uma vez que algo estava certamente a despertar os Harpers a todas as horas, parecia razoável tentar descobrir o que queria dizer. Mas deparei-me imediatamente com um problema: acabara de contactar Annie Shaw,** a médium que Paul Beard me recomendara, e uma das primeiras coisas que ela me disse foi que, de modo algum, deveria tentar comunicar com o poltergeist. Isso, disse ela, só o encorajaria.

Em vez disso, combinei que Annie e o marido, George, viessem a Enfield. Prometeram fazer o que pudessem para o parar, e senti que deveriam ter um julgamento justo nos seus próprios termos.

Na véspera da visita marcada, houve mais uma novidade, e particularmente desagradável. John Burcombe estava presente quando aconteceu e descreveu-o o melhor que pôde.

«A Janet estava a chorar enquanto dormia. Começou com um choro muito lento, depois, com o tempo, piorou — ficou histérica. Parecia estar — a melhor forma que tenho de descrever é em transe. Peguei no meu rádio portátil e coloquei-o bem alto ao pé do ouvido dela, mas isso não teve qualquer efeito sobre ela.» No seu trabalho como chefe de porteiros de um hospital, John vira médicos a usar o que se conhece por «radio-one-therapy», ou seja, passar música pop da BBC Radio One nos ouvidos de doentes em coma. (Os leitores interessados podem consultar o relatório original no *The Lancet* de 16 de novembro de 1971).

Não gostei nada do que ouvi sobre esta novidade. Esperara que não se tratasse de um daqueles casos — do que os meus colegas brasileiros chamariam possessão.

A visita dos Shaw a Enfield foi breve e dramática. Eram um casal muito simpático e recusaram firmemente qualquer pagamento ou publicidade pelo seu trabalho, que viam como um

serviço que deveria ser prestado gratuitamente. Antes de chegarem, expliquei à Sra. Harper o que iam fazer e assegurei-lhe que não havia razão para se alarmar, acontecesse o que acontecesse.

Depois de feitas as apresentações, os Shaw puseram-se a trabalhar imediatamente. Era final da tarde, e os passageiros voltavam do trabalho para casa, com fragmentos das suas conversas a entrarem pela janela. Lembrei-me novamente de como estavam próximos, e ao mesmo tempo tão distantes, os mundos do familiar e do extraordinário.

Annie instalou-se numa cadeira de madeira no meio da sala de estar. «Bem, é bastante possível», disse ela, «que alguma entidade venha através de mim, e possa ser um pouco turbulento. Mas não se preocupem, o George sabe como lidar com elas.»

George fez então uma breve oração, pedindo a Deus que levasse paz à casa e que removesse e iluminasse as entidades causadoras de problemas. Annie começou a respirar pesadamente, enquanto a Sra. Harper e Janet observavam com expectativa. Rose e Jimmy não estavam presentes, mas Grosse, para minha surpresa, tinha vindo, embora tivesse passado os dias anteriores na cama com um forte resfriado.

«Não há motivo para ter medo», disse George. «Ninguém se vai magoar.» Depois, voltou-se para a mulher, e a sua voz amável tornou-se subitamente alta e severa.

«Agora!», ordenou. «Consegue ver-me?»

Annie soltou um grito horrível. «Vai-te embora!», gritou. Depois começou a rir, com uma gargalhada grotesca como uma das bruxas de Macbeth.

«Chegou a altura de parar com isto», disse George firmemente. Tirou um pequeno espelho do bolso e colocou-o diante do rosto dela. Annie virou-se imediatamente e cuspiu-lhe em cima.

«Já fui cuspido por pessoas melhores do que você», disse George calmamente. «Agora olhe para isto. Olhe e veja o que correu mal, e nós mostramos-lhe como o pôr direito.»

«Gozer, Gozer, ajuda-me», gemeu Annie. «Elvie, vem cá...»

«Está a receber ajuda», disse George. «Esqueceu-se de que é uma filha de Deus. Agora olhe — isto é o que pode tornar-se.» Volta a segurar o espelho. «Vamos levá-la para longe, onde pode ter uma vida pacífica... Vê aquela porta azul? Vamos passar por ela juntos...»

George continuou assim durante algum tempo até que Annie finalmente se acalmou. «Fique longe deste lugar», concluiu. «Tente vir aqui e vai sentir aquele ardor novamente!»

Annie voltou subitamente ao normal, olhando à nossa volta e sorrindo. «Oh, querido», disse ela, com a sua voz calma em forte contraste com o rouco e áspero dos vinte minutos anteriores. «Parece centrar-se na Janet, mas há bastantes deles.»

«Este Gozer é um sujeito desagradável», acrescentou George. «Uma espécie de tipo de magia negra. A outra, Elvie, é um elemental. Ela usa o elemental, e o Gozer usa-a a ela. Ele é o chefe. Se a tirarmos do caminho, todo o esquema se desmorona.» Um elemental, para os espiritistas, é uma forma inferior de espírito usada pelos mais inteligentes para fazer o trabalho sujo.

«Temos de administrar uma cura áurica», disse Annie. «O campo áurico à volta de ambas está a perder energia, e elas estão a tirar poder de vocês.» Janet parecia perplexa e um pouco nervosa. George perguntou-lhe se sabia o que era uma bateria. Janet acenou que sim. «Bem, os nossos corpos são usados como baterias e, se estão danificados, há uma pequena fuga, e a energia é roubada por estas criaturas desagradáveis para atirar coisas.»

Os Shaw fizeram então à Sra. Harper algumas «passes» de cura, mantendo as mãos perto da cabeça e dos ombros dela e movendo-as para baixo, ao longo do contorno do seu corpo.

«Estamos a fazer um pacote bonito e limpo, como um ovo», explicou George.

Janet fez um pouco de escândalo antes de os deixar fazer o mesmo a ela, e perguntei-me se ainda algo a estaria a dirigir para resistir à ajuda que lhe era oferecida. Mas acabou por concordar.

«Sabemos que há uma fragilidade psíquica aqui», disse George depois de «limpar» a aura de Janet, «e também uma situação familiar muito perturbada.» A Sra. Harper acenou em concordância. «Isso torna-a num alvo para o que quer que esteja por perto, e havia ali uma coisa muito desagradável, que não escapou porque não estavam suficientemente protegidos.»

«Houve uma experiência muito amarga no passado», acrescentou Annie, «e sentiu-se imersa em ondas de ódio, a fervilhar. É em parte isso.» A Sra. Harper concordou que muitas vezes se sentia amargurada em relação ao ex-marido e que guardara esses sentimentos durante alguns anos. Lembrei-me de que houve uma situação muito semelhante num dos meus casos anteriores, que envolvia uma mulher divorciada com cerca da idade da Sra. Harper e com duas filhas.

Os Shaw convidaram a Sra. Harper e Janet a ir a sua casa para mais curas, o que elas posteriormente fizeram. «Nem sempre se consegue limpar estas coisas de uma só vez», explicou George.

Eu avisara a Sra. Harper para não esperar milagres, e via que a visita dos Shaw lhe fizera bem. Deram-lhe um pouco de conforto e esperança.

«Bem», disse a Maurice enquanto seguíamos pela Circular Norte no seu Jaguar. «Isso foi tudo muito dramático.»

«Não foi representação», respondeu ele. «Já estive envolvido em teatro amador e conheço os truques usados pelas atrizes. Muito interessante — vamos ter de ver se resulta.»

Resultou, até certo ponto. O resto da semana foi muito mais calmo do que qualquer período semelhante das semanas anteriores, e senti que isso não era coincidência.

Três dias depois, realizou-se uma reunião especial na escola de Janet para discutir o seu problema, que começara a afetar seriamente o seu trabalho escolar. Tinha sido mantida acordada até tão tarde tão frequentemente que faltara a vários dias de escola, e muitas vezes adormecia nas aulas devido ao cansaço.

À reunião assistiram o diretor, alguns professores, dois assistentes sociais da câmara e o psiquiatra da assistência infantil,

todos os quais pediram a Grosse para não mencionar os seus nomes em público.

O poltergeist de Enfield já era bem conhecido na vizinhança e, após o relato longo e detalhado de Grosse sobre os principais acontecimentos até então, todos o interrogaram, exceto o psiquiatra, que parecia muito aborrecido e não disse nada.

Uma professora salientou que Janet era nova na escola e estava a ter dificuldades de adaptação. «Basicamente, concordámos que o melhor é não fazer muito alarido e tratá-la como normal», disse ela.

Uma assistente social deu a sua opinião sobre a Sra. Harper, a quem conhecia bem. «Parece-me uma mulher sólida, com os pés assentes na terra, não propensa a histerias», disse ela. «É uma família unida, e ela mantém a casa limpa e faz o melhor que pode com recursos escassos.» Os Harpers tinham claramente uma boa reputação na sua comunidade e eram estimados por todos os que os conheciam.

Perguntaram a Grosse o que achava que deveria ser feito, uma vez que era evidente que ninguém mais tinha sugestões. O psiquiatra continuava em silêncio.

«Na minha opinião», disse Grosse, «a prioridade é tirar a família daquele ambiente.»

«Falei com a Habitação», disse a assistente social, «e eles darão aos Harpers prioridade máxima para transferência, se eles quiserem.»

«Não creio que a mudança de casa seja a solução», disse Grosse, sabendo que a Sra. Harper queria ficar onde estava. «Talvez umas férias.» Ficou acordado e, graças às sugestões repetidas de Grosse, a câmara acabou por arranjar para enviar toda a família para uma semana à beira-mar durante o intervalo de meio período, quando Pete poderia juntar-se a eles.

No final da reunião, Grosse ofereceu-se para passar parte da fita que John Burcombe gravara durante o recente «transe» de Janet. «Já que temos o médico aqui», disse ele, «vou lançar a questão para o vosso lado, se me permitem.»

«Bem», disse o psiquiatra, abrindo a boca pela primeira vez em quase uma hora. «Só estou aqui na qualidade de...» Nunca terminou a sua única frase e, embora o seu cargo lhe desse responsabilidade pelo bem-estar psiquiátrico das crianças de Enfield, não só não tinha nada a sugerir, como nunca chegou a ver Janet. A sua única contribuição para o caso foi, mais tarde, fazer saber, indiretamente, que a forma de o parar seria Grosse e eu abandonarmos os Harpers por completo!

Nota do tradutor: a nota do autor refere-se a Allan Kardec, O Livro dos Médiuns, Londres, Psychic Press, 1971, página 83.

**Nota do tradutor: o nome "Annie Shaw" foi mantido conforme solicitado, sem tradução.*

Os Harper precisavam de férias, e nós também, pois a falta de sono nos estava a esgotar a todos, e tanto o Grosse como eu tínhamos apanhado constipações fortes. Mas antes de a família finalmente partir para Clacton-on-Sea, a 29 de outubro de 1977, a atividade tinha voltado ao normal. Havia mobília a ser arremessada por todo o lado, as camas abanavam, os lençóis e os cobertores eram puxados e até arrancados das camas, enquanto pancadas e estrondos variados perturbavam tanto os Harper como os Nottingham, na casa ao lado, a todas as horas, de dia e de noite. As coisas começaram a acontecer tão depressa que nos vimos incapazes de manter a contagem, perdendo o fio algures acima da marca das 400.

Poças de água surgiam subitamente no chão da cozinha quando não estava ninguém na divisão. Tanto o Grosse como eu estávamos na casa, independentemente, quando uma destas poças misteriosas foi descoberta. Tinham cerca de sessenta centímetros de diâmetro, e a que eu vi tinha um contorno nítido, como se tivesse sido desenhada com um dedo. Tinha também um formato estranho para uma poça, assemelhando-se invulgarmente a uma minúscula figura humana, com os braços e as pernas estendidos.

Depois de ter limpado a poça, tentei repetir o efeito vertendo água de um copo e espremendo-a de um pano, mas de todas as vezes a água salpicava, deixando um contorno irregular. Nunca

chegámos a perceber como estas poças podiam ter sido produzidas, e muito menos como o foram na realidade.

A Janet estava a ter mais problemas na escola. «A minha cadeira começou a saltar», disse-me ela numa tarde, ao chegar a casa para o lanche. «E os meus trabalhos da escola estão todos mal!» Mostrou-me o seu caderno de exercícios, todo escrito com muito esmero até apresentar um longo rabisco onde algo lhe tinha tremido o braço.

«Estas coisas preocupam-te?», perguntou-lhe o Grosse.

«Na escola sim», respondeu ela.

«Preocupam-te em casa?»

«Ah, sim, às vezes.»

«Não me pareces muito preocupada.»

«Não, estou a habituar-me. No fundo, detestaria estar assustada.»

A cama dela tinha começado a abanar, contou-nos, enquanto estava deitada na enfermaria da escola, e sentiu que «alguém» estava a fazer aquilo. O Grosse perguntou-lhe quem poderia ser esse alguém.

«Poderiam ser os dados de polca», respondeu ela após refletir um pouco.

A Janet parecia certamente assustada uma noite, quando se queixou de que estava a ser sufocada — alguém lhe estava a colocar uma mão sobre o nariz e a boca para a impedir de respirar. Sentei-me na cama dela e tive uma longa conversa com ela, repetindo mais ou menos o que os Shaw lhe tinham dito sobre aprender a controlar a sua energia. Quando saí, ela pediu-me para deixar a luz do quarto acesa.

Ainda não tinha chegado ao rés-do-chão quando se ouviu um estrondo familiar. A cadeira tinha voado outra vez.

«Estava um homem velho sentado naquela cadeira», disse a Janet. «A pôr as mãos na minha cara. Eu não conseguia respirar.» A sua aflição pareceu-me bastante genuína. Noutra ocasião, disse à mãe que via um homem velho sentado na sua cama, que se parecia muito com o falecido pai de Vic Nottingham, que sempre

tinha sido muito bondoso com ela em vida. Talvez, perguntei-me, estivesse agora a tentar ajudá-la?

Eu poderia não ter dado muita atenção às aparições da Janet se não fosse o facto de a Rose, a Sra. Harper, o Vic Nottingham e tanto o John como a Brenda Burcombe também terem relatado ver aparições semelhantes; tendo o John presenciado o avistamento mais espetacular de todos, que descreverei num capítulo posterior.

Cerca de duas semanas após a visita dos Shaw, quando a atividade regressou ao seu nível anterior, o Grosse e eu concordámos que precisávamos de mais ajuda. Senti que não podia pedir aos Shaw que continuassem a vir, e também achei que se deveria dar uma oportunidade à ciência convencional para abordar o caso. O que precisávamos, sentíamos nós, era de um físico para estudar a natureza das forças aparentemente em ação, e de um psiquiatra para analisar o estado mental e emocional da família, o contexto contra o qual todas estas coisas extraordinárias estavam a acontecer.

Não tivemos dificuldade em encontrar um físico. O Professor John B. Hasted, diretor do departamento de física do Birkbeck College, aceitou ajudar assim que lhe pedimos. Físico experimental, mais conhecido pela sua investigação sobre o fenómeno da flexão de metais, tinha-se juntado recentemente à SPR e designou prontamente um dos seus próprios estudantes para o caso.

«Devem assumir o controlo dos fenómenos», aconselhou-nos o Professor Hasted. «Estabeleçam contacto por todos os meios. Desafiem-no a fazer coisas difíceis, tais como escrever ou falar, ou quem sabe até materializar-se.» Tínhamos-lhe falado das pancadas e das aparições.

Fiquei com sentimentos muito divididos quanto a tentar contactar o fantasma, pois os Shaw, a quem eu respeitava imenso, tinham-me dito especificamente para não o fazer. Mas o que se faz quando se recebe conselhos contraditórios de duas pessoas que respeitamos igualmente?

O que fiz foi ir até à costa sul passar o dia para visitar o Dr. Eric J. Dingwall, o membro vivo mais antigo da SPR e provavelmente a maior autoridade mundial em fenómenos psíquicos, que começou a estudar em 1905. Apesar da sua reputação como um desmistificador feroz, não só de médiuns falsos mas também de investigadores falsos, sempre o considerei extremamente amável, de mente aberta e pronto a dar conselhos práticos.

Escutou atentamente enquanto eu lhe fazia um relato completo do caso, mas ridicularizou a minha sugestão de que um psiquiatra ou psicólogo pudesse ajudar. O seu conselho para mim foi caracteristicamente direto:

«O que sabem essas pessoas sobre tais coisas? Absolutamente nada. Diz que começou a dar pancadas? Pois bem, responda com pancadas também!»

E assim fizemos.

A primeira vez que eu próprio ouvi a pancada, esta veio do chão do quarto principal enquanto eu estava na sala de estar por baixo. Naturalmente, subi as escadas para ver se continuaria enquanto eu estivesse na divisão, na qual toda a família estava agora a dormir; a Rose, a Sra. Harper e a Janet, todas amontoadas na cama de casal, e o Jimmy na cama de lona dobrável ao lado delas.

Mas de cada vez que eu abria a porta do quarto, as pancadas paravam. Fingi dar-lhes pouca importância na altura, pois estava bem ciente de que, se o Grosse e eu nos mostrássemos demasiado entusiasmados com tudo o que acontecia na casa, as crianças seriam inevitavelmente motivadas a aumentar a atividade com alguns truques próprios, fossem deliberados ou orientados inconscientemente.

Ambos esperávamos que as crianças fizessem isso, e embora a trapaça fosse o único aspeto de todo o caso no qual alguns dos nossos colegas da SPR mostravam algum interesse, isso não nos incomodava muito. Já tínhamos visto, cada um com os seus próprios olhos, incidentes que elas não poderiam de forma alguma

ter feito deliberadamente. Além disso, era perfeitamente óbvio por esta altura que, se alguma das crianças estivesse a bater no chão, a mãe teria de as ter visto, e suspeitar que toda a família nos estava a enganar nesta fase parecia absurdo.

Contudo, embora eu parecesse não ficar impressionado com as pancadas, estava bastante intrigado com a forma como pareciam vir de todas as partes do chão ao mesmo tempo, como se vários batedores diferentes estivessem em ação. Algumas eram fortes, outras suaves, e algumas sequências surgiam e desapareciam como um sinal de rádio fraco. Notei outro detalhe inexplicável; quase todo o chão do quarto estava coberto com uma carpete grossa e, no entanto, as pancadas que eu tinha ouvido lá de baixo não eram decididamente abafadas. Parecia que vinham de dentro das tábuas do soalho.

A minha primeira tentativa de controlar o *poltergeist*, como sugerido pelo Professor Hasted, foi um fracasso espetacular, com consequências quase desastrosas. Chinelos, bonecas e almofadas estavam a ser arremessados pelo quarto com tanta frequência que decidi ver o que aconteceria se retirasse tudo, não deixando nada na divisão exceto os seus ocupantes e as suas camas, e a velha lareira a gás desativada embutida na parede. Nunca me passou pela cabeça tentar retirar aquilo.

Saí nessa noite às 23:00 e tudo parecia calmo, por uma vez. Mas assim que cheguei a casa, por volta da meia-noite, o Maurice Grosse telefonou-me.

«Sabes o que ele fez, Guy?»

«Não fez nada. Eu estive lá esta noite — acabo de regressar. Houve umas pancadas, mas ignorei-as, e tirei tudo do quarto, por isso não havia nada para atirar.»

«Pois bem, escuta isto», respondeu o Maurice. «Estou na casa da Peggy Nottingham — ela ligou-me logo após tu teres saído e perguntou se eu podia vir cá imediatamente, pois os Harper estavam em pânico outra vez. A parte inferior daquela lareira, a grelha de ferro, voou pela divisão e aterrou na almofada do Jimmy, falhando-o por pouco. Podia tê-lo matado.»

Eu conseguia compreender o motivo do alarme. A Sra. Harper certamente não teria incomodado os Nottingham àquela hora sem razão, e sugerir que alguém tinha arremessado deliberadamente a grelha pesada e de cantos afiados ao Jimmy, a quem todos adoravam, era ridículo.

«Já combinei que o John Burcombe cá venha amanhã desmontar a coisa», acrescentou o Maurice. «Depois suponho que terá de arrancar o papel de parede.» (Ele provou ter razão).

Na noite seguinte, Rosalind Morris, da BBC, veio para recolher mais material para o programa especial de grande formato que a produtora Sally Thompson tinha aceitado fazer, com ela como narradora. Como era claro que ela pretendia fazer um trabalho minucioso e apresentar o caso de forma justa e objetiva, todos concordámos em cooperar plenamente com ela.

Eram 22:35 antes de conseguirmos que a família sossegasse e, no segundo em que saímos do quarto, começou uma barragem furiosa de pancadas. Ao mesmo tempo, todos os brinquedos e chinelos, que eu tinha achado prudente deixar em paz desta vez, foram atirados por todo o lado, tendo um atingido a Sra. Harper em cheio no rosto. O John Burcombe subiu para relatar que as pancadas vinham de todo o chão, exatamente como eu as tinha ouvido na noite anterior.

Levei a Rosalind à parte e combinei o mesmo truque que tinha feito com o Graham Morris (que não é nenhum parente) na minha primeira visita.

Desci as escadas ruidosamente, pisando duas vezes em cada degrau, e fechei a porta do rés-do-chão. A Rosalind ficou no patamar, com o gravador na mão. No momento em que fechei a porta, as pancadas começaram de novo. A Rosalind empurrou suavemente a porta alguns centímetros (tínhamos conseguido cuidadosamente deixá-la encostada sem o trinco), e esta parou imediatamente. Depois, fechou a porta completamente e recomeçou. «Foi realmente impressionante», disse-me ela. «Estava ligado — algo acontecia no momento em que a porta era fechada.»

«Isto, seja lá o que for, é muito inteligente», disse a Sra. Harper, quando entrámos no quarto. «Sabe quando está alguém na divisão. Consegue até ouvir-me falar agora.»

«Não lhe chame inteligente», disse eu, lembrando-me do que os Shaw nos tinham dito. «Acho que é profundamente estúpido portar-se desta maneira. Tem uma boa noção de tempo, mas —»

A pancada começou imediatamente, comigo no quarto. Pude ver sem qualquer dúvida que ninguém o estava a fazer de propósito.

«Deve ter-me ouvido», disse eu. «Não importa.» Continuei a fingir não estar muito interessado e, após mais algumas explosões, algumas das quais a Rosalind conseguiu gravar de forma muito clara, parou. A Rosalind partiu para apanhar o último comboio de volta para Clapham, onde morava, e eu fiquei na casa que, por sinal, sempre achei muito menos assustadora do que o Metropolitano de Londres a altas horas da noite.

Fiquei no quarto até as raparigas adormecerem, conseguindo na minha primeira tentativa acalmá-las através de hipnose. Tinha uma razão especial para fazer isto; estava ansioso por ter, pelo menos, a Janet devidamente hipnotizada mais tarde, para saber mais sobre o que se passava na mente dela, e queria ver como ela respondia. Para meu alívio, tanto ela como a Rose pegaram no sono num par de minutos após eu ter terminado o meu procedimento, que realizei apenas após pedir autorização à Sra. Harper.

Ela também adormeceu rapidamente, e o resto da noite foi pacífico. Mas na manhã seguinte, um baque familiar acordou-me às 08:15. Liguei imediatamente o meu gravador, que estava ligado a um microfone no quarto da frente.

(Deixem-me enfatizar aqui que todo o diálogo citado neste livro, com raras exceções, é exatamente como foi falado na fita. Tive de eliminar uma grande quantidade de repetições ou material irrelevante, mas não adicionei uma única palavra a nada do que os Harper disseram.)

«Eu não consigo dormir, Rose», disse a Sra. Harper. Ouviu-se outro baque. «Isso atingiu-me na barriga!» Era um dos brinquedos de peluche.

Seguiu-se então um dos incidentes mais notáveis e alarmantes de todo o caso. Houve um som violento de abanão súbito, e foi imediatamente seguido por pânico total.

«Oh Senhor!», gritou a Sra. Harper. «Já chega. Todo aquele poder! Eu vou sair daqui.»

Da minha posição na cama do quarto de arrumos, eu conseguia olhar diretamente através do patamar pela porta aberta do quarto da frente. Ao fazê-lo, vi algo vermelho e felpudo passar por cima do topo da porta, da direita para a esquerda.

«Onde está o Sr. Playfair?», chamou uma das raparigas. Às vezes era difícil distinguir as vozes da Rosie e da Janet.

Ele já estava de pé e no vão da porta do quarto delas, perguntando-se se estaria a ver coisas. Toda a estrutura de ferro da lareira a gás tinha sido arrancada da parede e estava inclinada no chão, ainda presa ao tubo de latão de pouco mais de um centímetro de diâmetro que a ligava à rede geral. O tubo tinha sido dobrado num ângulo de 32 graus. Isto foi um trabalho de demolição de grande envergadura, pois a coisa estava cimentada na alvenaria, e era impensável sugerir que uma das crianças pudesse tê-la arrancado. Quando finalmente desmontámos todo o aparelho, descobrimos que foi uma tarefa difícil até para mover. Devia pesar pelo menos vinte e dois quilos.

Curiosamente, a minha reação na altura foi de alívio. Tínhamos encontrado algo que o *poltergeist* não conseguia fazer, ao que parecia. Mas os Harper não viram a situação dessa forma, e todos correram para o quarto de trás para ir buscar os seus roupões e roupas, exceto a Rose. Ela era sempre a última a sair da cama, e ainda lá estava quando entrei para procurar o objeto vermelho, que devia ter sido um dos chinelos da Janet. Com toda a agitação, tinha-me esquecido da coisa que tinha visto passar por cima da porta.

Olhei em redor do quarto. Havia apenas um lugar onde o chinelo poderia ter aterrado — logo do lado esquerdo do vão da porta. Mas não estava lá. Não disse nada sobre o chinelo, que mais ninguém tinha mencionado ainda. Mas onde diabo estaria? A zona da porta tinha estado sob a minha observação desde o momento em que o vi passar. Se alguém o tivesse apanhado, eu tê-lo-ia visto. Mas não o fizeram, e a Rose certamente não o tinha. Ela continuava sentada na cama a pouco mais de um metro de distância.

Decidi que tinha de encontrar aquele chinelo antes que mais alguém o fizesse.

«Podem esperar um minuto?», chamei para o quarto de trás. «Vou descer convosco se isto vai ser uma daquelas manhãs.»

«Eu espero», disse a Sra. Harper. Calcei os meus sapatos que, por sinal, tinham sido usados para manter a porta do quarto da frente aberta, e preparei-me para guiar a família escadas abaixo. A Rose vinha mesmo atrás de mim.

«Oh, olha», disse ela. «Está ali um dos chinelos que foi atirado, um daqueles felpudos.»

Colocado mesmo no meio do tapete da porta principal, no sopé das escadas, estava de facto um dos chinelos vermelhos, como se tivesse acabado de chegar pelo correio. Todos parámos e ficámos a olhar para ele.

«Espera um minuto», disse eu. «Esse é o que eu vi. Como é que foi parar aí? Como é que deu a volta à esquina? Não passou pela porta. Eu estava lá!»

«Mas não pode ter chegado até lá abaixo», disse a Rose com um riso nervoso, «porque...»

«Bem», respondi eu. «Está ali, não está?» Ou tinha saído do quarto, contornado duas esquinas e descido as escadas sozinho, ou tinha passado através do chão. Face aos acontecimentos posteriores, qualquer uma das hipóteses parece possível.

«Já vi lápis de cera e peças de Lego e coisas dessas passarem pelo teto», comentou a Sra. Harper casualmente, como se a passagem de matéria sólida através de matéria sólida fosse a coisa

mais normal do mundo. «Eles continuam a aparecer vindos do nada quando a Janet está no quarto.»

Eu tinha-me esquecido completamente do outro chinelo vermelho, que uma das raparigas disse mais tarde ter encontrado no rés-do-chão, na sala de estar, sensivelmente por baixo de onde deveria estar ao lado da cama. Talvez tenha mesmo passado através do chão. Quem sabe? Nada relacionado com o caso de Enfield me surpreenderia.

Enquanto os Harper preparavam o pequeno-almoço, voltei lá acima para fazer a minha mala, deixando o meu gravador no chão da cozinha. À medida que subia as escadas, ouviu-se um forte estrondo vindo da cozinha; o prato de cereais da Janet tinha sido disparado pela divisão e desfeito em pedaços no chão.

«Viste aquilo?», disse a Sra. Harper.

«Sim», disse a Janet. «Saltou.» Agitei a minha mala e apressei-me a voltar para a cozinha. Toda a gente falava ao mesmo tempo.

«De repente, disparou para cima e...»

«...» «Eu estava aqui em pé, e...» «...» «Aquele mesmo lote foi bater na porta e no chão...» A Janet estava a queixar-se: «Ainda por cima eram os meus Weetabix!»

«Se quiseres mais», disse eu, «sento-me aqui contigo. Espera aí, vou só num instantinho aqui». Fui à casa de banho e, quase de imediato, a Rose soltou um grito estridente. Voltei para a cozinha o mais depressa que pude dadas as circunstâncias. O cenário era o que a Rose dizia, parecia que alguém tinha vomitado por toda a divisão. Tinha acontecido exatamente o mesmo outra vez.

«Pois, eu disse-vos para esperarem», disse eu. «Se não acreditaram em mim...»

Tinha feito ainda mais sujidade do que antes, e devia ter atravessado a divisão a uma velocidade terrível. Apanhei a louça partida e meti-a num saco de plástico, para juntar à minha coleção de recordações.

«Temos de tirar a Janet de casa», disse eu, e ela veio comigo até à estação, onde apanhei o comboio das 09:10 para Liverpool

Street. Estava a abarrotar de passageiros suburbanos de barba escanhoada, e o sujeito desalinhado e de olhos ensonados que entrou a agarrar num saco cheio de louça partida fez erguer algumas sobrancelhas por cima dos seus *Financial Times*. Mas eu, tal como eles, ia para o trabalho. Tinha pela frente mais um dia a transcrever fitas, a escrever notas e a telefonar ao Grosse para o manter a par de tudo e discutir o que fazer a seguir.

Ele ainda parecia muito ruidoso a respirar ao telefone. «Fica em casa a tratar dessa constipação», disse eu. «Eles partem todos para Clacton amanhã e nós podemos tirar uma semana de folga, graças a Deus. Mas eu vou lá voltar esta noite para falar com aquela maldita coisa. Se não o fizer, ela provavelmente começa a deitar a casa abaixo tijolo por tijolo». Na altura, achei isto perfeitamente possível.

Cheguei mais tarde do que o habitual nessa noite, após um longo e cansativo dia a transcrever fitas, que é um trabalho muito laborioso mas necessário. Expliquei à Sra. Harper por que razão achava essencial tentar estabelecer um diálogo com a Coisa, apesar do que os Shaw nos tinham dito. Não havia tempo para encontrar outro médium. Tínhamos de fazer algo imediatamente. Ela escutou o meu argumento com atenção, como sempre, e concordou com o que sugeri.

«Muito bem», disse eu, quando estavam todos na cama. «Não vou entrar durante uns vinte minutos. Se precisarem mesmo de mim, não batam à porta. É melhor abrirem a porta e gritar». Deixei o meu gravador no chão do quarto e desci as escadas. Como só tinha um gravador na altura, o que se segue é parcialmente retirado das minhas notas escritas, embora a atividade no andar de cima seja descrita exatamente como foi gravada.

Com o John Burcombe como testemunha, subi para uma cadeira para poder bater no teto da sala de estar.

«Agora escuta, quem quer que sejas», disse eu. «Quero falar contigo. Uma pancada significa sim e duas significam não. Compreendes?»

A título de saudação, planeava bater três vezes no teto, mas antes de o fazer, ouviu-se um único baque acima da minha cabeça.

«Cá vamos nós. Começou», disse a Sra. Harper. «Isso foi um chinelo». (Nem ela nem eu conseguíamos ouvir a voz um do outro na altura). «Cobre a cabeça, Jimmy. Oh meu Deus!» Outro objeto foi atirado.

«O Sr. Playfair está a bater. Vejam lá se responde», disse a Janet quando comecei a bater lá de baixo.

Imediatamente, ouviram-se dois grupos de três batidas, com um som bastante diferente das minhas. Na fita, soam muito perto do gravador.

«Oh, está a responder, Mãe!», disse a Rose. «Está aqui em cima!»

«Muito bem», disse eu. «Para de atirar coisas e vamos conversar. Quero saber quem és, por que estás aqui e o que queres. Estás em apuros e precisas de ajuda. Tens consciência disso? Não devias estar aqui».

Seguiram-se quatro batidas secas, depois um grupo de sete, depois uma pausa e mais quatro.

«Não, espera um minuto», disse eu. «Olha, uma para sim e duas para não. Percebeste?»

Seguiu-se então uma saraivada completa de batidas com um tom zangado. Mais tarde, contei trinta na fita. Uma vez mais, às vezes desapareciam e voltavam, tal como um programa de rádio de uma estação distante. Fiquei impaciente.

«Não percebes que ESTÁS MORTO?», disse eu em tom severo.

Não houve nenhuma pancada em resposta, mas gerou-se imediatamente um pandemónio total no andar de cima.

«Vai ficar chateado agora, vais ver», disse a Sra. Harper, enquanto uma almofada voava pela divisão.

«Isto podia ser muito pior», disse a Rose. «Ai», exclamou logo a seguir, «isso acertou-me na cabeça». Eu tinha-lhes pedido

para tentarem descrever o que estava a acontecer, se pudessem, para benefício da minha fita.

«Estás bem, Jim?», perguntou a Sra. Harper. O Jimmy parecia estar a dormir, com a cabeça embrulhada, como sempre, no seu roupão («como uma tempestade de neve», como a Janet referiu uma vez), alheio à guerra aérea que grassava sobre ele.

«Mãe, estás bem?», perguntou a Rose.

«Sim, estou bem», respondeu ela.

Nesse momento ouviu-se um zumbido, um baque e um grito alto da Rose. A Sra. Harper desatou subitamente a rir.

«Não te rias!», gritou a Rose. «Ai! Isso foi no olho!» Um chinelo ou uma almofada — por esta altura já ninguém tinha a certeza do que ia para onde — tinha feito um alvo direto. «Ai», lamentou-se ela outra vez.

Depois ouviu-se um estrondo muito forte mesmo junto ao meu gravador. «Oh Deus, valha-me Deus!», exclamou a Sra. Harper. «Oh, isso foi no meu olho!» A Rose também foi atingida, pela terceira vez, por um objeto voador. Supõe-se frequentemente que os *poltergeists* não atingem as pessoas diretamente com as coisas que atiram. Lá se vai essa teoria. Conseguem fazê-lo quando querem.

Por esta altura, eu já tinha perdido toda a esperança de uma comunicação inteligente. «Mãe!», gritou a Janet enquanto eu subia as escadas a correr. «Olha a cama a ir para cima e para baixo! Olha ali daquele lado!»

Abri a porta. «Tudo bem», disse eu. «Sou só eu. Raios me partam!» Os Harper pareciam ter acabado de sobreviver a um ciclone.

«No período a seguir a ter começado a bater, começou a arremessar», disse a Sra. Harper calmamente. Eu percebia o que ela queria dizer. O quarto estava repleto de chinelos, ursos de peluche, bonecas, almofadas e travesseiros. Até alguns dos cobertores estavam no chão.

Tentei decifrar o que tinha sido atirado a quem, mas desisti. No primeiro minuto após as batidas terem cessado, tinham

ocorrido pelo menos doze incidentes distintos. Teoricamente, supõe-se que os investigadores façam gráficos, para acompanhar os seus relatórios, mostrando distâncias, trajetórias, temperatura do ar e sabe Deus o que mais. No folheto da SPR para investigadores de casos espontâneos, sugere-se inclusivamente levantar as tábuas do soalho sempre que possível. Nunca chegámos a fazer isso em Enfield, e não sei o que esperaríamos encontrar se o tivéssemos feito, para além de pó.

O John Burcombe espreitou à porta. «Acabou de descer as escadas?», perguntou-me ele. Eu disse que não.

«Bem», continuou ele, «alguém acabou de descer as escadas a andar».

«Ah», respondi eu. «Bem, pede-lhe para voltar. Quero falar com ele». O John assim fez, mas não houve respostas às minhas pancadas de «olá» no chão, e assim terminou a minha tentativa de comunicação. Decidi que, a haver contacto, este teria de ser feito pelo Grosse.

Finalmente, a 29 de outubro de 1977, toda a família Harper conseguiu partir para as suas férias à beira-mar, tendo o Pete juntado-se a eles vindo do seu colégio interno. Quando o comboio avançava pela ponte sobre o Rio Lea, junto aos pântanos de Walthamstow, imobilizou-se numa paragem súbita e violenta, como se alguém tivesse puxado o sinal de alarme. «Oh credo», pensou a Sra. Harper. «Isto não nos vai impedir de ter as nossas férias, pois não?»

Mas não os impediu, e a família passou uma semana sem preocupações num clima outonal ameno. Enviaram-me um postal ilustrado a dizer que estava tudo bem e, enquanto eles estiveram fora, passei uma noite sozinho na casa deles. Ali também estava tudo bem, finalmente.

Várias semanas mais tarde, soubemos que tinha havido apenas um pequeno incidente durante as férias. As crianças estavam a dormir em beliches, todas no mesmo quarto, e uma noite ouviram um barulho engraçado, como alguém a imitar um cão a ladrar. A Janet pensou que era o Pete, e ele pensou que era

ela. A mãe entrou e mandou-os calar, mas não foi dada mais atenção ao episódio até que, à luz de desenvolvimentos posteriores, este assumiu uma importância considerável.

Regressei a casa após a primeira noite de sono repousante de que desfrutei em Enfield desde o início do caso, e perguntei-me se estaria finalmente tudo terminado. Sinceramente, esperava que sim.

À medida que o comboio que trazia os Harper para casa entrava na estação, a Sra. Harper começou a chorar, algo que raramente fazia. A sua semana de relaxamento tinha terminado e ela regressava ao ambiente que não conseguia evitar associar ao medo e à tensão.

Não foram diretos para casa, mas passaram a tarde de 5 de novembro de 1977 com os Burcombe, onde o Grosse e eu nos juntámos a eles ao início da noite. Ambos queríamos ver que efeito as férias tinham tido, tanto neles como no *poltergeist*.

Pelo menos a eles tinha feito bem. Tinham todos passado um bom bocado, especialmente a Janet, que nos deu a cada um um bastão de doces local e nos contou como se tinham divertido a tirar fotografias na praia, a comer peixe com batatas fritas e a dar longos passeios no ar revigorante do mar.

Conheci o Pete Harper pela primeira vez e perguntei-me imediatamente por que razão ele tinha sido enviado para uma escola especial. Não via nada de errado com ele. Achei-o um jovem muito simpático e enérgico, que parecia dar-se bem com toda a gente.

Era a noite de Guy Fawkes, aquela ocasião peculiarmente inglesa em que o homem que tentou fazer explodir o Parlamento é celebrado com fogo-de-artifício e fogueiras, mas as crianças não fizeram qualquer referência a isso. Também não havia grande celebração nas imediações, exceto por um ou outro petardo distante.

Contudo, assim que os Harper regressaram a casa e se deitaram (menos o Pete, que ficou com os Burcombe), fogos-de-artifício de um tipo diferente explodiram de imediato. O

poltergeist continuava exatamente onde tinha parado oito dias antes. As pancadas começaram mesmo antes de estarem todos na cama, e o Grosse explicou à Sra. Harper que se propunha tentar estabelecer contacto. Ela não fez objeção.

«Só quero saber o que é que ele quer», disse ela com cansaço, «apenas isso. Siga em frente e faça o que tem de fazer».

Ao contrário de mim, o Grosse parecia não exercer qualquer efeito inibidor sobre o batedor invisível e depressa ficou convencido de que nenhuma das crianças o estava a fazer. As pancadas vinham de várias partes do chão, dos rodapés e até das paredes, e ele conseguia ver as mãos de todas as crianças.

Deixei o Grosse no quarto e deitei-me no patamar com o ouvido colado ao chão de linóleo para ouvir as pancadas com mais clareza. A porta do quarto ficou ligeiramente aberta.

O Grosse iniciou o seu interrogatório.

«Podes dizer-me quanto é cinco mais cinco?», perguntou.

Imediatamente, todos ouvimos dez pancadas nítidas. Portanto, a Coisa conseguia fazer contas e, logo, tinha inteligência. Eu começava a interrogar-me.

O Grosse pediu-lhe para fazer outra conta simples, como preliminar para perguntas mais importantes, mas em resposta recebeu apenas um sinal sem sentido: *rat tat-a tat tat... tat tat.* Levantei-me e entrei no quarto enquanto ele repetia a pergunta várias vezes. Não houve resposta.

«Não vale a pena, Maurice», disse eu. «Ele não gosta de mim. Vou ter de sair». Voltei para o patamar, deixando o Grosse no quarto com os Harper. O John Burcombe e a Peggy Nottingham também estavam presentes, tendo vindo dar as boas-noites.

Após mais perguntas sem sucesso, o Grosse disse que achava melhor o John e a Peggy deixarem-no sozinho e, quando eles se dirigiam para a porta, um chinelo saltou do chão e voou na direção da Rose. Ao mesmo tempo, ouvimos um som sibilante, que presumimos ser um petardo distante.

75 *One for No. Two for Yes*

«Acabou de atirar um chinelo enquanto estávamos todos no quarto», disse o Grosse. «Não estava ao alcance das crianças, estava lá em baixo perto do fundo da cama». Nesse mesmo instante, ouviram-se duas pancadas nítidas no chão.

O Grosse repetiu as suas instruções: uma batida para não e duas para sim. (O meu código tinha sido ao contrário, mas o *poltergeist* não pareceu importar-se). Finalmente, começou a obter respostas.

«Morreste nesta casa?»

Pancada, pancada — sim. «Vais-te embora agora?» *Baque* — não. «Há quantos anos viveste aqui — dez?» Não. «Mais de dez?» Sim. «Mais de vinte?» Sim. «Mais de trinta?» Sim.

«Podes soletrar-me o número de anos decorridos desde que te mudaste daqui?», perguntou ele. Seguiu-se então aquela que foi, até à data, a mais longa série de pancadas. Com o ouvido e o microfone do gravador colados ao chão do patamar, ouvi um fluxo constante de pancadas muito suaves, mostrando novamente aquele curioso efeito de desvanecimento. Contei pelo menos cinquenta.

«Foi cinquenta e três?», perguntou o Grosse. *Pancada, pancada*. Sim, era!

«E morreste este ano?» Duas batidas responderam de imediato.

«Morreste». Finalmente estávamos a chegar a algum lado, pensei eu.

«Ora bem, porque estás nesta casa — tu não devias realmente estar aqui. Compreendes isso, não compreendes?» Seguiram-se duas pancadas, mas antes que o Grosse pudesse fazer a pergunta seguinte, o batedor começou a reproduzir o sinal sem sentido como antes. *Rat tat-a-tat tat — tat tat*. O Grosse ficou ligeiramente exasperado.

«Agora», disse ele com firmeza, «vou fazer-te uma pergunta. Estás a brincar comigo?»

A resposta veio em exatamente dois segundos. Houve um zumbido súbito e um som de clique, seguido de um forte estrondo

na porta ao meu lado. A caixa de cartão cheia de pequenas almofadas disparou do chão junto à lareira, voou por cima da cama, percorrendo cerca de dois metros e meio, e atingiu o Grosse em cheio na testa, fazendo ricochete para a porta ao lado dele e caindo no chão.

«Olha que caramba!» «Oh Cristo!», disseram o Grosse e a Sra. Harper em simultâneo.

Eu já estava dentro do quarto antes de a caixa ter aterrado.

«Assim que fiz a pergunta "estás a brincar comigo?", atirou a caixa de cartão e o travesseiro mesmo na minha cara», disse ele entusiasmado. «Pois bem, muito obrigado. Foi uma excelente resposta!»

«Não veio com uma velocidade tremenda?», disse a Sra. Harper.

«Viste mesmo a coisa?», perguntei eu.

«Se vi? Acertou-me na cara!», riu-se o Grosse.

«É apenas a maneira dele de dizer olá», disse eu.

«Ora bem, olá, olá! Foi uma belíssima demonstração do que consegues fazer, porque eu próprio não teria feito melhor!»

Ele tinha razão. Este era mais um incidente perfeito do ponto de vista da evidência. A caixa estivera fora do alcance da pessoa mais próxima, a Janet, e para ter sido ela a atirá-la teria tido de se levantar da cama, o que certamente não fez. Além disso, quando mais tarde tentámos repetir o incidente, como era nossa política habitual, descobrimos que simplesmente não conseguíamos fazê-lo. Não conseguíamos atirar a caixa com rapidez suficiente para produzir aquele zumbido estranho.

Também não o conseguiu a equipa do programa de televisão *Nationwide* da BBC, que mais tarde filmou uma reconstituição deste episódio. Mesmo após nove ou treze tentativas, não conseguiram fazer a caixa voar da forma que o Grosse vira na altura.

As coisas acalmaram após o arremesso da caixa, que para todos nós foi um incidente paranormal cem por cento genuíno, e

eventualmente os Harper adormeceram. O Grosse ficou no quarto, enquanto eu desci as escadas.

O Maurice permaneceu em silêncio durante algum tempo, de costas para a parede da janela e de frente para as duas raparigas e a mãe na cama de casal, e o Jimmy na cama de lona. Olhou em redor do quarto e viu que não havia objetos soltos que pudessem ser atirados, pois tínhamos levado todos para a casa ao lado após o episódio da caixa. Em que pensaria ele a seguir?, perguntou-se.

No exato momento em que esse pensamento lhe passou pela mente, ouviu-se um forte estrondo atrás dele. Ouvi-o lá de baixo e vim a correr lá acima para encontrar um dos diplomas desportivos emoldurados da Janet caído no chão; tinha saído da parede, onde estava bem fixado por um gancho num prego, e aterrado ao lado do meu gravador, que parecia ter sido derrubado na queda.

Pensei que pudesse ter caído normalmente, mas quando o apanhei, notei que o pergaminho leve com a sua fina moldura de plástico não era mais pesado do que um jornal. Deixei-o cair a partir do local onde estivera pendurado (o prego estava intacto) e não fez nada que se parecesse com o som que ambos tínhamos ouvido. Reproduzi a minha fita para comparar e descobri que as minhas pilhas, compradas nesse mesmo dia e normalmente boas para pelo menos duas horas de gravação, tinham escolhido aquele momento para se esgotarem. Eu já me estava a habituar a esse tipo de coincidências.

Nem o Maurice nem eu conseguíamos compreender como o diploma pudera sair do prego e fazer tamanho barulho ao bater no chão.

«É um bicho manhoso, esta coisa», disse eu. «O que vamos fazer em relação a isto?»

«Não sei», respondeu o Maurice. «Deixa-me absolutamente intrigado. A maneira como começou a operar no minuto em que se deitaram...»

«Sim», disse eu, «mas pelo menos encontrámos algo que ele não conseguiu fazer. Não conseguiu arrancar aquela lareira da parede». A lareira tinha de facto saído cerca de cinco centímetros

no lado oposto ao tubo de latão. «Tem de operar dentro de um raio de ação e segue o caminho de menor resistência. Atira o objeto que estiver mais próximo».

«Dá-lhe mais um par de dias e teria arrancado a lareira», disse o Grosse pessimistamente. «Consegue fazer qualquer coisa. Tenho a maldita certeza de que consegue».

Discordámos nesse detalhe, mas concordámos que, agora que estava claro que a nossa semana de férias não tinha feito qualquer diferença na atividade, deveríamos chamar outros investigadores. Por esta altura, estávamos ambos empenhados em levar o caso até ao fim, mas a perspetiva de mais dois meses como os dois últimos era demais. Sugeri os nomes de alguns membros da SPR de fora da cidade que pensei que pudessem estar interessados.

«Traga quem quiser», disse o Grosse. «Para mim é indiferente. Mas não quero ninguém que não seja completamente normal. Já vamos ter problemas suficientes sem termos pessoas a virar-se para nós e a dizer "ah, eles trouxeram aquele maluquinho"».

«Quero colocar a família em primeiro lugar», continuou ele. «Já vi o suficiente para escrever cem malditos livros. Não me importa se alguém acredita em mim ou não. Eu sei o que vi». Eu também sabia o que tinha visto, embora nessa fase não tivesse planos para escrever sequer um livro sobre o caso. Estávamos obrigados a enviar um relatório à SPR, mas eu esperava que o caso terminasse rapidamente para que pudesse regressar à minha vida pacífica na biblioteca, a ler sobre manchas solares. O facto de não ter terminado rapidamente explica, espero eu, por que razão mudei de ideias.

Contudo, enquanto o caso continuava, eu queria que o maior número possível de testemunhas externas tivesse a oportunidade de o ver. Sabia que, no futuro, era perfeitamente possível que as pessoas dissessem que tínhamos inventado tudo aquilo. Sabia também que nós próprios poderíamos ter dificuldade em acreditar no que tínhamos visto. Recordei como Everard Feilding, um dos melhores investigadores dos primórdios da SPR, descrevera os

seus sentimentos quando ele e os seus colegas se reuniram ao pequeno-almoço após uma noite de notáveis fenómenos físicos com Eusapia Palladino, em 1908.

«Os incidentes pareciam desvanecer-se das nossas mentes», escreveu ele, muito embora tivessem um estenógrafo a tirar notas abundantes no local. Pelo menos nós tínhamos gravadores e, sem as provas destes, tenho a certeza de que alguns dos incidentes de Enfield já se teriam desvanecido da minha mente, pois todos parecemos ter um instinto para rejeitar experiências que não conseguimos explicar.

Na manhã seguinte ao episódio do arremesso da caixa, reproduzi a minha fita em casa para me certificar de que aquilo tinha mesmo acontecido e, nessa mesma noite, pude presenciar um incidente quase igualmente demonstrativo, quando um dos travesseiros da Janet saiu disparado da cama dela enquanto eu ainda me encontrava no quarto brilhantemente iluminado. Apanhei o movimento com o canto do olho e tive a certeza de que não fora ela a atirá-lo.

Nessa noite, a Sra. Harper mencionou novamente a estranha dor de cabeça que quase sempre sentia mesmo antes de algo deste género acontecer. «Varia», disse-me ela. «Se a "coisa" anda por aqui, sinto uma ligeira sensação de pulsação e, se vai ser mau, sinto uma espécie de faixa apertada na parte frontal da minha cabeça. E depois é como se passasse».

Perguntei à Janet se sentia algo semelhante. A sua resposta foi um pouco confusa. «Sim. Não. Bem, consigo senti-lo quando está aqui. Acha que sou médium?»

«Somos todos médiuns», respondi. «Todos temos mente. É só isso que significa». De qualquer modo, eu sentia que a Sra. Harper era de facto vidente, no sentido popular do termo, significando que conseguia muitas vezes percecionar coisas que os outros não conseguiam, afirmando frequentemente que conseguia também vê-las na realidade.

Por esta altura, toda a família, até o Jimmy, via repetidamente visões ou aparições de rostos nas janelas, figuras sombrias nas

escadas, algo a mover-se mesmo fora da sua linha direta de visão, e ouvia todo o tipo de ruídos inexplicáveis, desde passos e estrondos variados a gemidos suaves, rosnados, silvos e até fala humana. Tudo isto era muito intrigante, mas inútil como prova sólida. Nunca se pode realmente estabelecer o que alguém julga ver, mesmo que se confie inteiramente nessa pessoa, e é fácil descartar isso como uma alucinação, embora tudo o que isto faça seja explicar um mistério através de outro.

Ainda assim, alguns dos relatos deles eram muito convincentes. O pequeno Jimmy, por exemplo, que normalmente prestava muito pouca atenção a qualquer atividade, gritou e berrou durante uma boa meia hora um dia, após dizer à mãe que tinha visto um rosto junto à parede a olhar fixamente para ele. Estava claramente morto de medo. «Ele viu este homem velho, o mesmo que eu vi», disse-me a Sra. Harper, «com dentes brancos grandes».

Eu próprio nunca vi quaisquer aparições e, nesta fase, agora que já tinha visto atividade física suficiente para me convencer de que era genuinamente inexplicável, concentrei os meus esforços na obtenção de algum tipo de prova cientificamente aceitável. O estudante do Professor Hasted ainda não estava livre para se juntar a nós, pelo que, entretanto, convidei Eduardo Balanovski, um jovem físico argentino a trabalhar em Londres, para vir ver o que conseguia fazer.

O dia da sua visita foi o décimo segundo aniversário da Janet, 10 de novembro de 1977. Tenho a certeza de que foi um aniversário que ela nunca esquecerá.

O Grosse chegou antes do Eduardo e de mim, encontrando praticamente toda a mobília da sala de estar virada ao contrário. Um cinzeiro tinha sido disparado do braço de uma cadeira e atingido o teto, duas facas tinham vindo a voar da cozinha para a sala de estar, enquanto mais cedo tinha havido um incidente na casa ao lado, quando uma garrafa miniatura de Guinness saltara de uma prateleira para o centro da divisão, à vista de Peggy Nottingham, Maurice Grosse e da realizadora de televisão da

BBC Sally Doganis, que estava a recolher material para o curto documentário que realizou mais tarde.

Por volta das nove horas da noite, ouviu-se uma pancada na porta da frente. O Eduardo e eu éramos esperados, mas quando a Rose foi abrir a porta não encontrou ninguém. O Grosse subiu as escadas e, no caminho de volta, também ele ouviu uma pancada na mesma porta. Mais uma vez, não estava lá ninguém e, se alguma criança pequena estivesse a pregar partidas, ele tê-la-ia visto.

Nessa altura, eu estava de facto mais abaixo na rua a tomar uma bebida no pub com o Eduardo, que tinha trazido consigo um magnetómetro. Trata-se de um instrumento grande, pesado e muito caro, concebido para medir pequenas variações em campos magnéticos (tivemos alguma dificuldade em convencer o dono do pub de que aquilo não era uma bomba!), com o qual esperávamos registar flutuações anómalas em redor das crianças.

Enquanto o Grosse estava no andar de cima, uma das grandes poltronas virou-se para trás com a Janet sentada nela e, assim que ele voltou à sala de estar, ocorreu mesmo diante dos seus olhos aquele que foi o incidente mais espetacular do caso até à data.

O pesado sofá verde elevou-se cerca de um metro e vinte no ar, capotou para trás e desabou invertido sobre o chão. O gravador do Grosse estava ligado e, embora fosse nosso hábito habitual descrever coisas destas em voz alta, o Grosse ficou tão surpreendido que nada disse de início. Poder-se-á perguntar o que dizem as pessoas quando algo deste género acontece na sua sala de estar. Eis exatamente o que foi dito nessa ocasião:

«Olhem, tenham calma, acalmem-se todos», disse o Grosse.

«Não se entusiasmem», acrescentou o John Burcombe.

«Faltam cinco minutos para as nove, está bem?», interrompeu a Janet — ela tinha sido bem instruída para notar as horas dos incidentes.

«Muito bem», disse o Burcombe. «Agora, quem vai pôr a chaleira ao lume?» Mas, por uma vez, a enraizada tendência britânica de fazer chá em momentos de crise não pareceu ajudar.

Um momento depois, o Grosse exclamou para o seu gravador:

«Acabou de arremessar a Janet da cadeira absolutamente à minha frente, e vi-a voar». Não apenas isso, mas a almofada em que ela estava sentada foi juntamente com ela. Ela voou cerca de dois metros e meio, mas, como quase sempre nessas ocasiões, não sofreu ferimentos.

«Onde vais?», exclamou o John Burcombe.

A Sra. Harper tinha-se desequilibrado e caído por cima dele enquanto ele estava sentado na sua cadeira.

«Senti honestamente como se estivesse a ser empurrada», disse ela. «Desculpa, John, não consegui manter o equilíbrio. Nunca tinha experimentado isso antes».

«Vou ler-vos uma história sobre Jesus», disse a Janet, a quem um vizinho tinha dado um livro de histórias bíblicas. Ninguém lhe prestou atenção.

« Venha, Sr. Playfair, está a perder isto tudo», disse a Sra. Harper. Eu tinha-lhe mencionado frequentemente que tudo parecia acontecer sempre mesmo antes de eu chegar ou logo após a minha saída.

«A coisa sabe que eles vêm a caminho», disse o Grosse, «por isso está a divertir-se à grande antes de eles chegarem. Se vai fazer alguma coisa quando eles estiverem aqui, eu não...»

Foi interrompido por um estrondo ensurdecedor vindo da cozinha, onde a Sra. Harper tinha acabado de entrar para fazer o chá. Tratava-se do escorredor de plástico cheio de talheres, mas felizmente sem pratos, a voar pela cozinha.

Assim que este aterrou, ouviu-se mais uma pancada na porta da frente e, desta vez, éramos realmente o Eduardo e eu. A Janet espreitou rapidamente por entre as cortinas laterais.

«Aí vêm eles», disse ela. «Oh, meu Deus!»

Antes de ela chegar à porta, ouviu-se um tremendo estrondo vindo da cozinha, seguido quase de imediato por outro, no exato momento em que o Eduardo e eu passávamos pela porta. Ambas

as mesas da cozinha tinham voado mesmo quando chegámos. O momento foi de uma precisão impressionante.

Contudo, como eu poderia prever, tudo ficou calmo assim que entrámos na sala de estar. O Eduardo manteve-se calmo e nada disse além das normais saudações educadas enquanto eu o apresentava, e de seguida transportámos o magnetómetro para o quarto, onde ele passou vinte minutos a testá-lo para se certificar de que estava a funcionar corretamente.

Quando todos se acomodaram na cama, ligámos ambos os nossos gravadores, estando o do Eduardo ligado ao sinal do magnetómetro, e saímos do quarto, visto que eu lhe tinha dito que nada aconteceria se ambos permanecêssemos lá dentro. Do patamar, podíamos vigiar o mostrador da máquina e, nos quarenta minutos seguintes, o travesseiro da Janet foi arremessado duas vezes pelo quarto, exatamente como tinha acontecido na noite anterior na minha presença. Desta vez, naturalmente, eu não conseguia ver a Janet, embora a Sra. Harper me tenha garantido de imediato que não fora ela a atirá-lo. E de cada vez, a agulha do magnetómetro desviou-se de facto, embora o Eduardo pensasse que isso poderia ter sido causado pelo ranger das molas da cama.

Eu estava um pouco preocupado com a possibilidade de ele ter de regressar à sua universidade e comunicar que o dispendioso instrumento que tinha pedido emprestado sem autorização se tinha avariado, pelo que retirámos a experiência assim que ficámos satisfeitos por parecer possível que houvesse alguma ligação entre a atividade do *poltergeist* e o comportamento anómalo do campo magnético circundante.

Depois de termos saído, o *poltergeist* introduziu mais um truque novo no seu repertório aparentemente ilimitado. A Rose ia a caminho do andar de baixo para ir à casa de banho, quando subitamente gritou:

«Não me consigo mover! Algo me está a segurar!» O Grosse e a Peggy Nottingham foram ver o que se passava e encontraram-na em pé na escadaria, apoiada numa só perna, com a outra estendida atrás de si. Nem sequer estava a segurar o corrimão.

«Está a segurar-me a perna!», repetiu ela. O Grosse pegou-lhe na mão e puxou, mas ela estava enraizada no local. A Peggy pegou-lhe então na outra mão e puxou com força, meio à espera que a Rose caísse por cima deles, mas ela permaneceu tão rígida como uma estátua, ainda equilibrada numa perna. Finalmente, o Grosse conseguiu rodá-la de lado, operando-se o momento em que ela regressou subitamente ao normal e pôde descer as escadas a andar.

«Ela estava a desafiar as leis da gravidade», disse-me o Grosse no dia seguinte. «Foi exatamente como se alguém estivesse realmente a segurar-lhe a perna».

«Isto não pode continuar assim», disse eu. Mas podia, pois a violência dos dias seguintes foi tão intensa como a do dia de anos da Janet. A mobília começou a virar-se no minuto em que ela chegou a casa da escola, a 11 de novembro, tendo o sofá virado duas vezes, uma delas enquanto ela estava sentada nele. Para virar aquele sofá normalmente eram precisas duas pessoas e bastante esforço. Até a pesada mesa de jantar de carvalho saltou no ar, como se tentasse levantar voo. Esta era demasiado pesada para uma só pessoa a erguer do chão.

Cedo no dia 12 de novembro, a Janet foi tombada da cama juntamente com o seu colchão, que aterrou no chão com ela por baixo. Isto aconteceu pouco depois das 05:00 e, cerca de duas horas mais tarde, a Sra. Harper decidiu ver se conseguia estabelecer contacto com o fantasma, tal como lhe tínhamos pedido para fazer através de escrita direta.

Eu tinha pensado em mostrar-lhe como fazer escrita automática, isto é, colocar um lápis levemente sobre o papel e deixá-lo escrever sem orientação consciente, mas hesitei porque sabia que os resultados poderiam angustiá-la. Podem ser muito desagradáveis, e sugiro aos leitores que não façam isto a menos que saibam o que estão a fazer.

Por isso, pedi-lhe para deixar um lápis e um bloco de notas aqui e ali e ver se obtinha algum tipo de mensagens diretas.

«Deixa-me uma mensagem», disse ela em voz alta para a cozinha aparentemente vazia, «para que eu possa ajudar-te, se possível, sem pancadas». Cinco minutos depois, encontrou um pequeno pedaço de papel em cima do frigorífico no qual estava gatafunhado:

«VOU FICAR NESTA CASA. NÃO LEIAS ISTO A MAIS NINGUÉM OU EU RETALIAREI».

O papel não era do bloco de notas que eu lhe tinha dado. Mais tarde, descobrimos que tinha sido arrancado de um dos cadernos de exercícios da Janet, embora ela tenha negado convictamente ter sido ela a escrevê-lo, e a Sra. Harper não via como ela ou a Rose poderiam ter colocado aquilo no frigorífico sem que as visse. Depois, quase de imediato, outra mensagem apareceu na mesa da sala de estar.

«POSSO TER UM SACO DE CHÁ?»

«Não tenho bem a certeza de por que queres um saco de chá», disse a Sra. Harper calmamente, «mais se quiseres, coloco um na mesa de jantar».

Assim fez e, escassos segundos depois, quando nenhuma das crianças tinha estado por perto, ficou espantada ao ver outro saco de chá junto ao que ela lá tinha colocado, estando o segundo amachucado e rasgado.

Mais tarde, enquanto ajudava a Janet a retirar alguns dos velhos pósteres e páginas de revistas a cores da parede do quarto de trás, deparou-se-me um anúncio que mostrava um animal de aspeto estranho com grandes chifres a beber uma chávena de chá e a exclamar «SACOS DE CHÁ!» A página tinha como título «Algumas Palavras Fortes da Ty-phoo».

Sendo um sábado, era o dia de o Sr. Harper passar para entregar o dinheiro do sustento e, como de costume, achou toda a questão do *poltergeist* uma enorme piada.

«Ainda está aqui?», perguntou ele.

«Sim», respondeu a Sra. Harper. Ela não falava com ele mais do que o estritamente necessário.

«Humpf!», disse ele em tom de desprezo.

«Bem», disse a sua ex-mulher com agastamento, «vou mostrar-te isto e não te digo mais nada». Mostrou-le a primeira das mensagens, esquecendo-se de que tinha sido avisada para não o fazer pelo autor.

«Ah, peço desculpa», disse ela em voz alta. «Não me lembrava da última parte da tua mensagem. Peço desculpa. Não houve intenção de mal-entendido».

Assim que o Sr. Harper saiu, outro pedaço de papel apareceu na mesa.

«UM MAL-ENTENDIDO. NÃO VOLTES A FAZÊ-LO. EU SEI QUEM ERA».

Estavam todos juntos quando esta mensagem foi encontrada, e a Sra. Harper tinha a certeza de que a Janet não tivera tempo para a escrever ela própria. Mas, mais uma vez, era papel do seu livro escolar, e a escrita parecia bastante suspeita com a dela? Ou teria a Janet começado a pregar partidas a sério? Não sabíamos dizer. Tudo o que sabíamos ao certo era que tinha acontecido uma enorme quantidade de coisas pelas quais ela não poderia ter sido de forma alguma diretamente responsável.

Para rematar uma semana de atividade intensa, a noite de sábado, 12 de novembro, foi de total reboliço, mas com uma diferença: não foi causada tanto pelo *poltergeist* mas sim pelos próprios investigadores, pois a minha primeira tentativa de trazer ajuda externa de colegas membros da SPR correu mal com resultados quase desastrosos.

Tinha convidado um psicólogo, a quem chamarei Dr. Knott, de uma universidade da província, para vir e trazer os instrumentos que pudesse para tentar obter alguns dados gravados que apoiassem as nossas provas. O Dr. Knott já tinha investigado casos de *poltergeist* antes e era considerado por alguns membros da SPR como um especialista na matéria. Pedi-lhe especialmente que viesse sozinho, visto que o Grosse e eu estaríamos lá e simplesmente não havia espaço para mais ninguém.

Contudo, para total surpresa de todos, nada menos do que seis membros da SPR caíram sobre os incautos Harper todos de

uma vez. Além do Grosse, de mim e do Knott, o nosso colega Lawrence Berger chegou, sendo o sábado o único dia em que conseguia arranjar tempo, seguido por dois visitantes surpresa que o Dr. Knott e eu assumimos que o outro teria convidado. Num instante, a casa parecia uma estação de comboios na hora de ponta, e fiquei chocado ao ver que pelo menos um dos nossos novos visitantes nem sequer teve a cortesia de se apresentar à Sra. Harper, que estava claramente constrangida, pois pensava que ele era nosso convidado.

O Dr. Knott abriu a sua mala e cobriu a mesa de jantar da família com todo o tipo de pequenos aparelhos. O Grosse levou-me à parte.

«Para que serve essa tralha toda?», perguntou ele.

«Procura por mim, tu é que és o cientista», respondi.

«Eu fazia coisas melhores do que isto no quarto ano», continuou ele. «Ele está a falar a sério?» Eu tinha assumido que sim, caso contrário não o teria convidado, embora não tenha demorado muito para que eu próprio começasse a duvidar.

O Dr. Knott levou as suas tralhas para o quarto e pediu às raparigas que fossem com ele. Tinha várias pequenas bússolas, um eletroscópio de folhas de ouro e um detetor rudimentar de radiação infravermelha, cuja agulha começou a oscilar que nem louca quase assim que a Janet e a Rose se aproximaram dele. Knott ficou intrigado. Grosse pediu à Janet para tentar fazê-la oscilar de novo, o que ela fez, por várias vezes. No entanto, o Dr. Knott afirmou mais tarde, no seu relatório escrito, que estes «desvios» se deviam a uma «instabilidade» não especificada na sua engenhoca, a qual me confessou mais tarde ter construído apenas naquela semana, não tendo tido tempo nenhum para a testar.

Um dos visitantes tentou então uma investigação pouco ortodoxa da sua própria autoria. Quando as raparigas se queixaram de que a cama de casal, onde ambas se encontravam, estava a abanar, ele saltou prontamente para o meio delas, deixando-as um tanto agitadas. Mais tarde, este mesmo

«investigador» colocou alguns balões cheios de água debaixo da cama como «isco» para o *poltergeist*. Estes acabaram por ser arremessados em todas as direções por pessoas ou *poltergeists* desconhecidos, gerando uma grande farsa à medida que a água se infiltrava pelas tábuas do soalho até à sala de estar, encharcando o desafortunado piriquito. Nunca cheguei a descobrir o que este ensaio pretendia provar.

Saí cedo nessa noite e soube que, depois de Knott e os outros se terem finalmente posto a andar, as raparigas correram para a porta ao lado a debulharem-se em lágrimas para ver a Peggy Nottingham, como costumavam fazer quando ficavam perturbadas.

«Disseram que a culpa era toda nossa», disse a Rose. «Disseram que podiam parar com isto num instante se nós quiséssemos. Pensavam que estávamos apenas a pregar partidas.»

A Sra. Harper deixou bem claro ao Grosse e a mim, na noite seguinte, que embora nós e o Berger fôssemos bem-vindos a qualquer hora, não queria os outros novamente em sua casa. Mais tarde, soube que ela tinha estado quase ao ponto de nos correr a todos dali para fora — se o que se passava na sua casa era «investigação científica», não queria fazer parte daquilo, muito menos ter os filhos acusados de estarem a encenar tudo, ainda por cima.

«O que me ultrapassa», disse o Grosse, «é a obsessão que estas pessoas têm com o que chamam de fraude. Só pensam nisso. Acontece qualquer coisa e assumem imediatamente que são as crianças a pregar partidas. Lembras-te da noite passada, quando a mesa da cozinha se virou e uma daquelas personagens estava sentada na sala de estar?»

«Não, isso deve ter sido depois de eu me ter ido embora», respondi.

«Pois bem, ele nem se deu ao trabalho de levantar o rabo da cadeira. Limitou-se a olhar, viu as raparigas ali dentro e assumiu que tinham sido elas. Se ele tivesse tentado realmente virar aquela

mesa da maneira que nós fizemos, teria percebido que elas não conseguiriam. Mas podes acreditar — ele nem sequer foi lá ver.»

«É extraordinário, não é?», observei. «As crianças por todo o mundo pregam sempre exatamente as mesmas partidas.»

«Sou um inventor, Guy, como sabes», continuou o Maurice, «e tenho de ver aquilo que estou a fazer como um todo. Bem, é dessa forma que estou a olhar para este caso — estou a olhar para tudo o que passámos como um único acontecimento complexo. Essa é a única maneira que penso que alguma vez nos permitirá compreender estas coisas, e não através de todo este minucioso preciosismo académico. E mesmo que aquelas raparigas tenham pregado algumas partidas a noite passada, isso não afeta minimamente o que é genuíno.»

Concordei. Sabia que qualquer psicólogo (exceto, aparentemente, Knott) sabia que as pessoas, especialmente as crianças, tendem a fazer aquilo que se espera que façam.

Decidimos ser muito cuidadosos no futuro ao convidar outros investigadores para Enfield. Fraudes por parte das crianças, a existirem, nós sabíamos gerir, mas investigadores falsos eram algo de que podíamos bem passar sem.

OITO

ALGUMAS SITUAÇÕES HISTÉRICAS

No espaço de duas semanas após o seu regresso de férias, a Sra. Harper estava exausta. A sua saúde já não era boa nos melhores momentos, e estes eram decididamente os piores. Até o deitar-se se tornou num calvário noturno, com os mesmos incidentes triviais, mas ainda assim inexplicáveis, a repetirem-se vezes sem conta, como se tentassem enlouquecer toda a gente nesta guerra de desgaste unilateral.

O inimigo invisível continuava a arremessar objetos, mas as suas munições favoritas já não eram berlindes, nem sequer chinelos, mas sim a Janet. Todas as noites, sem falta, mal ela se deitava, era aparentemente projetada para o chão, por vezes

seguida pela Rose. Certa vez, a Sra. Harper contou-nos que a Janet fora projetada de um lado ao outro do quarto, indo parar em cima do rádio antigo que estava sobre a cómoda. Achei isto difícil de acreditar, dado que o rádio media apenas 45 por 30 centímetros, pelo que mal seria possível sequer ajoelhar-se em cima dele.

A 14 de novembro de 1977, instei a Janet a dormir sozinha no quarto das traseiras, para ver se isso acalmava as coisas. Ao início parecia que eu tinha razão e, por uma vez, ela adormeceu sem ser primeiro atirada para fora da cama sete ou oito vezes. Mas depressa começou a comportar-se de forma muito estranha, chorando e gemendo a dormir, e quando fui ao outro quarto avisar a mãe, reparei que a Rose estava a fazer exatamente o mesmo. Era como se as raparigas partilhassem um pesadelo. Mas não durou muito e não pensei mais nisso na altura.

Na manhã seguinte, a Sra. Harper colapsou em exaustão total, e o município providenciou para que as crianças fossem para um centro de acolhimento enquanto ela passava uns dias de descanso absoluto na cama, em casa dos Burcombe. Fui visitá-la mais tarde nessa tarde e encontrei-a confortavelmente instalada no quarto de hóspedes deles, obviamente desgastada, mas contente por ter uma conversa tranquila. Falámos sobre a Janet.

«As coisas também têm acontecido quando a Rose está por perto», disse-me a Sra. Harper. «Parece que está a usar a energia de todos nós. Primeiro as raparigas e depois eu. É uma espécie de triângulo.»

Depois, trouxe espontaneamente à conversa a questão de saber por que razão tudo isto lhes estaria a acontecer, em primeiro lugar, e achei interessante verificar que as suas opiniões coincidiam estreitamente com as dos defensores da «teoria psicológica» dos *poltergeists*, embora eu estivesse perfeitamente seguro de que ela nunca tinha lido nada sobre o assunto.

Mesmo antes de ela e o ex-marido se divorciarem, contou-me, ele trazia frequentemente a mulher com quem mais tarde

casou para casa, e ela tinha a certeza de que isto causara um efeito angustiante nas crianças.

«Acho que há imensa coisa acumulada na mente da Janet», disse ela. «E, entre elas, reprimiram tanta coisa — isto pode ter muito a ver com a situação.» É exatamente isto que sugerem os poucos psicólogos que estudaram a síndrome do *poltergeist*: que os efeitos físicos, o derrube de móveis e afins, são «exteriorizações» de uma mente subconsciente ou mesmo inconsciente reprimida e frustrada, que forma uma «personalidade secundária» que, na prática, passa a comportar-se como uma entidade separada. Não era de estranhar, por isso, que as pessoas confundissem frequentemente esta personalidade secundária com um «espírito» ou com o fantasma de uma pessoa morta.

A menção a espíritos polariza invariavelmente as pessoas entre crentes fanáticos ou céticos totais, e talvez fosse melhor adotar a perspetiva do filósofo americano C. J. Ducasse e sugerir simplesmente que as nossas mentes sobrevivem à morte física. Considero esta uma hipótese de trabalho plausível, pelo menos, embora nem eu nem mais ninguém saiba ao certo qual é a verdadeira natureza da mente ou o que acaba por lhe acontecer. Tudo o que podemos fazer é estudar os factos de casos como o dos Harper e tirar as nossas próprias conclusões.

Disse à Sra. Harper que ela não devia sentir que havia algo de gravemente errado com a Janet, ou com ela própria. «Pode ser apenas um acidente, sabe. Se for atropelada ao atravessar a Wood Lane, não é porque o condutor do automóvel andasse atrás de si — a senhora simplesmente cruzou-se no caminho dele. Acho que alguns *poltergeists* andam por aí a flutuar e fixam-se na primeira pessoa adequada que encontram. São uma forma de vida bastante baixa; apenas andam à deriva e sentem-se atraídos por um bom feixe de energia como a Janet, e usam-na para jogar os seus jogos parvos. Não têm intenção de fazer mal, não sabem o que estão a fazer.»

Esta foi a mentira mais descarada que alguma vez contei na minha vida, mas contei-a com as melhores intenções. Como se

teria sentido a Sra. Harper se eu lhe tivesse dito: «Os *poltergeists* são espíritos malignos ao serviço do diabo. Estão empenhados em arruiná-la por algo que lhes fez numa vida anterior, e gostam de o fazer lentamente. Temo que a Janet esteja possuída e, a menos que a submetamos a um exorcismo rapidamente, estarão todos arruinados.»?

Eu também não podia ter a certeza de que isto fosse inteiramente verdade, embora soubesse de pelo menos um caso, que descrevi detalhadamente noutro local[1], que terminara no suicídio de uma rapariga com cerca da idade da Janet. Quanto à possessão, cujos registos detalhados remontam a séculos, já tínhamos tido indícios claros disso no breve transe da Janet, o qual eu esperava que não se repetisse. Mesmo assim, estava muito relutante em envolver-me com exorcismos.

Enquanto o nosso caso decorria, chegaram notícias da Alemanha sobre o julgamento de dois exorcistas católicos romanos, que foram mais tarde considerados culpados de causar a morte por negligência de Anneliese Michel, uma bonita estudante de 23 anos de Klingenberg, perto de Frankfurt. A vítima deste caso terrível falecera a 1 de julho de 1976, após não menos de sessenta e sete exorcismos realizados pelos padres, que permitiram que ela morresse de fome. (Eles apanharam uma pena de seis meses suspensa).

Os exorcistas afirmavam ter identificado uma lista impressionante de espíritos possuidores que ia de Lúcifer, Caim, Nero e Judas até Adolf Hitler. Estes vociferavam obscenidades rudes aos padres numa voz rouca de homem, saindo da boca de Anneliese. Isto pode soar à invenção de um argumentista de filmes de terror, mas existem muitos casos registados, inclusivamente de raparigas jovens que soam como velhos zangados.

Tendo em conta os acontecimentos posteriores em Enfield, devo deixar absolutamente claro que nem o Grosse nem eu dissemos o que quer que fosse à Sra. Harper sobre o caso Michel, ou mesmo sobre qualquer um dos precedentes mais macabros em

casos semelhantes ao seu. No entanto, senti-me na obrigação de perguntar à Sra. Harper se gostaria de receber a visita de um exorcista, explicando de forma tão objetiva quanto consegui o que estes são e o que se supõe que façam.

«Não creio que essa fosse a solução, não», respondeu ela de forma lenta e ponderada. «Não me parece que fosse capaz de dormir, mesmo que aquilo desaparecesse, sem recear que voltasse. Não, eu quero chegar ao fundo disto por mim mesma.» Admirei a sua determinação em resolver os seus próprios problemas em vez de esperar que outra pessoa aparecesse para lhos resolver e, quando procurei desviar a sua mente dos seus problemas discutindo política (pensava-se na altura que haveria eleições legislativas em breve), interessei-me ao saber que (tal como eu) ela era Liberal.

Ela nunca duvidou de que o seu *poltergeist* era uma entidade real e individual e, embora eu também nunca o fizesse, estava determinado a que a ciência estabelecida, bem como os médiuns espíritas, tivessem uma oportunidade justa de resolver o problema. Se os *poltergeists* não passavam de personalidades secundárias, então um psiquiatra deveria ser capaz de ajudar. Afinal de contas, o seu trabalho era a cura de mentes doentes.

Alguns dias mais tarde, uma colega do SPR, católica romana, uma senhora muito amável e inteligente, ofereceu-se para pedir a um amigo jesuíta que viesse a Enfield. Recusei a sua oferta, mas perguntei se, em vez disso, conhecia um psiquiatra compreensivo. Para meu contentamento, conhecia e deu-me logo o seu número de telefone.

Precisei de quase cinco dias de telefonemas para localizar o Dr. Peter Fenwick, que era um homem muito ocupado. Onde quer que lhes ligasse, ele tinha acabado de sair de um hospital de Londres a caminho de outro. Claramente, era muito requisitado. Consegui finalmente localizá-lo na Irlanda do Norte, onde se encontrava numa visita profissional, e consegui fazer-lhe um rápido resumo do caso.

Pareceu interessado e de mente aberta. «Gostaria de ter a rapariga na minha ala no Maudsley», disse ele de imediato. «Mas vou precisar de uma carta do médico de família dela a encaminhá-la para mim.» Agradeci-lhe calorosamente e prometi avisá-lo assim que tivesse tratado disso. Estava seguro de que não seria problema, dado que, pelo que consegui apurar, o médico de família da Janet não estava particularmente interessado no problema dela e claramente não fazia ideia do que fazer a esse respeito.

A perspetiva de ter a Janet examinada no Hospital Maudsley, no sul de Londres, um dos melhores do seu género no mundo, era boa de mais para ser verdade, e pela primeira vez senti que estávamos realmente a avançar. Mas nada podia fazer de momento, uma vez que não nos era possível visitar o centro de acolhimento do município onde a Janet se encontrava. Pareceu melhor deixar que ela mudasse de ambiente enquanto a mãe descansava bem. Depois, ela poderia pedir a carta ao médico de família. A Sra. Harper também pensava assim, embora me tenha levado algum tempo a convencê-la de que nem todos os psiquiatras eram como o médico local que tinha mandado o Pete embora e se recusara a ter o que quer que fosse a ver com a Janet. Ela concordou também que eu trouxesse outro médium para a ver.

Tratava-se de Elizabeth Fuller, esposa do autor americano John G. Fuller, que eu conhecera no Brasil quando ele estava no Rio a fazer investigação para o seu livro sobre o médium curador Arigó. O John estava em Inglaterra a trabalhar num novo livro e ele e a Elizabeth disseram que teriam todo o gosto em ir a Enfield.

Encontrei-me com eles no seu hotel e comecei a fazer-lhes um resumo do caso, sem mencionar quaisquer nomes, exceto Enfield. Tanto quanto me foi possível apurar, os nomes reais dos Harper e a sua morada verdadeira não tinham sido publicados em lado nenhum por esta altura.

O John interrompeu-me. «É melhor não lhe dizer absolutamente nada», disse ele. «Ela funciona melhor assim. Tens contigo algum objeto que tenha estado na casa?»

Entreguei à Elizabeth o meu caderno de notas, que ela segurou sem o abrir. As suas palavras seguintes causaram-me um forte sobressalto.

«Wood Lane», disse ela. «E quem é a Rose?» Fez uma pausa e continuou: «Consigo ver uma casa, é construída em tijolo, com molduras brancas e uma porta verde.» Esta era uma descrição correta da casa dos Harper tal como era na altura.

Depois, pareceu perder o fio à meada, como os médiuns frequentemente fazem, e produziu uma série de nomes e objetos que não consegui identificar. O John tomou nota de todas as suas declarações e eu não disse nada até passarmos pelo sinal de trânsito perto da casa dos Harper que dizia WOOD LANE. O contentamento da Elizabeth foi espontâneo e alimentei grandes esperanças de novas revelações de clarividência quando entrássemos na casa.

Lá dentro, porém, ela teve uma ausência total de perceções e disse-o imediatamente. «Não está aqui absolutamente nada», disse com firmeza. «Nem uma coisa.» Descemos a rua e tivemos uma conversa agradável com a Sra. Harper, que continuava a descansar na cama em casa dos Burcombe, mas a Elizabeth insistiu que não havia nenhuma das entidades que ela frequentemente conseguia sentir em lado nenhum por perto.

Poderia não estar lá nada naquele dia, 23 de novembro de 1977, quando as crianças ainda se encontravam no centro de acolhimento do município a vários quilómetros de distância, mas três dias mais tarde certamente que sim (por esta altura, infelizmente, os Fuller já tinham deixado Londres).

Às duas da manhã de 26 de novembro, doze horas antes de as crianças Harper e a sua mãe regressarem a casa, tanto o Vic como a Peggy Nottingham foram acordados por uma violenta explosão de pancadas vindas da parede que dividia a casa deles da dos Harper, a qual estava completamente vazia.

Mais tarde, nessa manhã, um vizinho dos Burcombe foi saudado no trabalho por um colega com um: «Bu! Como vai o teu fantasma?» O colega tinha visto a reportagem exibida no

programa *Nationwide* da BBC, no qual Burcombe tinha aparecido, e tinha reconhecido a casa. O vizinho ficou perplexo, pois não tinha visto a reportagem e não sabia absolutamente nada sobre o *poltergeist*. No entanto, mencionou que na outra noite a sua filha se andara a queixar de que alguém estava a bater na parede do quarto dela!

As crianças chegaram do centro de acolhimento na tarde de sábado, 26 de novembro, dirigindo-se diretamente para os Burcombe. Mal se reuniram com a mãe, a atividade recomeçou, tal como acontecera no seu regresso de férias três semanas antes.

Ouviram-se pancadas vindas da cozinha e a Brenda Burcombe foi à casa de banho encontrar pasta de dentes espalhada por todas as escovas da família. Logo a seguir, ocorreu um incidente descrito mais tarde nesse dia por John Burcombe da seguinte forma:

«A Janet está sentada no chão, a comer um prato de doce de fruta. Pousa o prato na mesa de centro — e aquilo é uma mesa Schreiber, nada de mobília barata — e pega em qualquer coisa e, zás! O prato vai parar ao chão.» Logo a seguir, o próprio Burcombe foi projetado da sua cadeira para o tapete. Grosse, que tinha acabado de chegar, viu isto acontecer.

«Fui mais puxado do que empurrado», disse Burcombe, «por uma espécie de ar comprimido, como uma tala de braço, se me faço entender. Fui projetado para a frente, rodado no sentido inverso ao dos ponteiros do relógio e estatelado com bastante força no chão, de frente para a cadeira onde estivera sentado.» O seu filho Paul, que por acaso segurava uma das câmaras de Graham Morris na altura, tirou imediatamente uma fotografia ao seu espantado pai.

Notas

[1] Ver *The Indefinite Boundary*, capítulo 12, «The Psi Underworld».

Quando cheguei, decorria uma discussão animada sobre quem deveria dormir onde nessa noite. Instante a Sra. Harper a manter as raparigas separadas, visto que era evidente que a Coisa

ainda andava por ali. Ela concordou com óbvia relutância e partiu para casa com a Janet, enquanto a Rose e o Jimmy ficaram nos Burcombe. O Grosse e eu separámo-nos, cada um com um gravador. Estávamos ansiosos por ver se a separação das raparigas faria alguma diferença.

Fez, mas não de todo como eu esperava. Fiquei com a Rose e o Jimmy enquanto eles se acomodavam no quarto do andar de cima dos Burcombe, virado para a rua. O Jimmy adormeceu num instante e eu conversei com a Rose durante um bocado. Contou-me que tinham sido bem tratadas no centro, que era gerido por freiras, e que uma ou duas coisas tinham acontecido por lá.

«O roupeiro abanou e o armário caiu», disse ela, «e a Janet e eu ficámos com as mantas da cama puxadas.» Um par de dias antes, o Grosse tinha telefonado para o centro a perguntar se as raparigas estavam bem, tendo-lhe sido dito em tom severo: «Claro que sim. Porque não haveriam de estar?»

Desci as escadas por um momento e, mal passei a porta, a boneca de trapos da Rose disparou pelo quarto fora. «Deu um salto e foi-se», disse ela. Recuperei-a, pousei-a na cama dela e voltei a descer. Quando regressei, estava de novo no outro lado do quarto; como a Rose não disse nada sobre o assunto, eu também não. Ela parecia não ter dado conta de que a boneca saíra do sítio.

Nesse instante, enquanto eu estava de pé em frente à cama dela a perguntar-me se estaria a dormir, ouviu-se um estranho ruído de vibração vindo da cómoda atrás de mim. «Oh», disse a Rose, abrindo os olhos, «isso é como o que tínhamos no centro!» Ela não lhe tinha tocado, disso eu tinha a certeza.

«Ah, é uma peça de mobília instável», disse eu. «Olha, abana quando eu bato com o pé no chão.» Bati com o pé, mas a cómoda não abanou nem oscilou; contudo, escassos minutos depois, fez exatamente o mesmo ruído estranho.

Não tive tempo para decifrar aquele enigma, pois a Sra. Harper apareceu subitamente à porta. Parecia desesperada.

«A Janet está a ter outro daqueles... ataques», disse ela, em voz baixa. «Tinha o pressentimento de que isto ia acontecer. Achei melhor avisar-te.»

Conseguíamos ouvir os gritos a seis casas de distância, embora as janelas de ambas as habitações estivessem fechadas. Ela deve ter acordado a rua inteira. Apressei-me a voltar ao número 84 com a Sra. Harper, onde encontrámos a Janet, o Maurice Grosse e o Graham Morris com o aspeto de quem tinha acabado de sair de um combate de luta livre.

E tinham mesmo, tendo a Janet desferido no Maurice um par de golpes que a teriam desqualificado em qualquer competição. Ele segurava-lhe os braços, enquanto o Graham lhe enlaçava as pernas com os seus próprios braços. O Graham tinha aparecido com o seu carro carregado de equipamento para tentar fotografar a Janet no momento em que fosse projetada da cama, e fora cair no meio de uma cena tão violenta como o comício político extremista que cobrira dias antes para o *Daily Mirror*.

A Janet gritava como eu nunca ouvira ninguém gritar, mesmo num filme de terror. Contorcia-se na cama, com o rosto transfigurado numa máscara de fealdade diabólica, enquanto, entre os gritos e as tentativas de morder os braços do Maurice, choramingava como uma menina com metade da sua idade.

«Mamã, mamã, mamã!», clamava ela vezes sem conta, muito embora a sua perturbada mãe estivesse mesmo ao seu lado. Nunca vira a Sra. Harper tão transtornada. Ela acabara de recuperar de esgotamento e eu temia mais por ela do que pela Janet.

«Isto despedaça o coração de uma mãe por dentro», disse ela suavemente.

Decidimos que teríamos de chamar um médico e a Peggy Nottingham foi à porta ao lado telefonar para o serviço de urgência. Quando o médico chegou, meia hora mais tarde, estávamos todos exaustos. Certa vez eu tinha ajudado a controlar um homem que sofria uma crise de grande mal epilético que durara vinte e cinco minutos, e segurar a Janet revelou-se igualmente esgotante.

O médico olhou para a Janet sem interesse aparente e deu-lhe uma injeção de dez miligramas de Valium. Todos vimos a agulha entrar, após o que o médico escreveu um relatório com as suas conclusões, que eram:

Queixa e Historial: Agressiva, não comunicante.

Achados Clínicos Relevantes: Tendência violenta.

Diagnóstico: ? Esquizofrenia.

A hora que registou no relatório foi 23h10. O médico retirou-se de seguida, sem fazer mais nenhuma sugestão.

Todos assumimos que uma dose de Valium poria a dormir uma rapariga de doze anos e pareceu resultar, pelo que descemos todos.

Às 23h55 ouviu-se um estrondo, já demasiado familiar, vindo do andar de cima e, para espanto de toda a gente, lá estava a Janet na posição exata que a Sra. Harper me descrevera antes — em cima do aparelho de rádio, no canto, ajoelhada e com a cabeça descaída para a frente. Parecia um filhote de coelho.

O Graham Morris tirou-lhe uma fotografia tal como foi encontrada, mesmo antes de o Grosse e o Burcombe a retirarem dali, com alguma dificuldade, e a deitarem de novo. Ela choramingava baixinho, mas parecia estar profundamente adormecida.

Na noite seguinte tudo se repetiu, com algumas variantes pois, embora o seu ataque tenha durado duas horas e quarenta minutos, ela mostrou-se menos violenta e mais fácil de controlar. Gritava menos e chorava mais, chamando insistentemente pela sua «Mamã», embora a Sra. Harper me garantisse que a Janet sempre lhe chamara «Mãe» e nunca «Mamã».

Depois, saiu da cama e começou a deambular com os braços estendidos e os olhos firmemente fechados. Forcei a abertura de um deles e apontei-lhe uma lanterna, mas ela não reagiu. (Não consegui mantê-la quieta o suficiente para verificar se a pupila se contraía.)

«Onde está o Gober?», disse ela subitamente. «Ele vai matar-vos.»

«Oh, meu Deus!», exclamou a Sra. Harper. «Não é esse o nome que aqueles médiuns mencionaram?» Pensámos na altura que ela tinha dito «Gozer», o nome que a Annie Shaw de facto nos dera, mas um estudo posterior da fita sugeriu que o nome era «Gober», possivelmente devido à série televisiva infantil *Gober o Fantasma*.

«Não», disse eu. «Ele não vai matar ninguém. Não estou interessado nele, estou interessado em ti e na Janet, e quero saber quem és, o que estás a fazer no corpo da Janet e o que queres. Nós ajudamos-te, temos amigos que podem encontrar a tua Mamã...» Mantive este discurso durante uma boa hora após termos conduzido a Janet de volta à cama, mas não obtive resposta, apenas soluços intermináveis e lamentos por «Mamã, mamã...».

Nesse momento, a Rose queixou-se de que algo lhe estava a espetar alfinetes. Isto lembrou-me, de forma alarmante, o caso brasileiro mencionado anteriormente neste capítulo, no qual a pobre rapariga que mais tarde tirara a própria vida fora repetidamente encontrada com agulhas reais espetadas no pé. Apesar das minhas garantias, eu não estava nada seguro daquilo de que o Gozer ou Gober, quem quer que fosse, seria capaz.

A Janet acalmou uma ou duas vezes o tempo suficiente para sugerir que estava a dormir, mas de cada vez que o Graham Morris e eu saíamos do quarto, ouvia-se um baque no chão antes de chegarmos ao fundo das escadas e, mais uma vez, encontrávamos a Janet estendida no soalho. Ela deve ter sido atirada da cama pelo menos cinquenta vezes no total durante o caso, frequentemente acompanhada pela Rose. Contudo, nenhuma delas se magoou alguma vez.

O Graham tinha pedido emprestado um grande computador com o qual conseguia acionar o seu flash com rapidez suficiente para tirar sequências de fotos na sua Nikon motorizada. Segurando o interruptor de controlo remoto, premia-o de cada vez que saía do quarto e, após gastar dezenas de rolos de película em várias noites diferentes, conseguiu finalmente pelo menos três

sequências de filme que são muito difíceis de explicar por vias normais.

Uma sequência de fotos, tiradas a intervalos de cerca de um quinto de segundo, mostra duas almofadas a moverem-se pelo quarto em direções diferentes, enquanto três das quatro mãos das raparigas estão debaixo dos lençóis; a quarta, a da Rose, aponta diretamente para o ar enquanto nos chama do lado de fora da porta.

A segunda mostra os lençóis da Janet a moverem-se ao longo da cama, afastando-se dela, enquanto esta permanece imóvel; e a terceira parece perfeitamente normal à primeira vista, até se notar que a Janet aparenta estar a cair da cama da Rose e vice-versa, como se ambas as raparigas tivessem sido giradas numa espécie de redemoinho de ar.

As imagens do Graham não chegam a constituir prova de nada, pois poder-se-ia dizer que tinham sido forjadas, embora soubéssemos muito bem que não o foram. (Certa vez sugeri que nós próprios arremessássemos almofadas por trás da câmara, só para ver como ele reagia, mas ele insistiu que queria a realidade.) Creio que ele registou em película móvel, pela primeira vez na história, a atividade de um *poltergeist* tal como ela aconteceu de facto.

Quando a atividade não mostrou sinais de abrandar por volta da meia-noite, a Sra. Harper pediu ao John Burcombe que fosse chamar um médico. Este, embora ainda mais taciturno do que o colega da noite anterior, examinou a Janet de forma muito mais minuciosa, descobrindo que a sua temperatura, tensão arterial e pulsação estavam normais. Estava, contudo, «desorientada no tempo e no espaço», de acordo com o seu relatório escrito, e o seu estado foi diagnosticado como «histeria». O médico deixou alguns comprimidos de Ativan, «para serem tomados conforme necessário».

Na manhã seguinte, a Janet entrou num transe muito violento mal acordou. A Sra. Harper correu para a porta ao lado e a Peggy Nottingham chamou imediatamente uma ambulância, telefonando

de seguida para o Grosse no seu escritório. A Janet foi levada para o hospital local e examinada por um jovem psiquiatra, que se recusou a permitir que o Grosse a visse.

«Sugiro que tente evitar o envolvimento dela em qualquer tipo de situação histérica», disse ele. «Ela é perfeitamente normal. Pode ir para casa.»

«Muito obrigado», disse o Grosse, que não viu utilidade em discutir mais o assunto.

O John Burcombe ficou extremamente irritado com o que considerou uma observação profundamente parva por parte do psiquiatra. «Olha, companheiro», disse ele agastado, «a minha sobrinha pode ser normal, mas o que tem corrido ultimamente não é, decididamente, normal.»

O jovem psiquiatra pareceu muito desconfortável. Disse então ao Burcombe que achava que a Janet deveria ser internada no hospital, escassos minutos após ter dito que ela podia ir para casa. Tanto o Burcombe como o Grosse ficaram com a impressão de que ele não fazia ideia do que a Janet tinha, revelando muito pouco interesse, e o Burcombe decidiu que preferia levar a Janet para casa e tentar depois o seu internamento no hospital onde ele próprio trabalhava. Ali, pelo menos, poderia ficar de olho nela.

Assim, após ter recebido três diagnósticos diferentes em três dias, a Janet regressou a casa e, mal passou a porta, entrou em mais um transe violento. Uma forte dose de Ativan acalmou-a e, quando o Grosse chegou nessa noite, ela dormia um sono sobressaltado no sofá.

Ele levou-a ao colo escadas acima para a cama, momento em que ela recomeçou a gemer e a chamar «Mamã, mamã...». Havia algo de estranho na forma como pronunciava a palavra, acentuando a segunda sílaba de modo a rimar com *pai*. A Sra. Harper referiu que a Janet nunca se lhe tinha dirigido daquela forma em idade alguma.

A Janet acalmou por volta das 23h, pelo que o Grosse desceu as escadas. Um quarto de hora mais tarde ouviu-se o estrondo,

aparentemente inevitável, no chão, e ele apressou-se a subir para ver o que tinha acontecido desta vez.

A Rose e o Jimmy pareciam dormir profundamente. A Sra. Harper continuava no andar de baixo. E a Janet tinha desaparecido por completo.

O Grosse perguntou-se se estaria a ver coisas, ou melhor, a não as ver. Então, no momento em que lhe ocorreu o pensamento de que ela se teria desmaterializado, ouviu um som ténue vindo de debaixo da cama de casal. Baixou-se para olhar lá para baixo, apontando a lanterna.

Ali estava ela. A Janet encontrava-se fortemente entalada entre o estrado metálico e o chão, deitada de bruços. O Grosse teve bastante trabalho para a tirar dali, pois ela estava totalmente flácida, como se estivesse inconsciente. Quando a deitou novamente na cama, forçou a abertura de um dos seus olhos e apontou-lhe a lanterna. O olho de uma pessoa consciente contrai normalmente a pupila para evitar uma luz forte, mas o da Janet não mostrou qualquer reação.

Antes de ele estar a meio das escadas, ela já estava cá fora outra vez, e o mesmo aconteceu cinco minutos depois. Passada a meia-noite, quando o Grosse pensava que o *poltergeist* tinha realmente terminado o seu dia, tanto a Janet como o seu colchão foram projetados para o chão e, vinte minutos depois disso, ela foi encontrada no canto junto à porta, tendo sido aparentemente arremessada a uma distância de quatro metros.

Eu começava a ficar preocupado. Tínhamos tentado médiuns, tínhamos chamado médicos, tínhamos tido a Janet no hospital, mas o problema persistia e estava, decididamente, a agravar-se. A Janet faltava muito à escola e a Sra. Harper devia estar próxima do fim das suas grandes reservas de resistência.

Foi nesta fase crucial que a ajuda chegou de uma direção inesperada.

Na manhã seguinte, encontrei um casal de velhos amigos do Brasil, de passagem a caminho da Alemanha. O Luiz Gasparetto fora convidado para demonstrar a sua notável capacidade de

produzir desenhos e pinturas em estado de transe, enquanto a Elsie Dubugras, membro do departamento de cura da Federação Espírita do Estado de São Paulo, vinha como intérprete e assistente.

No Brasil, eu nunca teria pedido ao Luiz ou à Elsie que dessem uma ajuda num caso de *poltergeist*, pois essa não era a sua especialidade, mas mal os encontrei fui direto ao assunto, fazendo-lhes um relato detalhado do caso e salientando o facto de as coisas estarem a ficar mesmo fora de controlo naquele momento.

«Bem», disse o Luiz. «Qual é o problema? Tudo o que precisas é de a levar ao centro espírita mais próximo e deixar que eles resolvam isso.»

«O problema», respondi, «é que isto é Londres e não São Paulo. Não temos centros como o que a tua família apoia. Em vez disso, temos o Serviço Nacional de Saúde, que não quer saber nada de *poltergeists*.»

«Ele tem razão», disse a Elsie. «É melhor irmos lá já para ver o que podemos fazer.» Assim, no próprio dia em que chegaram, os dois brasileiros partiram para Enfield, embora eu soubesse que tinham muitas outras coisas planeadas para fazer em Londres.

Chegámos às 16h55 do dia 29 de novembro de 1977. Não tivera tempo de contactar a Sra. Harper para verificar, como sempre fazia, se ela não se importava que eu trouxesse novas visitas. Fiz apresentações apressadas e instei-a a deixar os meus amigos fazerem o que considerassem necessário. Ela concordou. Parecia mais próxima do que nunca da exaustão total.

A Janet estava deitada no sofá a abraçar uma das suas almofadas cor-de-laranja. Fortemente sedada, passara o tempo a entrar e a sair de transes e de um sono agitado desde que regressara do hospital na manhã anterior, com um diagnóstico de «perfeitamente normal» passado pelo psiquiatra. Não mostrou sinais de me reconhecer.

O Luiz e a Elsie deitaram-se ao trabalho sem sequer tirarem os casacos. O Luiz começou a fazer passes em redor do corpo da

Janet enquanto esta jazia no sofá, ao passo que a Elsie sentou a Sra. Harper numa cadeira e fez o mesmo por ela. A Janet fez tentativas débeis de bater no Luiz, mas parecia não ter forças, e ele pegou-lhe na mão e limitou-se a sentar-se ao seu lado em silêncio absoluto durante cerca de um quarto de hora. Pela primeira vez em vários dias, a Janet parecia perfeitamente calma.

Os dois brasileiros disseram então que gostariam de ir ao andar de cima para uma sessão privada com os seus guias espirituais. Segui-os e observei enquanto o Luiz respirava fundo algumas vezes, limpava a garganta e começava a entrar em transe, como eu o vira fazer muitas vezes antes das suas sessões de pintura.

Nesse preciso momento ouvimos um alvoroço vindo de baixo e corri a descer as escadas para encontrar a Janet a ter uma espécie de ataque em câmara lenta no chão, contorcendo-se e desferindo pontapés em tudo o que estivesse ao seu alcance. Deslizou para debaixo da enorme mesa de jantar em carvalho e tentou virá-la; mesmo quando saltei para cima da mesa e me deitei nela a todo o comprimento, ela conseguiu empurrá-la para longe da parede. Depois, rastejou pelo chão e partiu com um pontapé um dos painéis do aparador que ficava sob o aparelho de televisão. (A televisão, já agora, foi quase o único objeto na casa que nunca sofreu qualquer perturbação ao longo de todo o caso).

O Luiz desceu as escadas e começou a falar com a Janet em português, metendo algumas palavras em inglês de vez em quando. Sentou-se no chão e segurou-a firmemente.

«Você quer sua mãe? Como ela se chama?», perguntou várias vezes, mas a Janet limitou-se a continuar a lamentar-se «Mamã, ma-mã» com a estranha entoação da noite anterior.

A Elsie entrou. «Ela está a falar português», disse. «Ouve, está a dizer ‘mamãe’, tal como uma criança brasileira!» O som era, de facto, muito semelhante à forma diminutiva brasileira de mãe, com a sua forte acentuação nasal na segunda sílaba. Mas o Luiz não obteve qualquer contacto aparente em português, pelo que mudou para o inglês.

«Aguenta!», ordenou ele com severidade. «Aguenta, aguenta. Sê forte!» Explicou mais tarde que estava a tentar convencer a Janet a ser forte e a repelir a entidade invasora. O som de choro continuava a sair da boca da Janet. Então o Luiz gritou-lhe com muita força:

«Muito bem, já chega! Tu compreendes-me perfeitamente. Estou a ordenar-te que SAIAS. Sai e deixa-a. AGORA!»

E, passados alguns minutos, a Janet foi subitamente a Janet de novo. Abriu os olhos, viu-me e esboçou um sorrisinho débil de reconhecimento, embora parecesse incapaz de falar. Pensei que aquilo fora o mais perto que alguma vez estivera de ver um milagre. O Luiz e a Elsie tinham aparecido caídos do céu após quatro dias de caos constante, quase nada tinham dito e a Janet, de repente, parecia perfeitamente normal. Uma coisa é falar levianamente sobre os mistérios da cura espiritual, mas outra bem diferente é vê-la funcionar diante dos nossos olhos e, por feliz acaso, diante do meu gravador.

Enquanto tudo isto acontecia, a Elsie tinha-me pedido o caderno de notas e escreveu o seguinte, em inglês:

Vejo esta criança, a Janet, na Idade Média — uma mulher cruel e libertina que causava sofrimento a famílias de pequenos lavradores — alguns destes parecem ter regressado agora para se vingarem dela e da família.

Seria verdade? Como poderia eu sabê-lo? Apenas podia ter a certeza de que a Elsie não inventaria aquilo em meu benefício, e de que um casal de espíritas brasileiros de visita fizera em escassos minutos o que mais ninguém conseguira alcançar em vários dias pois, quando se foram embora, a Janet dormia pacificamente pela primeira vez nessa semana. Acordou na manhã seguinte após exatamente treze horas de sono ininterrupto.

Caminhei até à estação com o Luiz e a Elsie e agradeci-lhes calorosamente o que tinham feito — fosse o que fosse.

«Não nos agradeças, Guy», disse a Elsie. «É para isto que cá estamos.»

«É um caso difícil», disse o Luiz. «Pode levar meses até parar por completo. A Janet é uma médium inconsciente e deveria receber formação imediatamente. Médiuns como ela são muito raros.» Ela teve apenas mais um ataque de transe violento após a visita dos brasileiros, e durou apenas escassos minutos. Fiquei essa noite com os Harper e todos tivemos uma noite de sono sossegada. A Janet continuava cansada de manhã e não estava em condições de ir à escola. Levei-a ao colo para o andar de baixo; ela deixou-se cair no sofá e recomeçou logo a dar cabeçadas. Mas depois de eu me ter ido embora, às 9h, ela fez algo que pareceu bastante estranho face ao facto de, na noite anterior, ter recebido a visita de um médium cuja especialidade (sobre a qual nada disse a nenhum dos Harper) era a produção de desenhos e pinturas ao estilo de mestres como Renoir, Manet e Lautrec, assinados com os nomes destes.

Nessa manhã, também a Janet começou a desenhar quando ainda não estava totalmente consciente, de acordo com a mãe. Estava bastante calma, contou-me a Sra. Harper, mas não totalmente «entre nós». Limitou-se a pegar num bloco de papel e em algumas canetas de feltro e fez nove desenhos a grande velocidade, dando a impressão de não estar consciente do que fazia.

Os desenhos não eram nada agradáveis. O primeiro era de uma mulher com sangue a jorrar-lhe da garganta e o nome WATSON escrito em letras grandes no fundo da página. O sangue fora riscado no papel com tinta vermelha. Os outros eram todos sobre o tema de sangue, facas e morte, consistindo um deles apenas na palavra SANGUE escrita várias vezes ao longo da página. Os desenhos não tinham nada em comum com os de Luiz Gasparetto (de quem Bridget Winter realizou um filme em ação, exibido duas vezes no programa *Nationwide* da BBC TV em 1978), exceto o facto de terem sido feitos numa espécie de transe e executados muito rapidamente, e de a Janet, tal como o Luiz, não fazer ideia posterior do que tinha desenhado.

A Sra. Harper teve a presença de espírito de retirar cada desenho à medida que a Janet os fazia, entregando-os todos ao Grosse mais tarde nesse dia. A Janet nunca os viu nem soube nada sobre eles.

Perguntei se a Sra. Harper conhecia alguém chamado Watson.

«Ah, sim», disse ela. «Era o casal que vivia nesta casa antes de nos mudarmos.» Isso tinha sido há doze anos, mesmo antes de a Janet nascer.

«Por acaso não morreram nesta casa, pois não?», perguntei.

«Ele sim. Não sei de que morreu, mas faleceu nesta casa. A Sra. Watson morreu logo após nos mudarmos para cá, num apartamento mais acima na rua.»

Perguntei à Sra. Harper se sabia o que tinha causado a morte da Sra. Watson.

«Sim», respondeu ela. «Tinha um tumor, na garganta.»

NOVE

DEZ COISAS TRAQUINAS

Em dezembro de 1977, o caso de Enfield atingiu o seu clímax. Os primeiros três meses, em retrospetiva, podem ser vistos como o período de aquecimento, pois foi em meados de dezembro que o *poltergeist* nos mostrou o que realmente conseguia fazer. Também nos mostrou que pelo menos uma teoria estava correta: a de que existe uma ligação entre os fenómenos físicos — os berlindes e chinelos a voar e as cadeiras e mesas a virarem-se — e o estado físico do epicentro à medida que atinge a maturidade.

Como que para compensar o regresso da Janet a um estado relativamente normal após o seu período de histeria, esquizofrenia, possessão, ou o que quer que fosse, alguns dos incidentes tornaram-se ainda mais violentos. Certo dia, o pesado frigorífico deu um solavanco para fora da parede, disparando a porta que foi bater na borda do fogão a gás com tanta força que

ficou amolgada. Noutra ocasião, a enorme cama de casal virou-se de lado, com estrado e tudo.

Ao mesmo tempo, a atividade menos violenta, mas igualmente inexplicável, continuava muito como antes, com algumas variantes. O autoclismo da casa de banho descarregava sozinho, moedas caíam do teto como se tivessem materializado no ar (uma fez isto enquanto o Grosse estava no quarto) e finalmente, talvez para mostrar que se mantinha a par das tendências nos fenómenos paranormais, o *poltergeist* começou a dobrar colheres.

As raparigas continuavam a ser projetadas da cama, por vezes dez vezes numa noite, e queixavam-se de que as suas camas eram sacudidas, os lençóis e cobertores arrancados e as almofadas retiradas de debaixo das suas cabeças. Também alegavam que eram beliscadas, esbofetadas ou picadas com agulhas; agora que tínhamos as fotografias do Graham Morris como prova factual inequívoca, estávamos mais inclinados a acreditar em tais relatos.

Certa vez, enquanto eu estava no quarto a tentar convencer a Rose a resistir a ser atirada da cama de cada vez que eu saía do quarto, ela soltou um grito e disse que tinha levado uma forte bofetada no olho. De facto, parecia sofrer de algumas dores e estava em lágrimas.

E a Sra. Harper fez-me uma descrição vívida do que sentia que lhe estava a ser feito enquanto eu me encontrava bem em frente dela.

«Parece mesmo que há uma mão enorme a fazer assim», ela moveu a mão ao longo da perna por cima do cobertor, «e pomos a mão lá e não está nada», dizia ela. Depois, encolheu-se. «Beliscaste-me! Atreves-te a beliscar-me! Olha que tu és mesmo o limite. Agora vai-te embora! Ganhou uma simpatia pela minha saia», explicou ela. (Ela dormia totalmente vestida por esta altura). «Não me está a magoar, na verdade», continuou, «apenas a tentar atormentar-me, para me tirar da cama. Por outras palavras, está a tentar assustar-me, mas não vai conseguir mais.»

Enquanto ela me fazia esta descrição, eu estava de pé aos pés da cama de casal, mesmo por baixo da luz do teto que, por essa

altura, passara a ser deixada acessa toda a noite. Pousei o meu caderno na cama, bem longe do pé dela e a uma boa jarda de distância dos da Rose, que estava na outra metade da cama, e preparava-me para me inclinar para a frente e ver se conseguia sentir algum movimento na cama quando o meu caderno saltou do sítio onde o tinha colocado cuidadosamente, silvou pelo ar e aterrou no chão a cerca de um metro de distância. Tinha-se movido em direção à cabeceira da cama.

Isto aconteceu literalmente debaixo do meu nariz, sob uma luz forte, e qualquer dúvida residual que eu pudesse ainda ter sobre a autenticidade de tais incidentes ficou finalmente dissipada. Mesmo que a Sra. Harper, por alguma razão inimaginável, tivesse metido o pé debaixo do caderno e lhe tivesse dado um pontapé, este não se poderia ter movido na direção dela. Nem poderia ter silvado pelo ar com a rapidez com que o fez. Felizmente, o meu gravador estava mesmo junto à cama e captou o som perfeitamente.

Noutra ocasião, enquanto estávamos todos na cozinha, uma pilha inteira de roupa saltou de cima da mesa da cozinha e aterrou a um metro e meio de distância no chão, ainda paulatinamente dobrada. Tinha assim mais dois «encontros imediatos» para juntar à minha lista crescente de incidentes que eram, muito decididamente, genuínos.

Uma manhã, tivemos indícios de que o *poltergeist*, ou pelo menos um deles, tentava ser prestativo. A Sra. Harper queria ver-se livre da grande mesa de jantar, que era de longe demasiado grande para a sala, e perguntava-se como haveria de a levar para o jardim das traseiras. Logo após esse pensamento lhe ter passado pela mente, a mesa, que devia pesar bem mais de quarenta quilos, disparou pela sala fora, inclinou-se a meio e imobilizou-se entalada contra a pequena mesa junto à janela da frente. Depois, a Sra. Harper reparou que a mesa podia ser desmontada muito facilmente.

«Pareceu-me como se me tivesse ouvido e dito "muito bem, nós tratamos disso"», contou-me, bastante divertida. Mesmo

depois de tudo o que tinha passado, esta mulher incrivelmente resiliente conseguia ver o lado cómico das coisas.

Mas nem todos os incidentes eram cómicos. A 2 de dezembro, o Grosse chegou às 20h30 e desceu a rua para ver os Burcombe, deixando o seu gravador a funcionar na sala de estar dos Harper. Assim, conseguiu registar um episódio complexo que assustou a Janet mais do que tudo o que acontecera até à data. Aqui está exatamente o que se passou:

A Rose e a Janet decidiram dar um salto à porta ao lado para ver a Peggy Nottingham.

«Vocês não se vão embora e deixam-me aqui sozinha», disse a Sra. Harper. Ela detestava estar só naquela casa e passava frequentemente o dia inteiro com os Burcombe quando as crianças estavam na escola.

«Oh, vai tu então», disse a Rose à Janet. «Pergunta-lhe se ouviu algum barulho, ou algo do género.»

A Janet saiu de casa. Trinta segundos mais tarde, ouviu-se um grito lancinante e um ruído de baques vindos da escadaria.

«O que se passa?», chamou a Sra. Harper. «A Peggy entrou?»

«Mãe! Mãe!», gritou a Janet. Parecia absolutamente aterrorizada e arquejava em busca de ar como se tivesse acabado de correr um quilómetro.

«O que se passa?», repetiu a Sra. Harper, algo ríspida.

A Janet desatou a chorar, o que não era nada feitio dela. (Nem o Grosse nem eu a vimos chorar uma única vez, exceto durante os seus transes). «Não te posso dizer», soluçou ela.

«O que aconteceu?», perguntou a Rose abruptamente.

«A porta da frente da Peggy», disse a Janet, entre soluços e arquejos, «abriu-se, sozinha, e... oh!», chorou incontrolavelmente.

«O quê, esta porta?», disse a Sra. Harper.

«Não!», gritou a Janet. «A da Peggy! Olhei para trás e não estava lá ninguém, e ela simplesmente fechou-se!»

«Vai chamar o Sr. Grosse», disse a mãe.

«Não vou sozinha», disse a Rose.

«Jimmy, vai tu com ela.» A Rose saiu com o seu irmão mais novo.

«Pregou-me um susto de morte», queixou-se a Janet, começando já a acalmar.

«A Peggy está em casa?», perguntou a Sra. Harper.

«Não está ninguém. Olhei para a sala da frente e não está lá ninguém!»

«Foi por isso que entraste a gritar?»

«Sim! Quando entrei, alguém me elevou escadas acima e vim a rebolar por ali abaixo. Quase caí morta quando aquilo aconteceu.» Recomeçou a chorar, mas na altura em que o Grosse chegou já foi capaz de lhe fazer um relato mais coerente da sua experiência.

«Bati à porta, com força», contou-lhe ela, «e a porta abriu-se, e olhei para dentro e disse "está aí alguém?", e olhei por trás da porta e a porta simplesmente fechou-se contra mim, e vim para aqui e, quando entrei, fui elevada até meio das escadas e vim cá parar abaixo novamente.»

Este não foi o único incidente a ter lugar perto da porta da frente. Quatro dias mais tarde, a Brenda Burcombe bateu à porta da frente dos Harper por volta das 21h30. Não obteve resposta, mas sabia que o seu pai estava na casa, pelo que bateu de novo. A cortina da janela da sala de estar foi puxada para trás e ela viu o rosto do Grosse a olhar para ela. Depois, através do painel de vidro da porta, viu claramente o Grosse caminhar escadas acima, virar-se, olhar para a porta, depois virar-se novamente e continuar a subir a escadaria. Totalmente perplexa sobre a razão pela qual ele se recusava a deixá-la entrar, bateu uma terceira vez, com força.

A Sra. Harper desceu do quarto e abriu-lhe a porta.

«O que se passa com ele?», perguntou a Brenda de imediato.

«Com quem?»

«Com o Sr. Grosse. Porque é que não abriu a porta?»

Era a vez de a Sra. Harper ficar perplexa. «O Sr. Grosse? Ele está lá em cima no quarto connosco!» A Brenda parecia prestes a

desmaiar. Era uma rapariga forte e senhora de si que vira uma grande quantidade de atividade ao longo do caso, mas este episódio perturbou-a verdadeiramente.

«Bem, parece que tenho um duplo», disse o Grosse quando ela lhe repetiu a história. Ele riu-se, quebrando a tensão, e a Brenda recompôs-se depressa, embora estivesse certa de que não só vira um fantasma, mas o fantasma de uma pessoa viva.

O terceiro grande episódio da primeira semana de dezembro foi de longe o mais complexo até à data e não só foi gravado na íntegra em fita e descrito detalhadamente pela Sra. Harper à medida que acontecia, como foi imediatamente repetido.

Eram 1h20 do dia 3 de dezembro. O Grosse encontrava-se na sala de estar, na esperança de poder ir embora em breve após uma noite de atividade muito intensa, quando ouviu um grande alvoroço vindo do andar de cima.

«Janet!», exclamou a Sra. Harper. (O gravador do Grosse continuava a funcionar no quarto). «Onde é que ela está?» A Janet não se via em lado nenhum.

O Grosse e o John Burcombe encontraram-na deitada de cabeça para baixo na escadaria, deslizando lentamente por ela abaixo, aparentemente ainda meio ensonada.

«Como raio foste ali parar?», perguntou o Grosse. Mas, ao início, ela não lhe conseguia dizer.

«A porta abriu-se», disse a Sra. Harper quando o Grosse e o Burcombe entraram, carregando a Janet entre os dois. «Assim que ela lá chegou, abriu-se.»

«A porta abriu-se e deixou-a sair?», o Grosse mal podia acreditar.

«Sim», insistiu a Sra. Harper.

O Grosse extraiu com gentileza a versão da própria Janet. Ela parecia extremamente assustada.

«Estava na cama, a dormir», arquejou ela. «De repente senti algo puxar-me — pelos braços — para fora da cama — e tropecei — e fui — ali — e depois elevou-me e a porta abriu-se e fui a voar escadas abaixo.»

«Eu vi a porta abrir-se», insistiu a Sra. Harper mais uma vez.

«Isso é inacreditável!», exclamou o Grosse. «Portanto, ela contornou as duas camas, passou a porta, dobrou duas esquinas... Sentes-te bem, Janet?»

«Tenho uma dor de estômago», disse a Janet.

O Grosse riu-se. «Não fico surpreendido!»

«O que vai fazer a seguir?», perguntou a Sra. Harper. Não teve de esperar muito para descobrir pois, três minutos mais tarde, fez quase exatamente a mesma coisa de novo, e desta vez ela estava totalmente acordada e viu claramente todo o episódio.

«Eu vi aquela porta abrir-se», disse ela ao Grosse imediatamente a seguir. «Mas desta vez ela estava de pé e parecia que estava a ser puxada ao longo do chão.» É exatamente o que parece ouvir-se na fita.

Pouco depois do último breve transe da Janet, no dia seguinte à visita dos brasileiros, ela e a Rose começaram a ter uma série do que pareciam ser pesadelos partilhados. Chamavam em voz alta uma pela outra enquanto ambas pareciam adormecidas e, durante um desses episódios, a Rose ficou bastante agitada, saltando violentamente para cima e para baixo na sua cama.

«Vão-se embora, suas dez pequenas coisas!», chamava ela. «A correr por aí a destruir as coisas das pessoas...» Acordei-a, com alguma dificuldade.

«Estás bem?», perguntei.

«Sim», respondeu ela indignada. «Para que é que me acordaste?»

«Desculpa», disse eu, «mas estavas a ter um pesadelo desagradável, não estavas?»

«Sim», disse ela. «Aquelas mesas e cadeiras a saltar de um lado para o outro. A tentar esmagá-las em pedaços...»

Não reparei na altura, mas mesmo quando acordei a Rose, a Janet chamou: «Rose, onde estás? Para onde foste?»

Noutra destas ocasiões, a Rose sentou-se na cama e chamou: «Água, água!», e quando o Grosse foi buscar um copo de água, ela pegou nele e bebeu um pouco, aparentemente profundamente

adormecida. Utilizámos todos os testes de que nos lembrámos para ver se as raparigas estavam realmente a dormir, apontando-lhes uma lanterna aos olhos, fazendo-lhes cócegas nas axilas e nas plantas dos pés, e até forçando a abertura das pálpebras para examinar as pupilas.

O Grosse teve então uma ideia. Quando a Rose se sentou de novo na cama, colocou-lhe um lápis na mão e guiou-o até uma folha de papel. Ela escreveu prontamente os números de 1 a 10, o que parecia ligar-se à sua fixação naquelas «dez coisas traquinas».

O John Burcombe perguntou quem eram os dez e a Rose, ainda aparentemente a dormir, desatou a fazer uma descrição. «O número um é um bebé, o número dois é uma menina pequena, o três é uma rapariga grande, o quatro é uma rapariga muito jovem com cerca de quinze anos, o cinco é uma senhora muito idosa, o seis é um rapaz jovem, o sete está a aproximar-se dos dezoito, o oito é um homem idoso.» Fez uma pausa. «O número nove, não sei o que é, não tem rosto, e o número dez foi-se embora.» Depois exclamou subitamente: «Frank Watson».

Não lhe tínhamos dito nada sobre o desenho da Janet com o nome WATSON gatafunhado nele. «Quem é ele?», perguntou o Burcombe.

«O homem que morreu na cadeira no andar de baixo», respondeu a Rose de imediato. Nós já sabíamos que o Sr. Watson tinha morrido na casa, mas não sabíamos na altura onde, nem de quê. Passaram-se vários meses até que a Sra. Harper soube por um vizinho que o Sr. Watson tinha, de facto, falecido exatamente onde a Rose dissera, na sua cadeira na sala de estar.

Durante um dos pesadelos partilhados pelas raparigas, a Rose continuava a dizer «Quero falar com a Peggy da porta ao lado» vezes sem conta. Num impulso, dirigi-me ao andar de baixo para a cozinha, onde a Sra. Harper estava a arrumar as coisas, e pedi-lhe que tentasse um pouco de escrita pneumática. Mostrei-lhe como fazê-lo e as primeiríssimas palavras que escreveu, na forma característica deste tipo de escrita que tenho a certeza de que ela não conseguiria ter forjado, foram:

«Quero falar com a Peggy da porta ao lado.»

Isto pareceu uma coincidência notável. Ela não conseguia ouvir a Rose a partir da cozinha e senti-me tentado a continuar com a experiência. Mas decidi não o fazer por duas razões: receava que aquilo a perturbasse e tinha uma ideia melhor. Ia hipnotizar a Janet.

Uma vez que ela se tornava tão faladora a dormir, raciocinei, talvez nos fosse possível controlar a sua mente errante e aprender algo de útil com ela sob hipnose. Mas o Grosse estava inquieto. «É muito perigoso, especialmente com uma criança», avisou-me. «E se desenterras algum fantasma ou personalidade secundária ou o que quer que seja, e depois descobres que não te consegues ver livre disso?»

«Eu sei», respondi. «Mas este é um caso perigoso. Já vimos isso. E pode piorar. Temos de fazer alguma coisa. Nós somos os peritos, lembras-te?»

A Janet ficou aterrorizada ao início com a ideia da «hipnotização», como ela lhe chamava, mas depois de eu ter explicado o que pretendia fazer, tanto a ela como à Sra. Harper, ambas concordaram, e o Grosse ficou mais descansado com o facto de o hipnotizador que trouxe a 8 de dezembro ser muito adequado para o trabalho. O Dr. Ian Fletcher não era apenas um membro sénior do SPR, médico e cirurgião qualificado e um hipnotizador experiente, mas era também membro do *Magic Circle* e um observador muito astuto do comportamento humano. Era também extremamente recetivo em relação a casos como este.

O Dr. Fletcher demorou quarenta e cinco minutos a colocar a Janet num estado convenientemente relaxado, embora ainda totalmente consciente, e a iniciar o seu interrogatório. E mal o fez, uma mudança notável operou-se na Janet, que normalmente falava tão depressa que era frequentemente difícil compreendê-la. Mas agora, respondia às perguntas do Dr. Fletcher de forma lenta e clara.

«Agora», começou ele, «o que tem estado a acontecer aqui?»

«Fui atirada para fora da cama», respondeu ela. Isto tinha acontecido pouco antes de o Dr. Fletcher chegar e era o incidente mais recente.

«O que sentiste?»

«Mãos frias, à volta do estômago, braços e pernas — em momentos diferentes.»

«Como foste elevada?»

«De costas.»

A voz tranquila do Dr. Fletcher continuou num tom monótono. Ele teve o cuidado de nunca fazer perguntas indutoras, pois sabia que as pessoas sob hipnose tendem a dizer ao hipnotizador aquilo que pensam que ele quer saber quando a resposta lhes é sugerida. Por exemplo, se o Dr. Fletcher tivesse perguntado à Janet se ela estava possuída pelo espírito de Adolf Hitler, ela poderia muito bem ter dito que sim. Mas, como é óbvio, não fez tais perguntas capciosas. Em vez disso, perguntou à Janet se ela fazia ideia de quem poderia estar a causar todo o problema.

«Sim», respondeu ela de imediato. Inclinei-me para a frente para captar cada palavra, pois ela falava baixinho.

«Quem?»

«Eu e a minha irmã.» A resposta da Janet sobressaltou-me. *Oh, não*, pensei, *aí vem a confissão*. Mas a Janet não fez confissão nenhuma e tornou-se claro que não tinha nada a confessar. Ela parecia, contudo, compreender que o ambiente na família era, de certa forma, parcialmente responsável pela atividade, como o diálogo seguinte indica:

(O Dr. Fletcher perguntou por que razão ela pensava que ela e a irmã eram as culpadas).

«Não sei», disse a Janet.

«Quem começou?», perguntou o hipnotizador.

«Nenhum de nós. Ao início aconteceu no meu quarto quando o Pete estava cá.» Ela continuou, fazendo uma descrição muito precisa dos primeiros acontecimentos, sem acrescentar nada às

provas que tínhamos registado na altura. Senti a certeza de que ela dizia a verdade.

O Dr. Fletcher conduziu taticamente as suas perguntas de volta à causa de todo o problema.

«Um aumento de infelicidade», foi a sua resposta surpreendente. Explicou que tanto ela como a Rose tinham medo do pai, e que tudo piorava sempre após as suas visitas semanais de sábado. Ambas as raparigas faziam o melhor que podiam para estar fora de casa quando ele aparecia com o dinheiro do sustento.

Eu tinha prometido ao Dr. Fletcher não interromper a sua sessão e tinha-lhe entregue previamente uma lista de perguntas por escrito, pelo que pude apurar várias coisas que queria particularmente saber. Descobri, por exemplo, que a Janet parecia não dar muita importância ao Grosse ou a mim. Isto era bom de saber, porque tínhamos ouvido (de segunda mão) da parte do psiquiatra da assistência social local que ele considerava que o problema cessaria se nós simplesmente nos fossemos embora, pois, alegava ele, estávamos a encorajar os fenómenos pelo simples facto de estarmos ali presentes.

Suspeito que este homem, que na verdade fora membro do SPR a dada altura, sabia muito bem que os casos de *poltergeist* terminam geralmente num ou dois meses e que, se ele não fizesse nada, este simplesmente desapareceria. Quando o caso não desapareceu, ele não fez a mínima ideia do que fazer e achou mais seguro eliminar qualquer pessoa que parecesse estar a fazer o trabalho por ele.

Quando o Grosse lhe telefonou cerca de um ano mais tarde e perguntou se tinha algum comentário sobre o caso para registo, o homem cujo cargo lhe confere responsabilidade pela saúde mental das crianças de Enfield disse que não tinha realmente nada a dizer.

Estou seguro de que ele dizia a verdade. Para começar, ele nunca tinha dito nada.

Fiquei contente por ouvir que a Janet nos considerava parte da mobília, em vez de substitutos paternos, e deve dizer-se que

quase nunca ela tentou dar nas vistas por causa da atividade. Frequentemente tínhamos alguma dificuldade em fazê-la falar sobre o assunto e ela acabou por perder o interesse por toda a questão muito antes da mãe ou da irmã.

Interessei-me também por saber, através do interrogatório gentil mas insistente do Dr. Fletcher, que embora ela dissesse acreditar em fantasmas, mostrava pouco interesse por eles. Um amigo da escola tinha-lhe falado sobre algumas coisas estranhas que tinham acontecido em sua casa, o que me pareceu ser atividade de *poltergeist* muito menor, mas a Janet claramente sabia muito pouco sobre o assunto e continuava a falar de «polca dados»[1].

Sim, tinha ouvido falar de Matthew Manning. «Deu na televisão». Eu queria saber isto especialmente, pois tinha descoberto um artigo arrancado de um exemplar antigo de uma revista feminina durante uma das nossas buscas pela casa. Fora escrito pela mãe desta vítima bem conhecida e muito articulada de um *poltergeist*, que escreveu um livro fascinante, *The Link*[2], sobre a sua própria experiência. A Sra. Manning mencionava que uma das primeiras coisas a acontecer no seu caso fora o desaparecimento de um bule de chá. Sendo esta também uma das primeiríssimas peripécias em Enfield, perguntei-me se a Janet teria lido o artigo e começado a imitar o seu conteúdo, de forma deliberada ou não. Mas a Janet não parecia muito interessada no Matthew, que era apenas mais um rosto na televisão — ela tinha visto a sua recente aparição no programa de Russell Harty, mas não fez qualquer comentário sobre isso connosco posteriormente. (A Sra. Harper, por outro lado, ficara muito interessada no programa e disse-me que gostaria imenso de conhecer o Matthew um dia).

Como esta era a primeira vez que a Janet era hipnotizada, o Dr. Fletcher teve o cuidado de não fazer perguntas que a pudessem perturbar. Havia muito mais que eu queria saber, especialmente no que dizia respeito aos seus transes. Se a conseguíssemos fazer regressar a um daqueles estados de

possessão, pensei, talvez fôssemos capazes de falar com o que quer que fosse que se tinha instalado, fosse uma personalidade secundária ou uma entidade invasora, e descobrir o que era na realidade. Mas isso teria de esperar.

O Dr. Fletcher encerrou a sessão com a sugestão de que ela passaria uma boa noite de sono e de que deveria tentar resistir ao *poltergeist*. Ela não queria que tudo parasse?

A Janet repetiu o que me tinha dito frequentemente: «Quero que pare pelo Natal. Quero ter um bom Natal.»

Pouco depois da visita do Dr. Fletcher, a Sra. Harper dirigiu-se ao seu médico de família para lhe pedir que encaminhasse a Janet para o Hospital Maudsley, onde o Dr. Fenwick me dissera que haveria uma cama para ela. Infelizmente, ela confundiu-se e, em vez de dar o nome do Dr. Fenwick, pediu ao médico que contactasse o Dr. Fletcher no Maudsley, onde, como é óbvio, não o conseguiram localizar. E quando foi levantar a carta, descobriu para sua consternação que o seu médico tinha encaminhado a Janet para, de entre todas as pessoas, o psiquiatra da assistência social local! Este era o homem que tinha levado o Pete para longe de casa e ela não queria ter nada a ver com ele. Tentámos resolver as coisas, mas o médico de família recusou-se a cooperar. Este foi um revés de vulto; eu esperava que fosse possível continuar a hipnose no Maudsley, mas parecia possível que a nossa primeira tentativa de dar à Janet tratamento especializado por um psiquiatra compreensivo tivesse falhado.

Dissemos à Sra. Harper que o psiquiatra da assistência social local nos tinha pedido para nos retirarmos do caso, e ela deixou claro que, se nós saíssemos, temia ter um colapso total. Tanto os Nottingham como os Burcombe concordaram.

Por isso ficámos e, no início de dezembro, juntou-se a nós o David Robertson, o estudante de física que o Professor Hasted prometera delegar na equipa, e mudou-se prontamente para casa dos Harper, permanecendo na habitação durante uma semana inteira, dia e noite. A sua paciência foi rapidamente recompensada, pois pôde testemunhar provavelmente alguns dos

fenómenos mais surpreendentes que algum cientista alguma vez viu.

Parecia que o *poltergeist* devia ter conhecimento do trabalho do David com o Professor Hasted no controverso campo da deformação paranormal de metal pois, quase assim que ele se mudou, o metal começou a dobrar por todo o lado.

Eu tinha pedido às crianças para tentarem dobrar colheres, tal como tinham visto o Uri Geller fazer na televisão. Isto foi em parte para as manter entretidas com um jogo novo, e em parte uma tentativa séria de desviar a energia do *poltergeist* de fenómenos mais destrutivos, e revelou-se um fracasso completo.

Na manhã de 7 de dezembro, contudo, após termos terminado o pequeno-almoço, peguei numa colher de chá, coloquei-a no meio da mesa e pedi à Janet para a dobrar sem lhe tocar. A Janet, que estava sentada ao meu lado, virou-se a meio na sua cadeira e pôs uma mão sobre os olhos. Nesse preciso momento, a Sra. Harper, que se encontrava junto ao fogão atrás de mim, perguntou se eu queria mais um pouco de café.

«Obrigado, aceito», respondi, virando a cabeça por um segundo.

Quando olhei novamente para a colher, esta estava arqueada no meio como um gato assustado. A Janet não lhe tinha tocado. «Viu aquilo?», perguntei à Sra. Harper, que estivera a olhar diretamente para nós.

«Vi, sim», disse ela. «E senti aquela dor de cabeça vir e ir exatamente no momento em que ela dobrou.»

Entreguei a colher à Janet e pedi-lhe que a endireitasse de novo. Ela foi para a sala de estar e sentou-se numa poltrona ao lado do seu gira-discos, de costas para o revisteiro de metal. Mantive os olhos nela. Nada aconteceu à colher, que ela segurou o tempo todo numa mão, mas notei que um dos lados do revisteiro em forma de V estava quase plano sobre a prateleira. A Janet estivera a tapar-mo da vista e, independentemente de como ficou dobrado, tenho a certeza de que não foi feito por ela; eram precisas duas mãos e bastante força para o endireitar, e a Janet

não se tinha voltado. Isto foi bastante impressionante na altura, embora se pudesse dizer que alguém o tinha dobrado antes do pequeno-almoço, pelo que não posso alegar que tenha sido um fenómeno adequadamente testemunhado. A colher, contudo, tenho a certeza de que ela nunca lhe tocou.

Mais tarde, a Sra. Harper encontrou outra colher dobrada numa gaveta e contou-me que tinha visto uma terceira dobrar-se sozinha. Notei que as três colheres estavam dobradas exatamente da mesma maneira, de modo que encaixavam perfeitamente umas nas outras.

Existem várias formas de dobrar colheres e chaves por habilidades de prestidigitação e, quando vi o mágico James Randi fazer isso na televisão, não tive dificuldade em perceber como o fazia. Se a Janet usou de prestidigitação naquela manhã, apenas posso dizer que tem uma grande carreira no palco à sua espera. O mesmo se pode dizer de uma rapariga inglesa que conheço há dez anos, que dobrou uma sucessão de objetos de metal diante dos meus olhos na minha própria cozinha, partindo depois uma colher de liga ao meio enquanto a segurava entre o polegar e o dedo indicador de uma mão. (Infelizmente, ela ficou profundamente perturbada com o fenómeno e recusou-se a fazer mais).

Tornou-se mais provável presumir que a dobra de colheres em Enfield era genuína quando outro objeto que não poderia ter sido deformado pela força física normal foi encontrado consideravelmente fora de formato. Eram 10h15 do dia 6 de dezembro de 1977. A Janet estava apoiada na bancada da cozinha e a mãe estava sentada. Ambas encontravam-se fora do alcance do fogão. Subitamente, ambas ouviram um ruído vindo do bule de chá — o mesmo de metal que o Grosse vira baloiçar diante dos seus olhos. A Sra. Harper pegou no bule e descobriu que a sua robusta tampa de metal se tinha arqueado para cima exatamente como as colheres tinham feito, dobrando-se completamente fora de formato, de modo que já não encaixava no bule. Peguei na tampa com ambas as mãos e, mesmo empregando uma força considerável, fui incapaz de a endireitar.

Disse ao David Robertson que tínhamos de tentar obter alguma prova instrumental desta força, e ele trouxe oportunamente um aparelho que, por uma vez, fora bem testado. Consistia num contador de impulsos ligado a um extensómetro numa tira de metal, montado de tal forma que qualquer força não identificada que atuasse sobre o metal seria registada no contador de impulsos.

O David colocou o seu aparelho sobre a mesa da cozinha e pediu à Janet para tentar fazer a tira de metal dobrar-se sem lhe tocar. Ela tentou durante cerca de cinco minutos, depois perdeu o interesse e desviou o olhar. Ao fazê-lo, uma pequena lata que estava em cima do frigorífico saltou cerca de cinco centímetros no ar.

O Grosse testemunhou isto e notou que a Janet não estava nem perto do frigorífico, enquanto o David, que nunca tirava os olhos do seu contador de impulsos, o viu registar um forte aumento no momento em que a lata saltou. Ou a tira de metal tinha começado a oscilar sozinha, ou então o contador estava a ser influenciado diretamente. O David pediu então às raparigas para irem para o andar de cima e, à medida que subiam a escadaria, a oscilação esmaeceu, aumentando de novo quando elas caminharam diretamente no teto por cima das nossas cabeças. Ele não conseguiu pensar em nenhuma explicação normal para este efeito.

Animado por estas observações, o David organizou uma sessão de deformação de metal totalmente instrumentada, utilizando um registador gráfico de três canais ligado a dois extensómetros embutidos num pedaço de metal conhecido como liga eutética. Esta é fabricada especialmente para que, se for dobrada manualmente, se parta. Pediu então à Janet que tentasse fazer o metal dobrar-se sem lhe tocar, após colocar a máquina a funcionar durante vinte minutos para se certificar de que tudo estava em ordem e não havia interferência eletromagnética, o que teria ficado registado no terceiro canal do aparelho.

Durante cerca de duas horas, período durante o qual a mão da Janet nunca se aproximou a menos de quinze centímetros do metal, os dois gráficos ligados a este mostraram deflexões quase contínuas, enquanto o terceiro canal corria numa linha perfeitamente reta. Finalmente, o David viu o metal dobrar cerca de quinze graus e depois partir-se em dois. Ficou totalmente satisfeito, garantiu-nos ele, por ter obtido provas concretas, em equipamento bem testado, da presença de uma força totalmente desconhecida.

«Provámos que há realmente algo por aqui», comentei com o Grosse.

«Talvez tenhamos provado», respondeu ele com um riso, «mas nós já sabíamos disso, não sabíamos?» Sabíamos, de facto, mas o Grosse continuava a achar que deveria tentar repetir a experiência do David por sua conta, utilizando o mesmo equipamento. Fez isso e, ao início, pareceu que nada ia acontecer. Mas enquanto a Janet tentava afetar a estrutura molecular da tira de metal, como aparentemente fizera para o David, a Rose foi à casa de banho.

No momento em que ela puxou o autoclismo, o Grosse viu o gráfico registar uma deflexão inequívoca e, quando o Jimmy foi à casa de banho escassos minutos mais tarde, aconteceu exatamente a mesma coisa. Assim, embora o Grosse tenha falhado a repetição da experiência do David, conseguiu apresentar provas igualmente convincentes de que forças não identificadas se encontravam a atuar na tira de metal.

Animados por estas experiências, decidimos continuar a tentar estabelecer contacto com a Coisa de uma forma mais satisfatória do que por pancadas, e perguntámos ao Professor Hasted se tinha alguma sugestão.

«Não há razão para que não sejam capazes de estabelecer contacto direto», disse ele na sua habitual postura calma e confiante. «Desafiem-na diretamente e vejam se obtêm resposta.»

Não pude deixar de me perguntar se ele falava a sério, mas não tive de esperar muito para descobrir que sim, pois a 10 de dezembro de 1977 foi aparentemente isso mesmo que fizemos.

[1] N. d. T.: Tradução de «polka dice», o erro linguístico cometido pela criança ao tentar pronunciar poltergeist.

[2] Corgi Books, Londres, 1975.

DEZ

«NÃO CONSIGO FAZER ESSE BARULHO»

A Sra. Harper regressava um dia das compras quando encontrou um automóvel estacionado em frente à sua casa, com a condutora a olhar fixamente para a habitação. Aproximou-se do carro e sorriu educadamente para a condutora.

«É esta a casa onde andam com o *poltergeist*?», perguntou a mulher.

«Sim, é verdade», respondeu a Sra. Harper. «Gostaria de entrar?» A mulher olhou-a fixamente e arrancou a grande velocidade sem dizer palavra, para grande diversão da Sra. Harper.

Noutra ocasião, um homem apareceu à porta e ofereceu-lhe cinco libras para que o deixasse passar a noite na casa. Embora o dinheiro lhe fizesse certamente falta, a Sra. Harper mandou-o dar uma curva imediatamente.

Com a única exceção do pedido de ajuda inicial da Peggy Nottingham ao *Daily Mirror*, ninguém em Enfield, incluindo o Grosse e eu próprio, contactou qualquer órgão de comunicação social em momento algum, e a Sra. Harper deixou bem claro que não pretendia explorar o seu caso para obter publicidade ou dinheiro.

Contudo, por volta de dezembro de 1977, o *poltergeist* de Enfield começava a tornar-se bem conhecido. Tinham ocorrido visitas do *Daily Mirror*, do *The Observer*, da rádio e televisão da BBC, e do semanário americano *National Enquirer*, e sentíamos que o caso já tinha publicidade suficiente. Não queríamos

transformar a casa numa atração turística e tínhamos tido o cuidado de insistir que o nome real e a morada dos Harper não fossem divulgados; como não tinham telefone, pouparam-se aos telefonemas de maníacos que, no passado, tantas vezes agravaram os problemas das vítimas de *poltergeists*.

Mesmo assim, um par de mensagens estranhas acabou por chegar. A polícia local entregou à Sra. Harper uma carta enviada por um grupo de Testemunhas de Jeová da Califórnia, a qual ela me mostrou, dizendo que não conseguia perceber patavina daquilo. Tinha várias páginas e era toda sobre diabos e demónios. Nunca obteve resposta.

Uma mulher no sul de Inglaterra que, de alguma forma, descobrira o nome real e a morada da Sra. Harper enviou-lhe dois telegramas muito estranhos, um dos quais a instava a ligar para um determinado número. Ofereci-me para o fazer por ela e falei com um homem muito simpático que me contou que a sua esposa, que enviara os telegramas, se encontrava agora num hospital psiquiátrico, gravemente doente. (Mais tarde, o Grosse soube que uma mulher de Londres tinha sido internada num manicómio após um surto de atividade de *poltergeist* de nível bastante baixo na sua casa; se ele não tivesse chegado para acompanhar o caso, é bem possível que este tivesse sido o destino dos Harper, especialmente tendo em conta o facto de o Pete já ter sido enviado para uma escola especial, por razões que nunca conseguimos apurar ou sequer adivinhar).

Fui convidado, no início do caso, para escrever um artigo para uma nova revista de moda e aceitei após saber que a revista só seria publicada bem avançado o ano de 1978, altura em que tinha a certeza de que o caso já estaria terminado. Os honorários cobriram cerca de metade das minhas despesas de deslocação.

Decidimos que o caso já tinha tido publicidade suficiente e que faríamos o nosso melhor para manter a imprensa britânica afastada a partir de então. Mas continuámos a incentivar outros investigadores a aparecerem para verem por si mesmos e, a 10 de dezembro de 1977, o Grosse e eu recebemos a companhia de dois

psicólogos do SPR. Tratava-se do Dr. John Beloff, chefe do departamento de psicologia da Universidade de Edimburgo, e da Anita Gregory, do Politécnico do Norte de Londres, que já tinha feito uma breve visita anterior.

Acabou por ser uma noite de se lhe tirar o chapéu, marcando o início de uma semana em que fenómenos totalmente avassaladores se sucederam de forma tão intensa e rápida que, mesmo com a ajuda quase a tempo inteiro do David Robertson, fomos incapazes de os acompanhar.

O David estava a fazer um bom trabalho a estudar a vertente física do caso e esperávamos que os nossos colegas fossem capazes de ajudar na vertente psicológica, pois os casos de *poltergeists* oferecem oportunidades raras para estudar as interações entre a mente e a matéria.

O Dr. Beloff é um cientista extremamente amável e de mente aberta, que escreveu bastante sobre muitos aspetos da investigação psíquica e realizou uma série de experiências no seu próprio laboratório no campo da parapsicologia. Os seus resultados tinham sido quase invariavelmente negativos, por razões que ninguém consegue compreender. Trata-se de um caso daquilo a que se chama «efeito do experimentador» e não se circunscreve aos parapsicólogos. Diz-se, por exemplo, que o físico Wolfgang Pauli apenas precisava de entrar num laboratório para que uma máquina qualquer avariasse misteriosamente. (Por outro lado, alguns cientistas, como o Professor Hasted, parecem na verdade encorajar resultados positivos).

Ao início, pareceu que a sorte do Dr. Beloff tinha mudado pois, mal as raparigas se deitaram, foram aparentemente projetadas para fora da cama outra vez, embora nunca enquanto nenhum de nós estivesse no quarto, o que, compreensivelmente, deixou os nossos visitantes bastante desconfiados.

Durante o início da noite, ouvimos os curiosos ruídos desobsob e latidos vindos da direção geral da Janet, que já andávamos a ouvir há vários dias. Os assobios eram muito altos e lancinantes, e pareciam imitar a forma como o Vic Nottingham

sempre saudava a esposa quando regressava do trabalho. A Janet negou veementemente fazer os assobios de propósito e a mãe garantiu-nos que nunca tinha ouvido a Janet assobiar. Além disso, ela tinha dentes grandes e usava habitualmente um aparelho, o que tornava quase impossível que conseguisse sequer assobiar.

Os ruídos de latidos eram ainda mais misteriosos. «Ouve», disse-me a Janet a primeira vez que os ouvi, «não sou eu que estou a fazer isto. Não consigo fazer esse barulho.» Depois acrescentou, para minha surpresa: «Foi o que nos aconteceu quando estávamos de férias». Confirmei isto mais tarde com o Pete numa das suas visitas de fim de semana.

«Ouvíamos estes barulhos», concordou ele, «e a coisa piorou e piorou tanto que a Mãe pensou que éramos nós a fazê-lo, mas não éramos». A Janet tinha mencionado os ruídos durante a sua sessão de hipnose e deixou bem claro que pensava ter sido o Pete, pois não tinha sido ela, com certeza. E uma vez que o Pete estava fora de casa a maior parte do tempo, não podia ser ele agora, decididamente.

Mesmo assim, os latidos e assobios soavam bastante fingidos, e eu conseguia compreender o Dr. Beloff e a Sra. Gregory, que não se mostraram muito impressionados, tanto pelos barulhos como pelas repetidas quedas da cama.

Pouco depois da meia-noite, o Grosse achou que tinha chegado o momento de seguir o conselho do Professor Hasted e desafiar o *poltergeist* a falar.

«Charlie», começou ele. (Tínhamos decidido que o *poltergeist* deveria ter um nome). «Achas que consegues fazer esses barulhos no quarto das traseiras?» O Dr. Beloff e a Sra. Gregory estavam sentados no quarto das traseiras a discutir o caso.

O Charlie não conseguiu, ou não quis, mas quando o Grosse saiu do quarto ouviram-se dois latidos muito altos, que a Rose lhe garantiu parecerem vir de debaixo da cama da Janet. Não soava ao género de som vocal que se esperaria de uma jovem de doze anos.

O Grosse tentou de novo. «Vamos lá, Charlie, consegues assobiar e latir, por isso consegues falar. Quero que chames o meu nome, o meu nome completo — Maurice Grosse.» Retirou-se do quarto novamente pois, nesta fase, nunca ocorriam latidos ou assobios enquanto ele estivesse perto da Janet.

Mal ele saiu do quarto, o Charlie latiu:

«O... MAURICE... OO...» O Grosse não ouviu isto na altura, pois estava a dizer algo para nós no quarto das traseiras. Mas é claramente audível na fita, tal como a voz normal da Janet a dizer:

«Feu "Maurice Grosse".» Depois, a sua cama começou a ranger ruidosamente, ela queixou-se de que estava «a fazer bom bom, para cima e para baixo», ao passo que a Rose disse que algo tentava arrancar-lhe a almofada de debaixo da cabeça. O Grosse entrou e saiu do quarto várias vezes, repetindo o seu pedido por um nome claramente falado, mas obteve apenas uma variedade de assobios, latidos e sons em "O".

«Fazemos assim», disse o Grosse, «vou dar-te um bom nome para dizeres. Diz Doutor Beloff. Vamos lá, deixa-me ouvir-te dizer isso.»

«DOUTOR», a voz raspou mal o Grosse fechou a porta atrás de si. «GROSSEGROSSE». O Charlie parecia ter ficado baralhado.

Era um ruído extraordinário, que eu conseguia ouvir claramente através da porta fechada, com o ouvido encostado a ela. Era alto e áspero, e tratava-se indiscutivelmente da voz de um homem idoso. Pensei imediatamente na Anneliese Michel, a morrer de fome durante as suas sessões de exorcismo na Alemanha, e na «voz masculina áspera» que saía dela. Pensei nos muitos outros relatos que tinha lido de fenómenos vocais semelhantes. Pois bem, aqui estava. Tínhamos conseguido, e tínhamos conseguido porque o tínhamos pedido.

O Grosse acabou por convencer o Charlie, após muita insistência, a dizer os nomes «Doutor Beloff» e «Anita Gregory». «Agora», continuou ele, «consegues dizer-me qual é o teu nome?»

«JOE», veio a resposta pronta. E pressionado por um apelido, acrescentou:

«WATSON».

«Isso foi muito bom mesmo», disse o Grosse, regressando ao quarto. «Sabia que falarias. Isso era a voz de um homem, não era?»

«Sim», disse a Rose. «Não é nossa.»

«E viveste nesta casa?»

«SIM.»

«Há quanto tempo viveste nesta casa?»

Não houve resposta. O Grosse repetiu a sua pergunta, obtendo apenas um grunhido alto e quatro pancadas como resposta.

«Credo», disse a Rose, «está a ficar maluquinho!»

O Grosse prosseguiu pacientemente com o seu interrogatório, mas obteve apenas rosnadelas e grunhidos ténues. Deixou então a Sra. Harper tentar, mas ela não obteve qualquer reação. Depois, sussurrei algo ao Grosse.

«Sabes que estás morto?», perguntou ele, em meu nome. Desta vez, a resposta foi imediata.

«CALA-TE!» O Charlie, ou Joe como lhe chamávamos agora, parecia muito zangado. Assumi o interrogatório em substituição do Grosse.

«Ouve, irmão Joe», disse eu. «Está na hora de perceberes que já não estás vivo. Estás desencarnado. Estás morto. És um fantasma. És um espírito. Estás também a fazer perder muito tempo a muita gente, incluindo a ti próprio. Porque não avanças em direção à luz, onde encontrarás pessoas para te ajudar e dar-te o que procuras? Sai deste plano — agora!» Saí, deixando a porta aberta.

Houve um silêncio ameaçador. O Grosse olhou por entre a porta.

«Vais-te embora agora, Joe?», perguntou ele.

«NÃO.»

«Ouve lá, Joe, meu velho», continuei. «Nós gostaríamos de te ajudar. Mas tens de nos dizer o que queres. Não nos estamos a zangar contigo. Tenho pena de ti porque estás a causar a ti próprio muitos problemas e vais pagar por tudo isto no futuro. Vais ser obrigado a sofrer exatamente da mesma maneira que fizeste sofrer todas estas pessoas inocentes aqui. Quanto mais depressa perceberes isso, melhor — para ti. Percebes? Tudo o que queremos saber é o que queres. E nós dar-to-emos, se o tivermos. E se não o tivermos, não to podemos dar, pois não? Combinado? Estás a acompanhar-me até aqui?»

«VAZALDA», rosnou o Joe mal me perdi de vista. Decidi fazer mais uma tentativa.

«Não me importa que acredites em mim ou não», disse eu. «Podes apenas refletir sobre o assunto? Boa noite. Dorme bem.»

«MERDA», disse o Joe enquanto eu saía do quarto. Depois, a Janet falou na sua voz normal pela primeira vez desde a chegada do «Joe».

«Ouviram o que ele disse? Ele disse "m-e-r-d-a"?» Parecia relutante em proferir a palavra. E ele disse-a de novo. O Grosse convidou então os nossos psicólogos visitantes a tentarem a sua sorte.

O Dr. Beloff entrou no quarto. «Vamos lá, Joe», disse de forma bastante amável, «eu vim de muito longe. Diz-me uma coisa. Diz-me o que te atormenta. Diz-me o que se passa. Tu consegues falar. Vê lá o que consegues dizer?» Aparentemente, o Joe não tinha nada a dizer.

A Anita Gregory teve mais sorte, mas em resposta à sua pergunta inocente «Diz-me como estás?», foi brindada com um raspado «PÕE-TE NAS COUVES». Sem se deixar demover, a Sra. Gregory continuou a insistir, não obtendo nada a não ser insultos como resposta. Depois, o John Burcombe tentou a sua sorte, perguntando ao Joe (por sugestão minha) se gostaria de uma bebida ou de outra coisa qualquer. Mas tudo o que o Joe parecia querer era música e, como já passava da uma da manhã, dissemos que teria de esperar por amanhã.

Tínhamos estabelecido contacto, certamente, mas com quem ou com o quê? Esperava que os nossos psicólogos, dos quais já tínhamos tido quatro em Enfield, fizessem algumas sugestões úteis, uma vez que os dois primeiros não tinham dito absolutamente nada. Mas eles estavam tão cansados como nós após um dia muito longo.

«Como é óbvio», disse o Beloff enquanto regressávamos de carro a Londres, «a possibilidade de ventriloquia deve ser investigada.»

«Será», prometi.

Cheguei a casa às três da manhã, abri uma garrafa de cerveja e reproduzi todas as minhas fitas daquela noite. Na fita, a voz grave soava ainda mais bizarra do que no momento. Era muito alta e gutural, nada parecida com a voz normal da Janet — a qual, notei, permanecera normal mesmo após a longa sessão de interrogatório. Se ela o estivesse a fazer de propósito, tinha a certeza de que as suas cordas vocais teriam ficado despedaçadas. Contudo, ela nem uma única vez tossiu ou sequer limpou a garganta.

Estaria eu realmente a ouvir a voz de um homem morto? Seria a Janet uma ventríloqua brilhante, além de uma das principais ilusionistas do país? Não sabia. Tudo o que sabia era que o caso tinha tomado um rumo interessante. Tínhamos pedido uma voz e tínhamos-na obtido, de imediato.

No dia seguinte, liguei para o Dr. Fletcher e atualizei-o. Sabendo da sua experiência em ilusionismo, perguntei-lhe se achava que a Janet poderia estar a usar ventriloquia.

«Não posso pronunciar-me sem ouvir por mim próprio, como é óbvio», respondeu ele. «Mas lembra-te de que a palavra ventriloquia é um termo equívoco. Não se trata de falar com o estômago — o ventríloquo move os lábios do seu boneco e mantém os seus imóveis, de modo a fazer-te pensar que o som vem do boneco, mas claro que não vem. Vem da própria garganta do homem.»

«Bem», disse eu, «acho que é um barulho extraordinário para uma rapariga de doze anos fazer. E, na verdade, a Rose chegou a dizer a dada altura que lhe parecia vir de debaixo da cama e não da Janet.»

«Eu pensaria», disse o Dr. Fletcher, «que uma rapariga a tentar imitar um fantasma teria recorrido a uma espécie de sussurro teatral.» Ele lembrou-me que vozes roucas semelhantes tinham sido relatadas noutros casos, pelo que me dirigi à biblioteca do SPR e tirei da prateleira o enorme volume de T. K. Oesterreich, *Possession, Demoniacal and Other*. Encontrei o que procurava imediatamente.

No momento em que a fisionomia se altera, uma voz mais ou menos modificada emana da boca da pessoa durante a crise... O registo agudo da voz é deslocado, a voz feminina transforma-se numa voz de baixo.

Ora vejam só! Oesterreich mencionava vários exemplos de transformação vocal que tinham sido bem testemunhados na altura. Justinus Kerner, um médico alemão do século dezanove, descrevera como uma rapariga de onze anos começara subitamente a falar numa «voz de baixo profunda». O pioneiro psicólogo francês Pierre Janet mencionou «ora o som de uma voz masculina, ora o de uma feminina» emanando da boca de uma mulher possuída. Um escritor de nome Eschenbach relatou que um suposto demónio «falou hoje numa voz que se assemelhava mais do que nunca ao baixo de um homem». Mas o melhor de tudo era outro caso descrito por Kerner:

Subitamente, a menina foi atirada convulsivamente de um lado para o outro na cama, e isto durou mais de sete semanas; após o que, subitamente, uma voz de homem bastante rude falou diabolicamente através da boca desta criança de oito anos... Muitas vezes tentava, com um rosto diabólico, bater no pai, na mãe e nos espetadores, ou então insultava-os, o que não estava de todo em harmonia com o seu carácter.

Kerner poderia estar a escrever sobre a Janet Harper em 1977, tal como o investigador que descreveu um diálogo entre uma rapariga de doze anos e o padre que a tentava exorcizar:

Padre: Como sabes tantas coisas, também sabes rezar?

Rapariga: Vou-me cagar no teu pescoço.

Havia também o caso de 1889 da Dinah, de onze anos, a filha adotiva de George Dagg:

Uma voz grave e rouca, como a de um homem idoso, aparentemente a quatro ou cinco pés de distância dele, respondeu instantaneamente numa linguagem que não pode ser repetida aqui...

Os lancinantes sons de assobios que tínhamos ouvido em Enfield também já tinham sido relatados, num caso descrito por um ministro calvinista que remontava a 1612 e dizia respeito ao «diabo de Mascon», que possuíra o corpo de uma jovem criada:

Na presença de todos nós... começou a assobiar três ou quatro vezes com um tom muito alto e agudo, e logo de seguida a articular uma voz inteligível, embora algo rouca.

Dois séculos depois, o fenómeno ainda persistia. A família envolvida no caso da «Bruxa de Bell» procurou fazer com que a «bruxa» falasse através da boca da sua filha adolescente:

Por fim, começou, desenvolvendo-se até que o som sibilante se transformou num sussurro hesitante, proferindo palavras indistintas. A voz, no entanto, foi ganhando gradualmente força... Ouvia-se a falar em divisões iluminadas, na escuridão e, finalmente, durante o dia, a qualquer hora.

Folheei a introdução do livro de Oesterreich, que apresentava um relato interessante da vida do autor, um respeitável professor universitário que fora forçado ao silêncio pelos nazis. Era evidente que ele fizera um estudo muito aprofundado do seu tema, e o autor da introdução concluía que os fenómenos que ele descrevia continuavam a necessitar urgentemente de uma explicação.

«Seria muito simples para mim e aceitável para os outros se eu dissesse que todas estas pessoas eram ingénuas, fraudulentas,

lunáticas e psicopatas, e sugerisse que isso constitui algum tipo de explicação», disse o autor, que afinal era a nossa colega Sra. Gregory, usando o seu nome de solteira, Anita Kohsen.

No dia seguinte, recebi uma nota de Anita Gregory e John Beloff, que acompanhava o relatório que tinham escrito em conjunto na manhã seguinte à sua visita em Enfield. Era sua opinião, disseram-me, que as raparigas estavam a pregar-nos partidas.

Maurice Grosse e eu, que sabíamos que elas não nos estavam a pregar partidas — pelo menos, certamente não o tempo todo —, voltámos a mergulhar na batalha a 12 de dezembro. Havia muito mais que queríamos aprender sobre a nossa nova voz.

Quase assim que todos estavam na cama, caiu uma moeda de meio cêntimo do teto e bateu no chão muito perto do meu gravador. Grosse estava na divisão na altura e tinha a certeza de que ninguém na divisão a tinha atirado. Depois, a cama de Rose começou a tremer para cima e para baixo depois de ela aparentemente ter adormecido. Ela não disse nada, nem nós.

No início da segunda sessão com a Voz, Grosse a princípio não obteve mais do que silêncio, grunhidos abafados ou insultos. Não soava particularmente malévolo; diziam a Grosse para «se pôr no caralho», como se o interlocutor não se lembrasse de mais nada para dizer. A única vez em que a Voz soou verdadeiramente irritada foi quando a porta ficou aberta; recusava-se a falar a menos que estivesse fechada, o que naturalmente tornava a conversa bastante trabalhosa e também frustrava as nossas tentativas iniciais de observar a boca de Janet enquanto o som era produzido.

No entanto, Grosse persistiu e, ao fim de pouco tempo, já obtinha frases bastante longas em resposta às suas perguntas muitas vezes repetidas. A Voz desta noite, que soava exatamente como «Joe», disse que se chamava Bill e que vivera na casa — ou melhor, que ainda vivia nela. Tinha sessenta anos e tinha um cão chamado Gober, o Fantasma.

«Pode dizer-me por que motivo continua a abanar a cama de Janet?», perguntou Grosse.

«ESTAVA A DORMIR AQUI.»

«Então por que motivo continua a abaná-la?»

«TIRA A JANET DAQUI.» Era certamente o que ele parecia estar a tentar fazer, e com bastante frequência com sucesso, pois Janet acabava no chão vezes sem conta, muitas vezes acompanhada por Rose. A Sra. Harper disse-nos que as camas eram constantemente mexidas mesmo durante o dia, quer as crianças estivessem em casa quer não. Uma vez, vira mesmo os lençóis a serem puxados para trás, como se Bill ou Joe estivesse de facto a dormir ali, e vira repetidamente marcas de compressão em camas que tinham sido arrumadas nessa manhã, como se alguém invisível ainda estivesse deitado nelas. A sensação que todos nós tínhamos de que havia mais alguém a viver na casa era muito forte.

O abanar da cama tornou-se tão violento que pensei que a cama fosse desabar, como mais tarde veio a acontecer. Os Nottingham ouviam-na da casa ao lado, e a única maneira de a parar era sentar-nos na cama e segurar Janet literalmente imóvel. A Voz nunca falava enquanto um de nós estava tão perto de Janet, mas assim que saíamos pela porta, começava. Isto parecia naturalmente um pouco suspeito, mas Janet negou repetidamente que o fizesse de propósito.

«Não consigo fazer esse barulho!», protestou ela, e eu acreditei nela. Eu conseguia imitá-lo razoavelmente bem, mas ficava com a garganta dolorosamente irritada ao fim de poucos segundos. Como poderia uma rapariga de doze anos manter aquilo durante uma hora?

Tentámos resolver a questão vendo se Janet e a Voz conseguiam falar simultaneamente e, uma vez que «Bill» afirmava gostar de música, decidimos fazer uma cantoria, convidando-o a juntar-se.

«Qual é a sua canção favorita?», perguntou Grosse.

«FEBRE ESCARLATE», veio a resposta pronta, e todos rebentámos a rir. Até os poltergeists podem ser divertidos por vezes, e aproveitávamos sempre qualquer oportunidade para aliviar a tensão.

Chamei Grosse ao quarto dos fundos para uma rápida consulta.

«Ponha-as a cantar», disse eu, «e eu escuto daqui através dos meus auscultadores. O meu microfone está por baixo da cama de casal.»

Grosse voltou ao quarto e pôs as raparigas a cantar «Daisy, Daisy». Pediu a Bill que se juntasse e prometeu manter o rosto virado para o canto junto à porta, se ele era tão tímido em relação a ser observado.

Isto pareceu satisfazê-lo, e seguiu-se o que deve ser certamente uma das cantorias mais estranhas da história registada. Pois Bill juntou-se de facto, a resmungar no seu poderoso baixo. Numa dada altura, pensámos que tínhamos gravado Janet, Rose e Bill ao mesmo tempo, mas ao ouvir a fita notámos que sempre que Bill se juntava, Janet deixava de cantar. A mudança de uma voz para a outra era tão rápida que não se perdia uma batida; e num dado momento Bill começou a rir, e o seu baixo gutural fundiu-se subitamente com o riso de rapariga de Janet. Era como se rissem em oitavas. Perguntei-me se um ventríloquo conseguiria fazer aquilo.

Pedimos então a Janet que interrompesse Bill sempre que ele falasse, e ela prometeu tentar. Mas sempre que o fazia, Bill parava subitamente. Claramente, havia alguma ligação entre as duas vozes.

«Bill», disse Grosse, «quando falámos consigo no sábado à noite, disse que se chamava Joe. Havia alguém aqui no sábado chamado Joe?»

«SIM», respondeu Bill com voz áspera.

«Ah, havia? Então são dois?»

«Não — DEZ.»

Esta resposta provocou uma reação imediata de surpresa nas raparigas, e eu dei um sobressalto tão grande que os meus auscultadores caíram das orelhas. Não tínhamos dito nada às raparigas sobre os seus sonhos partilhados e os relatos das «dez coisas más» que elas nunca tinham mencionado enquanto acordadas. Bom, agora já sabiam.

Mais uma vez, chamei Grosse para uma rápida conferência. Ele concordou com a minha sugestão, e eu entrei no quarto. «Perguntem-lhe tudo o que quiserem saber», disse às raparigas. «Conversem com ele com toda a naturalidade, como se fosse comigo. E continuem. Não parem. Vamos deixá-vos sozinhas durante cinco minutos.»

Voltei apressadamente para a outra divisão, recuperei os meus auscultadores e ouvi Rose e Janet a conversar com o seu companheiro invisível muito para além dos cinco minutos que lhes tínhamos dado.

«O que é que esses homens todos fazem?», perguntou Janet com a sua voz normal. A resposta, naquele tom grave e profundo já familiar, veio de imediato.

«ATIRAM MÓVEIS.»

«Onde é que eles dormem?»

«FECHA A PUTA DA PORTA.» Soou como uma única palavra. Bill tinha uma verdadeira obsessão com a porta. Deixava entrar o ar e os germes, explicou.

«Por que motivo usas linguagem obscena?», perguntou Rose.

«VAI-TE FODER, TU», respondeu Bill, sem maldade.

«Oh!», exclamou Rose.

Janet interveio. «Porquê, o quê, por que motivo — hum — gostas de brincar connosco?», perguntou.

«GOSTO DE CHATEAR-VOS.»

«Também tens dez cães?»

«NÃO. SESSENTA E OITO.»

«Raio!», exclamou Janet. «Sessenta e oito cães!» O seu espanto soava muito genuíno. Perguntei-me se alguma atriz conseguiria fazer um diálogo consigo mesma assim, mudando

instantaneamente da sua voz natural para aquele som extraordinário.

Rose perguntou então se Bill tencionava atormentar a Peggy ao lado.

«SIM. DERRUBEI UMA GARRAFA DA PRATELEIRA DELA», veio a resposta pronta.

Rose não ouviu corretamente. «Aprendeste imenso sobre ela?», perguntou.

«NÃO! DERRUBEI UMA GARRAFA DA PRATELEIRA DELA NA PAREDE», respondeu Bill, falando mais devagar. Algo tinha de facto feito aquilo, na presença de Grosse e de Sally Doganis da BBC. Não me lembrava de ter mencionado este incidente às crianças, embora a Peggy Nottingham o tivesse feito.

«Donde é que vocês todos vêm?», perguntou então Rose.

«Donde é que eu o quê?», respondeu Janet, com a sua voz normal. Pareceu por um momento que ela se tinha enganado e respondido com a voz errada, mas talvez só quisesse ouvir a pergunta de Rose corretamente.

«Donde é que vocês todos vêm, esses teus amigos?», repetiu Rose.

«DO CEMITÉRIO.» Não havia como enganar-se naquela voz.

«O cemitério! Oh!» Rose soou bastante agitada. Então Janet perguntou:

«Donde vêm os cães?»

«DO ESPÍRITO SANTO», veio a resposta inesperada.

Janet deixou passar aquilo sem comentário.

«Há quanto tempo estás nesta casa?», continuou.

«DESDE 31 DE AGOSTO. VIM PARA ATORMENTAR A TUA FAMÍLIA.»

«Porque vieste atormentar-nos? Há alguma razão?»

«QUERO MÚSICA JAZZ. ARRANJA-ME JÁ.» O hábito de Bill de mudar subitamente de assunto justamente quando um diálogo parecia estabelecido era muito frustrante. Era um hábito que Janet também tinha, notei.

Seguiu-se então uma sequência desarticulada durante a qual Bill disse que ia comer todos os chocolates no Natal, entre outras coisas.

«Porque escolheste esta casa?», Rose quis saber.

«PORQUE EU MORAVA AQUI.»

Janet riu-se. Depois fez uma pergunta que eu lhe dissera para fazer.

«Estás morto, não sabias?»

«SIM, VENHO DO FUNDO DO TÚMULO.»

«Vens do fundo do túmulo?» As raparigas riram-se nervosamente.

«SIM, NO PARQUE DURANT.» Este é o nome de um dos cemitérios na zona de Enfield.

Entrei na divisão para dar mais instruções a Janet. Ela disse-me que dois meses antes de os problemas começarem, tinha ido passear ao Parque Durant com o Pete e se envolveu numa rixa lá com outras crianças. Disse-lhe para não se preocupar com isso, mas para perguntar a Bill porque é que ainda andava por ali. «Pergunta-lhe porque é que ele não vai para onde vão todas as outras pessoas mortas», disse eu, ao sair da divisão. Rose repetiu imediatamente a minha pergunta.

«NÃO ACREDITO NISSO», veio a resposta, num tom de voz completamente novo. Soava quase triste.

«Porquê? O que é que há de tão diferente em estar lá em cima?», perguntou Rose.

«NÃO SOU HOMEM DO CÉU.» Mais uma vez, Bill soou nostálgico. Parecia ter perdido a sua habitual petulância agressiva.

«Não és homem do céu? O que é...» Mas a Voz interrompeu Rose com a sequência mais notável de todas as nossas conversas com ela. Começou a falar em rajadas, como com algum esforço, uma ou duas sílabas de cada vez.

«O — MEU — NOME — É — BILL — HOBBS — E — VENHO — DO — PARQUE — DURANT — E — TENHO — SETENTA — E — DOIS — ANOS — E — VIM — PARA —

CÁ — VER — A — MINHA — FAMÍLIA — MAS — ELES — NÃO — ESTÃO — AQUI — AGORA.»

Deu-me a impressão mais vívida da voz de uma mente perdida e errante à procura dos seus antigos arredores. Mas mais uma vez, justamente quando sentia que estávamos a chegar a algum lado, o encantamento quebrou-se, quando Bill interrompeu a pergunta seguinte de Rose com um acesso de raiva:

«SUA PUTA VELHA DO CARALHO, CALA-TE, QUERO MÚSICA JAZZ. AGORA VAI BUSCAR-ME, SENÃO FICO MALUCO.»

Esta era a Voz antiga novamente; era exatamente como se duas pessoas estivessem a lutar para usar o mesmo telefone, uma arrancando o auscultador da mão da outra.

Rose continuou com uma persistência admirável e fez outra pergunta que eu lhe dera para fazer:

«Que sensação deu morrer?»

«NÃO MORREU», veio a resposta irritada. Seguiu-se uma confusão de insultos monótonos e frases isoladas sobre música jazz, e embora tenhamos colocado o gravador de Rose debaixo da cama e convidado Bill a soprar, não obtivemos mais nada com sentido dele, e Rose decidiu por volta da 1 da manhã que já tinha acabado para aquela noite. «Vou dormir agora», disse ela, acrescentando com irritação: «Vai-te embora, seu animal!»

«VOU AGORA», veio a resposta surpreendentemente dócil. Mas novamente não cumpriu a palavra, e continuou durante mais uma hora sem dizer nada com sentido. Por fim, tivemos de pôr Janet sozinha no quarto dos fundos e ficar com ela até adormecer.

Durante a nossa conversa de três horas, Bill aparentemente tinha andado a mexer nos nossos gravadores. Felizmente, usámos três nessa noite e conseguimos gravar a sessão inteira, mas por pouco. Descobri que uma das minhas cassetes tinha uma das patilhas cortada, o que é muito difícil de fazer acidentalmente, enquanto outra ou não tinha gravado ou tinha sido apagada numa parte de um dos lados. Isto também é bastante difícil de explicar,

pois não havia nada de errado nem com a fita nem com o gravador.

Por fim, descobrimos que o aparelho de Grosse tinha sido desligado a meio de uma das suas fitas. Começávamos a habituar-nos a este tipo de coisa, e a partir daí passámos a verificar todo o nosso equipamento constantemente, usando dois gravadores sempre que possível.

Ouvimos a sessão no dia seguinte, depois de eu ter conseguido copiar e reconstruir a totalidade das três horas.

«Arranje-me uma rapariga que consiga imitar aquela voz durante três horas», disse Grosse, «e dou-lhe quinhentas libras.»

Pedi então à filha de onze anos de um amigo que imitasse um fantasma para mim. Ela fez alguns sons lamurientos e falou num sussurro fraquinho.

«Não», disse eu, «assim», e fiz o meu melhor para imitar o Bill.

Ela tentou, mas imediatamente levou a mão à garganta. «Ai!», exclamou, «isso dói.» Decidi que não ia ganhar o dinheiro do Grosse.

Qualquer que fosse a opinião dos nossos amigos psicólogos, Janet não nos estava a enganar.

Nota: As linhas seguintes no original parecem ser material fragmentado ou ilegível, possivelmente notas ou anotações manuscritas. Mantive a representação aproximada conforme apresentada.

ONZE
ATRAVÉS DA PAREDE

Richard Grosse recebia um relato pormenorizado dos acontecimentos em Enfield todas as manhãs à mesa do pequeno-almoço da família, e durante os três meses anteriores tinha sido bastante cético em relação ao que o pai lhe contava. Recem-formado em Direito, Richard começara a trabalhar num escritório de advogados no West End de Londres e, embora partilhasse a abordagem aberta de Maurice aos fenómenos psíquicos, nunca tivera qualquer experiência com eles até à morte da irmã e aos

acontecimentos que se seguiram, como relatei no Capítulo 2. Estes tinham-no impressionado profundamente na época, mas continuava a ter uma visão distanciada dos relatos vindos de Enfield.

«Virei quando o fantasma puder falar comigo», dissera ele várias semanas antes da chegada da Voz, por isso Maurice levou-o à letra e combinou que ele visitasse a casa a 13 de dezembro de 1977. Foi certamente a primeira vez que um poltergeist foi submetido a um interrogatório por um advogado.

Richard ficou imediatamente surpreendido com a atmosfera calorosa e amigável do lar da família Harper. Como muitos outros visitantes, não conseguia imaginar fenómenos paranormais a ocorrer num ambiente assim, ainda mais acolhedor devido às decorações de Natal, com as quais os Harper tinham tido um cuidado especial naquele ano.

As pessoas esperam frequentemente que os fenómenos psíquicos ocorram como nos filmes, com ventos uivantes, persianas a tremer e corujas a piar ao fundo, embora na minha experiência eles ocorram nos ambientes mais normais, sem nenhum destes efeitos.

Richard conversou longamente com todos os Harper, e também com John e Brenda Burcombe, e não demorou muito a sentir-se convencido de que todos causariam uma impressão favorável em qualquer júri, com a possível exceção de Janet. Ela estava num dos seus estados de espírito brincalhão naquela noite, sem dúvida provocado pela presença daquele jovem bem-parecido que viera vê-la, e quando Richard ouviu pela primeira vez o som de latidos, sentiu que ela provavelmente os fazia de propósito. Decidiu observá-la com muita atenção.

A Voz começou assim que as raparigas estavam na cama, mas recusou-se a falar com Richard a menos que ele saísse da divisão e fechasse a porta. Ele achou isto um pouco suspeito, mas como não parecia importar-se de falar diretamente com John e Brenda, começou o seu interrogatório por procuração, fazendo-

lhes perguntas do lado de fora da porta para eles repetirem no quarto.

A princípio, não chegou a lado nenhum. A Voz, afirmando ser Bill, saltava de um assunto para outro e usava muita linguagem obscena. Mas Richard manteve-se no seu propósito e, ao fim de cerca de uma hora de frustração, pediu a Brenda que perguntasse à Voz algo que Janet não pudesse de modo algum saber. Brenda e o pai dela discutiram qual seria uma boa pergunta, e John Burcombe entrou então no quarto e disse:

«O que fizeste com os trinta cêntimos da Brenda?» Brenda tinha perdido algum dinheiro em casa algum tempo antes, e ninguém conseguira encontrá-lo. Bill respondeu de imediato:

«ESCONDI DEBAIXO DO RÁDIO EM BAIXO.» Richard desceu imediatamente, olhou debaixo do rádio e encontrou três moedas de dez cêntimos. Isso fê-lo pensar. Ou o incidente era genuíno, ou então Janet e Brenda tinham combinado aquilo para seu benefício. Isto parecia improvável, uma vez que Brenda não mencionara o dinheiro até ele lhe ter pedido especificamente uma pergunta surpresa. E se alguma das crianças Harper tivesse encontrado ou apanhado o dinheiro dela, certamente tê-lo-ia gasto, e não escondido, especialmente num local onde a mãe acabaria por o encontrar enquanto limpava o pó.

Com muita paciência, Richard persuadiu a voz a falar com ele enquanto estava na divisão, de pé no canto junto à porta fechada.

«O que aconteceu quando morreste?», perguntou.

«FIQUEI CEGO, TIVE UMA HEMORRAGIA, ADORMECI E MORRI NUMA CADEIRA NO CANTO LÁ EM BAIXO», respondeu Bill lenta e tristemente.

Richard insistiu por mais pormenores, mas mais uma vez a Voz desviou-se do assunto e começou a dizer disparates.

«ÉS UM RABINO JUDEU», disse com rudeza. Richard concordou que era judeu, mas não era rabino. «Porquê, tens medo deles?», perguntou.

«ESTÃO SEMPRE A REZAR QUE SE LHE SAIEM OS MIOLOS», queixou-se Bill. Esta atitude em relação à religião era estranha, pois Janet estava bastante interessada no assunto e aprendia na escola sobre as diferentes religiões do mundo. No entanto, sempre que surgia o tema de Deus, da religião ou da oração, a Voz reagia fortemente e tornava-se insultuosa ou, como na minha breve experiência, recusava-se completamente a comunicar.

Richard reparou noutro pormenor curioso. Em várias ocasiões, tentou virar a cabeça para observar o rosto de Janet enquanto a Voz falava, mas cada vez ela parava. Depois reparou que mesmo quando pensava em virar-se, a Voz também parava subitamente. A sincronização era tão precisa que Richard foi forçado a sentir que lhe estavam a ler os pensamentos. Reparou também no que o pai e eu já tínhamos achado notável: no final da sua conversa com a Voz, a própria voz de Janet estava perfeitamente normal. No conjunto, Richard ficou bastante impressionado após a sua única visita e passou a ser consideravelmente mais favorável ao caso a partir de então.

Mais tarde nessa semana, a esposa de Maurice, Betty, e a filha casada deles, Marilyn Grant, licenciada em Química e então a trabalhar no departamento editorial de uma conhecida revista científica, também foram a Enfield ver com os próprios olhos o que tinha ocupado tanto tempo de Maurice nos últimos três meses. Tal como Richard, não tinham tido qualquer experiência psíquica até à morte de Janet Grosse e, tal como ele, regressaram de Enfield impressionadas e especialmente preocupadas com o bem-estar da família. A sua preocupação era partilhada por Anita Gregory, que, independentemente dos seus sentimentos iniciais em relação às crianças, foi extremamente amável com todas elas, fazendo várias visitas subsequentes e trazendo um presente de Natal para cada membro da família Harper.

Chegou então o grande dia — quinta-feira, 15 de dezembro de 1977. Os acontecimentos deste dia e do seguinte foram tão

caóticos que tive alguma dificuldade em ordenar exatamente o que aconteceu e quando. Mas uma coisa é certa: estabelecemos, para além de qualquer dúvida razoável, a realidade de dois dos fenómenos psíquicos mais raros e mais intensamente debatidos de todos, nomeadamente, a levitação de seres humanos e a passagem de matéria sólida através de matéria sólida. Confirmámos também a teoria de que a atividade poltergeist tende a aumentar em torno de raparigas perto da idade da puberdade, pois esta não era apenas a idade de Janet, era o próprio dia.

Não sabíamos disso na altura, embora talvez tivéssemos adivinhado quando, na noite de 14 de dezembro, a Voz subitamente quis saber:

«PORQUE É QUE AS RAPARIGAS TÊM MENSTRUAÇÃO?»

Juntaram-se a nós nessa noite David Robertson e outro colega da SPR, o seu secretário honorário Hugh Pincott, um executivo de uma conhecida empresa petrolífera com um grau científico e um vivo interesse por fenómenos psíquicos.

Assim que ficou claro que a Voz não ia falar sobre mais nada a não ser a menstruação das raparigas, Pincott entrou no quarto e fez uma descrição muito clara e com palavras criteriosas de todo o assunto. Grande parte era nova para mim, e a maior parte era certamente nova para Janet, que ouviu sem interromper, algo que raramente fazia.

A ideia de que um velho morto estivesse obcecado com os pormenores da menstruação era demasiado para mim, por isso agarrei o touro pelos cornos e dirigi-me à Voz, que naquela noite afirmava ser alguém chamado Joe, da seguinte forma:

«Joe, sabes que há pessoas que pensam que não existes de todo, que és simplesmente um fragmento do subconsciente exteriorizado da Janet. O que achas disso?» Respeitando as regras do jogo, virei-me para a parede e esperei pela resposta de Joe.

«O QUE QUERES DIZER COM ISSO?», resmungou.

«Aproximadamente o que acabei de dizer», respondi com alguma irritação. «Acho que consegues perceber o que estou a dizer. Como sabemos, as pessoas têm consciências, e alguns pensam que pessoas como tu são de facto parte da consciência de, neste caso, a Janet. Por outras palavras, tu és a Janet. És a Janet?»

A resposta de Joe foi tipicamente confusa. «A AMIGA DA JANET.»

«Estou a começar a perguntar-me se existes sequer», continuei. «És de facto apenas a Janet, e mais nada?»

«VAI-TE FODER», respondeu Joe com irritação. «CLARO QUE NÃO!»

Isso pareceu suficientemente claro e, tendo feito o meu ponto de vista, passei a palavra a David Robertson, sugerindo que aproveitasse a oportunidade para desafiar a Voz a fazer algo difícil, como o Professor Hasted tinha sugerido.

David pôs mãos à obra, pedindo a Joe que fizesse passar um objeto sólido através de matéria sólida, provando assim que não era realmente a Janet, mas outra pessoa com poderes paranormais. Entregou a Janet um par de chinelos e uma boneca pequena, pedindo a Joe que fizesse algo engenhoso com eles.

Nada aconteceu enquanto ele estava na divisão, por isso saiu, só para ser chamado de imediato por Janet, que lhe disse que os chinelos tinham desaparecido. Tinham de facto, e procurámos no quarto, incluindo dentro da cama dela, sem os encontrar. Por alguma razão, esquecemo-nos de olhar debaixo do colchão dela, que foi onde acabaram por aparecer, e era concebível que ela os tivesse posto ali.

David pediu então a Joe que atirasse uma almofada para outra divisão, e Joe não o fez, embora mais tarde, quando Grosse e eu estávamos a sair, tenhamos encontrado a almofada no jardim mesmo por baixo da janela de Janet. A janela dela, sabíamos, era muito rígida e impossível de abrir sem atrair a atenção dos outros na divisão, e tínhamos a certeza de que a Sra. Harper não encobriria uma partida tão descarada.

Para confundir ainda mais as coisas, Hugh Pincott observou a certa altura que pensava que algo tinha batido na cortina pelo lado de fora, e enquanto procurávamos os chinelos no quarto, encontrámos um frasco de plástico da Fairy Liquid, que Janet disse estar desaparecido há dias. No conjunto, foi uma noite frustrante.

Pincott estava compreensivelmente algo cético em relação a todo o caso, pois embora lhe fosse claro que a vida na casa dos Harper não era exatamente normal, não houve um único incidente na sua primeira visita que pudesse ser definitivamente considerado paranormal. E o comportamento de Janet era bastante suspeito, pois parecia estar a divertir-se imenso com tudo aquilo.

Hugh Pincott não se deixou intimidar pelas suas primeiras impressões, no entanto, e juntamente com Mary Rose Barrington, John Stiles e Peter Hallson da SPR, empreendeu mais tarde uma vasta investigação de acompanhamento sobre todo o caso, que espero que a Sociedade venha eventualmente a publicar.

Já depois de 15 de dezembro foi uma história diferente, pois este foi o dia em que o poltergeist fez um espetáculo em público à luz do dia. Embora, como disse, tenha sido um dia de caos, Grosse e eu passámos mais tempo a investigar os acontecimentos deste dia do que qualquer outro ao longo do caso, entrevistando cada testemunha envolvida várias vezes nos meses seguintes. Temos, portanto, uma boa ideia dos principais acontecimentos do dia.

Depois de termos saído na noite de 14 de dezembro, David Robertson ficou a dormir, e quando na manhã seguinte ficou claro que as raparigas não estavam em condições de ir à escola, decidiu ficar e tentar aproveitar a oportunidade para alguma investigação controlada. Assim, quando Janet terminou o pequeno-almoço, ele levou-a para o quarto e explicou o que tinha em mente.

David Robertson é um daqueles investigadores afortunados que parecem exercer um «efeito de experimentador» altamente

positivo, e quase assim que saudou a Voz, esta saudou-o de volta com um amigável «OLÁ MEU QUERIDO RAPAZ.»

«Farás algo por nós?», perguntou David.

«SAI DA DIVISÃO», ordenou a Voz, que afirmava ser Bill. David reparou que não havia nada na divisão que pudesse ser atirado, exceto alguns chinelos, almofadas e alguns livros. E, claro, a Janet.

«Começa por saltar na cama para cima e para baixo», disse-lhe ele. Já lhe tinha explicado o que significava «levitação», e Janet garantiu-lhe que já o fizera várias vezes. Mas David esperava ver com os próprios olhos.

Assim que saiu da divisão, ouviu um rangido violento vindo da cama de Janet, como se ela estivesse num trampolim.

«Estou a ser levitada», chamou ela. Depois ouviu-se um grande estrondo, e quando David tentou abrir a porta, viu que não se mexia. A outra cama individual tinha sido encostada contra ela.

«Estás bem, Janet?», chamou ele. «Queres que entre?» Não houve resposta, apenas alguns gemidos fracos e pequenos gritos. David encostou o ombro à porta, mas ela resistiu como uma parede de tijolos. Rose, que tinha estado a observar tudo, ficou preocupada e correu para casa ao lado para ver Peggy Nottingham, que já tinha feito as camas lá em cima e estava a fazer o trabalho doméstico na cozinha.

«Achas que podes vir cá?», perguntou Rose. «Está a acontecer muita coisa.»

Rose e Peggy voltaram ao n.º 84 e encontraram David que finalmente conseguira abrir a porta do quarto. Janet estava deitada na cama com ar atordoado. A hora era entre as dez e as onze da manhã.

«Estive a flutuar no ar», disse Janet calmamente, como se fosse a coisa mais normal do mundo.

«VAI-TE FODER, TU!», veio um resmungo súbito da Voz. Não soava como Janet, que gostava muito da Peggy.

«Tens a certeza de que estás bem?», perguntou David ansiosamente.

«Sim, claro que estou», respondeu Janet. «Só estive a flutuar.»

Como a experiência parecia não lhe ter feito mal, David pediu-lhe que tentasse fazer isso novamente. Peggy Nottingham entregou-lhe uma caneta de esferográfica vermelha. «Vê se consegues fazer um risco à volta da luz no teto», disse ela. A luz ficava entre as duas camas e não se conseguia alcançar sem mover uma delas para se subir.

«Está bem», disse Janet, prestável.

David e Peggy saíram da divisão, enquanto Janet começou a saltar na cama para cima e para baixo, conforme as instruções de David. Era uma cama dura, com pouca elasticidade nas molas rijas, mas ela fez o seu melhor. Gostava do David e estava ansiosa por agradar-lhe.

Duas portas abaixo, no n.º 88, a Sra. Barton* reparou que o seu cão estava a comportar-se de forma estranha. Bess, uma velha spaniel simpática, quase nunca ladrava. Mas agora ficou muito agitada sem razão aparente que a Sra. Barton conseguisse ver, e começou a ofegar intensamente. Deixou o cão sair para o jardim das traseiras, e Bess correu diretamente para a vedação, olhou na direção da casa dos Harper e começou a ladrar furiosamente, embora não houvesse ninguém à vista.

Mais abaixo na Wood Lane, a supervisora de passadeira escolar, Sra. Hazel Short, vestiu o uniforme e saiu de casa, caminhando em direção ao n.º 84, onde guardava a sua «pinta-rosa» no jardim da frente. Ainda havia muito tempo antes de as crianças saírem da escola, mas a Sra. Short gostava de chegar cedo.

Várias outras pessoas seguiam também pela estrada em direção às lojas ou à estação, incluindo um comerciante local, que caminhava pelo passeio a visitar os seus clientes habituais. Podia ser uma manhã em qualquer subúrbio de Inglaterra.

David e Peggy Nottingham, de pé à porta do quarto de Janet, ouviam-na saltar para cima e para baixo com força crescente. Como antes, ouviram-se alguns gritos e ofegos dela, e depois ela parou de saltar, a cama parou de ranger, e fez-se um silêncio total.

«Janet, estás bem? O que estás a fazer?», chamou David. Ele pedira-lhe que tentasse descrever em voz alta o que quer que acontecesse, para que ele pudesse ouvir através da porta fechada.

Sem resposta.

David escutou, mas não se ouvia um som, exceto o rugido dos camiões e autocarros na rua. Isto era tão inesperado que David ficou preocupado e, embora tentasse abrir a porta, viu que, como antes, estava absolutamente imóvel. Olhou para Peggy, e ela também tinha a certeza de que algo acontecera a Janet.

Por fim, após aquele período estranho de silêncio total, ouviram um solavanco e uma exclamação de Janet. Ao mesmo tempo, a porta decidiu deixar-se abrir (nunca percebemos como é que a cama a impediu de abrir num momento e no outro já não) e entraram apressadamente no quarto. Peggy reparou de imediato que havia uma fina linha vermelha à volta do suporte da luz no teto.

Janet estava deitada na cama aparentemente exausta, o que era invulgar para ela, especialmente tão cedo. (Eram agora cerca das 11h30). Estava sem fôlego e parecia um pouco assustada.

«Oh!», ofegou. «Oh, ufa! Passei através da parede...»

Peggy olhou para ela com total perplexidade.

«Entrei no teu quarto», disse Janet calmamente. «Estava tudo branco.»

O quarto de Peggy não estava pintado de branco, mas coberto com papel de parede colorido, e como o resto da casa, estava sempre impecavelmente limpo e arrumado.

«Está bem», respondeu Peggy com igual calma, «se achas que entraste no meu quarto, tenta outra vez.» Peggy normalmente confiava que Janet lhe dizia a verdade, mas isto era demais para qualquer um acreditar.

Saíram da divisão e Peggy foi imediatamente para sua casa e subiu ao quarto. Sabia que Janet nunca estivera naquele quarto antes.

Abriu a porta do quarto, meio à espera de encontrar Janet lá dentro. Desde 31 de agosto que testemunhara tanta atividade extraordinária que não ficaria assim tão surpreendida com o que quer que acontecesse.

Mas o quarto dela estava vazio. Pelo menos, não havia ninguém. Estava prestes a voltar para o lado de lá e ralhar com Janet por estar a fazer jogos com ela, quando algo lhe chamou a atenção.

Ali, no chão ao lado da cama, estava um livro. Não era de Peggy, e ao pegá-lo reconheceu-o imediatamente. Era o exemplar de *Brincadeiras e Jogos para Crianças* que ela e David tinham visto minutos antes na prateleira da lareira no quarto de Janet, ao lado. Tinha atravessado a parede.

Enquanto Peggy voltava para o n.º 84, a tentar perceber isto, Janet já estava de novo em ação. David estava decidido a obter provas da passagem de matéria através de matéria, e as experiências da noite anterior não tinham sido suficientemente boas. É verdade que os chinelos e a almofada tinham desaparecido, mas os chinelos tinham aparecido debaixo do colchão e a almofada mesmo por baixo da janela.

Por isso, pegou numa das grandes e pesadas almofadas de plástico vermelho de uma das poltronas da sala e entregou-a a Janet.

«Força», disse ele, «vê o que consegues fazer com isto.» Virou-se para sair da divisão. Ela não conseguia esconder aquilo debaixo do colchão.

«ESTÁ BEM, RAPAZ DAVID. VOU FAZÊ-LA DESAPARECER», disse a voz familiar enquanto ele saía pela porta.

Mal tinha atravessado a porta quando Janet chamou animadamente. Ele virou-se e viu que uma das cortinas tinha

desaparecido, embora a janela estivesse bem fechada, e a almofada não estava à vista. E não era só isso...

Lá fora, na Wood Lane, o comerciante local mencionado acima estava já a cerca de cem metros de distância, a caminhar pelo passeio em direção à casa dos Harper. Os Harper não eram clientes dele, embora os conhecesse de vista, e a sua sogra no n.º 92 já lhe dissera que havia coisas estranhas a acontecer no n.º 84. Mas ele não acreditara em nada daquilo e nunca falara com nenhum dos Harper nem estivera na casa deles.

De repente, parou e ficou a olhar. Ali, na borda do telhado do n.º 84, mesmo na sua linha de visão, estava um grande objeto vermelho. Parecia uma almofada. Um minuto antes não estava lá, e agora estava. E ninguém abrira a janela.

Hazel Short também caminhava em direção ao n.º 84 para buscar a sua pinta-rosa debaixo da sebe no jardim da frente dos Harper. Também ela viu a almofada no telhado e perguntou-se o que estaria ali a fazer. Mas tinha o seu trabalho responsável para fazer, por isso pegou na pinta-rosa e tomou a sua posição do outro lado da estrada movimentada, mesmo em frente à janela do quarto de Janet.

Eis como a Sra. Short descreveu mais tarde o que viu:

«Estava ali parada a olhar para a casa, quando de repente dois livros vieram a voar e bateram na janela. Foi tão repentino. Ouvi o barulho porque estava muito silêncio, não havia trânsito, e fez-me saltar.

«Quando levantei os olhos, uma almofada às riscas também bateu na janela. Veio depois dos livros, e eu fiquei — não sei se estava assustada ou não, apenas fascinada. As janelas continuavam fechadas. Depois de um pouco, vi a Janet. Não sei se há uma cama debaixo dessa janela, mas ela estava a subir e a descer como se alguém a estivesse a atirar para cima e para baixo, na horizontal, como se alguém lhe tivesse pegado nas pernas e nas costas e a estivesse a atirar para cima e para baixo.

«Vi claramente ela subir até à altura da janela, mas pensei que se estivesse a saltar, saltaria com os pés, não conseguiria ter

força suficiente para saltar de costas, para subir tão alto. A minha amiga também a viu, as duas vimo-la.

Mais tarde, Grosse e eu fomos ver essa amiga, que morava na esquina. A princípio, negou ter estado presente e, quando dissemos que a Sra. Short nos dera a sua morada, ficou extremamente agitada e recusou-se a dizer qualquer coisa, exceto: «Receio que não possa mesmo falar sobre isso.» Tivemos a impressão de que, mesmo várias semanas após o acontecimento, ainda estava profundamente abalada e assustada com o que vira.

«Era como se os braços e as pernas dela fossem para todo o lado», continuou a Sra. Short. «Quero dizer, se estivéssemos a fazer isso sozinhos, manteríamos os braços e as pernas junto ao corpo, se percebe o que quero dizer. Mas ela estava definitivamente deitada na horizontal, a subir e a descer.»

Quando colhemos o seu depoimento, Grosse e eu testámos a cama de Janet para ver quão elástica era. Descobri que, por mais que saltasse nela, não conseguia de todo elevar-me no ar, e calculámos com algum cuidado que se Janet estivesse na posição em que a Sra. Short tinha a certeza de a ter visto, ela devia estar a 70 centímetros acima da cama. Só assim teria sido visível por cima do peitoril da janela vista de fora.

Eis como o comerciante descreveu os acontecimentos que testemunhou, sendo as suas palavras retiradas de depoimentos que Grosse e eu obtivemos dele em ocasiões separadas:

«Vi esta criança, que sei ser a Janet, bem dentro do quarto, e num primeiro momento vi a cabeça dela a aparecer e a desaparecer, como se estivesse a saltar na cama. Depois vieram objetos rapidamente através do quarto em direção à janela. Não foram definitivamente atirados contra a janela, pois os objetos andavam em círculo, batiam na janela e depois recuavam, para continuar à mesma altura, num sentido horário.

«Se os objetos tivessem sido atirados, teriam simplesmente batido na janela e caído. Os objetos pareciam ser livros, bonecas e artigos de roupa. Eram cinco ou seis objetos, e pelo seu movimento pareciam estar presos a um elástico. Pareciam viajar

com força considerável, e todos andavam à roda ao mesmo tempo. A criança apareceu então em duas ocasiões, a flutuar horizontalmente pelo quarto, e duas vezes o braço dela bateu com força contra a janela. Na altura fiquei com medo que ela atravessasse a janela. Ao mesmo tempo que os objetos andavam à roda no quarto, as cortinas estavam a soprar para cima, para dentro do quarto.»

«Todo o episódio foi muito violento, e fiquei muito perturbado e incomodado com o que vi. Muito pouco depois do episódio, estava cá fora da casa a falar com alguém sobre estes acontecimentos estranhos, quando a Janet saiu. Estava com um olhar muito vago, e certamente não parecia uma criança que acabara de estar a brincar.»

O comerciante pareceu-nos a ambos uma testemunha totalmente honesta. Ainda estava muito perturbado quando Grosse foi vê-lo para colher um segundo depoimento em abril de 1978, e pediu-nos encarecidamente que não revelássemos o seu nome nem enviássemos jornalistas para o ver. (Falámos com ele novamente em 1979, e disse-nos que mantinha tudo o que nos dissera, mas não queria falar sobre o assunto com mais ninguém. Não há dúvida alguma de que a sua experiência causou uma impressão profunda e duradoura nele.)

Grosse interrogou a Sra. Nottingham com grande minúcia sobre a sua participação nos acontecimentos da manhã, e ela garantiu-lhe que jurava sob juramento que:

— O seu quarto estava arrumado e em ordem quando ela o deixou.

— Ninguém poderia ter entrado no quarto depois de ela o ter arrumado.

— Ela entrou no quarto imediatamente depois de Janet lhe ter dito que atravessara a parede, e de ela lhe ter pedido para o fazer novamente, e encontrou o livro no chão perto da porta, bem longe tanto da janela como da lareira.

«Sejamos sensatos quanto a isto», disse eu a Grosse. «Se tivermos de pôr este livro naquele quarto ao lado, como o

fazemos? Pela janela? Pela lareira? Ou fica escondido no bolso das calças de ganga da Peggy, ou o quê?»

A janela, concordámos, estava fora de questão. Não se conseguia alcançar e, de qualquer forma, a da Peggy tinha uma janela de lâminas que só abria uns centímetros lá em cima. A lareira também estava fora de questão, pois estava tapada do lado dos Nottingham.

Não fazia sentido imaginar que Janet, David, Peggy, a Sra. Short e o comerciante tivessem inventado toda a história para nosso benefício, especialmente porque nenhuma destas cinco pessoas conhecia todas as outras na altura. A Peggy nem sequer sabia o nome do comerciante. E, de qualquer modo, não podia haver dúvida de que a almofada tinha de alguma forma ido parar ao telhado.

Tentámos repetir aquilo. Tive alguma dificuldade em conseguir atirá-la pela janela. A janela já era difícil de abrir à partida, e descobri que tinha de virar a almofada na vertical, depois inclinar-me perigosamente para fora e estender o braço o mais alto possível para colocar a almofada sobre o telhado saliente. Consegui fazê-lo, mas quase caí da janela no processo, que demorou bastante tempo. E os meus braços são consideravelmente mais compridos que os de Janet. Sugerir que ela fizera o que eu fiz sem ser vista da rua não era simplesmente razoável.

A própria Janet revelou-se a melhor testemunha deste episódio. Cada um de nós interrogou-a longamente em várias ocasiões sobre o assunto, e sentimos que ela estava a dizer a verdade, especialmente tendo em conta que algumas das coisas que nos contou foram corroboradas por alguém (o comerciante) que ela nunca conhecera.

As suas respostas às minhas perguntas eram tipicamente diretas e muitas vezes bastante divertidas. (Ao longo do caso, iríamos notar que Janet nunca tendia a embelezar os factos. Dizia-nos o que vira e ficava por ali.)

«Este livro», perguntei-lhe. «Como é que foi parar ali?»

«Porque o levei para lá», respondeu ela. «De que outra forma achas que foi para lá?» Muito bem, portanto atravessou a parede com ele.

«Que sensação dá atravessar uma parede?», perguntei. «Não são muitos os que já fizeram isso.»

«Não sei», disse ela. «Só senti que atravessei, como através do ar. Simplesmente atravessas. Não sentes nada.»

Rosalind Morris juntou-se ao interrogatório. Pediu a Janet que voltasse atrás e começasse pelo princípio.

«Estava sentada na cama», disse Janet, «e o David Robertson diz "vai saltando gradualmente para cima e para baixo", por isso fiz isso, e de certa forma saltei para o ar e comecei a rodopiar pelo quarto. Depois atravessei a parede.»

Sob um longo e bastante intenso interrogatório, Janet não conseguia lembrar-se exatamente de atravessar a parede. Tudo o que conseguia afirmar com certeza era que saiu do seu próprio quarto e passou para outra divisão que assumiu ser o quarto da Peggy do outro lado da parede. Foi então que repetiu o seu comentário espontâneo sobre o aspeto da divisão:

«Estava tudo branco, e não havia portas nem janelas.» Tinha achado este o aspeto mais desconcertante de toda a experiência, e não conseguia compreender o que tinha acontecido a todas as cores.

Por acaso, tinha estado justamente a ler um livro em que o autor, o artista e sensitivo americano Ingo Swann, descreve o que é conhecido como uma EFC, ou experiência fora-do-corpo, e quando o autor veio a Londres em 1978 pude perguntar-lhe se ele também tinha notado alguma alteração nas cores durante tais experiências.

Oh sim, disse ele, não só notara isso como era capaz de apresentar uma explicação razoavelmente plausível.

Em pequeno, Ingo Swann estivera no hospital para ser operado às amígdalas, e durante a operação "flutuara" para fora do seu corpo físico e observara toda a cena. Notara "arcos-íris" por todo o lambrim castanho-escuro da divisão, e notara que as

paredes verde-escuras acima deles se tinham tornado muito mais claras.

Isso, disse ele, tinha a ver com a forma como as duas metades do nosso cérebro recebem e interpretam a informação. Os nossos hemisférios esquerdos lidam com o lado lógico das perceções, enquanto o direito lida mais com formas e impressões gerais ou "instintos".

Parecia que apenas o hemisfério direito do cérebro de Janet tinha estado a funcionar durante a sua experiência. Isso explicaria a sua incapacidade de registar quaisquer cores. Distinguir uma cor da outra na minúscula faixa do vasto espetro eletromagnético que chamamos "luz visível" exige que informações muito precisas sejam enviadas para os nossos cérebros esquerdos.

O relato de Janet sobre como a almofada foi parar ao telhado foi o seguinte:

«O David deu-me uma almofada e disse "faz qualquer coisa com ela", por isso pus-na na cama, e ele diz "vai, faz qualquer coisa", por isso atirei-a, e ela saiu pela janela e foi para o telhado.»

«Mas não se atiram coisas contra janelas quando estão fechadas!», disse eu.

«Eu sei», respondeu Janet. «Pensei em fazê-lo para ver o que acontecia.»

Rosalind Morris perguntou se a almofada tinha desaparecido, ou atravessado a janela fechada ou o quê.

«Vi-a», disse Janet. «Empurrei-a, fiz assim — zás, e ela saiu para fora, e foi para o telhado.» Insistiu que a janela estava fechada. «Sei disso com toda a certeza.»

Parecia, portanto, que num único dia, Janet levitara, viajara para fora do seu corpo físico, fizera um livro passar de uma divisão para outra, e fizera uma almofada pesada viajar de uma divisão fechada para o telhado. Não parecia possível, mas cinco pessoas diferentes tinham a certeza de que tudo aquilo acontecera.

Havia mais alguma coisa que o nosso poltergeist pudesse fazer, perguntámo-nos? Já parecia determinado a tornar-se o poltergeist mais versátil, ativo e com mais testemunhas da história registada. Mas como iríamos descobrir em breve, mesmo após os espantosos acontecimentos de 15 de dezembro de 1977, ainda tinha muitos truques na manga.

DOZE
ORADORES IMPERFEITOS

Matthew Manning estava a estacionar o seu desportivo Jensen-Healey ao lado da modesta carrinha de Vic Nottingham quando eu cheguei a pé da estação local. Prometera vir ver os Harper a meu pedido, e combinámos as 17h de 17 de dezembro de 1977. Chegou a horas. Pedira-lhe que viesse por duas razões: pensei que seria interessante para ele dar uma vista de olhos ao poltergeist de outra pessoa, e queria que a Sra. Harper visse que as vítimas de poltergeist, das quais Matthew era o mais célebre no país graças aos seus livros e aparições na televisão, podiam sobreviver à provação e crescer como pessoas perfeitamente sãs e normais. Além disso, podiam até beneficiar da experiência ao interessarem-se seriamente por fenómenos psíquicos, como ele fizera.

Maurice Grosse já passara a tarde com os Harper, e a Voz, que agora resmungava a toda a hora sem parecer preocupar-se mais com portas fechadas. Começara a atuar também fora de casa, enquanto Janet comprava legumes na loja da senhora idosa lá na rua.

«Ela olhou para mim e disse "que raio é aquilo?"», recordou Janet, «e eu disse "é apenas o meu fantasma. Trouxe-o comigo." Ela passou-se!»

E ouviam-se sons estranhos quando a Sra. Harper levou Janet e Jimmy ao médico. «É o Jimmy a fazer os barulhos de comboio dele», explicou a Sra. Harper. A Voz também fora ouvida num autocarro, enquanto um comprador surpreendido num

supermercado de Enfield ouvira um «vai-te foder, seu velho». Estava a tornar-se algo embaraçoso.

Ao ser informada de que Matthew viria à hora do chá, prometeu:

«VOU FAZER UM ESPETÁCULO PARA ELE.» E desta vez, cumpriu a palavra.

Assim que chegámos, no entanto, a Voz calou-se. Fiz as apresentações e senti alívio ao ver que as raparigas estavam a comportar-se da melhor maneira. A abordagem calma e amigável de Matthew pôs todos à vontade, e em breve ele e a Sra. Harper estavam a comparar experiências como um par de veteranos de guerra. («Também tiveste isto?» «Oh sim, e aquilo também aconteceu?...»)

Perguntei a Matthew se alguma vez sentira dores de cabeça como as que a Sra. Harper sentia justamente quando algo estava prestes a acontecer.

«Sentia uma sensação de formigueiro na parte de trás do pescoço», respondeu ele. «Isso era...»

«Desculpe!», interrompeu Grosse entusiasmado. «A Janet disse isso meia hora antes de você chegar.» Rebobinou a fita, e ouvimo-la dizer:

«Estou com uma dor na parte de trás da cabeça.» Indicara a parte de trás do pescoço, exatamente onde Matthew sentira a sua estranha sensação. «É como — ecos.» Ela dera esta informação de forma completamente espontânea, e comentei como era notável que, se todos os casos de poltergeist fossem partidas de crianças, todas as crianças do mundo inteiro inventassem sempre as mesmas partidas.

Matthew tinha opiniões fortes sobre as pessoas que o acusavam de fazer truques, como o mágico americano James Randi. «Ele está a dizer que o que eu fiz foi feito desde o início como uma gigantesca farsa para enganar o mundo», disse ele. «As hipóteses de um rapaz de onze anos enganar todos aqueles adultos são simplesmente impossíveis.» O seu caso estivera no seu auge

no internato, e o diretor testemunhara publicamente os fenómenos, juntamente com várias outras testemunhas idóneas.

«Outra coisa», disse eu. «Se vamos imitar alguma coisa, temos de saber o que estamos a imitar, e temos de o fazer corretamente. E não me parece que a Janet e a Rose tenham andado a estudar a história da investigação psíquica!»

Rose assentiu. «Já nos teriam apanhado até agora», concordou

Matthew deu-nos mais pormenores das suas próprias experiências, como descreveu em *The Link*. Eu trouxera comigo um exemplar para oferecer à Sra. Harper, mas ao relê-lo no comboio reparei que continha alguns desenhos muito macabros de pessoas mortas. Lembraram-me desconfortavelmente dos desenhos que Janet fizera no dia seguinte à visita de Luiz Gasparetto, por isso decidi não o mostrar à família.

«Há seis anos», disse Matthew, «a situação era muito pior. As pessoas não sabiam o que era um poltergeist. Os únicos que havia eram os da SPR, e foram absolutamente inúteis.» O pai dele, disse ele, escrevera a um membro considerado uma autoridade em poltergeists, e nunca recebera resposta. Alguns membros tinham ido vê-lo, um dos quais lhe entregou uma garrafa de leite e um ovo cozido, pedindo-lhe que visse se o poltergeist conseguia colocar este dentro daquela para ele, enquanto outro, um antigo presidente da sociedade, admitira não ter qualquer experiência prévia de "situações para-psicológicas". Foi apenas quando a polícia pôs os Manning em contacto com o Dr. George Owen, então no Trinity College, em Cambridge, que receberam qualquer ajuda de alguém.

«Hoje, estão todos a saltar para o carro da moda», observou Matthew, mencionando os nomes de alguns dos cientistas que estudaram as suas estranhas capacidades nos seus laboratórios. Fez uma observação que já tínhamos notado em Enfield: que os cientistas pareciam relutantes em publicar resultados positivos

com medo do ridículo, e estavam em vez disso obcecados em provar que os fenómenos eram truques.

Isto levou a uma discussão sobre a crença numa vida após a morte. «Pelo que percebo, não és muito adepto da teoria dos espíritos», disse eu.

«Bem», respondeu Matthew, «ao mesmo tempo que sim e que não. Acho que é tão fácil atribuir tudo aos espíritos, e penso que há explicações alternativas para muitas coisas.» Não me parecia que este fosse um jovem que quisesse enganar o mundo.

«O que eu sinto», continuou, «é que aquilo por que passei, o poltergeist, foi causado pela minha própria energia. Não teve nada a ver com espíritos. Mas acredito que essa energia foi mais tarde utilizada, se preferir, por espíritos, para várias coisas. Mas nem sequer estou convencido de que os meus desenhos e escritos venham necessariamente de espíritos.»

A sua abordagem prática ao assunto teve um efeito calmante sobre os Harper, e até a Voz permaneceu em silêncio, exceto por um único assobio agudo que David Robertson descreveu como «mesmo no meu ouvido». O meu gravador estivera na cozinha durante duas horas, a gravar nada mais emocionante do que a Sra. Harper a fazer um chá. Evidentemente, a Voz não ia fazer espetáculo nenhum afinal.

Então a mesa da cozinha tombou.

O meu gravador estava no chão da sala, ligado por um cabo comprido a um microfone separado num suporte na bancada da cozinha. Rose e Janet tinham ido para a cozinha, e Rose começara a cantar para o microfone, de costas para a mesa. Entrei e pedi-lhe que não fizesse muito barulho, e tinha acabado de me virar e voltar para a sala quando ouvi exatamente o mesmo zunido e baque relâmpago, quando a mesa tombou completamente, tal como ouvira da última vez que isto acontecera na minha presença.

Tanto Matthew como David Robertson viram parte da mesa a mover-se, e tinham a certeza de que Janet não lhe tocara. Reparei que uma cadeira também caíra ao mesmo tempo, movendo-se na

direção oposta à da mesa, que se deslocara algum caminho pelo chão da sua posição original.

Matthew mencionou que o pai, arquiteto, desenhara plantas da casa deles e marcara nelas a posição de cada incidente.

«Precisaríamos de uma equipa de arquitetos a tempo inteiro aqui», disse eu. «Perdemos a conta após os primeiros quatrocentos incidentes.» Não era exagero; tínhamos perdido.

Comentei uma das características mais óbvias dos casos de poltergeist: a precisão extraordinária do timing dos acontecimentos. Aquela mesa tombou no segundo em que lhe virei as costas. Matthew notara a mesma coisa.

«Engraçado», acrescentou, «anteontem telefonei ao Uri Geller em Nova Iorque. Havia um candeeiro na mesa ao lado do telefone, pus o dedo no disco e a lâmpada estoirou. Apenas uma coincidência.»

«Sim», ri-me. «Também temos dessas aqui.» Estávamos prestes a ter mais algumas.

Fui ao pub buscar umas tortas e garrafas de cerveja, deixando o gravador a funcionar, depois de mudar e verificar a fita. Quando voltei, descobri que a máquina devia ter estado a gravar a meia velocidade, pois as vozes na fita pareciam o Pato Donald. Depois, ao fim de vinte minutos, que teria sido justamente quando eu estava a voltar para casa, o som desapareceu por completo, embora a máquina continuasse a funcionar na posição de gravação. Apenas uma coincidência.

Depois de examinar o microfone, virei-me para voltar à sala. Matthew Manning estava sentado de frente para a porta da cozinha, e quando atravessei o chão da cozinha, pisei o cabo fino que ligava o microfone ao gravador através da ficha na sala. Quando pisei o cabo, o microfone atrás de mim no seu suporte pesado disparou para o chão. Ninguém mais estava ao seu alcance.

«Vi isso», disse Matthew, «e não me parece que o seu pé tenha apanhado o cabo.» Nem eu. Eu era sempre cuidadoso naquela casa, especialmente com o meu equipamento de

gravação. Os cabos estavam soldados ao microfone e presos por um grampo de mola firmemente apertado tanto ao cabo como à base do microfone. Descobri que a mola estava fortemente dobrada no meio, como se o cabo tivesse sido puxado com muita força de um lado. A força devia ter sido considerável, pois a função da mola era impedir que o cabo fosse arrancado acidentalmente. Quando mostrei mais tarde a mola a um técnico da minha loja de equipamento áudio, perguntou-me como é que eu tinha conseguido dobrá-la. Disse-lhe que não sabia.

Pouco antes da hora de dormir das crianças, a Sra. Harper entrou na cozinha e chamou: «Olá, Charlie, ainda andas por aí?» Um momento depois ouvimos um familiar «OLÁ» vindo da direção geral de Janet, e quando as raparigas subiram as escadas parecia que a Voz estava a acordar. «AÍ VOU EU!», resmungou ameaçadoramente.

Matthew não teve dificuldade em iniciar uma conversa com a Voz, que interrogou constantemente durante vinte minutos sem conseguir extrair qualquer sentido. Afirmando agora ser o falecido pai do Sr. Nottingham, respondia frequentemente às perguntas com um grunhido sem palavras ou um suave «NÃO SEI...»

«Sei que esse não é o teu verdadeiro nome», disse Matthew. «São todos a mesma pessoa — Fred, Charlie e Bill. És apenas um grande trapaceiro!»

«TODOS TEMOS TÍTULOS DIFERENTES, SABES», veio a resposta inesperada.

«Qual é o objetivo disso», insistiu Matthew. «O que estás a tentar provar?»

«NÃO SEI.» E assim continuou. Gostava de saber as respostas. Senti-me como Macbeth a tentar obter algum sentido das bruxas:

Ficai, oradores imperfeitos, dizei-me mais... Dizei de onde vos vem esta estranha inteligência...

Mas não nos disseram mais. De quem era esta "estranha inteligência"? Chamar-lhe uma personalidade secundária, ou um espírito, apenas explicava um mistério em termos de outro.

O interrogatório de Matthew pareceu pelo menos ter subjugado a Voz, que não mostrou nenhuma da sua agressividade ou insultos habituais, e pensei que talvez tivéssemos uma noite tranquila, por isso descemos para comer as nossas tortas. Subi pouco depois para ver se a minha fita precisava de ser virada, apenas para descobrir que a fita tinha parado a meio do rolo, com o cabo de alimentação puxado da tomada. Voltei a pô-lo e desci novamente. As crianças pareciam quase a dormir, mas prometi-lhes que Matthew viria dizer boa-noite antes de partir.

Pouco depois, ouviu-se um estrondo ensurdecedor lá em cima. Parecia que a cama individual de Rose se tinha embater na porta a cerca de um metro de distância, com ela dentro. Decidi ignorar este episódio e ver o que acontecia a seguir. Passou-me pela cabeça que as raparigas pudessem estar a exibir-se para impressionar Matthew, e pedi-lhe que não subisse até que tudo estivesse calmo.

David Robertson subiu para ver se o poltergeist repetia um incidente da noite anterior. Tinha pedido à Voz que demonstrasse os seus poderes de desmaterialização, após o que uma escova de plástico de limpeza, normalmente guardada na casa de banho no rés-do-chão, zunira por cima da cabeça dele vinda de trás, enquanto ele estava à vista de todos na divisão. Mas naquela noite não teve sorte, e finalmente David desistiu e voltou a juntar-se a nós em baixo.

Mais tarde, quando calculei que a minha fita se devia ter acabado, houve uma saraivada de batidas e estrondos lá de cima, e todos subimos para encontrar o quarto cheio de chinelos, almofadas e livros espalhados. Como de costume, fui diretamente ao meu gravador para verificar se ainda estava a funcionar.

O gravador tinha desaparecido completamente.

As raparigas negaram ter-lhe tocado, o que nunca tinham feito antes. (Pareciam ter algum respeito por tudo o que custava

muito dinheiro.) A Sra. Harper garantiu-me que as teria visto se o tivessem feito, e que mo teria dito. Eu deixara-o debaixo da cama de casal em que ela estivera deitada desde que lá o pusera.

O quarto tinha agora sido reorganizado de modo que a Sra. Harper e o Jimmy partilhavam a cama de casal, enquanto Janet e Rose tinham uma cama individual cada uma. Todos insistiam em dormir no mesmo quarto, e a essa altura já deixavam uma luz acesa toda a noite, como viriam a fazer durante muito tempo.

Matthew baixou-se e espreitou por baixo da cama de Janet.

«Está aqui», disse ele.

Mas não estava. Janet saiu e ajudou-nos a afastar a cama da parede. Não havia nada ali. Imediatamente separei os lençóis e cobertores dela, notando que ela usava um pijama azul fino, que lhe dava pouca oportunidade para esconder a máquina. Para garantir, revistámos todo o andar de cima, do qual já conhecia bem todos os buracos e cantos. Grosse e eu devíamos tê-lo percorrido mais de uma dúzia de vezes desde setembro.

Se alguma das crianças o tinha escondido, tinha de ser no quarto, calculei, mas não estava lá. Se estivesse em qualquer uma das outras duas camas, teria sido facilmente visível.

«Bem, há de voltar», disse eu. «Voltam sempre.» Isto não era verdade, pois Matthew dissera-me que alguns dos objetos removidos pelo fantasma da família dele nunca tinham sido recuperados após vários anos.

Perguntei-me se Thomas Penn, uma das entidades que produzia regularmente escrita automática para ele, poderia ajudar. Pensava-se que Penn era um médico do século XIX, e frequentemente escrevia diagnósticos médicos detalhados, usando a mão de Matthew.

«Receio que ele não saiba o que é um gravador», disse Matthew, para meu desapontamento, embora parecesse mais preocupado com o gravador do que eu, juntando-se energicamente à procura.

Decidimos pôr Janet sozinha no quarto dos fundos para ver se isso acalmava as coisas. Ajudei-a a arranjar a outra cama, aconcheguei-a bem e disse boa-noite.

Um quarto de hora depois, ouviu-se um estrondo que abalou todo o edifício. Desta vez pensei mesmo que o telhado devia ter desabado. Subimos apressadamente e encontrámos a enorme cómoda no quarto de Janet tombada para a frente, com o espelho fixo pousado em cima da cama de Janet. Por um momento terrível pensei que ela tivesse sido esmagada, mas ela já estava a tentar empurrá-la. Parecia muito sonolenta, e não via como ela poderia ter derrubado a cómoda sozinha e depois voltado para a cama debaixo do espelho, tudo em questão de segundos.

David, Matthew e eu endireitámos a pesada peça de mobiliário e colocámo-la de volta contra a parede, onde estivera antes. Algo no chão parecia estar a atrapalhar, por isso baixei-me para ver, esperando encontrar um sapato ou um chinelo. Não havia calçado, mas ali, arrumado ordenadamente com as costas para a parede, estava o meu gravador. Deve ter estado debaixo da cómoda, e duvidava que Janet, por mais forte que fosse, pudesse ter levantado aquela coisa e colocado o gravador ali sem fazer muito barulho, que teríamos ouvido.

Embora nada mais tenha acontecido nessa noite, e Matthew Manning tenha finalmente partido à 1 da manhã depois de passar oito horas na casa, houve duas sequelas interessantes da sua visita.

No início da noite, Janet perguntara-lhe se ele conseguia dobrar colheres.

«Não», respondeu Matthew de imediato.

«Pensei que conseguisses.»

«Já não.»

«Ainda bem», intervim, sabendo que Matthew não queria aprofundar o assunto. «Já tivemos suficiente disso aqui.»

Nem Janet nem eu voltámos a referir o assunto. No dia seguinte, no entanto, Maurice Grosse trouxe duas peças de metal e perguntou a Janet se ela as conseguia dobrar. Uma estava selada

dentro de um tubo de plástico, enquanto a outra, um tubo de aço de quinze centímetros, não podia ser dobrada à mão sem uma força enorme.

Mais tarde naquele dia, Janet devolveu o tubo a Grosse. «Ficou dobrado», disse ela casualmente. Tinha de facto ficado dobrado, num ângulo de quase quarenta e cinco graus, e a curva suave e limpa assemelhava-se muito às que vira e examinara em peças de metal quando visitei o dobrador de metal francês Jean-Pierre Girard em Paris. O tubo selado também estava ligeiramente dobrado, mas o selo tinha sido rompido, por isso tivemos de assumir que poderia ter sido retirado e dobrado propositadamente.

Janet nunca mais mencionou os tubos, nem nós, pois estávamos mais interessados em fazê-la fazer algo que David Robertson pudesse registar no seu equipamento, já que tanto ele como Grosse ficaram finalmente satisfeitos que tanto ela como Rose o tinham feito.

A segunda "coincidência" a ocorrer no dia seguinte à visita de Matthew foi o aparecimento de alguns rabiscos na parede da cozinha. Ele falara-nos dos escritos que apareceram na sua própria casa, consistindo em centenas de assinaturas de antigos residentes locais, muitas das quais ele próprio verificou, como descreve no seu livro *The Stranger*.

Ambas as raparigas negaram veementemente ter rabiscado na parede, e mostrámos pouco interesse, pois a nossa política era não parecer demasiado entusiasmados com qualquer coisa que elas pudessem ter feito. Estávamos mais interessados em coisas que elas definitivamente não poderiam ter feito. Houve muitas dessas, e não queríamos encorajar as raparigas a começar a imitá-las deliberadamente. Ambos sabíamos que as crianças envolvidas em casos de poltergeist frequentemente tendiam a imitar os fenómenos, e embora eventualmente tenhamos tido provas definitivas de que algumas das crianças Harper faziam isso, isso não nos preocupava minimamente. As crianças aprendem tudo por imitação, mas isso não torna o que imitam menos genuíno.

Dois dias após a visita de Matthew Manning, os Harper receberam outro visitante famoso, um homem com uma abordagem muito diferente aos fenómenos psíquicos. Era o mágico internacionalmente conhecido Milbourne Christopher, chefe de um comité especial criado pela Sociedade de Mágicos Americanos para examinar fenómenos supostamente paranormais. O Dr. Dingwall sugerira que ele poderia estar interessado em visitar Enfield, e eu disse que teria todo o gosto em levá-lo. Esperava que ele fosse altamente crítico e cético, mas não tinha nada a esconder.

No entanto, tinha a certeza de que nada aconteceria naquela noite. Tornava-se cada vez mais evidente que os acontecimentos paranormais só ocorriam na presença de pessoas que acreditavam que eram possíveis. Esta não era uma ideia original minha; foi sugerida há um século por Robert Hare, um dos primeiros investigadores qualificados na área, e repetida mais recentemente pelo psicólogo K.J. Batcheldor, e embora dificilmente possa esperar que o cético comum engula tal teoria, sinto que deve haver alguma verdade nela.

Christopher, embora muito simpático e cortês, era claramente também muito cético. Garantiu-me, enquanto estávamos no comboio, que tinha uma mente aberta em relação aos fenómenos psíquicos. Acontecia apenas que nunca vira nenhum, embora tivesse desmascarado muitos que considerava fraudulentos. Disse-lhe que era bem-vindo para desmascarar quem quer que fosse em Enfield, se conseguisse, e concordei em não o apresentar como mágico. Não queria que as raparigas soubessem com quem estavam a lidar, se de facto estivessem a fazer batota.

Assim, apresentei Christopher como meu amigo americano "Eric White", e a sua educação e evidente interesse no caso causaram boa impressão nos Harper. Para minha grande surpresa, no entanto, Christopher só estava na casa há cerca de quinze minutos quando começou a fazer truques de magia para as crianças, que se sentaram no chão e observaram de olhos arregalados.

«Oh sim, o Sr. White é um mágico amador bastante bom», disse eu apressadamente, perguntando-me o que raio ele estaria a fazer. Ele não era, claro, amador, mas um profissional altamente qualificado, e sem usar quaisquer acessórios exceto alguns pedaços de papel rasgados, executou uma rápida sucessão de truques de prestidigitação que deixaram os Harper fascinados.

«Uau, faz isso outra vez!», exclamou Janet quando um pedaço de papel desapareceu no ar e reapareceu no chão ao lado dela. Perguntei-lhe mais tarde porque é que dera aquela brilhante atuação depois de ter pedido especialmente para ficar incógnito.

«Queria testar as reações deles», respondeu ele. Não tenho a certeza do que deduziu das reações, exceto talvez que as crianças eram como quaisquer outras crianças.

À hora de dormir, houve muita confusão na casa de banho, com Janet a afirmar que não conseguia abrir a porta, e depois que algo a empurrara para dentro da banheira. Christopher observou com razão que dificilmente poderia testemunhar a paranormalidade de incidentes que não via, mas eu senti que se Janet realmente tivesse algum truque em mente, devia ser capaz de fazer muito melhor do que aquilo. Quase parecia que o poltergeist estava a tentar incriminá-la, produzindo fenómenos de terceira categoria na presença de um observador de primeira categoria.

A Voz começou a balbuciar assim que as raparigas estavam na cama, e Grosse colocou imediatamente um grande pedaço de esparadrapo cirúrgico sobre a boca de Janet, após o que a Voz continuou. Embora abafada, ainda conseguia articular palavras definidas, incluindo um claro «NÃO». Depois passámos pela mesma velha rotina das raparigas a saltar da cama no minuto em que saíamos da divisão, uma rotina da qual já estava muito cansado, e finalmente aconteceu o inevitável e a cama de Janet desabou. Decidimos novamente pô-la no quarto dos fundos na esperança de ter algum sossego.

Quando ela se instalou, deixei-a, com a porta bem aberta, e repeti o meu velho truque de descer as escadas ruidosamente e

depois subir de novo cautelosamente, pisando as partes exteriores dos degraus de madeira para evitar rangidos. Quando cheguei à curva das escadas, ainda bem fora da vista da cama de Janet, uma voz espantosamente alta e rouca ladrou:

«SAI DAQUI!» Foi a Voz mais alta que tivemos, e soou verdadeiramente irritada. Desci as escadas novamente em bicos de pés e fiz sinal a Christopher para tomar o meu lugar na escada. Algo ia acontecer, e queria que ele visse, fosse genuíno ou falso.

Há três versões do que aconteceu a seguir. Primeiro, a de Milbourne Christopher, gravada mais tarde nessa noite no carro enquanto o levávamos de volta ao hotel:

«Quando tu descesse, e eu fiquei lá, fiquei até ela suavemente — sem fazer qualquer som — estar a olhar para baixo das escadas», começou ele.

«Isso é muito interessante», disse eu. «Parecia que ela ia fazer alguma coisa?»

«Sim», respondeu Christopher. «Mas vou contar-te um pequeno segredo. Naquele momento produzi um clarão de luz no ar.»

«Fizeste?», disse eu, assumindo que ele ainda estava a "testar as reações dela".

«Sim, um clarão de luz — é uma coisa de mágico. E ela recuou imediatamente e entrou no quarto da frente, e por isso pensei que nada mais aconteceria a partir daí.»

Christopher disse-me que acreditava que Janet estava a espreitar para ver se estava livre. «Acho que ela estava a vir ver se havia alguém no vão da escada, e, tendo a certeza, então teria acontecido.»

«Isso é estranho», disse eu. Não parecia correto. «Conhecendo a Janet, teria esperado que ela viesse a saltar escadas abaixo e dissesse que queria ir à casa de banho.»

«Sim», disse Christopher misteriosamente, «mas desta vez não. A luz impediu-a.»

Isto soava certamente bastante suspeito, e no dia seguinte transmiti-o a Grosse, que estivera presente toda a noite. Maurice

soltou uma gargalhada quando acabei. «Sabias que havia um gravador no quarto da Janet todo esse tempo?», perguntou.

Lembrei-me de que Grosse não era mau mágico amador. Ele produziu a fita, e aqui está a versão gravada do que aconteceu:

Depois de eu ter deixado Janet e descido as escadas, a Voz começou a rugir como um lobisomem enlouquecido. Houve também vários assobios penetrantes, os mais altos que tínhamos gravado até então. Depois:

«SAI DAQUI!» Isto teria sido quando eu estava nas escadas.

Seguiram-se algumas palavras ininteligíveis e depois:

«DUPLO MERDA PARA TI.»

As últimas duas palavras foram repetidas várias vezes, com crescente fúria. Depois a Voz começou a chamar o meu nome, entre resmungos e gemidos sinistros. Era exatamente como se tivesse decidido arrancar-me a cabeça. Depois, de repente, ouvimos a voz normal de Janet.

«Sr. Grosse?» Soou exatamente como se tivesse acabado de acordar.

Depois houve uma pausa na fita de vinte e dois segundos, após a qual se seguiu o seguinte diálogo:

Christopher: Olá, o que estás a fazer? Como estás?

Janet: Acabei de me levantar da cama.

Christopher: Acabaste de te levantar da cama, meu Deus!

Janet: Não gosto de ficar aqui sozinha.

Christopher: Hã?

Janet: Não gosto de ficar aqui sozinha.

Christopher: O que aconteceu?

Janet: Não gosto de ficar aqui sozinha. Porque é que tenho de ficar aqui sozinha?

Janet falou muito rapidamente, com o seu sotaque carregado habitual, e Christopher podia ser desculpado por não perceber muito do que ela disse. Depois, na fita, seguiram-se três sons estranhos de berros, presumivelmente feitos por Christopher enquanto fazia o seu truque de magia. (Isto é geralmente feito esfregando um pó especial entre os dedos).

«Oh meu Deus!», disse Janet imediatamente. Christopher não disse nada. Depois ouve-se Janet a abrir a porta do quarto da frente, a entrar e a dizer:

«Ele enlouqueceu!»

Depois de ouvir a fita, perguntámos a Janet a sua versão do que aconteceu. Ela não fez qualquer referência à Voz, mas repetiu a sua conversa com Christopher quase palavra por palavra, lembrando-nos mais uma vez da sua tendência para se ater aos factos sem os embelezar. Mas havia apenas uma discrepância entre o seu testemunho e o da fita, e muito curiosa.

Janet disse-nos que, pouco antes de ver Christopher, chamara por mim pelo nome, enquanto na fita se ouve ela a chamar por Grosse com a sua própria voz, logo após ter bramido o meu nome no tom inconfundível da Voz. Todo o episódio parecia ter sido montado para nos confundir.

«A ligação entre a Janet e a Voz é obviamente muito próxima», disse eu a Maurice. «Houve várias ocasiões em que ela diz algo que a Voz obviamente queria dizer, e vice-versa. Será que ela se enganaria assim se estivesse a fingir tudo?»

«Ela não está a fingir nada», respondeu Grosse, «tenho estado com esta família quase todos os dias durante três meses e meio. Sei quando a Janet está a brincar e quando não está. Tive duas filhas minhas, lembra-te.»

«É o mesmo velho problema», disse eu. «Sabemos que este caso é genuíno. Olha para todas as coisas que vimos com os nossos próprios olhos. Mas quando apresentas conclusões positivas neste meio, chamam-te crédulo e incompetente. Se tivéssemos desmascarado este caso de imediato, seríamos heróis.

«Este episódio com o Christopher», continuei, «é absolutamente típico da forma como as pessoas encontram o que procuram. Ele veio procurar truques, pelo menos foi o que lhe pedi para fazer, e encontrou um. Tenho a certeza de que ele acredita sinceramente que a Janet teria atirado alguma coisa escadas abaixo se não o tivesse visto na escada. Mas não acredito nisso nem por um minuto. Acho que ela estava assustada por estar

sozinha e queria ir dormir com as outras. Mas claro que nem ela nem eu podemos provar isso. Este maldito caso fica mais complicado a cada momento!»

Concordámos que, a partir de então, só convidaríamos outros investigadores se estivessem dispostos a fazer um estudo detalhado do caso e a realizar um programa específico de investigação repartido por várias visitas, como David Robertson vinha fazendo. (A única pessoa que concordou com as nossas condições foi o psicólogo de Cambridge Carl Sargent, que realizou vários testes com as crianças, aparentemente com alguns resultados positivos. Uma vez que estes não tinham sido publicados quando este livro foi para a imprensa, seguirei a prática aceite e abster-me-ei de os comentar.)

Para resolver o mistério da síndrome do poltergeist, percebemos, seria necessária uma equipa a tempo inteiro de físicos, psicólogos e psiquiatras, mais uma carrinha cheia de equipamento e muito tempo e dinheiro. Não tínhamos tudo isso, mas pelo menos estávamos a fazer algum progresso no lado físico graças ao Professor Hasted e a David Robertson, por isso não havia outra opção senão continuar com os recursos que tínhamos. Ou isso, ou abandonar o caso de vez, e no final de 1977 não havia hipótese de desistir. Íamos levar este caso até ao fim.

CAPÍTULO TREZE
«RITUAL NOTURNO»

O Natal de 1977 aproximava-se, e estávamos todos interessados em ver que efeito isso teria na família Harper e na sua estranha aflição. Tinham decorado a sala com grande cuidado, com serpentinas de papel e luzes coloridas que cobriam quase as paredes e o teto. A grande árvore estava carregada de presentes, incluindo uma caixa de chocolates com a inscrição «Para Bill, Joe, etc. Saudações de Despedida.» Comprei-a depois de a Voz ter ameaçado «comer todos os chocolates», e no verso do embrulho colei uma etiqueta «Ajude os Espásticos», à qual

acrescentei «e os Espíritos». Disse às crianças que podiam comer os chocolates depois do Natal se não desaparecessem, e como o poltergeist falhou o prazo, as crianças ficaram com eles.

Enquanto a atmosfera alegre da sala parecia ter um efeito na atividade lá em baixo, o «ritual noturno», como a Sra. Harper lhe chamava, continuava no quarto como antes, noite após noite, durante horas a fio.

Depois da sua timidez inicial, a Voz parecia não ter objeção a que estivéssemos na divisão quando falava, e conseguimos observar o rosto de Janet de perto várias vezes. Podíamos ver que, embora a sua boca parecesse mover-se, os lábios não formavam as formas associadas à fala normal.

Embora a Voz fosse extremamente maçadora na maior parte do tempo, estávamos determinados a descobrir exatamente como era produzida, e igualmente determinados a extrair dela toda a informação útil que pudéssemos. Esta era uma tarefa muito frustrante, pois cerca de noventa e cinco por cento do que proferia era disparate trivial.

Mas de vez em quando dava-nos algo em que pensar. Durante um interrogatório maratona que durou mais de três horas, Grosse começava a perguntar-se se valia a pena continuar quando uma observação espontânea da Voz o fez parar:

«OUÇO-OS A PASSAR AS VOSSAS FITAS QUANDO TÊM O RÁDIO LIGADO À HORA DO PEQUENO-ALMOÇO», disse ela.

«Mesmo?», perguntou Grosse.

«É VERDADE. ONTEM DE MANHÃ, QUASE TODAS AS MANHÃS.» Era de facto verdade, e Grosse nunca mencionara este hábito diário a ninguém. Poderia, claro, ter sido um palpite com sorte, já que o pequeno-almoço era praticamente a única altura em que Grosse tinha tempo para passar as suas fitas. Mas noutra ocasião, uma observação casual da Voz pareceu ir além do acaso ou do palpite.

Grosse estava na sala, depois de ter chegado mais tarde do que prometera. «Desculpem o atraso», disse à Sra. Harper. «Tive problemas com o carro.»

«FOI RÁPIDO DEMASIADO.» O comentário da Voz foi imediato, e dificilmente poderia ser um palpite lógico. Se o carro fora rápido demais, porque estaria ele atrasado? O que acontecera foi o seguinte:

Como era um dia frio, ligou o motor e deixou-o aquecer, a trabalhar lentamente e de forma regular, o que fez durante alguns momentos. Depois, subitamente, o motor começou a acelerar descontroladamente, como se alguém tivesse pisado o acelerador. Subia e descia as rotações como se esperasse a bandeira de partida num Grande Prémio. Grosse podia não perceber de poltergeists, mas percebia de motores, e imediatamente espreitou por baixo do capot para ver o carburador, depois de verificar que o starter e o acelerador estavam ambos fechados. Nenhuma das suas peças mecânicas se movia. Intrigado com este comportamento estranho, passou algum tempo a examinar o motor, e foi isso que o atrasou.

Várias semanas depois, ocorreu um incidente semelhante, embora entretanto tivesse mandado colocar um carburador novo, depois de os fabricantes lhe terem dito que o primeiro incidente só podia ser explicado por uma agulha gasta. No entanto, aconteceu novamente, com um carburador novo.

Ocorreu-me que o poltergeist poderia ter começado a atacar Grosse, pois conhecia casos em que coisas estranhas tinham acontecido fora do local da atividade aos investigadores. Mas a Voz recusou-se a fornecer qualquer informação adicional, quer sobre a rotina de pequeno-almoço de Grosse, quer sobre o seu carro.

«Típico», comentei. «Estas coisas dão-te apenas o suficiente para te intrigar, depois calam-se. É como se tudo o que fizessem fosse planeado para causar o máximo de dúvida e conflito possível. Sabes que há alturas em que sinto que são elas a investigar-nos.»

Pode ter sido assim, como acontecimentos subsequentes vieram a sugerir ainda mais fortemente, mas continuámos em frente, independentemente disso. Colámos a boca de Janet várias vezes, enchemo-la de água, e até lhe atámos o lenço com força à volta da cabeça enquanto ela usava o aparelho dentário. Nada disto parou a Voz, embora certamente lhe dificultasse as coisas. Grosse conseguiu que ela repetisse a frase «garrafa de cerveja», sabendo que esta é difícil para ventríloquos, pois não se consegue fazer o som de «b» sem fechar os lábios. A Voz conseguiu, no entanto, sem movimento notável dos lábios de Janet.

Enquanto tentávamos estudar a Voz, tínhamos todo o tipo de distrações, incluindo uma série de incidentes de «encontro próximo» para juntar à nossa coleção crescente.

Numa noite, Grosse estava no quarto com todos os Harper, que estavam todos na cama, quando houve um zunido e um baque súbitos debaixo da cama de casal. Ajoelhou-se e descobriu que o tapete estava desarrumado, como se tivesse sido puxado bruscamente para a frente. Isto teria sido muito difícil para alguém fazer por meios normais, mesmo que tivesse rastejado para debaixo da cama.

Grosse pegou na sua máquina fotográfica e tirou uma foto do tapete. Estava de pé entre as duas camas, bem fora do alcance de qualquer um dos Harper. John Burcombe, que estava determinado a apanhar qualquer uma das crianças a fazer truques, se o fizessem, ficou junto à porta, de onde podia ver toda a gente na divisão.

Enquanto tirava as fotografias, Grosse sentiu algo fazer cócegas no alto da sua cabeça, e quando levantou a mão para sentir o que era, as raparigas começaram a rir. Um lenço de papel aparentemente flutuara do teto e caíra exatamente em cima da cabeça dele.

«Oh, esse foi um truque inteligente!», exclamou ele. Não via forma de alguém presente (visível, isto é) o ter feito, pois o lenço era demasiado leve para ser atirado, e chegara diretamente de

cima da cabeça dele. Tanto a Sra. Harper como John Burcombe viram-no acontecer.

«Vi isso, flutuou para baixo em cima da sua cabeça, como uma aranha», disse Burcombe.

Mais tarde nessa noite (23 de dezembro de 1977), Grosse pôde testemunhar um truque ainda mais inteligente a curta distância. Estava de pé entre as duas camas, com as mãos de ambas as raparigas fora de vista, quando viu um anel de luz brilhar no teto. Percebeu de imediato que isso era causado pelo abajur do candeeiro de mesa, que estava no chão atrás dele, inclinando-se subitamente sozinho cerca de 45 graus. E ninguém estava ao seu alcance.

Virou-se para olhar para o candeeiro. A estrutura do abajur era bastante rígida e não se inclinaria sozinha. Depois virou a cabeça novamente, e imediatamente o anel de luz brilhou no teto como antes. O abajur voltara à sua posição vertical normal.

«Meu Deus, isso foi inteligente!», exclamou Grosse com genuína admiração. E mais tarde nessa mesma noite, como bis, o poltergeist derrubou o candeeiro inteiro enquanto tanto ele como Burcombe estavam na divisão e, novamente, ninguém estava ao seu alcance.

Muitos dos nossos colegas da SPR perguntavam-nos frequentemente porque é que nada disto acontecia quando eles estavam em Enfield. A resposta é muito simples. Não iam lá com frequência suficiente, não ficavam tempo suficiente quando iam, ou não mantinham os olhos abertos. Nalguns casos, quando as coisas realmente aconteciam, concluíam imediatamente que as crianças estavam a pregar partidas, muitas vezes sem verificar se isso era possível. Uma vez, um investigador visitante estava sentado na sala comigo quando a mesa da cozinha tombou com estrondo, o que eu sabia ser muito difícil de fazer normalmente.

O meu colega não prestou qualquer atenção ao incidente. Sem dúvida que assumiu que, como havia uma criança na cozinha, ela devia ter virado a mesa de propósito. Frequentemente

achava as reações das pessoas a tais acontecimentos tão interessantes como os próprios acontecimentos.

O período de Natal foi marcado por alguns desenvolvimentos bastante alarmantes. Pela primeira vez, tivemos indicação clara de agressividade por parte do poltergeist.

Na manhã de 23 de dezembro, os dois peixinhos dourados foram encontrados mortos no seu aquário. Sempre foram bem alimentados e cuidados, e Janet gostava especialmente deles. A Voz reivindicou imediatamente a responsabilidade.

«FUI EU QUE FIZ ISSO.» Grosse perguntou-lhe porquê e como.

«ELECTROCUTEI OS PEIXES ACIDENTALMENTE», foi-lhe dito.

Grosse perguntou que tipo de energia fora usada.

«ENERGIA DOS ESPÍRITOS.»

«É elétrica?», perguntou Grosse.

«NÃO. PODEROSA.» Sabíamos isso, mas era claro que a Voz não iria, e provavelmente não poderia, dar-nos uma lição sobre física interdimensional.

Na manhã de Natal, o terceiro dos três animais de estimação dos Harper, Whitey o periquito, foi encontrado frio e imóvel na sua gaiola na sala. Andara um pouco adoentado durante algum tempo, mas mesmo assim era estranho que todos os três animais tivessem morrido, a ave apenas dois dias depois dos peixes. Desta vez, a Voz não fez qualquer comentário.

Depois veio o incidente mais sinistro até à data. O poltergeist atacou Janet.

Ela estava sentada junto à janela da sala quando de repente agarrou a garganta e soltou um grito. Uma das cortinas enrolara-se à volta do seu pescoço e parecia estar a tentar estrangulá-la. Parecia aterrorizada.

A Sra. Harper também ficou, e eu tranquilizei-a dizendo que os poltergeists não matam pessoas; apenas andam a brincar. Não lhe contei nada sobre os raros casos em que ocorreram mortes

inexplicáveis em tais situações, pois não queria dar-lhe mais um motivo de preocupação.

Pouco depois do Natal, aconteceu novamente. Desta vez houve duas testemunhas, e o gravador de Grosse captou o zunido rápido quando a cortina, segundo Rose e Peggy Nottingham, simplesmente disparou do varão e enrolou-se à volta do pescoço de Janet como um laço. Isto aconteceu oito vezes no total.

Depois foi o roupão dela. «Vi isso com os meus próprios olhos», relatou a Sra. Harper. «Ela tinha-se deitado para dormir, e aquilo torceu-lhe o corpo e enrolou-a com ele.»

Um minuto depois, aconteceu novamente com o lençol de Janet. «O lençol de cima pareceu separar-se dos cobertores», disse-nos a mãe imediatamente a seguir, «e enrolou-se à volta dela.»

Depois foi o cobertor, depois o lençol novamente. Finalmente, a Sra. Harper perdeu a paciência.

«Oh, seu cabrão, seu cabrão do caralho», exclamou. Depois acrescentou de imediato: «Oh, a minha linguagem! Desculpem lá isso, vai sair na vossa fita. Mas houve motivo para isso esta noite.»

«Foi a primeira vez que a ouvi dizer palavrões», disse Rose.

Mesmo depois de Janet ter adormecido, aconteceu novamente pelo menos três vezes. Foi esta repetição interminável de incidentes que realmente nos esgotou a todos, embora a Sra. Harper se mantivesse desafiadora.

«Vou levantar-me às seis da manhã mesmo que tenha de ficar acordada a noite toda», disse ela.

Aproveitámos os poucos períodos de calma no final de dezembro de 1977 para tentar estudar a Voz mais de perto. Grosse ligou Janet com um microfone de contacto colado na parte de trás do pescoço, para ver se as vibrações que ela dizia sentir quando a Voz falava podiam ser gravadas.

Enquanto o microfone estava na posição, conseguiu gravar um breve «OLÁ, SR. GROSSE» após muitas perguntas sem

sucesso, e pediu imediatamente a Janet que repetisse a frase com a sua voz normal, o que ela fez.

A diferença na fita era impressionante. A Voz era muito mais alta do que a voz normal de Janet, e enquanto falava, havia vibrações altas que quase abafavam as próprias palavras. Decidimos repetir esta experiência com melhor equipamento, e acabámos por o fazer, com resultados a que me referirei mais tarde. Uma coisa que aprendemos imediatamente, no entanto, foi que Janet tinha dito a verdade sobre as suas «vibrações», e tendo em conta que ela as mencionara de forma completamente espontânea, isso levou-nos a estar mais inclinados a acreditar noutras coisas que ela nos contava.

Encorajado por este sucesso, decidi não prestar mais atenção à Voz, já que obviamente não tinha nada para me dizer, e deixar os interrogatórios para Grosse. Afinal, era «a voz dele» — ele pedira por ela e conseguira-a. Numa noite em que Grosse não estava presente, pensei em testar uma teoria que um dos nossos colegas da SPR apresentara: que falar com a Voz só a encorajava a aumentar a sua atividade.

Pedi aos Harper que tentassem ignorá-la completamente e, quando todos estavam na cama, saí da divisão deixando a porta bem aberta.

«FECHA A PORTA», bradou a Voz imediatamente.

«Fecha tu», respondi enquanto descia as escadas. Imediatamente, uma das cortinas foi arrancada e o estranho rearranjo do tapete debaixo da cama repetiu-se.

«Porque é que não te portas bem, para variar?», perguntou Rose. «Já causaste pânico e destruição suficientes!»

A Voz ordenou então a Rose que saísse da cama e fechasse a porta, e quando ela recusou, ouviu-se um baque alto quando a pilha de livros que eu colocara debaixo da cama de Janet onde as pernas se tinham partido disparou, deixando cair o pé da cama no chão. Logo a seguir, o meu gravador aparentemente parou de gravar, embora estivesse do outro lado da divisão.

Fiquei em baixo a conversar com John Burcombe e Anita Gregory, que viera para outra visita, sozinha. Ela subiu para dizer boa-noite e depois foi-se embora. Janet espreitou pelas cortinas ao lado da cama e observou enquanto ela partia. Imediatamente, a Voz começou.

«AGORA VOU-VOS MOSTRAR TRUQUES», prometeu. Ninguém ligou, e Janet disse de repente:

«Gostas do Max Bygraves, mãe?»

«Sim, gosto do Max», respondeu a mãe. Nunca deixei de me espantar com a forma como começavam a discutir assuntos do dia-a-dia mesmo no meio de uma saraivada de chinelos e almofadas.

Depois houve um baque alto quando o despertador disparou pelo chão debaixo da cama de casal, quase atingindo o meu gravador.

«Seu porquinho destruidor!», exclamou Rose. «Isso é dizer sem rodeios!»

«Porque é que não vais dormir, então?», perguntou a Sra. Harper cansadamente.

«CABELEIREIRA», respondeu a Voz. Também ela tinha uma forma desconcertante de mudar subitamente de assunto.

«Estiveste na cabeleireira?», perguntou a Sra. Harper. Tinham estado lá nesse dia.

«SIM... BEIJEI-A», respondeu a Voz de forma lasciva. Não parecia a Janet, cuja mente consciente já estava firmemente fixada nos rapazes.

Poucos minutos depois, a Voz rugiu com raiva:

«SAI DAQUI, SR. PLAYFAIR. POSSO VÊ-LO NA PORTA.» Isto não era verdade, pois embora muitas vezes espreitasse Janet pela fresta da porta aberta, desta vez ainda estava na sala em baixo.

«SABEMOS QUE ESTÁS LÁ», continuou.

Em baixo, John Burcombe e eu ouvimos imediatamente uma série de batidas vindas de todo o teto acima de nós, seguidas por duas batidas na porta da frente. Pensando que a Sra. Gregory

pudesse ter voltado para buscar algo que esquecera, fui abrir. Não havia ninguém à vista. (Isto aconteceu várias vezes, e uma vez, quando cheguei e bati três vezes à porta, a porta bateu de volta, embora apenas a Sra. Harper estivesse em casa na altura, e me garantiu que estava na cozinha quando bati).

Voltei a subir. Os Nottingham tinham convidados em casa, e ouvia-se música pop vinda da casa deles.

«Têm uma festa ao lado», disse Rose.

«Temos uma festa aqui», respondeu a Sra. Harper. «Ritual noturno. Às vezes gostava de poder ir para a cama e dormir.»

«Não queres falar connosco sobre cães, ou algo assim?», disse Janet, que me contara que vira um enorme dinamarquês na rua nesse dia. Obviamente desejava ter um cão seu, e eu considerara dar-lhe um no Natal, mas Grosse, um defensor militante dos direitos dos animais, insistiu que esperasse até o problema passar.

Em vez disso, contei às raparigas a história do peixinho vermelho que vivia num lago privado de um homem rico, e escapou um dia espremendo-se pelas grades para o rio, e depois para o mar. Voltou ao lago para contar aos outros peixes, mas eles não acreditaram no que ele lhes contava sobre os palácios de coral no chamado "mar", por isso ele espremeu-se pelas grades novamente e foi-se embora. Mais tarde, houve uma vaga de calor, o lago secou, e todos os peixes morreram.

Havia muitos paralelos entre as aventuras do peixinho e as dos seres humanos que vislumbram outras realidades, mas descobrem que ninguém acredita neles.

Prometi a Janet que a vida seria muito mais interessante quando o problema passasse, e que Maurice e eu ainda estaríamos por perto; não nos íamos esquecer deles. Perguntei se ela acreditava em mim.

«Sim», disse ela. «Agora está a ficar aborrecido.» Duvido que alguém mais pudesse descrever o que se passava como aborrecido, mas percebi o que ela queria dizer.

Expliquei o que eram "médiuns"; pessoas que veem ou sentem coisas que outros não conseguem, e disse-lhe que ela provavelmente era uma delas. «Olha», disse eu, «se consegues atrair toda esta porcaria, também podes atrair algo melhor se quiseres. O facto é que todas estas coisas que têm acontecido obviamente têm algo a ver contigo.»

«E com a Rose», respondeu Janet indignada.

«Sim, mas acho que é principalmente contigo. As duas juntas.»

«Não estou a fazer isto de propósito», disse Janet.

«Eu sei que não. Se pensasse isso, não estaria aqui, pois não?»

«Janet», disse a mãe, «tens de tirar isso da cabeça, que as pessoas pensam que tu fazes isto de propósito. Não pensam.»

«Bem», disse eu, «tens de admitir que há alturas em que parece mesmo, no entanto. Alguém vê-te a saltar na cama e a agarrar a cortina, e o que é que vão pensar?»

«Oh, sim», respondeu Janet. «Bem, não consigo falar com aquela voz.»

«Por outro lado, não podes provar que não consegues», lembrei-lhe. «Isso faz parte da diversão. Eles gostam de nos confundir.»

«Não dão os seus nomes verdadeiros, pois não?», perguntou a Sra. Harper.

«Provavelmente nem eles próprios os sabem», respondi. (Uma vez, a voz chegou a dizer «NÃO SEI QUEM SOU», e mais tarde, «NÃO SEI DO QUE ESTOU A FALAR»).

«Há pessoas tão ignorantes que quando morrem, as suas mentes continuam como num sonho», continuei. «Não sabem quem são. Só se lembram de andar a brincar, e não conseguem fazer isso a menos que encontrem uma fonte de energia.»

«Sim», disse Rose, «como nós!»

«Acontece que vocês são os mais próximos do cemitério», disse eu. Queria que os Harper sentissem que os seus problemas eram acidentais, em vez de devidos a alguma culpa deles.

«Por outras palavras», disse a Sra. Harper pensativamente, «esta família atraiu a fonte de energia?»

«Sim, sabes porquê? Porque há mais crianças», disse Janet.

A Sra. Harper pareceu tranquilizada com a ideia de que era tudo acidental. Não vi razão para sugerir que Janet estava possuída por demónios. Estava apenas a passar pela idade em que estas coisas acontecem, mas iria superá-lo, tal como Matthew Manning superara.

Depois Janet fez outra das suas mudanças súbitas de assunto.

«Quando é que achas que o mundo vai acabar?», perguntou-me.

«Não te preocupes com isso», disse eu. «Acho que é daqui a cerca de quarenta mil milhões de anos, quando o Sol se apagar.»

«Se eu morrer», disse Janet, «acho que gostava que alguém me pregasse numa cruz.»

Perguntei-me o que os nossos amigos psicólogos fariam desta observação. Lembrou-me novamente o forte contraste entre os interesses simpáticos de Janet pela religião e a extrema hostilidade da Voz em relação a ela.

A primeira reação de Janet à visita de Matthew fora «Uau, ele parece Deus!». Naquela altura, com o cabelo comprido e a barba, Matthew assemelhava-se de facto à representação habitual de Jesus Cristo. Quando lhe perguntei uma vez qual era a sua disciplina favorita na escola, respondeu «E.R.», que aprendi significar Educação Religiosa. E ficara muito bem impressionada com as freiras católicas que cuidaram dela em novembro enquanto a Sra. Harper descansava.

Como então explicar observações tão intrigantes como a resposta da Voz a uma pergunta de Grosse sobre os sessenta e oito cães que supostamente andavam com ela?

«PARA ME PROTEGEREM DAS REZAS», foi a razão dada.

Isto foi numa das nossas primeiras sessões com a Voz, e mais tarde ela haveria de se referir com desdém às pessoas que estavam sempre a «disparar» contra ela com orações.

«Bem», disse eu depois da nossa longa conversa sobre peixinhos e a vida para além desta, durante a qual a Voz estivera completamente em silêncio, «vamos ver se conseguimos todos dormir cedo esta noite.»

Houve alguns resmungos familiares quando saí da divisão, mas ignorei-os e desci para fazer alguns disparos de orações meus.

Tinha trazido comigo o meu exemplar de um livro que contém um capítulo sobre «Poltergeists, Assombrações e Possessões», no qual o Cónego J.D. Pearce-Higgins inclui uma sequência de orações que recomenda para pacificar poltergeists. Li-a em voz alta, com a porta fechada para não ser ouvido lá em cima, terminando com a oração:

Ó tu, espírito inquieto, que ao teu afastamento das contaminações da carne escolhes permanecer preso à terra e assombrar este lugar, segue o teu caminho regozijando-te de que as orações dos fiéis te seguirão, para que possas gozar o descanso eterno, e encontrar o teu lugar justo junto ao Trono da Graça.

Feito isto, e estando tudo em silêncio lá em cima, instalei-me para reler o ensaio admiravelmente sensato do Cónego. Tudo o que ele dizia baseava-se na sua considerável experiência, e fazia muito sentido para mim tendo em conta os acontecimentos recentes na casa em que me encontrava. Ele conhecia bem os problemas de todos os ângulos; sendo não apenas um clássico estudioso de Cambridge e antigo Vice-Reitor da Catedral de Southwark, mas também um membro ativo da SPR que fizera bastante trabalho, juntamente com médiuns, em casos de assombrações e poltergeists.

Fazia uma distinção clara entre casos em que parecem estar envolvidos espíritos de falecidos, e aqueles em que não estão. Todos os casos, insistia ele, precisam de ser cuidadosamente peneirados «para separar os fatores psíquicos genuínos dos psicopáticos». Quanto ao exorcismo, afirmou sem rodeios que, na sua experiência, o clero tem feito mais mal do que bem, enquanto não tinha tempo nenhum para o «diabo», com palavras duras para

os «métodos grosseiros do pretenso exorcismo de demónios» ainda usados em algumas igrejas.

Tinha razões para acreditar que ele sabia do que falava, pois depois de ter falhado completamente nos meus esforços para encontrar um médium espírita capaz de resolver o caso que mencionei no Capítulo 4, ou mesmo disposto a tentar, enviei a rapariga envolvida para casa do Cónego Pearce-Higgins para uma única sessão com ele (na qual não estive presente). Após a sua visita, a rapariga não teve mais os problemas que lhe estavam a causar uma preocupação muito grave há três meses, e que tinham deixado totalmente perplexos os psiquiatras do hospital local.

Fui agradecer ao Cónego por ter aparentemente conseguido onde a psiquiatria e o espiritismo tinham ambos falhado, e tive uma conversa muito estimulante com ele sobre o cenário espírita no Brasil, de onde eu acabara de regressar. «Bem, parece que falamos a mesma língua», disse-me ele, e perguntei-me por que razão deveria haver qualquer separação entre a Igreja de Inglaterra e o movimento espírita fundado por Allan Kardec e ainda florescente no Brasil.

«Em noventa e nove casos de poltergeist em cem», disse-me ele, «os fenómenos são totalmente inofensivos. Ninguém se vai magoar. O que me preocupa tanto é o medo que é injetado na situação. Na maioria dos casos, estamos apenas a lidar com um ser humano perturbado a uma distância.»

Perguntei-lhe porque é que isto não era geralmente aceite, sabendo que as suas opiniões estavam longe de ser populares mesmo na sua própria igreja.

«Bem», respondeu ele, «se aceitas isto, estás a engolir de uma só vez toda a posição espírita, nomeadamente que sobrevivemos como pessoas. Ora, algo correu mal na igreja cristã — tem medo da personalidade. O clero é tão submetido a lavagem cerebral e processado no seminário teológico.» Como exemplo dessa «despersonalização», mencionou a linguagem que o clero supostamente devia usar quando se dirigia a espíritos inquietos.

«Qualquer demónio a quem se dirigisse com este serviço teria de ter um diploma de primeira classe em teologia antes de conseguir perceber o que lhe estava a ser dito», queixou-se. «Sou a favor de um inglês direto e simples que achamos que eles vão entender, não todo este "doravante, donde em diante e seja o que for"...»

O nosso caso de Enfield, perguntei-me, seria um exemplo genuíno de possessão espiritual? Como poderia ter a certeza? E se estávamos realmente a lidar com um espírito preso à terra, de quem seria afinal? Em tais momentos de dúvida, gostava sempre de me lembrar do que se sabia sobre o nosso caso em vez do que não se sabia. Os mistérios poderiam resolver-se mais tarde.

De uma coisa tinha certeza: durante quase quatro meses, a família Harper passara por uma série de experiências totalmente inexplicáveis em termos da ciência atualmente conhecida. Coisas incríveis tinham acontecido, e Maurice Grosse e eu sabíamos que tinham acontecido, algumas mesmo em frente dos nossos olhos. Mas o que significava tudo aquilo?

A parte triste era que tão poucas pessoas pareciam interessadas em descobrir, e quão afortunado era que Grosse tivesse agarrado o caso com tanto entusiasmo, e continuado apesar de todos os obstáculos. Se não o tivesse feito, detestava pensar em que estado estariam os Harper agora.

Se ele e eu tivéssemos descoberto uma nova espécie de barata debaixo das tábuas do chão, sem dúvida que o mundo da ciência teria batido à nossa porta, entregando-nos grandes cheques para fundos de investigação. Mas quando apresentámos evidências de um outro mundo para além do alcance dos cinco sentidos conhecidos, o que aconteceu? Com algumas exceções notáveis, as pessoas ou riram ou simplesmente foram-se embora.

Baixei o livro e bocejei. Já passava da meia-noite, e de repente apercebi-me de que não havia um som vindo de cima há pelo menos meia hora. Pelos padrões de Enfield, isto era muito bom. Poderia ter algo a ver com as orações que lera? Ou seria apenas mais uma daquelas coincidências?

Desembrulhei as minhas sanduíches, abri uma lata de cerveja e li o Daily Mirror dos Harper, perguntando-me porque é que ninguém na Grã-Bretanha do século XX parecia interessado em mais nada senão salários, greves, futebol e sexo.

Depois lavei os dentes e subi em bicos de pés, espreitei por um momento a família normal e simpática a dormir em segurança e tranquilamente na sua calma casa de subúrbio, e entrei no quarto dos fundos para uma noite de sono tranquila.

CAPÍTULO CATORZE
ANO NOVO INFELIZ

O ano velho parecia estar a terminar relativamente em calma, mas depois chegou a Véspera de Ano Novo, que a Sra. Harper me descreveu no dia seguinte com estas palavras:

«Estávamos aqui sozinhos, e as crianças estavam a dançar e a divertir-se, mas eu não conseguia sossegar. Sentia-me muito inquieta e muito tensa. Tudo parecia calmo até cerca das vinte e três e vinte da noite passada.

«Disse à Rose: "Sinto-me muito tensa, acho que vamos ter problemas." Depois ouvimos algumas batidas, que pareciam vir da parede da sala da frente. Depois houve uma pausa de cerca de dez minutos, e então começou...

«Aquele armário no canto mais longínquo começou a saltar para trás e para a frente, como se alguém o estivesse a bater contra a parede. Continuou a bater durante uns bons dez minutos. Depois disse à Rose: "Vai dizer à Peggy ao lado para não se assustar, há um armário a bater, e não o podemos parar."»

Os Nottingham estavam a ter uma animada festa de Ano Novo com vários amigos e familiares.

«Bem», continuou a Sra. Harper, «ao fim de alguns minutos, o Vic veio dar uma vista de olhos, e trouxe outro rapaz com ele, e enquanto o Vic estava lá em cima e este rapaz estava na divisão, o aparador comprido junto à parede da sala da frente tombou.»

«Quem estava na divisão?», perguntei.

«As crianças estavam no fundo, e estávamos todos a falar com este rapaz. Fui até ao aparador, e um dos quadros pendurados caiu e bateu-me na cabeça. Depois uma taça de fruta foi para o chão, algumas laranjas e maçãs começaram a vir na minha direção, e afastei-me do canto porque o armário não parava de saltar.» O aparador a que ela se referia, que tombara para a frente, tinha cerca de dois metros de comprimento.

«Não ficou satisfeito com isso», continuou ela. «O sofá saltou e tombou, e as duas poltronas tombaram, e começou a mexer nas cortinas, a puxar o fio até que a cortina finalmente caiu numa das pontas.» Estava a aproximar-se a meia-noite, e a Sra. Harper persuadiu Vic a voltar a juntar-se aos amigos ao lado e a saudar o ano de 1978 com eles.

«Depois perguntei quem estava a fazer aquilo. Algo — uma pessoa a quem chamamos Fred — disse que não tinha sido ele. Foi o Tommy.» Tommy seria supostamente um rapazinho de cinco anos. «Eu disse: "podes dizer ao Tommy para parar?" e ele disse: "Vou tentar, mas não consigo apanhá-lo." Passaram-se alguns minutos. Ficámos ali sentados à espera do próximo movimento, e a árvore de Natal levantou-se e atravessou a sala.»

«Viste mesmo a árvore a mover-se?», perguntei.

«Vi-a mover-se», respondeu a Sra. Harper, «saltou da mesa, foi até meio da sala. Então, não satisfeito com isso, começou a atirar os livros, os livros e aquilo voaram para todo o lado. Bem, no fim virou literalmente a casa ao contrário, e isto continuou até depois da uma da manhã.»

As decorações de Natal também foram arrancadas durante a celebração de Ano Novo do poltergeist, enquanto a Sra. Harper e ambas as raparigas me disseram que foram repetidamente pontapeadas, esmurradas, e literalmente levantadas e atiradas. A Sra. Harper descreveu tudo isto como se tivesse sido um piquenique no campo. Perguntei-me se ainda havia algo que pudesse surpreendê-la.

Lá em cima, no quarto, a Sra. Harper perguntou à Voz porque é que tinha agido assim precisamente naquela noite.

«NÃO FUI EU, FOI O TOMMY A FAZER ISSO», veio o resmungo grave da direção de Janet, embora como sempre os lábios de Janet mal parecessem mexer-se, e ela própria parecesse pouco interessada no que a Voz dizia: «ELE NÃO GOSTA DAS MÁQUINAS NO QUARTO.» Este era o equipamento de videogravação que David Robertson instalara, na esperança de filmar alguma ação ao vivo.

Janet já passara três noites com a câmara de vídeo Pye no seu quarto sem fazer qualquer objeção, e perguntei-me porque é que a Voz se oporia tão fortemente agora. Perguntei-me também porque é que a Voz afirmava ser duas pessoas separadas, e achei estranho que até agora todas as supostas entidades fossem homens ou rapazes, nenhuma mulher. Como é que isto se enquadrava na teoria da «personalidade secundária» dos psicólogos?

De qualquer forma, era claro que a Voz, quem ou o que quer que fosse, não gostava do equipamento de vídeo. «TIRA ESSA MERDA DAQUI», não parava de rugir com raiva. Isto era curioso, pois nunca mencionara os nossos gravadores uma única vez. Talvez, pensei, os poltergeists só tenham permissão para nos dar uma certa quantidade de provas, de preferência inconclusivas. Uma fita de vídeo seria demasiado convincente, e eles preferem manter-nos na dúvida e saborear a controvérsia que o seu comportamento causa entre os investigadores.

Quando a Voz afirmava ser Fred, parecia que estava na verdade a tentar ajudar a Sra. Harper. Pouco antes de ela finalmente adormecer na manhã de Ano Novo, «Fred» disse-lhe subitamente, sem razão aparente, para se livrar de um saco de plástico com facas que a Sra. Harper trouxera da arrecadação e pusera na gaveta da cozinha logo após o Natal. As facas tinham vindo da casa lá na rua onde a menina fora assassinada, juntamente com os móveis já eliminados em setembro de 1977.

«TIRA-AS DE LÁ ANTES QUE O TOMMY LHE PEGUE. ELE PODE SER PERIGOSO COM UMA FACA», disse Fred.

Mas a Sra. Harper não ligou muito na altura. Já tivera o suficiente para um dia.

No dia seguinte, todas as crianças dormiram até tarde, sem surpresa. A mãe, no entanto, levantou-se cedo, como sempre, e estava a passar roupa na cozinha quando, por volta das oito e meia, ouviu um barulho vindo de cima. Pensou que as crianças ainda deviam estar a dormir, pois tinham estado acordadas até cerca das três da manhã.

Parecia que algo metálico tinha sido atirado pela divisão. Depois ouviu passos e o som familiar de arrastar, mas ninguém se mexeu no quarto até depois das dez, quando Janet desceu com ar muito assustado.

«Há uma faca a seguir-me», anunciou.

A Sra. Harper encarou a situação com naturalidade e subiu imediatamente para procurar uma faca. Não achava que Janet estivesse a brincar; parecia genuinamente assustada. Revistou todos os quartos, mas não encontrou nada. Depois, ao descer as escadas, viu uma faca no patamar. Tinha cabo de madeira e lâmina serrilhada, e viera do molho que pusera na gaveta da cozinha.

«Essa faca não foi truque», disse-me a Sra. Harper, «porque a Janet desceu com um olhar de puro terror no rosto.»

Esta foi a versão de Janet do que aconteceu:

«Acordei por volta das nove e três quartos, e esperei até às dez e dez, e depois comecei a descer as escadas devagar. De repente, quando ia a meio, esta faca estava apontada para mim. Estava, tipo, a dançar sozinha, e voltei a subir, certo? E ela veio atrás de mim, certo? Tipo, começou a vir atrás de mim quando voltei a subir. Depois desci a correr para contar à mãe.»

Janet não tinha o hábito de se exibir sobre coisas que vira, e não via razão para ela não estar a dizer a verdade, especialmente quando ouvi a sequela deste episódio, que ocorreu enquanto os Harper jantavam nessa noite.

«Estou a pensar», disse Rose. «Parece demasiado ridículo para palavras, ver uma faca a flutuar assim.»

Depois deu um sobressalto súbito. «O que foi?», perguntou a mãe.

«A minha faca desapareceu!», exclamou. Ali estava ela, a segurar um garfo numa mão e nada na outra. A sua faca desaparecera no ar assim que começara a falar sobre o acidente anterior. Estivera na sua mão direita num instante, e agora não estava. Procuraram-na na cozinha, sem sucesso, e Rose teve de ir buscar outra faca à gaveta para terminar a refeição. (A faca nunca foi encontrada.)

Tal como com o episódio anterior de enrolar coisas à volta do pescoço de Janet, toda esta brincadeira com facas pareceu-me mais travessa do que ameaçadora, e novamente assegurei à Sra. Harper que se a Coisa quisesse magoar alguém, tê-lo-ia feito há muito tempo. Tentei soar como se acreditasse no que dizia, embora não tivesse a certeza de que estava certo.

Depois surgiu uma nova complicação: a Voz começou a vir também da Rose, bem como da Janet, soando notavelmente semelhante à dela, embora a de Rose fosse mais fluente e comunicativa. Grosse perguntou-lhe o que ela sentia quando a Voz falava através dela.

«Apenas a vibração no pescoço, como se estivesse mesmo atrás de mim», disse ela. «Parece estúpido, mas foi o que senti.»

A Voz de Rose também afirmava ser tanto Fred como Tommy. Isto estava a ficar muito confuso. Pedi a ambas as raparigas que tentassem resistir à Voz e pará-la, recusando-me a falar com ela e não dando às raparigas qualquer encorajamento para continuarem com aquilo. Isto não teve efeito algum.

Também não houve qualquer redução na atividade física. Na verdade, aumentou tanto em alcance como em frequência. Num dia, não menos de dez lâmpadas, a maioria completamente novas, fundiram-se no quarto, embora a instalação elétrica estivesse em bom estado. Um grande pedaço de papel de parede foi arrancado da parede.

Janet queixou-se de que a sua agulha de croché se dobrava na sua mão quando tentava coser com ela. E todas as coisas habituais

continuavam noite após noite; os lençóis eram puxados, as raparigas eram atiradas ao chão vezes sem conta (ainda sem se magoarem), as batidas e estrondos tornaram-se tão comuns que eram quase ignorados, e tudo isto contra um pano de fundo constante de balbucio sem sentido das duas Vozes.

A maior parte desta atividade ocorria normalmente logo depois de Grosse ou eu termos saído do quarto ou ido para casa, mas de vez em quando conseguíamos apanhar mais ação ao vivo. Uma vez, Grosse observou fascinado enquanto a almofada debaixo da cabeça de Janet começava a deslizar lateralmente no colchão, embora ela tivesse as mãos debaixo do lençol. A almofada estava rígida, como se uma mão invisível a estivesse a puxar de debaixo da cabeça dela.

Depois, em 15 de janeiro de 1978 (aniversário da Sra. Harper), houve um desenvolvimento muito desagradável.

Pelás seis e meia da tarde, Rose entrou na casa de banho e saiu imediatamente aos gritos, com a roupa ainda desabotoada.

«Que raio se passa?», perguntou a mãe.

Dentro da pequena casa de banho, na parede, estavam as letras M, E, R, D, A. Tinham sido claramente escritas com fezes.

«Algo tocou-me no ombro», disse Rose, «e quando me virei, aquilo estava na parede. Fiquei com um susto de morte!» Nenhum de nós conseguia imaginar Rose a fazer uma coisa destas de propósito, pois era uma rapariga limpa e arrumada.

No dia seguinte, enquanto Rose passava uma capa de almofada a ferro, pousou o ferro por um momento e afastou-se da tábua. A mãe viu então o ferro levantar-se no ar e cair no chão, partindo o cabo de plástico.

«Já deixei cair isto no chão antes», disse-me ela, «mas nunca fez aquilo. Deve ter sido uma força a sério.»

No mesmo dia, quando Grosse estava em casa, Rose foi à casa de banho e encontrou as palavras EU SOU FRED na parte de trás da porta da casa de banho, feitas com tiras da forte fita isolante vermelha de David Robertson. Deve ter levado algum

tempo a fazer, pois a fita era demasiado forte para ser rasgada à mão, e foram usadas cerca de vinte tiras curtas.

O poltergeist, ou pelo menos um deles, parecia ter sentido de humor. Uma noite, os Harper observaram fascinados enquanto um chinelo fazia uma pequena dança equilibrado na borda da cabeceira da cama de Janet, dobrando-se como se fosse manipulado como uma marionete de luva. Noutra ocasião, um cartaz que caíra da parede deslizou do chão e espreitou por cima da mesma cabeceira.

Numa noite, sentei-me no patamar a comer uma sanduíche o mais silenciosamente possível, quando do quarto uma das Vozes anunciou subitamente que queria uma bolacha. A Sra. Harper olhou para Janet, que estava bem aconchegada com as mãos fora de vista, quando para seu espanto uma bolacha simplesmente apareceu do nada, presa na boca de Janet.

Mais cedo nessa mesma noite, logo após a minha chegada, Rose foi à cozinha fazer-me uma chávena de chá.

«Aqui», chamou ela imediatamente. «Há queijo e torradas no grelhador!»

«FUI EU QUE FIZ ISSO», veio da Voz de Janet imediatamente.

«Bem, porque é que não comes, então?», respondi. «Não tens fome?»

Algum queijo e manteiga tinham sido espalhados de forma muito grosseira numa fatia de pão e colocados no grelhador de cima, que, no entanto, não estava ligado. Peguei nele.

«NÃO MEXAS», bradou a Voz imediatamente. Deixei-o, para ver se desaparecia, mas não desapareceu. Incidentes como estes eram divertidos, mas não havia graça nenhuma no que acontecera pouco antes de eu chegar.

«A Rose está na casa de banho», disse-me a Sra. Harper, «e eu estava de pé, peguei na cadeira e sentei-me. A porta da casa de banho estava fechada, e de repente algo bateu-me aqui.» Indicou a zona lombar. «Levantei-o, e estava enrolado vezes sem conta em

muito papel higiénico. E nem preciso de lhe dizer o que estava lá dentro.»

A Sra. Harper, que estivera na cozinha quando isto aconteceu, olhou para as mãos de Rose assim que ela saiu da casa de banho. Estavam bastante limpas. «Acredite em mim», garantiu-me, «ela não poderia ter feito aquilo sem se sujar toda.» E tinha a certeza de que a porta da casa de banho estava fechada na altura.

A Sra. Harper não conseguia evitar a forte impressão de que havia alguém invisível na casa, como nos dissera frequentemente. Em 15 de janeiro de 1978, a impressão tornou-se ainda mais forte. Estava a carregar o aspirador escadas acima para aspirar os quartos. «A meio das escadas, vi isto — uma espécie de aparição da parte de baixo das calças de um homem, e quando olhei para cima, tive um vislumbre muito rápido, e desapareceu completamente. As calças eram do tipo que o meu pai usaria, o modelo de bainha virada que ele usava por volta de 1945.»

«Que cor eram?», perguntei.

«Eram escuras, como azul-marinho. Não vi sapatos.» Depois acrescentou: «É possível ver estas aparições parciais?»

Esta era uma pergunta interessante. A Sra. Harper não sabia que tais aparições parciais são na verdade tão comuns como as totais, senão mais. E tinha a certeza de que vira uma.

Também continuava a ter aquelas dores de cabeça estranhas e súbitas, e notara que havia dois tipos distintos. Havia o tipo de «pressão na frente» que geralmente significava que algo ia acontecer, e a outra surgia às vezes quando Janet ou Rose estavam perto dela. «É uma sensação de pulsação», disse-me ela. «Não é definitivamente um tipo normal de dor de cabeça, é mais no lado, e surge muito de repente, como dor de dentes.»

Também continuava a sentir frequentes rajadas de ar frio a circular. Estes são provavelmente os fenómenos mais frequentemente relatados em todos os tipos de casos de poltergeist e assombrações comuns, e as crianças também os tinham mencionado espontaneamente. Uma vez, numa das suas

visitas de fim de semana, Pete contava-nos que algo lhe dera um pontapé no traseiro enquanto estava na casa de banho. Depois acrescentou, sem qualquer sugestão:

«Oh, houve uma rajada de ar frio ali dentro! Estou com calor aqui fora, mas ali dentro estou com frio, porque algo se move à volta da pessoa.» Duas testemunhas externas também relataram experiências semelhantes de forma independente. Uma, um cobrador da companhia de seguros, sentiu uma à porta da frente e ficou profundamente perturbado com a experiência, enquanto a outra, uma amiga dos Burcombe, relatou espontaneamente «uma corrente de ar frio distinta a roçar» enquanto estava com os Harper. Maurice Grosse também sentiu uma destas no início do caso, embora eu nunca tenha sentido nenhuma.

Tínhamos agora tanta evidência de fenómenos indiscutivelmente genuínos, incluindo relatos em primeira mão de testemunhas externas independentes, que não ficámos indevidamente preocupados quando finalmente apanhámos Janet a fazer um truque.

Tinha deixado o meu gravador lá em cima enquanto estávamos todos sentados na cozinha numa manhã de janeiro de 1978. Janet e Jimmy subiram para ir buscar alguma coisa, e desceram imediatamente. Subi então para ir buscar o gravador e descobri que não estava onde o deixara.

Demorei cerca de meio minuto a encontrá-lo, dentro do armário mais próximo. Reproduzi a fita, ouvi sons inconfundíveis de Janet a pegar na máquina e a escondê-la, e depois desci com o gravador.

A expressão de Janet denunciou-a imediatamente, embora eu não tenha dito nada sobre o incidente. Mais tarde nesse dia, Grosse falou-lhe seriamente, após o que ela passou uma boa hora na casa de banho a fazer birra. Nunca mais mencionámos o assunto, e não creio que ela tenha feito mais truques. O facto de ter detetado o truque imediatamente encorajou-me a pensar que teria detetado truques anteriores, se os houvesse, e o facto de

Janet ter confessado sem muita insistência sugeria que não era mentirosa por natureza.

Uns dias depois, apanhei Rose a comportar-se de forma bastante suspeita. Estava mesmo fora da porta aberta do quarto, quando vi a mão dela sair de trás da cabeceira virada para mim, agarrar a borda da porta e fechá-la com bastante força. Imediatamente, estiquei o pé e impedi a porta de fechar. Depois empurrei-a novamente para abrir. Ahah, pensei, agora enganei-te! Mas Rose não reagiu de todo. Parecia estar a dormir. Se tivesse feito isto de propósito, teria esperado alguma surpresa da parte dela quando a porta não fechasse, e quando lhe perguntei mais tarde porque é que fechara a porta, insistiu que não fizera nada disso. Isto era um pouco difícil de acreditar na altura, mas alguns dias depois fez algo ainda mais estranho.

Estávamos os dois na sala, de pé, quando Rose atirou subitamente uma almofada que segurava diretamente contra mim, pela frente. Quando perguntei o que pensava que estava a fazer, ela apenas olhou para mim com um olhar vazio e abanou a cabeça. Grosse e eu tínhamos frequentemente discutido a «motivação paranormal» pela qual, sentíamos, as raparigas poderiam ser levadas a fazer coisas que normalmente não fariam, e isto certamente parecia um exemplo disso.

Apesar de tais incidentes, dos quais estes foram os únicos exemplos, conseguimos começar a esclarecer a confusão em vez de criar ainda mais. No final de janeiro de 1978, após muita dificuldade, John Burcombe conseguiu contactar uma terapeuta da fala profissional e levá-la à casa para ouvir as Vozes. Foi uma das nossas melhores noites de investigação, pois as Vozes pareciam não ter objeção a atuar em frente a uma profissional, e a terapeuta, uma jovem muito simpática, ficou claramente impressionada com o que ouviu.

David Robertson montou o seu equipamento de vídeo, sentámos as raparigas no quarto dos fundos e deixámos a terapeuta conversar com elas. Rosalind Morris também estava presente. Durante meia hora tivemos ambas as Vozes a atuar com

força, a serem filmadas em vídeo enquanto eram estudadas por uma especialista em fala invulgar, e quando a sessão terminou, pedimos imediatamente à terapeuta as suas impressões.

«Basicamente», disse ela, «só posso dizer que não sei de onde vem o som nem como é sustentado.» Salientou que tanto a voz normal de Janet como a de Rose eram totalmente adequadas às suas idades, não mostrando sinais dos danos que ela esperaria se tivessem produzido os sons guturais deliberadamente.

Pediu a cada uma das raparigas que tossisse, o que elas fizeram. «Quando tossem», explicou, «estão de facto a bater as cordas vocais uma contra a outra, o que dá uma indicação do tom de voz de uma pessoa. Não era um som rouco, era um tom bastante normal para a idade e sexo delas.»

«Portanto, no que lhe diz respeito», perguntou Grosse, «esta voz continua a ser um mistério?»

«Sim, absolutamente», respondeu a jovem, que tinha seis anos de experiência a ouvir vozes invulgares de todos os tipos. «No que me diz respeito, é um som. Nem sequer o identificaria como uma voz, porque quando digo voz, estou a pensar em termos de fonação criada pelas cordas vocais, e não consigo identificar isto com isso.» No entanto, disse que o som tinha alguma semelhança com o que ela chamava de «tom de falsas cordas vocais». Esquecemo-nos de perguntar o que ela queria dizer com isso na altura, embora tendo em conta as nossas descobertas posteriores, parece que ela estava certa.

As impressões da terapeuta, registadas imediatamente após ter ouvido as Vozes durante meia hora, fizeram uma comparação interessante com as dos nossos amigos psicólogos, que tinham decidido que as raparigas nos estavam a enganar. E foi uma sorte tê-las gravado quando o fizemos, pois no dia seguinte a terapeuta telefonou-me e disse-me, com alguma nervosismo, que lamentava, mas não podia fazer mais nada por nós. Poderia, disse-me, pôr o seu emprego em risco, e pediu-me encarecidamente para não mencionar o seu nome.

«Não é maravilhoso?», disse eu a Maurice Grosse. «Hoje em dia, podes dormir no trabalho ou atirar um tijolo ao teu patrão e ser despedido, e és reintegrado por "despedimento injusto" com uns milhares de libras de indemnização. Mas se és um cientista que se depara com algo novo e interessante, perdes o emprego e passas a ser considerado um maluco.»

«Não importa», respondeu ele. «Ela disse-nos o que queríamos saber, quer tenha querido ou não.» Disse-me também que David Robertson conseguira arranjar um instrumento chamado laringógrafo, com o qual pensava ser possível descobrir exatamente como era produzida a controversa Voz.

Pouco depois de a terapeuta sair, bateram à porta. Janet espreitou pelas cortinas e soltou um guincho de alegria; era o seu rapaz preferido, Graham Morris do Daily Mirror.

«Pensei em aparecer», disse Graham. «Acabei de vir de outro caso de poltergeist não muito longe daqui.»

«Outro!», disse eu. «Só o que nos faltava. Como foi?»

«Parecido com aqui, mas com menos atividade», respondeu ele. «É um casal na casa dos trinta num apartamento municipal em Holloway. Sem crianças.»

«Sem crianças? O que é que têm tido?»

«Ah, batidas, móveis a mexerem-se — e uma coisa que vocês não tiveram aqui, surtos de incêndio.»

Podia ter matado o Graham por dizer aquilo. Ele não sabia que eu tinha evitado cuidadosamente qualquer menção ao que poderia acontecer num caso típico de poltergeist, para não dar à Sra. Harper mais motivos de preocupação do que já tinha. Mas sabia muito bem que surtos misteriosos de incêndio eram bastante comuns nesses casos. Eu próprio investigara dois no Brasil em que roupas de cama e peças de vestuário tinham pegado fogo sem razão aparente, uma vez na presença do chefe de polícia local.

(Noutro caso, a mala de uma colega pegara fogo por dentro quando ela regressava a casa do local da atividade). Apenas esperava que o poltergeist não tivesse ouvido, pois Grosse e eu já

tínhamos notado que bastava mencionar algo naquela casa para que acontecesse.

Grosse pediu a Graham a morada deste novo caso, e ficou surpreendido ao descobrir que ficava a poucos minutos a pé do seu escritório. Fez imediatamente planos para ir lá no dia seguinte.

«É bom ter um mesmo à porta de casa», comentei.

E assim, mesmo no meio do caso de Enfield, Grosse decidiu assumir outro. Concordei em segurar o forte em Enfield e deixar o caso de Holloway para ele.

Depressa se descobriu que os dois casos tinham mais em comum do que suspeitávamos.

CAPÍTULO QUINZE
UMA MANCHA DE NEVOEIRO

Robert e Marilyn Winter* viviam num apartamento num conjunto habitacional municipal construído em 1974 em Holloway, no norte de Londres. Robert era padeiro, especializado em pastéis e bolos, enquanto Marilyn cuidava do apartamento arrumado durante o dia com um cão e um gato por companhia, pois o casal era diferente da maioria das vítimas de poltergeist por não terem filhos.

Nos últimos três meses de 1977, várias coisas estranhas tinham acontecido na sua casa. Luzes tinham sido ligadas e desligadas, almofadas tinham atravessado a divisão, frutas tinham saltado da taça, uma torneira da banheira ligara-se sozinha, a porta do frigorífico abrira e fechara sozinha, e uma poça de água aparecera no chão da casa de banho. Vários destes incidentes eram réplicas exatas dos de Enfield.

O incidente mais invulgar acontecera várias vezes. Um livro — *Decoração Moderna de Bolos* de Audrey Ellis — saía da estante e ficava aberto no chão, sempre na mesma página.

Maurice Grosse examinou o livro. Notou que não tendia a abrir-se sozinho em nenhuma página em particular, como alguns livros fazem.

«Lembra-se do número da página?», perguntou.

«Sim», disse Robert. «Página 177, sempre.»

Grosse abriu na página 177, que estava perto do fim do livro. Nessa página e na seguinte estavam algumas receitas de bolos de aspeto delicioso. Uma delas era o Bolo Diabo Americano. Robert disse que nunca usara essa receita em particular.

Numa ocasião, nada menos que dezasseis livros foram encontrados no chão, arrumados ordenadamente em volta do pufe enquanto os Winters estavam fora do apartamento.

A Sra. Winter, tal como a Sra. Harper, também vira algo. No seu caso, foi uma aparição muito clara de um jovem em uniforme de soldado. O pai dela, que ela nunca conhecera, fora morto na Segunda Guerra Mundial, e a aparição fez-a pensar nele.

Mas o pior de tudo eram os incêndios. Os bombeiros locais já tinham sido chamados várias vezes ao edifício, e o oficial de prevenção de incêndios da área estava a prestar atenção especial ao caso que, como admitiu prontamente quando Grosse o entrevistou, o deixava verdadeiramente perplexo. Os itens queimados incluíam um dos camisolas de Robert, um pano de loiça, alguns jornais numa caixa, e a colcha que ficara gravemente queimada embora o lençol e os cobertores por baixo estivessem intactos. Grosse examinou também uma grande marca de queimadura na parede da casa de banho, onde o calor devia ter sido intenso, pois um copo de plástico numa prateleira próxima ficara meio derretido.

«Não há explicação nenhuma», declarou o oficial de prevenção de incêndios. «Nenhuma indicação de como começaram.» O seu veredito oficial para os incêndios testemunhados após sete visitas diferentes foi «Sem causa aparente.» O que realmente deixava os bombeiros perplexos não era que os incêndios tivessem deflagrado sem razão aparente, mas que também se apagassem novamente após causarem

relativamente poucos danos. «Nos meus seis anos de experiência», disse o bombeiro local Tony Baker a Grosse, «nunca vi nada assim.»

Grosse tirou várias fotografias a cores de objetos queimados no apartamento dos Winters, e assim que mas mostrou, lembrei-me de ter visto exatamente algo igual a pelo menos um deles; a colcha queimada num dos casos brasileiros que ajudei a investigar. Esta também tinha sido queimada sem danificar a roupa de cama por baixo. Também me lembrei de que uma amiga descuidada minha deixara cair um cigarro na minha cama durante uma festa na universidade, e o incêndio resultante queimara completamente o colchão antes de o apagarmos.

«Parecem mais queimaduras de radiação», comentou Grosse. «É como se uma fonte de calor poderosa tivesse passado e depois desaparecido.»

«Bem», disse eu, «pelo menos este é um fenómeno que ninguém pode negar. Nem os especialistas o conseguem explicar. É muito melhor do que um relato anedótico de algo que não se viu.»

Não dissemos nada aos Harper sobre o caso dos Winters, embora claro que já tivessem ouvido Graham Morris dizer que houve surtos de incêndio lá. Mas ele não lhes dissera que tipo de incêndios eram.

Uma semana depois, deflagrou um incêndio em Enfield.

Não só isso, como os Harper tiveram também uma repetição quase exata do incidente em Holloway em que os livros foram arrumados à volta do pufe. Certamente não tínhamos mencionado isto a nenhum dos Harper.

Grosse estava na casa quando o primeiro incêndio foi descoberto. «Senti cheiro a queimado durante cerca de dez minutos», disse-me ele, «mas pensei que fosse algo no jardim, provavelmente um dos vizinhos a fazer uma fogueira. Depois a Rose foi à cozinha pôr o chaleiro ao lume, e imediatamente gritou que algo estava a arder. John Burcombe e eu corremos para a cozinha e vimos muito fumo a sair das gavetas fechadas. E havia

uma grande caixa de fósforos na gaveta que não tinha pegado fogo, embora a caixa estivesse toda chamuscada por fora. Ora, o que é que achas disso?»

«Parece o teu amigo de Holloway!», disse eu.

«Ah, esqueci-me de te dizer. Os Winters tiveram exatamente a mesma coisa; uma caixa de fósforos numa gaveta chamuscada sem os fósforos pegarem fogo.»

«Os dois casos têm mais alguma coisa em comum», observei.

«O quê?»

«Tu!»

Grosse riu-se. «Queres dizer que os poltergeists são contagiosos, como doenças?»

«Não podemos descartar a hipótese, pois não?» Parecia possível. O bombeiro de Holloway descartara completamente a sugestão de incêndio criminoso deliberado. Um incendiário, disseram, geralmente faz um bom trabalho. Não acende fogos que se apagam imediatamente em sete ocasiões diferentes. Na verdade, não consegue.

Os casos de Enfield e Holloway tinham mais algo em comum; ambos nos tinham sido trazidos ao conhecimento pelo Daily Mirror, que descobrira o segundo a partir de uma notícia num jornal local. (Cujo fotógrafo, aliás, descobriu que nenhuma das fotografias que tirou no apartamento saiu). Talvez Graham Morris fosse o portador? Viera diretamente de Holloway para Enfield. Seriam os poltergeists realmente contagiosos?

Maurice Grosse começou a perguntar-se, após uma série de incidentes inexplicáveis que ocorreram dentro ou perto da sua própria casa. Primeiro, houve o episódio do motor do seu carro a acelerar sozinho, ao qual a Voz aparentemente se referira espontaneamente. Depois, um dia, ouvira claramente passos lá em cima enquanto esperava que a sua mulher se arranjasse para sair com ele, embora quando a chamou para se apressar, ela apareceu imediatamente — vinda da cozinha no rés-do-chão. E noutro dia ouvira um estrondo alto enquanto estava no seu jardim. Soava

muito perto, e soava exatamente como um som que ouvira na cozinha dos Harper algum tempo antes.

Os passos e o estrondo não o preocuparam demasiado na altura, embora tivesse ficado extremamente intrigado com o comportamento do seu carro. Mas, tal como com os acontecimentos que precederam e se seguiram à morte da sua filha Janet, parecia haver uma quantidade excessiva de incidentes desse tipo.

Depois surgiu um quarto episódio, bem mais complicado, que o fez realmente pensar.

Uma noite, decidiu verificar as joias da sua esposa a fim de atualizar a sua apólice de seguro. Olhou para cada uma delas e certificou-se de que todos os seus objetos de valor estavam onde deveriam estar, numa gaveta do seu toucador. Fez uma nota especial do seu bem mais precioso, um anel de diamantes de três pedras. Este não era apenas valioso por si só, mas tinha um valor muito especial pelo facto de ter sido deixado a Betty Grosse pela sua mãe, e de estar destinado a ser deixado a Janet.

No dia seguinte ao de Maurice ter verificado as joias de Betty, o anel de diamantes desapareceu.

Betty Grosse era uma mulher sensata, ativa no trabalho social e de caridade, que não partilhava do interesse de toda a vida do seu marido pelo paranormal. Além disso, era uma mulher de hábitos e, no que tocava aos seus anéis, de hábitos muito cuidadosos.

Ao chegar a casa, tirava sempre todos os anéis e colocava-os num cinzeiro. Nunca os usava enquanto cozinhava ou lavava a loiça, e à hora de deitar levava-os para cima, para o quarto, e guardava-os, sempre no mesmo sítio.

A perda do anel de diamantes foi um golpe duro para ela. Ela e Maurice revistaram a casa de alto a baixo, passando por cada centímetro do quarto uma e outra vez. Betty chegou a esvaziar o caixote do lixo e a examinar minuciosamente cada pequeno pedaço.

Nem sinal do anel. Tinha sumido. Betty estava absolutamente convicta de que o tinha colocado na gaveta e igualmente convicta de que agora ele não estava lá.

Maurice falou-me do incidente um par de dias mais tarde, altura em que já tinha a certeza de que o anel havia realmente desaparecido. Fiz-lhe um interrogatório bastante intenso, pois era nosso costume interrogarmo-nos mutuamente sobre incidentes que apenas um de nós tinha testemunhado, mas todos os meus esforços como advogado do diabo foram em vão. O anel de Betty tinha desaparecido.

Exatamente seis semanas depois, Grosse decidiu, muito relutantemente, escrever à sua companhia de seguros e reclamar a indemnização pela perda do anel, embora este estivesse segurado por apenas cerca de um quarto do seu valor atual. Colocou a carta no último correio de uma sexta-feira à noite.

Na manhã seguinte, enquanto Maurice estava na casa de banho, Betty Grosse sentou-se ao seu toucador e começou a colocar os brincos. Deixou cair um, que foi parar a uma das gavetas, a qual estava aberta cerca de dez centímetros. Ela meteu a mão na gaveta para recuperar o brinco, puxando-a um pouco mais para fora. Então, olhou para o interior da gaveta em absoluto espanto.

Lá estava o anel de diamantes desaparecido. Tinha reaparecido virtualmente diante dos seus olhos. Não estava escondido por nenhuma das suas caixas de joias, mas sim pousado no fundo da gaveta, bem afastado de qualquer outro objeto. Correu imediatamente para a casa de banho para contar a Maurice, e ele transmitiu-me a notícia no dia seguinte.

Tentei pensar numa explicação normal. «Não poderia ter ficado preso algures?»

«Guy, virámos a casa do avesso à procura daquele anel. A gaveta foi a primeira coisa que revistámos, e passámos por ela vezes e vezes sem conta. Sabíamos que aquele anel não se tinha perdido fora de casa, e sabíamos que não estava na casa.»

«Bem, ladrões...»

«O quê, no nosso próprio quarto, sem nos acordarem? Ou sem levarem mais nada? Faz-me um favor!»

Maurice ficou profundamente impressionado com o episódio. Havia coincidências a mais. Betty tinha perdido o seu bem mais valioso e este tinha reaparecido exatamente onde normalmente estaria, passadas seis semanas, precisamente na altura em que a carta de Maurice teria chegado à companhia de seguros. E o anel tinha uma forte ligação a Janet.

Um dia ou dois depois, enquanto regressávamos de carro de Enfield, Grosse começou a falar da sua filha, «a minha Janet», como lhe chamava, para evitar confusões com Janet Harper.

«Achas que ela poderá estar misturada em tudo isto?», perguntou-me.

Na altura, achei a sugestão um pouco rebuscada e perguntei-me se a tensão dos últimos meses estaria a começar a fazer-se notar no seu discernimento.

«Bem», comecei cuidadosamente, ansioso por não ferir os seus sentimentos, «pelo que me contaste, a tua Janet não tinha nada em comum com Janet Harper a não ser o nome. E não parece o tipo de rapariga que se deixaria envolver numa confusão destas.»

«Não sei», respondeu Maurice. «Ao longo de todo este caso tem havido coincidências a mais, e ainda por cima significativas. Repara, o caso de Enfield surge poucas semanas após eu visitar pela primeira vez a SPR para lhes entregar as minhas notas sobre a morte da Janet e todas as coisas estranhas que aconteceram antes e depois dela. O *Daily Mirror* envia o George Fallows, provavelmente o único homem em Fleet Street que alguma vez se lembraria de ligar para a SPR. Por acaso, sou o único membro disponível que vive perto de Enfield, e tinha acabado de pedir à Eleanor O'Keeffe que me arranjasse um caso para investigar. E esta questão do anel — é simplesmente de mais.»

«As coincidências acontecem sempre», respondi, «mas estamos mais inclinados a notar a sua presença em certas alturas. Ainda assim, devo admitir que eu próprio as notei. Ouvi falar do

caso pela primeira vez naquela palestra — sobre *poltergeists* — na qual, por acaso, estava sentado ao teu lado, embora na altura te conhecesse apenas superficialmente. E foi no dia exato a seguir a eu ter entregue o manuscrito do meu livro. Se a palestra tivesse sido um dia antes, eu não teria ido. E uma semana mais tarde estaria de férias. Depois, ouvi-te na rádio naquele domingo, puramente por acaso. Não tinhas mencionado o assunto e, de qualquer forma, nem sempre oiço esse programa.»

Entrámos num daqueles bancos de nevoeiro densos e repentinos que por vezes descem sobre a North Circular Road, reduzindo a visibilidade de imediato a quase zero. Maurice abrandou e ligou os potentes faróis do seu Jaguar.

«Sei que isto parece uma loucura», disse ele, «mas achas que a minha Janet poderá ser quem atraiu a nossa atenção para Enfield? Que estará a usar os fenómenos ali disponíveis como um meio de comunicação? Afinal de contas, não fazemos ideia de como tudo isto funciona, e não te esqueças de que ela era jornalista, e uma jornalista muito inquisitiva. Viajou imenso e fez várias reportagens sobre temas como o ambiente, a poluição e a proteção de menores. Gostava de descobrir o que se passava na realidade.»

O nevoeiro envolveu-nos. Era como se tivéssemos entrado de carro numa outra dimensão.

«Que melhor maneira», continuou Maurice, «de provar a existência de todos aqueles fenómenos sobre os quais tenho estado a ler do que persuadir-me, de algum modo, a ir ver por mim mesmo um caso fantástico como este?»

O nevoeiro parecia simbolizar o nosso mergulho repentino no mundo totalmente estranho do caso de Enfield. Pensei durante alguns momentos em silêncio. Poderia Maurice ter razão? Já o conhecia suficientemente bem a esta altura para saber que não era dado a imaginações desmedidas, apesar da sua mente de inventor de horizontes largos. Como me dissera frequentemente, tinha de criar coisas complicadas que funcionassem para ganhar a vida, e tinha obviamente feito isso muito bem. Tinha lidado com o caso

de Enfield de uma forma inteiramente prática e, em todas as nossas muitas discussões sobre o mesmo, tinha adotado uma abordagem lógica e racional, em vez de uma abordagem emocional. Se acreditava que a sua Janet tinha sobrevivido à morte física e estava de alguma forma envolvida no nosso caso, então devia ter razões muito boas para se sentir assim.

Tentei colocar-me na posição de Janet Grosse. Ela tinha tentado «fazer-se ouvir» logo após a sua morte e tinha conduzido com sucesso o seu pai até Enfield. Quanto a mim — bem, ela era jornalista, e eu também, ou pelo menos tinha sido. Talvez ela quisesse ali alguém que pudesse passar tudo aquilo a escrito? (Nessa fase, eu não fazia ideia de vir a escrever um livro completo sobre o caso. Tinha planeado fazer um relatório factual para o *Journal da SPR*, como sentia que tínhamos a obrigação de fazer, e pelo qual sabia que não receberíamos qualquer pagamento).

De que outra forma poderia eu justificar o envolvimento extraordinário que Maurice tinha claramente sentido no caso de Enfield logo desde o primeiro dia em que lá foi? Ele certamente tomara as rédeas da situação como se houvesse uma razão pessoal profunda para ali estar, algo muito mais profundo e imperioso do que um mero interesse académico em assuntos psíquicos.

Fiz um comentário compreensivo mas neutro, e logo a seguir o nevoeiro dissipou-se tão repentinamente como tinha descido. O motor de 4,2 litros à nossa frente rugiu quando Maurice mudou rapidamente de velocidade, e eu mudei de assunto.

«Isto já dura há demasiado tempo, sabes», disse eu. «Temos de parar com isto de alguma maneira. Talvez devêssemos afastar-nos por uns tempos?»

«Já tentámos isso», respondeu ele, «quando estive de cama com uma constipação. Não fez diferença absolutamente nenhuma. Continuaram a ligar-me a meio da noite em puro desespero, porque não tinham mais ninguém a quem recorrer. O que é suposto eu dizer-lhes — 'Lamento, mas não posso ir aí, porque se o fizer posso estar a encorajar os fenómenos a continuar'?»

«É isso que alguns dos nossos colegas psicólogos nos querem fazer crer», disse eu.

«Ah, ótimo!», exclamou Grosse com desprezo. «Não preciso de conselhos de psicólogos. Eles podem dizer-me algo sobre os seus próprios problemas e preconceitos, mas não nos disseram uma única coisa sobre este caso, pois não? E quantos já cá tivemos? Quatro.»

«Gostaria de experimentar outro médium», disse eu. «Também já tivemos quatro desses — os Shaws e os meus amigos brasileiros.»

«Não tenho objeções», respondeu ele, «mas o que é que eles sabem realmente? Todos nos disseram algo diferente.»

«Eu sei, mas todos eles também fizeram algum bem, não foi?»

Assim, concordámos que eu deveria contactar um homem cujo nome me tinha sido dado por Maurice Barbanell do *Psychic News*, e independentemente por Tony Ortzen, um dos seus repórteres.

Chegámos à estação de metro de Bounds Green mesmo a tempo do meu último comboio para o centro de Londres. Estava quase vazio até chegar a Piccadilly Circus, altura em que se encheu subitamente de espectadores de teatro animados, segurando programas e conversando entusiasticamente sobre o espetáculo a que tinham acabado de assistir. Invejei-os, de certa forma, embora eu próprio estivesse a caminho de casa vindo do espetáculo a que assistia duas ou três vezes por semana há quase seis meses.

«Espetáculo» é uma palavra adequada, pois era claro que o *poltergeist*, quem quer que ou o que quer que fosse, precisava de um público, e eu tinha de admitir que possuía um sentido de oportunidade e um controlo sobre o seu público que qualquer ator profissional invejaria.

E no entanto, pensei, enquanto escutava as vozes felizes ao meu redor, quando a cortina final descer em Enfield, se é que

alguma vez o fará, terei tido muito mais em que pensar do que se tivesse passado uma noite fora no West End.

Gerry Sherrick, o médium que me fora recomendado por Maurice Barbanell e Tony Ortzen, revelou-se uma autêntica personagem. Era um extrovertido exuberante com uma abordagem revigorante e pragmática em relação aos fenómenos psíquicos, e senti-me à vontade antes de estar há cinco minutos no seu apartamento quente e confortável em Walthamstow. Não só era uma daquelas raridades, um médium que recusava qualquer forma de pagamento pelos seus serviços, como era também taxista a tempo inteiro em Londres e um prolífico poeta amador, que estava a realizar um filme de televisão baseado nos seus poemas londrinos na semana em que o conheci.

Eu não lhe tinha dito praticamente nada sobre o caso de Enfield quando ele foi imediatamente direto ao assunto.

«Deixa-me explicar como trabalho», disse ele. «Permito que o meu guia me mostre o estado da casa, depois, sob o controlo dele, entro em transe e deixo-o trazer quem quer que esteja a causar o problema, para que possamos falar com ele e tentar ajudá-lo. Temos de lhes atirar uma boia de salvação, sabes.» Fiquei contente por ver que ele queria ajudar o *poltergeist* em vez de o enxotar para as trevas exteriores.

«Mais duas coisas», continuou ele. «Deves dizer-lhes que só lá irei uma vez. Se a família pensar que estou disponível dia e noite, nunca mais terei paz. E a outra coisa: não aceito nada pelo meu trabalho, nem mesmo uma tablete de chocolate. Devemos dar livremente o que nos é dado.»

Fomos juntos para Enfield com o filho de Gerry e um colega que trabalhava regularmente com ele e, antes mesmo de lá chegarmos, Gerry já me dizia:

«Sabes, há mais do que uma entidade envolvida. É uma situação muito grave. Neste momento, estou a captar uma mulher demente. Lembras-te do filme *Jane Eyre*, onde o Sr. Rochester mantinha a mulher trancada? Uma situação muito feia.»

Quando chegámos, mal tinha feito as apresentações e já Gerry mergulhava numa palestra animada sobre o funcionamento do mundo dos espíritos, a mediunidade e a reencarnação, na qual acreditava piamente. A Sra. Harper escutava atentamente, e as raparigas mostravam o seu melhor comportamento. Até o jovem Jimmy, que estava a ter uma pequena fúria quando chegámos, acalmou e sentou-se em absoluto silêncio durante todo o tempo em que Gerry esteve na casa.

«Há muitas vidas passadas, vocês estiveram juntas», disse Gerry aos Harpers. «Vocês, raparigas, eram irmãs, e a vossa mãe era uma senhora da alta sociedade que vos aconselhava a não se meterem em bruxarias, o que costumavam fazer. Agora foi-lhe permitido voltar à vossa família para agir como elemento estabilizador, para vos manter unidas. Morreram, dormiram e, quando renasceram, a personalidade dominante assumiu o controlo...» Olhou para Janet.

«Sabem», continuou ele, «algumas pessoas nascem com a capacidade de ver e ouvir coisas que as outras pessoas não conseguem. Chamamos-lhes médiuns. Eu sou um — e tu também és. E tu continuas a ser capaz de atrair todas estas coisas desagradáveis, estás a trazê-las para aqui, de forma subconsciente. Elas não estão a vir ter contigo, tu é que as estás a trazer para dentro.»

«O que foi que eu disse?», interrompeu a Sra. Harper. Na verdade, ela própria tinha chegado à mesma conclusão, sem qualquer sugestão da minha parte, algum tempo antes.

As raparigas, explicou Gerry, eram como aparelhos de rádio com sintonizadores defeituosos. «Em vez de sintonizarem o programa do Jimmy Young, ou qualquer programa que queiram, estão a apanhar tudo ao mesmo tempo.»

«Tudo o que acontece nesta casa é vossa bendita culpa», continuou ele, com firmeza mas não com indelicadeza, «porque não conseguem controlar este dom que possuem. Agora, se conseguirem controlá-lo, poderiam passar a ser boas médiuns, ajudar as pessoas e curá-las.» Fiquei contente por ouvi-lo repetir

com tanta autoridade o que os Shaws e eu tantas vezes lhes tínhamos dito.

Gerry fez uma careta de desgosto. «Enquanto falo», explicou ele, «estou a ter a impressão de uma velha horrível. Está a levantar-me a saia... Alguém tem andado a escrever na parede, a usar linguagem obscena e a fazer coisas horríveis...»

Isto foi mesmo no alvo. Interrompi para assegurar à Sra. Harper que não tinha dado a Gerry quaisquer detalhes sobre os incidentes. Ela, por sua vez, assegurou a Gerry que sabia perfeitamente o que ele queria dizer.

Esta mulher, continuou ele, tinha vivido perto do mercado de Spitalfields. Tinham alguma vez sentido maus cheiros na casa, como a vegetais podres? Oh sim, disse a Sra. Harper, tinham. (Eu sabia que ela mantinha sempre a sua cozinha limpa e arrumada).

Gerry anunciou então que ia entrar em transe, para deixar o seu guia Nuvem Branca assumir o controlo do seu corpo e falar com eles.

«Ele é um índio», explicou ele, «e eles não são como aparecem na televisão, sabem. Vivem perto da natureza e compreendem o mundo dos espíritos. Não são como algumas pessoas, especialmente bêbados e degenerados, que não se dão conta de que estão mortos e têm demasiado medo para aceitar a vida após a morte.»

Gerry sentou-se imóvel por uns momentos, respirando profundamente. Depois, saiu-lhe da boca um rugido que nos fez a todos dar um salto. Nuvem Branca tinha assumido o controlo.

«BÊNÇÃOS... PARA VÓS... MEUS AMIGOS!» A voz era completamente diferente do tom normal de Gerry, que era um pouco agudo. Era um bramido que teria enchido o Royal Albert Hall e parecia vir do fundo do seu peito. Fiquei intrigado ao notar que ele falava a princípio em arrancos hesitantes, exatamente como a Voz de Janet tinha feito numa das nossas primeiras sessões com ela.

Nuvem Branca anunciou que tinha vindo para ajudar, mas que primeiro nos deixaria ouvir a mulher que estava a causar todo

o problema. Houve uma pausa, e depois ouvimos uma voz de velha muito nítida:

«Venho aqui quando quero... Não estou morta, porra, e não me vou embora...» Parecia mesmo muito desagradável.

Em seguida, Nuvem Branca apresentou um galês chamado Sr. Dai, que iria atuar como porteiro, para manter os espíritos travessos afastados da casa. As raparigas deveriam pedir a sua ajuda se e quando precisassem dela. O Sr. Dai fez um breve discurso, terminando com uma frase no que parecia ser galês, uma língua de que Gerry mais tarde me assegurou não ter conhecimento absolutamente nenhum.

Havia um forte elemento de teatro em tudo isto, e teria sido fácil para um cético sugerir que Gerry estava a encenar a coisa toda sozinho. Achei isso muito improvável, no entanto. Por que razão iria ele abdicar da sua tarde de domingo para brincar aos divertimentos em benefício de uma família que nunca tinha visto e que provavelmente nunca voltaria a ver? Não tinha necessidade de se exibir para meu benefício, nem precisava de publicidade se estava em boas relações com a equipa do *Psychic News*. E não nos deixou sequer pagar o seu combustível. Finalmente, se ele conseguisse representar tão bem assim, deveria estar nos palcos em vez de conduzir um táxi.

Mal ele saiu do seu breve transe, Gerry apresentou uma série de nomes. «Estou a ouvir os nomes Lil e Tessie», disse ele. Estes eram nomes de vizinhas próximas dos Harpers. «And alguém te está a chamar Madge», disse ele à Sra. Harper.

«Isso é interessante», respondeu ela. «Costumavam chamar-me Madge quando eu trabalhava no hospital. Isso foi há vinte anos. Nunca soube porquê, pois não era o meu nome.»

«E há alguém chamada Dolly», continuou Gerry, «e conheceste alguém que costumava beber muito?»

«Oh, sim», respondeu a Sra. Harper com alguma emoção. Ela tinha trabalhado com uma rapariga chamada Dolly e, na altura, andava a sair com um homem que bebia mesmo muito. Ela pensava que ele já estaria morto.

«E está aqui um Alfred, e uma Alice...»

«Alfred era o nome do meu pai, e a mãe dele chamava-se Alice», disse a Sra. Harper. Gerry Sherrick tinha conseguido sete acertos seguidos, o que me pareceu indicar algo mais do que meros palpites ao acaso.

A Sra. Harper ficou visivelmente impressionada. Eu sabia que ela tinha fortes intuições sobre as pessoas assim que as conhecia, e também que não tolerava facilmente os tolos.

«Agora que tive esta conversa contigo, tudo ficou muitíssimo mais claro», disse ela, com óbvia sinceridade. Contou a Gerry sobre um ou dois incidentes recentes na casa, e ele disse que também tinha passado por perturbações de *poltergeist* após a morte de um amigo chegado, ao passo que tanto ele como o seu filho tinham visto aparições muito realistas.

«Ele sabe como fechar a porta, estás a ver», explicou ele, acrescentando: «Está dentro de vós próprias o poder de parar todas estas coisas.»

Finalmente, aplicou a cada um dos Harpers um pouco de cura por contacto, colocando as mãos sobre as suas cabeças e espinhas dorsais e perguntando se conseguiam sentir calor a emanar das suas mãos. Todos disseram que sim, e eu próprio tinha passado pela mesma experiência durante um tratamento com o círculo de cura dirigido pelo Major Bruce Macmanaway na Escócia. No meu caso, a poderosa sensação de calor foi tanto mais impressionante por ser totalmente inesperada. Ninguém me tinha perguntado se eu a conseguia sentir; simplesmente senti-a.

Após a visita de Gerry Sherrick, os Harpers desfrutaram de um período de paz quase total. Pela terceira vez, os médiuns tinham tido uma influência inequivocamente favorável nos acontecimentos da casa.

Mas, mais uma vez, isso não iria durar, embora tanto Grosse como eu usássemos de todos os poderes de persuasão que conseguíamos reunir para sugerir que o problema tinha terminado. Rose parecia ter tido algum sucesso em «fechar a porta», fazendo apelos frequentes ao Sr. Dai para a ajudar, e a dela foi a primeira Voz a parar por completo. Janet, por outro lado, parecia ter absorvido pouco do que Gerry dissera e, após um par de semanas de relativa normalidade, para os padrões de Enfield, o problema começou de novo.

O espetáculo parecia destinado a uma longa temporada de exibição.

DEZASSEIS
«ONDE ESTÁ O CONHECIMENTO?»

«Vou ser sincera contigo», disse-me a Sra. Harper um dia. «Não acho que isto vá parar. Vai simplesmente continuar e continuar e, no fim, teremos de separar as crianças. Esta é a minha opinião.»

Eu tinha a certeza de que ela era sempre sincera comigo e fiquei alarmado com este novo sentimento de resignação, que até Maurice Grosse partilhava.

«Irá parar quando chegar a altura de parar», disse ele. «Já tentámos tudo: médiuns, psicólogos, assistentes sociais, médicos, orações... O que quiseres.»

Era verdade que tínhamos conseguido parar o problema temporariamente em várias ocasiões; quando eles tinham ido de férias, quando as crianças tinham ido para a instituição do município, após cada uma das visitas dos médiuns. Mas tinha começado sempre tudo de novo, ou imediatamente, como no dia em que regressaram de férias, ou de forma mais gradual, como foi o caso após a visita de Gerry Sherrick.

Estava tudo muito idêntico a dantes, com móveis a virarem-se, pequenos objetos a voar e o caos habitual no quarto com pancadas, baques e o fluxo monótono de disparates insultuosos vindos das Vozes.

O pior de tudo era que as aparições de excrementos se estavam a tornar mais frequentes. Um dia, a Sra. Harper foi à casa de banho para ajudar Jimmy com o seu banho.

«Estava por trás das torneiras», relembrou ela com repugnância. «Por toda a parede, e estava na água do banho. Era mesmo como se alguém estivesse a rabiscar. O Jimmy não se atreveria a fazer uma coisa daquelas.»

Mas alguém o estava a fazer. Depois, havia as poças no chão, habitualmente na cozinha ou na casa de banho. Ao encontrar um dia uma poça invulgarmente grande e com um odor nauseabundo, John Burcombe conseguiu recolher um pouco do líquido numa garrafa e convencer um colega no hospital onde trabalhava a analisá-lo.

«Estás a gozar comigo?», disse o colega mais tarde. «Isto é mijo de gato!»

Ambas as Vozes faziam-se agora ouvir a qualquer hora do dia ou da noite e já não pareciam preocupadas se a porta estava fechada ou se estávamos a olhar para os rostos das raparigas enquanto falavam. Conseguimos obter algumas gravações de boa qualidade tanto da Voz da Janet como da de Rose, utilizando vários microfones de contacto, e um dia, enquanto reproduzia uma das suas fitas, Grosse pensou que parecia haver uma Voz extra presente.

Ele perguntou-se se isto poderia ser um exemplo de uma chamada voz Raudive, assim denominada devido a um letão que aparentemente tinha gravado em fita milhares de vozes de pessoas supostamente mortas, uma afirmação também feita de forma independente (e anterior) por Friedrich Jurgenson na Suécia e por Raymond Bayless na Califórnia. Em janeiro de 1978, juntamente com um investigador americano de visita, Charles A. Moses, Grosse decidiu realizar um «teste Raudive».

Isto é muito fácil. Tudo o que se faz é deixar um gravador numa sala vazia, realizar os rituais que se considerem apropriados, tais como perguntar a quaisquer entidades desencarnadas por perto se gostariam de dizer algumas palavras, depois reproduzir a fita e ver o que surge. Os resultados tendem a suscitar controvérsia, e eu sempre fora algo cético desde que descobrira que um dos meus gravadores sintonizava uma estação de rádio local de cada vez que eu rebobinava a fita. Essa receção fortuita de ondas de rádio é bastante comum; as pessoas ouvem trechos de emissões de rádio vindos dos seus fogões, máquinas de lavar e até, alegadamente, dos seus próprios ouvidos.

Apesar de tudo, tanto Grosse como eu gravámos independentemente alguns ruídos muito estranhos em Enfield. Ele e Moses identificaram claramente a palavra «Boom» na sua fita

de teste e, quando Grosse mais tarde tentou um teste sozinho na cozinha vazia, eis o que aconteceu:

Colocou a sua máquina sobre a mesa e disse em voz alta: «Se houver aqui alguma entidade, por favor comunique falando diretamente para o microfone». Poucos segundos depois surgiu a resposta, num sussurro claro.

«Não.»

Decidi repetir esta experiência imediatamente, pelo que levei o meu gravador para o quarto de trás no andar de cima, liguei-o, fechei a porta e desci as escadas. Fiquei na cozinha com os Harpers durante todo o período de vinte minutos do teste, a conversar com a Sra. Harper. As crianças estavam a palrar, mas não ouvi nenhumas Vozes vindas delas. Na fita, contudo, consegui captar uma frase perfeitamente inequívoca, que era uma das favoritas da Voz:

«AQUI VOU EU!» Havia também um ténue «OLÁ». Ambas as proferições eram consideravelmente mais altas do que o murmúrio das vozes normais que vinha através das tábuas do soalho. Eu não podia ter a certeza de ter gravado uma voz sem corpo, mas era certamente um som extremamente invulgar, dadas as circunstâncias.

Ambos gravámos vários outros sons não identificáveis em muitas ocasiões; sussurros variados, grunhidos e palavras semi-formadas, e também os intrigantes estalidos e o som sibilante que se ouviam quase sempre que um objeto era projetado pelo ar. Apesar de várias tentativas, nunca conseguimos repetir esses sons atirando nós próprios as coisas.

Um dia, Grosse notou um pormenor curioso enquanto a Voz da Janet rosnava por ali sem que eu lhe prestasse muita atenção. O queixo dela estava bem erguido e o pescoço esticado e tenso.

«Tenta imitar esse ruído com o pescoço assim», disse ele. Eu tentei e não consegui aproximar-me nada daquilo. Quando imitávamos a Voz, descobríamos que os nossos queixos eram automaticamente forçados para baixo e os nossos pescoços contraídos. Também ficávamos com gargantas muito inflamadas em poucos segundos. No entanto, ali estavam estas duas raparigas a manter aquilo hora após hora, produzindo o som de um homem idoso.

Fomos finalmente capazes de realizar alguns testes utilizando o laringógrafo que o Professor Hasted tinha conseguido pedir emprestado ao seu criador, o Professor A.J. Fourcin do University College, em Londres. Este é um instrumento com o qual se pode estudar a atividade da laringe essencial à fala humana, registando padrões criados por frequências de rádio transmitidas através da garganta. Esperávamos que isto resolvesse a questão de, pelo menos, como a Voz era produzida, e o Professor Hasted prometeu ter a sua análise pronta para uma conferência a realizar em Cambridge em março, na qual tínhamos sido convidados a realizar um simpósio sobre o caso de Enfield.

Entretanto, não havia muito mais que pudéssemos fazer com as nossas Vozes, a não ser desejar que elas se calassem e fossem embora, o que não fizeram.

George Fallows, do *Daily Mirror*, tinha ido ver os Harpers pelo Natal para lhes levar algumas prendas e ver como estavam a passar. Tinha ficado surpreendido ao constatar o quanto o caso tinha escalado e decidiu que o seu jornal deveria fazer uma reportagem de acompanhamento. Assim sendo, o redator de artigos de fundo Bryan Rimmer foi destacado para a história.

Rimmer fez um trabalho muito minucioso. Foi à casa várias vezes, entrevistou longamente todos os envolvidos e tirou notas abundantes. Tanto Grosse como eu falámos com ele durante várias horas, ponderando que, uma vez que ele iria fazer a sua reportagem de qualquer maneira, mais valia cooperarmos, especialmente dado ter sido o *Mirror* a trazer-nos para o assunto logo de início.

Ele convidou-me para um almoço delicioso num local muito exclusivo perto de Fleet Street e escutou tudo o que eu tinha para lhe dizer. Regressei com ele ao seu gabinete e passei mais um par de horas a redigir uma declaração sobre o que eu próprio tinha visto no caso.

Fora do seu gabinete, encontrámos um homem grande e de forte compleição que parecia um jogador de râguebi. Rimmer apresentou-o como Noel Bentley, um assistente pessoal do diretor. Bentley lançou-me um olhar estranho, mas não disse nada sobre Enfield.

Poucos dias depois, fui ao gabinete de Grosse para uma das nossas reuniões de discussão habituais. Assim que cheguei, percebi que algo o preocupava.

«O Bryan Rimmer acabou de ligar», disse ele. «Diz que a Rose lhe contou ontem à noite que ela e a Janet têm estado a simular as vozes desde o início, apenas para manter o caso vivo. O que pensas disto?»

Antes que eu tivesse tempo de pensar em algo, o telefone tocou. Era Rimmer novamente, e queria a minha reação à «confissão».

«Se for uma confissão verdadeira, então ainda bem que a conseguiste», disse-lhe eu. «Estou interessado na verdade e, se isso for verdade, são dados úteis. É pena que a tenhas conseguido antes de nós, mas ainda assim... Já agora, ela disse como conseguia produzir a Voz?»

«Sim, disse», respondeu Rimmer. «Com o diafragma.»

Isso pareceu-me estranho. Eu tinha a certeza de que Rose não fazia a mínima ideia do que era um diafragma.

Rimmer disse-me que tinha levado um ventríloquo de palco bem conhecido, chamado Ray Alan, a Enfield, juntamente com o misterioso Sr. Bentley. Ray Alan aparentemente tinha resolvido o mistério das Vozes mesmo antes de chegar a Enfield, e a teoria do diafragma, ao que parecia, tinha sido ideia dele e não de Rose. Mas ela tinha concordado com ela.

«Tem havido bastante conflito interno no *Mirror* por causa desta história», disse-me Rimmer. «Um único indício de fraude e ela fica de fora.»

Tendo eu próprio trabalhado em jornais, tinha uma boa ideia do que provavelmente teria acontecido. Sabia que os diretores muitas vezes tendiam a ser ou altamente simpáticos para com o paranormal ou então altamente hostis. Supus que haveria um diretor de cada tipo no *Mirror* e que nenhuma das fações tinha ainda vencido. Rimmer estava apanhado no fogo cruzado.

«De quem foi a ideia de trazer o Ray Alan?», perguntei.

«Oh, foi do Clifford Davis.»

«E quem é ele?»

«Um dos nossos críticos de televisão. Também é mágico.»

Algo me soava errado. O que andavam todos estes mágicos e críticos de televisão a tramar? Assim que terminei de falar com Rimmer, Grosse decidiu ir direto a Enfield para descobrir. Lá, encontrou uma família Harper muito angustiada e uma Peggy Nottingham furiosa. A versão delas sobre os acontecimentos da noite anterior era mais detalhada do que a de Rimmer.

Todos tinham tido um dia preenchido. Uma equipa da BBC Scottish TV tinha estado a filmar o dia todo na casa. Grosse e eu tínhamos participado, sendo filmados a falar com a Voz da Janet, que estava em grande forma, e embora os escoceses, chefiados pelo produtor David Martin, fossem muito agradáveis e atenciosos, era um trabalho cansativo. Grosse e eu tínhamos saído às 19 horas.

Grosse ligou agora o seu gravador e perguntou à Sra. Harper o que tinha acontecido a seguir.

«Deve ter sido por volta das oito horas», disse ela. «Houve uma batida à porta. O meu irmão John abriu a porta e eles entraram todos em grupo. Eu não esperava ninguém. Nem sequer fui avisada.» Havia, disse ela, cinco deles: Bryan Rimmer, Graham Morris, Ray Alan, Clifford Davis e o Sr. Bentley.

«Fiquei a meio da sala», continuou la Sra. Harper, «e disse 'Calculo que sejam do *Mirror*'. E eles apenas olharam para mim.»

Os cinco homens, segundo ela, conversavam entre si, aparentemente sem tempo para as cortesias de uma visita social, e Ray Alan foi então para a cozinha, onde Rose estava a terminar a sua ceia. Grosse pediu a versão dela sobre o que Alan lhe tinha dito.

«Ele estava a dizer — não sei o que ele estava a dizer», começou Rose. Depois começou a chorar. Mesmo quase vinte e quatro horas após o acontecimento, ela estava visivelmente ainda profundamente perturbada. «Ele estava apenas a dizer coisas que eu não compreendia», continuou ela entre fungadelas. «Todas aquelas palavras parvas. Eu estava apenas a sonhar acordada, a pensar no que preciso para a escola amanhã. Não o estava a ouvir de todo, e estava a fazer assim — a abanar a cabeça.» Eu já tinha notado muitas vezes Rose fazer isto. Tinha uma forma de dar a impressão de que compreendia o que se estava a dizer mesmo quando claramente não compreendia.

«Ele diz», disse Grosse, «que tu disseste que tinhas simulado as vozes, com a Janet.»

«Não, eu não disse isso!», respondeu Rose indignada. «Mesmo que estivesse a abanar a cabeça, foi porque não estava a ouvir uma palavra do que ele estava a dizer. Pensei — oh, vai-te lixar...»

Grosse pressionou-a pacientemente por detalhes sobre o que Alan lhe tinha realmente dito.

«Uma coisa eu compreendi», disse Rose. «Ele disse 'É como o Pai Natal no seu trenó a atravessar o céu. Isso não é verdade, tal como vocês as duas se juntarem e fazerem coisas de faz-de-conta'.»

«O que queria ele dizer com isso?», perguntou Grosse.

«Não faço a mínima ideia», respondeu Rose.

Ficou bastante claro para Grosse que Rose não tivera a intenção de confessar nada a ninguém. Depois, ele virou-se para Janet.

«Eu não disse nada», disse Janet, com a sua franqueza habitual. «Eles nem sequer me perguntaram, e eu não simulei a voz de maneira nenhuma.»

Peggy Nottingham contou então a Grosse que Janet e Rose a tinham ido ver enquanto os homens do *Mirror* ainda estavam na casa delas.

«Elas entraram a correr a chorar que parecia que lhes iam saltar os olhos», disse ela. «Ele perturbou-as, porque era mesmo como um rufia. Ele caiu-lhes mesmo em cima. Elas não tiveram a oportunidade de explicar nada.» Ela não se estava a referir a Ray Alan, explicou, mas sim ao Sr. Bentley, que depois a tinha ido ver a ela própria, trazendo algumas das fotografias anteriores de Graham Morris, incluindo a sequência que mostrava as almofadas em pleno voo.

«Ele disse-me», continuou Peggy, «'Vou deixar estas fotografias contigo, e gostaria que tentasses arrancar delas que uma delas atirou as almofadas'». Peggy recordou mais alguma conversa entre si e o Sr. Bentley, que não posso repetir aqui pois era, tal como ela a contou, altamente difamatória para ele. Ela deixou claro a Grosse que estava absolutamente enojada com o que entendeu como uma tentativa de a pressionar a trair os seus

vizinhos. Disse também que tinha chamado a atenção do Sr. Bentley para o facto de, na primeira fotografia, duas almofadas estarem em pleno voo, e no entanto as mãos de ambas as raparigas estarem debaixo dos lençóis.

No dia seguinte, fui ao gabinete de Grosse para ouvir a entrevista gravada acima mencionada. Ele estava quase tão perturbado como as pessoas em Enfield com todo este assunto e encontrava-se no estado de espírito mais sombrio em que alguma vez o vira. Quando terminei de ouvir a declaração de Peggy Nottingham, agarrei no seu telefone, liguei a Bryan Rimmer e disse-lhe poucas e boas.

Eu não conseguia acreditar que Rimmer tivesse sido responsável por este episódio. Tinha sido sempre educado e sociável com os Harpers, e tinha investigado a sua história de forma muito minuciosa e objetiva. Depois de lhe dizer o que pensava dos acontecimentos do dia anterior, assegurei-lhe que continuava interessado em chegar à verdade do caso, como sentia que ele também estava, e que uma forma de podermos ter sucesso em fazê-lo seria através da hipnose.

Eu tinha ficado muito impressionado com a única sessão do Dr. Fletcher com Janet, que descrevi no Capítulo 9. Tinha realmente sentido que estávamos a chegar a algum lado e, se tivéssemos sido capazes de dar seguimento a essa sessão, quem sabe o que poderia ter surgido? Mas também sabia o suficiente sobre o hipnotismo para estar bem ciente dos perigos do seu mau uso, pelo que insisti que qualquer hipnose posterior teria de ser feita pelo Dr. Fletcher e por mais ninguém.

Rimmer concordou e ofereceu-se imediatamente para fazer todos os preparativos necessários se eu conseguisse convencer o Dr. Fletcher a fazer o trabalho e convencer Janet a deixar que ele a hipnotizasse novamente. Eu sabia que isto não seria fácil, mas valia a pena tentar.

Contudo, mais uma vez tivemos azar. O Dr. Fletcher estava na véspera de uma viagem profissional ao estrangeiro e simplesmente não tinha um minuto livre. Rimmer conseguiu trocar uma palavra com ele antes de ele deixar o país e, no artigo a ser mencionado no capítulo seguinte, citou-o afirmando: «com

base nas provas que tenho, não posso acreditar que este caso seja uma fraude».

Assim, mais uma vez Grosse e eu encontramo-nos num beco sem saída. Simplesmente não conseguíamos encontrar a pessoa certa na altura certa, um problema que nos tinha assolado ao longo de todo este caso.

Nesta altura, Maurice Grosse partiu para duas semanas de merecidas férias, enquanto eu me mantive afastado de Enfield para ver que efeito a nossa ausência conjunta poderia ter. E, aparentemente, não teve efeito absolutamente nenhum.

No dia seguinte à partida de Grosse, houve pancadas por todo o lado, duas cadeiras caíram, uma planta saltou do parapeito da cozinha para o lava-loiça, as almofadas do sofá deslizaram para cada uma das extremidades e ficaram na vertical, uma caixa de lenços de papel moveu-se por si mesma e uma poça de líquido e dois amontoados de excrementos foram encontrados no chão. Um monte de cubos de gelo também apareceu no chão da cozinha, embora nenhuns estivessem em falta no frigorífico. A Voz da Janet anunciou então que eles tinham vindo da casa ao lado, mas também nenhuns estavam em falta no frigorífico de Peggy.

E um dia, apareceu uma construção extremamente elaborada em cima da mesa da cozinha, consistindo em duas chávenas, um copo, a lata do açúcar, a caixa do chá, a manteigueira, uma flanela e um pano da loiça, tudo empilhado uns em cima dos outros. A Voz anunciou orgulhosamente que «FUI EU QUE FIZ AQUILO», mas não adiantou mais informações.

Fiz apenas uma visita a Enfield enquanto Grosse estava fora, juntamente com o Dr. Fletcher, após este ter regressado da sua viagem. Eu tinha decidido avançar com uma sessão de hipnose por minha conta, sem dizer nada ao *Mirror*. Infelizmente, Janet estava num dos seus estados de espírito mais pouco cooperantes e recusou firmemente ser hipnotizada de novo, embora o Dr. Fletcher tenha conseguido ter uma longa conversa com ela a sós.

Pouco antes disso, enquanto estávamos todos na sala de estar, fui à cozinha a caminho da casa de banho e deparei-me com um vaso de flores que se tinha movido do parapeito da janela para o lava-loiça, tal como relatado anteriormente, e a torneira tinha sido aberta por cima dele. Eu estava bastante seguro de que ninguém

tinha estado na cozinha desde a última vez que a tinha visto, mas nem o Dr. Fletcher nem eu podíamos ter a certeza, e tinha de ser uma das vezes em que eu não tinha o meu gravador a funcionar.

Quando Grosse regressou das suas férias, dedicámo-nos a preparar o nosso simpósio para a Segunda Conferência Internacional organizada pela SPR em Cambridge, que se realizou na última semana de março de 1978.

Cambridge era o local certo para uma conferência desse tipo, pois tinha sido lá, há quase cem anos, que a SPR tinha tomado forma. Aconteceu numa noite em que Frederic Myers, um brilhante e jovem estudioso de estudos clássicos, e o Professor Henry Sidgwick passeavam ao longo da bela extensão junto ao Rio Cam conhecida como The Backs. Myers fez a sugestão e, em 1882, a SPR nasceu, com Sidgwick como seu primeiro presidente.

Uma hora antes do nosso simpósio, dei um passeio sozinho por The Backs, em homenagem a Myers, que viria a tornar-se o mais destacado investigador psíquico de todos os tempos. Era apenas a minha segunda visita a Cambridge desde a minha licenciatura, vinte anos antes, e muitas memórias agradáveis da vida de estudante universitário regressaram. Fiquei a olhar para a magnífica biblioteca Wren do Trinity College, onde os documentos privados de Myers eram guardados, registos de muitas batalhas anteriores com forças invisíveis. Depois, uma rabanada de ar húmido de Cambridge fez-me estremecer e lembrou-me por que razão eu tinha emigrado para o Brasil.

O nosso simpósio teve lugar no austero Divinity Building, e tivemos uma boa assistência de mais de cem pessoas. Avistei o Professor Hans Bender, da Alemanha Ocidental, a principal autoridade europeia em *poltergeists*, e o Professor Archie Roy, de Glasgow, que tinha acabado de investigar um caso semelhante em muitos aspetos ao nosso.

A conferência tinha sido bastante aborrecida até então, com comunicação após comunicação sobre experiências laboratoriais que eram mais maçadoras do que quaisquer palestras a que eu assistira como estudante. Grosse e eu decidimos que iríamos tentar animar as coisas.

Grosse deu o pontapé de saída com um relato muito conciso e factual do caso até à data, resumindo os tipos de fenómenos que

tínhamos observado ou registado a partir de testemunhas oculares sob dezassete rubricas. Estas incluíam pancadas, movimento de pequenos e grandes objetos, interferência com a roupa de cama, aparecimento de água, aparições, levitação de pessoas, agressões físicas de vários tipos, automatismos, perturbação psicológica, mau funcionamento e avaria de equipamentos, a passagem de matéria através de matéria, fenómenos vocais não identificáveis — tanto incorporados como sem corpo — e combustão espontânea.

Enquanto ele desfiava esta lista, olhei em redor para a assistência. Alguns, como o Professor Bender, escutavam atentamente, ao passo que noutros lados vi uma série de sobrancelhas levantadas. Claramente, aquilo era um pouco de mais para alguns membros da SPR, que nunca tinham testemunhado nada de paranormal em toda a sua vida.

Antecipando esta reação, cada um de nós apresentou uma lista de incidentes que tínhamos efetivamente visto por nós próprios. Tínhamos selecionado as nossas listas com muito cuidado e incluído apenas aqueles para os quais nenhum de nós conseguia sugerir uma explicação normal. O recente episódio do vaso de flores na cozinha não cumpria os nossos critérios, pois eu não podia ter a certeza de que ninguém tivesse estado na cozinha depois de eu ter visto o vaso no seu lugar normal.

Grosse disse à assistência que tinha visto berlindes e outros objetos em trânsito a alta velocidade, com velocidades inexplicavelmente elevadas e em trajetórias invulgares; tinha visto um bule cambalear por si próprio; chinelos, almofadas, portas, gavetas, o tapete, a campainha da porta e um lenço de papel a moverem-se sem causa física evidente; tinha visto um quebra-luz inclinar-se sozinho e uma caixa de cartão ser projetada diretamente contra o seu rosto. O diploma desportivo tinha saído disparado da parede atrás dele, e o sofá tinha-se virado mesmo diante dos seus olhos. Janet fora projetada de uma cadeira, também diante dos seus olhos, juntamente com a almofada em que estava sentada, e John Burcombe fora girado para fora da sua cadeira e largado no chão. Tinha ouvido frequentemente passos e sons de portas a abrir ou a fechar quando não estava ninguém presente no local em questão.

Tinha visto uma moeda cair diretamente do teto. Tinha ouvido inúmeras pancadas, que respondiam de forma inteligente a perguntas, e, como é evidente, tinha ouvido a controversa Voz. Houvera também uma série de incidentes que ele não vira acontecer, tais como os fogos e o aparecimento de água, mas que não podia considerar como tendo sido causados de forma normal.

Ele enfatizou que existiam dois tipos de convicção: a intelectual e a emocional. «Embora possamos estar intelectualmente satisfeitos por um acontecimento ter tido lugar», explicou ele, «não podemos experienciar uma convicção emocional a menos que vejamos algo por nós próprios. Cada um de nós pode afirmar com confiança que está emocionalmente convencido de que ocorreram incidentes inexplicáveis em Enfield.»

Adicionei então a minha lista. Tinha visto uma poltrona virar-se enquanto a única pessoa perto dela estava sob a minha total visão. Tinha ouvido a mesa da cozinha virar-se enquanto as únicas pessoas na sala estavam visivelmente longe dela. Tinha visto um chinelo passar por cima de uma porta e aparecer no andar de baixo, no tapete da entrada, após uma busca minuciosa no local onde seria de esperar que tivesse aterrado. O meu próprio caderno de notas tinha saltado da cama mesmo debaixo do meu nariz e movera-se em direção à única pessoa ao alcance dele, que não se tinha movido de todo.

Tinha ouvido vários casos de pancadas aparentemente inteligentes e tivera uma comunicação limitada com a sua origem, mesmo quando fora do alcance da audição da família, e estivera presente em todas as fases do desenvolvimento da Voz, a qual eu não podia considerar normal. Descrevi também o incidente do livro que voou para fora de uma sala, bateu numa porta e foi encontrado por mim, em poucos segundos, em pé na outra sala, indicando uma trajetória totalmente inexplicável.

Apresentei depois um relato dos nossos métodos de investigação e do equipamento utilizado, sublinhando que já tínhamos gravado seis horas de testemunhos de testemunhas oculares e cerca de 140 horas de ação ao vivo na casa, as quais incluíam descrições imediatas de muitos dos incidentes que

tínhamos acabado de listar. Li então as nossas conclusões conjuntas (que irei condensar aqui):

«O caso de Enfield parece ter-nos chegado diretamente do manual escolar. Apresentou quase todas as características dos casos tradicionais de *poltergeist* e durou mais do que o dobro do tempo da média. Fomos capazes de o investigar no espaço de uma semana após o seu início e acreditamos que um estudo detalhado do mesmo contribuirá para a compreensão final de um fenómeno que causa muita aflição e que, por isso, merece ser investigado de forma tão minuciosa como qualquer doença física ou mental.»

Resumi as duas principais teorias sobre o que os *poltergeists* realmente são: espíritos dos mortos ou fragmentos dissociados da personalidade ou da perceção da pessoa foco, neste caso, Janet. Insisti que, embora houvesse boas razões para apoiar qualquer uma das perspetivas, a verdade residia provavelmente numa combinação das duas. Os *poltergeists* agiam certamente como se fossem espíritos, ou entidades individuais possuidoras de algum tipo de inteligência, mas, por outro lado, a estreita ligação com a personalidade da pessoa foco era frequentemente muito marcante. Mencionei os episódios que tinham acompanhado a menarca de Janet e a insistência da sua Voz na questão de saber por que razão as raparigas têm o período como um exemplo claro desta ligação.

Senti vontade de acrescentar que nos tínhamos esforçado muito para obter ajuda de psicólogos e psiquiatras neste aspeto do caso e que tínhamos falhado completamente, dado que os quatro psicólogos membros da SPR que tinham estado em Enfield não nos tinham dito absolutamente nada. Mas, como os quatro estavam na conferência, decidi deixar isso para depois.

«Terminaremos com um forte apelo a uma maior investigação do *poltergeist*», concluí, «principalmente por parte de psicólogos e físicos, pois aqui temos o que parece ser uma oportunidade única para estudar as interações entre a mente e a matéria, uma relação que intriga o homem desde os primórdios do conhecimento registado. Quando tivermos aprendido a verdadeira natureza da atividade do *poltergeist*, poderemos então orientar os mecanismos envolvidos para fins mais úteis.

Esta investigação deve ser interdisciplinar e deve ser adequadamente financiada. Há um limite para a quantidade de

trabalho que investigadores voluntários em regime de tempo parcial, como nós, conseguem alcançar. Pedimos aos membros que nos ajudem a elaborar planos para o ataque final a uma área da experiência humana que permaneceu inexplorada durante demasiado tempo.»

Reproduzimos então seleções das nossas fitas, e o sombrio Divinity Hall ecoou com sons que tenho a certeza de que nunca ouvira antes. Tínhamos escolhido alguns dos nossos melhores incidentes, incluindo a totalidade da sequência em que a caixa de cartão fora projetada contra o rosto de Grosse e aquela em que Janet fora arrastada para fora da cama e até meio das escadas.

Isto foi de mais para um membro, que interrompeu o comentário de Grosse com um: «Desculpe, onde estava Rose quando Janet saiu pela porta?»

«Estava na cama», respondeu Grosse.

Desenhei então um plano no quadro-negro mostrando o movimento aproximado de Janet, deixando claro que, se Rose tivesse aberto a porta, teria tido de sair mesmo da cama. Além disso, não havia espaço na ombreira da porta para duas pessoas, uma vez que a porta quase tocava na cabeceira da cama de Rose quando aberta. E pensava ele realmente que a Sra. Harper não a teria visto?

Isto não satisfez o nosso colega. «Ela poderia muito facilmente ter aberto a porta», insistiu ele. Grosse respondeu que ela estava a dormir.

«Como sabe que ela estava a dormir?»

«Oh, meu Deus», pensei. Por que não podia ele esperar pelo período de perguntas como toda a gente? Vi a discussão a prolongar-se pela noite dentro. Ele tinha acabado de ouvir a Sra. Harper afirmar nada menos do que dez vezes na fita que a porta se tinha aberto sozinha. O que mais queria ele?

Conseguimos prosseguir com a nossa palestra sem mais interrupções, e o Professor Hasted apresentou então um relato breve e preciso dos resultados do seu estudo das fitas gravadas durante a experiência com o laringógrafo. Escutei com avidez, pois os resultados eram novos para mim.

A voz, disse o Professor Hasted, estava a ser produzida pelas «falsas pregas vocais» e não pelas cordas vocais padrão. (Estas

falsas pregas são uma espécie de aparelho auxiliar que protege a traqueia da invasão de impurezas).

«Este é um efeito de fala conhecido como *plica ventricularis*», explicou ele, «e normalmente não pode ser feito por pessoas sem um grande esforço. Provoca-lhes dores de garganta num ou dois minutos, porque não há líquido suficiente para lubrificar as falsas pregas vocais, pelo que estas ficam inflamadas mais rapidamente.» O Professor Hasted mostrou depois um diapositivo exibindo as formas de onda tanto da voz normal de Janet como da sua Voz Profunda, as quais eram surpreendentemente diferentes. (Ver Fig. 4).

(Quando mais tarde questionei o Professor Fourcin sobre a Voz, ele não se mostrou preparado para afirmar que a produção da Voz era, em si mesma, inexplicável. As crianças, assegurou-me ele, conseguem fazer ruídos extraordinários, e os nossos sistemas de lubrificação podem variar imenso. Estritamente falando, portanto, não posso afirmar que a Voz seja paranormal em si mesma; o que Grosse e eu continuávamos a considerar inexplicável é o facto de duas raparigas terem sido capazes de imitar homens idosos de forma convincente ao longo de um período prolongado, e o Professor Fourcin admite que esta questão reside além do seu campo de conhecimento especializado).

Finalmente, chegámos ao período de discussão e perguntas. O Professor Roy, a meu pedido, apresentou um relato do seu caso de *poltergeist* escocês, o qual tinha quase todas as características do nosso, incluindo uma breve amostra de vozes profundas de som semelhante.

A única característica do nosso caso sobre a qual a maioria dos membros parecia querer fazer perguntas era o que insistiam em chamar de «fraude», embora Anita Gregory tenha gentilmente assinalado que essa era a palavra totalmente errada neste contexto, visto que implicava um engano deliberado para obter ganho comercial. Certamente não podia ser essa a questão em Enfield.

À medida que um membro atrás de outro discursava monotonamente sem parar, expondo as suas obsessões privadas, fiquei profundamente farto. A fraude, assegurei à assistência, fora

o primeiro assunto que Grosse e eu tínhamos examinado no caso e tínhamo-la eliminado totalmente como explicação do mesmo. Tínhamos detalhado nada menos do que vinte e seis incidentes para os quais nenhuma hipótese de fraude poderia justificar. Não era suficiente?

Aparentemente não, pois um membro exigiu saber exatamente quantos dos incidentes, que estimávamos cautelosamente terem atingido os 1500 até ao final de março de 1978, tinham sido observados por testemunhas externas. Disse-lhe que não fazia ideia e convidei-o a dizer-me como exatamente se poderia esperar que registássemos pormenores precisos quando as coisas aconteciam mais depressa do que aquilo que conseguíamos escrever, como tinha sido frequentemente o caso.

«Alguns de vós», declarei a dada altura na discussão que se seguiu, «não aceitam o facto de que os fenómenos para cuja investigação esta Sociedade foi fundada existem realmente. Não sei sequer por que razão estão na Sociedade.» Tínhamos apresentado, pensei eu, um relato preciso e detalhado de um caso muito notável, um caso que merecia ser estudado como um todo e não como uma mera sucessão de incidentes separados. No entanto, a reação de um questionador atrás de outro era inteiramente negativa; tudo o que lhes interessava era a fraude e as estatísticas.

Consegui encerrar a reunião lembrando ao presidente que os *pubs* iam fechar. Estávamos na tribuna há exatamente duas horas e tudo em que eu conseguia pensar era numa caneca de uma boa cerveja *bitter* de Cambridge. Felizmente, o presidente solidarizou-se comigo.

No bar do Trinity College, encontrei um colega membro da Escócia, que me contou que um colega psiquiatra dele tinha uma gravação em fita de um efeito de voz muito semelhante ao nosso. Era, disse ele, uma característica reconhecida de algo chamado Síndrome de Gilles de la Tourette. Tomei nota do nome e fiquei com o endereço do psiquiatra, a quem mais tarde escrevi duas vezes propondo uma troca de fitas, embora nunca tenha recebido resposta. E, por razões que explicarei mais adiante, passariam vários meses antes de eu finalmente descobrir o que era esta Síndrome.

«Bem», disse eu a Maurice Grosse enquanto regressávamos de carro a Londres. «O que achaste de tudo isto? Pelo menos animámos as coisas de certeza!»

«Acho que há muito medo envolvido, especialmente entre os académicos», respondeu ele. «Estás a ver, estamos a ameaçar a sua segurança ao apresentar-lhes factos que eles não conseguem explicar. Por isso, recusam-se a admitir os factos, embora milhares de casos semelhantes ao nosso tenham sido registados em todo o mundo ao longo de séculos.» Maurice ainda estava na tribuna de palestras, bem entusiasmado com o seu tema.

«Esta recusa», continuou ele, «poderia parecer à primeira vista uma abordagem sensata a um assunto difícil. Mas como se aplica este tipo de lógica a outras ciências? Repara na psicologia, onde as teorias aceites muitas vezes têm pouco que as recomende quando testadas na prática. Ou na astronomia, onde as teorias estabelecidas sobre as origens e a forma do Universo são derrubadas quase todos os dias. E que tal a neurologia? Não sabemos quase nada sobre a verdadeira natureza do cérebro e a sua relação com a mente, no entanto o neurocirurgião continua pronto para o retalhar, nem sempre com resultados muito agradáveis. Os geneticistas podem dizer-nos muito sobre como os genes operam e sobre o incrível funcionamento da molécula de ADN, mas o que sabem eles sobre o controlo que faz com que tudo funcione?»

«'Onde está o conhecimento que perdemos na informação?'», interrompi. «Isso é de T.S. Eliot. Sabes — 'os ciclos do céu em vinte séculos trouxeram-nos para mais longe de Deus e para mais perto do pó'. E ele disse isso há quarenta anos, antes da Era da Chuva Radioativa.»

«E que razão ele tinha também», respondeu Maurice. «Hoje em dia está toda a gente ocupada a trabalhar nas mecânicas deste ou daquele problema científico, mas quem está interessado no grande pensamento, na ordem e na regra que fazem com que tudo se conforme? Sei que a contemplação filosófica está fora de moda hoje em dia, mas acho que é a falta dela que conduz ao materialismo, o qual por sua vez conduz ao ceticismo. E isso não leva a lado nenhum, como acabámos de ver.»

«Levou-me ao bar, a correr», disse eu. «Mas sei o que queres dizer. Continua.»

«Agora, repara no nosso problema», disse Maurice. «A atividade de *poltergeist* é uma síndrome, ou uma junção de acontecimentos separados para formar um acontecimento coletivo. Cada um desses acontecimentos precisa de ser estudado por um tipo diferente de especialista, mas o problema com alguns dos nossos colegas é que, na parapsicologia ou na investigação psíquica, demasiados peritos aplicam a sua especialização em apenas um aspeto do assunto. Conseguem dizer-nos bastante sobre as árvores, mas nada sobre a floresta.»

Continuámos a conduzir em silêncio. As palavras de Maurice lembraram-me uma passagem de um dos livros escritos através de psicografia pelo médium espírita brasileiro Chico Xavier e, assim que cheguei a casa, fui procurá-la:

«Os investigadores, atualmente designados por metapsiquistas, são estranhos trabalhadores que fervilham por todo o campo de serviço sem produzirem nada de fundamentalmente útil. Debruçam-se sobre o solo, contam grãos de terra e vermes invasores, calculam a temperatura e estudam a longitude, as condições climáticas e as variações atmosféricas. Mas... esquecem-se da semente.»[1]

[1]: C. Xavier, Os Mensageiros. Rio de Janeiro, F.E.B., 1944, página 237 (Tradução do Autor).

DEZASSETE
PARA ENGANAR O DIABO

O artigo de acompanhamento do *Daily Mirror* sobre o nosso caso foi publicado no dia seguinte ao do nosso simpósio em Cambridge. Achei que o Bryan Rimmer tinha feito um bom trabalho. A sua história ocupava uma página inteira, e as fotografias das almofadas em movimento tiradas pelo Graham Morris faziam uma boa composição. Grosse e eu fomos citados com precisão e detalhe, ao passo que os comentários reportados do Dr. Fletcher pareciam apoiar-nos.

Contudo, os mágicos que tinham estado em Enfield não quiseram saber de nada daquilo. Milbourne Christopher, falando com Rimmer ao telefone a partir de Nova Iorque (por minha

sugestão), anunciou que os únicos espíritos envolvidos no caso eram a boa disposição das raparigas, enquanto o ventríloquo Ray Alan parecia confiante de que tinha decifrado o caso todo após a sua única visita.

«É muito triste», foi citado como tendo dito, «mas estas meninas obviamente adoraram toda a atenção que receberam quando os objetos se moviam misteriosamente pela casa, e decidiram manter a coisa toda viva inventando a voz.» Ele esqueceu-se de que tinha sido Grosse, e não as raparigas, a «inventar» a voz, e Rimmer salientou, muito justamente, que mesmo que a voz fosse simulada, isso não justificava os outros acontecimentos estranhos.

Vários outros repórteres tinham feito a cobertura da conferência de Cambridge, que tinha sido aberta ao público. O *News of the World* publicou uma história de meia página sob a manchete: CAÇADORES DE FANTASMAS CHOCAM DEVIDO A MISTÉRIO DE CRIANÇAS ASSOMBRADAS OU TRAPEIRAS, na qual o Dr. Beloff era reportado como mantendo ainda a opinião de que as vozes profundas eram invenção das próprias raparigas, enquanto outro membro da SPR declarava que «os investigadores credíveis não ficaram impressionados, porque conseguiam produzir sons semelhantes» e que a nossa investigação «não fora suficientemente cuidadosa».

A melhor frase veio da Sra. Harper: «Não se pode descobrir devidamente sobre este tipo de coisas se apenas se esteve aqui cinco minutos.»

Para juntar ao nosso volumoso arquivo de cobertura de imprensa, o *Daily Express* publicou um artigo ponderado de Richard Grant, que estava mais interessado no contexto psicológico do caso do que nos seus aspetos sensacionalistas. A sua história foi infelizmente ilustrada com uma fotografia de Linda Blair como a rapariga da versão cinematográfica de *O Exorcista*. Ela parecia-se assustadoramente com Janet e eu esperei que as semelhanças entre os dois casos ficassem por ali.

As feições contorcidas da própria Janet acabaram por aparecer na capa da *Esotera*, uma excelente revista alemã. Dois dos seus diretores tinham vindo de propósito para ver o caso por si mesmos, e a história foi escrita por Peter Andreas, um jornalista

alemão que conhece o panorama psíquico britânico tão bem como qualquer homem local. Peter e os seus colegas foram recompensados com um acontecimento bastante impressionante enquanto se encontravam na casa, quando uma escova de plástico passou zunindo para a sala de estar através da porta da cozinha, aterrando aos pés deles. Andreas notou que, embora uma das raparigas estivesse na cozinha, não poderia ter atirado a escova sem ser vista.

Poucos dias após a conferência de Cambridge, fui ver o Professor Hans Bender ao seu hotel em Londres. Ele estava muito interessado no caso e queria saber tudo a seu respeito, especialmente sobre os transe violentos de Janet, que não tínhamos mencionado em Cambridge.

«Isso é a fenomenologia da possessão», disse-me ele, quando terminei. «Fizeram certamente um belo trabalho, mas o problema agora é realmente como parar com isto.» Concordei e pedi-lhe conselho. Com as exceções de William Roll nos EUA e de Hernani G. Andrade no Brasil, provavelmente não havia ninguém no mundo com mais experiência em casos de *poltergeist*, dos quais ele já tinha investigado mais de quarenta.

«Eu estaria inclinado a tentar o exorcismo», disse o Professor Bender, para minha grande surpresa. «Não estou convencido de que uma entidade desencarnada esteja envolvida, mas nunca se pode provar isso.»

Respondi que estava relutante em envolver-me com exorcistas, tal como Maurice Grosse e a Sra. Harper, especialmente tendo em conta o terrível caso Michel na Alemanha, que já mencionei.

«Oh, o ritual católico é desastroso», respondeu ele. «Porque é uma forma mecânica de aplicar um rito sem a mínima compreensão do contexto psicológico. Criam-se demónios, sabes, ao forçá-los a dizer os seus nomes. Bem, é terrível!» Era melhor, pensava ele, examinar o estado psicológico da família e talvez deixar um ministro da Igreja de Inglaterra tentar ajudar.

Chamei a atenção para o facto de andarmos a tentar encontrar um psicólogo que estivesse disposto a examinar o que quer que fosse relacionado com o caso, mas termos falhado totalmente,

tendo inclusivamente recebido ordens para nos irmos embora por parte do psiquiatra da assistência social local.

Por uma estranha coincidência, no preciso momento em que falávamos, um exorcista estava a caminho de Enfield. Eu não sabia de nada disto até falar com Grosse mais tarde nesse dia, após a minha conversa com o Professor Bender.

Maurice contou-me que tinha acabado de ir a Enfield para falar aos Harpers sobre a conferência e que tinha chegado para descobrir que um homem do *National Enquirer* tinha trazido consigo Dom Robert Petitpierre, um monge anglicano e uma das principais autoridades em exorcismo.

«Foi de facto muito embaraçoso», disse-me Grosse. «Levei o monge à parte e expliquei-lhe a atitude da Sra. Harper em relação ao exorcismo, e disse que tinha de lhe pedir para sair. Ele foi muito simpático em relação a isso e retirou-se. Realmente, os truques de que estes repórteres se lembram!»

Eventualmente, a controvérsia sobre «assombração ou trapaça» acalmou, a imprensa deixou-nos em paz e regressámos ao trabalho. Havia ainda bastante atividade em curso em Enfield, mas reduzimos as nossas visitas a pedido do Dr. Sacks, um psiquiatra de Enfield (não o mencionado anteriormente) a quem John Burcombe tinha conseguido interessar no caso. O Dr. Sacks examinou as raparigas e foi muito amável e reconfortante para com a Sra. Harper, mas a sua abordagem ao problema parecia ser a de que este iria simplesmente desaparecer se as deixássemos em paz. Infelizmente, isso não aconteceu, e Burcombe pediu-nos especificamente, falando como membro da família, para regressarmos.

Durante o mês de abril, no decorrer do qual ambos deixámos a família quase inteiramente em paz, a Sra. Harper anotou 155 incidentes separados no seu diário. Alguns destes, que mais tarde nos descreveu mais detalhadamente, foram bastante engenhosos. Certa vez, estava a cozinhar o jantar quando se ouviu uma batida à porta da frente. Deslocou-se para atender o visitante, juntamente com todas as crianças, e ao regressar à cozinha deparou-se com um amontoado de lenços de papel que tinha sido colocado entre a panela e o bico de gás aceso. «A casa poderia ter-se incendiado», disse ela. Um incidente muito semelhante repetiu-se mais tarde

enquanto Grosse estava na casa, exceto que desta vez os lenços ficaram apenas chamuscados, embora estivessem mesmo em cima da chama.

As aparições de formas humanas estavam a tornar-se mais frequentes.

«Eu estava lá em cima ontem, percebe?», disse Janet. «Na cama. E, de repente, vi esta pessoa caminhar pelo quarto. Era como um homem e tinha, tipo, umas calças castanhas vestidas, percebe? E trazia um par de suspensórios e uma camisa velha, rota e esfarrapada, e estava a tentar assustar-me. Tinha estas unhas compridas.»

«Eu também o vi», disse Rose.

«Tens a certeza de que não estás a imaginar isso?», perguntou Grosse.

«Não», insistiu Janet. «Porque desci as escadas a gritar. Ele não me deixava sair da cama, tentava apenas empurrar-me de volta para dentro.»

A Sra. Harper defendeu Janet, algo que nunca fazia quando qualquer incidente deixava margem para dúvidas.

«Pela forma como ela desceu as escadas, estava num estado considerável. Ela costuma estar a rir, como sabem, e quando está a chorar, isso normalmente significa que a coisa é séria.»

E foi a própria Sra. Harper quem relatou ter visto a aparição mais nítida até à data.

Aqui devo enfatizar, correndo o risco de me tornar repetitivo, que de todas as muitas pessoas que conheceram a Sra. Harper ao longo do caso, incluindo vários jornalistas altamente céticos (e, na verdade, investigadores), ninguém sugeriu alguma vez que ela lhes parecesse outra coisa que não inteiramente honesta, com o hábito de descrever as coisas exatamente como as via.

«Estávamos todos a preparar-nos para sair para as compras e decidi ir à casa de banho antes de irmos. Enquanto lá estava dentro, ouvi um baque, baque, fora da porta, como se alguém estivesse a bater com os pés. Depois ouvi algo entrar na casa de banho, e eu fui à casa de banho. Não estava lá ninguém, e virei-me para voltar, para puxar o autoclismo. A porta do meio estava aberta e vi esta criança...»

«Pensei que estava a caminhar, mas deve ter estado a flutuar através da cozinha. Era uma criança com o tamanho aproximado do Jimmy e, por uma fração de segundo, poder-se-ia dizer que era o Jimmy. Mas percebi que não era, porque a criança não estava vestida como o Jimmy. Parecia trazer uma espécie de camisa de noite e flutuava — deslizava, por assim dizer.»

«Nós tivemos um irmão», disse John Burcombe ao ouvir isto. «Morreu aos cinco anos de idade. E era parecido com o Jimmy no aspeto.» Depois, algo mais lhe ocorreu. No seu trabalho hospitalar, tinha frequentemente de lidar com cadáveres. «Quando uma criança morre», disse ele, «é vestida com uma longa túnica branca, que é conhecida como uma mortalha...»

«Pensei para comigo: haverá uma ligação? Ou estarei a ir longe de mais?», disse a Sra. Harper.

John Burcombe, que tal como a sua irmã causava a impressão em todos os que o conheciam de ser a mais fiável das testemunhas, relatou ter visto ele próprio várias aparições. Estas incluíam várias figuras sombrias e não identificáveis nas escadas e à janela, uma figura que ele presumiu ser Janet a olhar por uma janela do andar de cima, embora ela estivesse no andar de baixo na altura, e, eventualmente, aquela que foi de longe a aparição mais espetacular de todas, a qual descreverei no capítulo seguinte.

Além das sombras e figuras, houvera as luzes, que a Sra. Harper vira numa parede uma tarde. Eram quatro, duas redondas e duas com o formato «de chaves». Desapareceram após um par de minutos, voltando depois a reaparecer.

Havia também a escrita que aparecia regularmente nas paredes e no espelho da casa de banho. Tratava-se habitualmente de alguma mensagem inspiradora como «EU SOU O FRED» ou apenas «MERDA», mas um dia surgiu uma palavra extremamente invulgar, que foi escrita a sabonete no espelho da casa de banho. Estava soletrada de forma muito clara: Q, U, L, I, T. Grosse viu-a e copiou-a no local, mas não conseguiu encontrar a palavra em nenhum dos seus dicionários. Nem eu, mas quando me dirigi à biblioteca para consultar o grande *Oxford Dictionary*, encontrei de facto uma palavra, QUILLET, a única minimamente parecida com QULIT.

Era, dizia o dicionário, provavelmente uma abreviatura de *quillity*, e apresentava um exemplo do seu uso retirado de Shakespeare:

Alguns truques, alguns quillets sobre como enganar o Diabo.

Isso era estranho. Tal como o facto de uma grafia alternativa para esta palavra hoje em dia obsoleta ser QUILIT. Tal como, na verdade, o facto de o significado da palavra, um truque ou gracejo, ser exatamente o que o aparecimento da palavra tinha sido. Teríamos um fantasma erudito em mãos?

Certamente não havia mais nenhuma prova disso, embora, ao reproduzir algumas das nossas fitas anteriores um dia, Grosse tenha notado outro exemplo curioso da aparente literacia do *poltergeist*. Foi gravado durante o diálogo entre Matthew Manning e a Voz, e decorreu assim:

Matthew: «Tu nem sequer sabes qual é o meu nome. Qual é?»

Voz: «MATTHEW MANNING»

Matthew: «Não é. Isso é apenas um pseudónimo.»

Voz: «O caralho é que é!»

Algum tempo mais tarde, Grosse pediu a John Burcombe para perguntar a Janet se ela sabia o que significava a palavra «pseudónimo», e ela assegurou-lhe que não fazia a mínima ideia e que nunca a tinha ouvido antes. No entanto, a Voz tinha respondido à observação de Matthew de imediato, como se soubesse o que era. Se Janet estivesse a produzir a Voz deliberadamente, seria de esperar que dissesse «O que é isso?» em vez de «O caralho é que é!». É verdade que o significado da palavra era bastante claro quando usada neste contexto, mas a reação imediata da Voz pareceu-nos curiosa.

Este foi um bom exemplo de como um incidente relativamente menor se revelava tão intrigante como o material principal, tal como sofás a virarem-se. Outro exemplo teve lugar pouco depois do incidente do «qulit», quando Grosse subitamente sentiu um cheiro horrível a couve podre na casa. Isto surpreendeu-o, pois a Sra. Harper mantinha uma cozinha limpa, e ele não conseguiu encontrar nada que pudesse estar a causar o odor.

«Isso é interessante», disse eu, quando ele me contou isto. «Quando o Gerry Sherrick esteve cá, disse que uma das entidades

por perto era uma velha bruxa do mercado de Spitalfields.» Fui buscar a fita e encontrei o que procurava.

«Alguma vez sentiram algo horrível, como vegetais estragados?», perguntava Gerry à Sra. Harper. Isto foi exatamente um mês antes da experiência de Grosse.

«Ele deve ter dito isso depois de eu ter saído nesse dia», comentou Grosse, «porque esta é a primeira vez que oiço falar disso. Ora essa!»

«E, já agora», disse eu, «a Sra. Harper respondeu que sim, que tinham sentido».

Do nosso ponto de vista, incidentes como estes, nos quais alguém não ligado à família Harper estava envolvido, eram especialmente valiosos como prova. Tinham ocorrido muitos incidentes desse tipo em várias lojas locais e supermercados, bem como em autocarros e na rua. Após uma visita ao oculista, Rose disse que uma caixa de lentes começou a tremer à medida que ela e Janet passavam por ela, e a porta da sala onde se encontravam abriu-se e fechou-se sozinha. Tornou-se difícil para Janet ir às compras sem que frutas e legumes rolassem das suas caixas para o chão e, certa vez, enquanto os Harpers atravessavam o parque, um grande tijolo aterrou diante deles, embora não estivesse ninguém suficientemente perto para o ter atirado.

Com algum lamento, não verificámos nenhum destes incidentes «públicos» locais, com exceção dos acontecimentos descritos no Capítulo 11. Percebemos que, ao fazê-lo, estaríamos a atrair as atenções para os Harpers e para o seu problema, o que não facilitaria em nada a vida deles. Relembrámos o quão penosos os casos de *poltergeist* podem ser quando os Winters, em Holloway, receberam uma série de cartas anónimas extremamente desagradáveis, uma das quais vale a pena citar na íntegra:

PONHAM-SE FORA DESTE BAIRRO NÃO QUEREMOS VIVER COM BRUXAS E DIABOS COMO VÓS, VÓS FIZESTES O VOSSO APARTAMENTO PEGAR FOGO, E QUANDO DEIXARDES O VOSSO GATO E CÃO SAIR PORQUE NÓS VAMOS APANHÁ-LOS É MELHOR TERDES CUIDADO ONDE ELES ESTÃO, NÓS PARAMOS-VOS O FAROL DO CARRO NA OUTRA NOITE DA PRÓXIMA VEZ

PARAMOS-VOS A VÓS. DOS INQUILINOS (sic) NO (endereço eliminado).

Não íamos arriscar que nada deste género acontecesse em Enfield.

Houve, contudo, vários incidentes que investigámos nos quais nenhum dos Harpers esteve envolvido de forma alguma. Muitos dos melhores envolveram membros da família Nottingham, e é difícil para quem quer que seja falar com o Vic, com a Peggy ou com o filho deles por cinco minutos sem sentir que são pessoas totalmente honestas e normais.

O Vic estava fora num trabalho de telhados um dia e deixou a sua carrinha por perto, com a chave na ignição. Ele descreveu o que aconteceu a seguir:

«Quando voltei para o carro, a chave tinha desaparecido. Refizemos os nossos passos, por todos os lados onde tínhamos estado a trabalhar, e a chave não estava em lado nenhum. Demos a coisa por perdida. De qualquer forma, o meu camião velho anda com qualquer coisa, por isso usei uma chave de fendas para o pôr a trabalhar, para nos trazer para casa. Usei esta chave de fendas durante três dias, porque não conseguia arranjar uma chave com este número específico. No dia em que consegui arranjar a chave, voltei ao camião e lá estava a chave caída no chão. Mesmo ali ao pé do meu pedal, e eu tinha virado o camião do avesso. Não havia hipótese nenhuma de ela ter ido ali parar.»

Mas ali estava ela, e ficámos impressionados com a semelhança com o incidente que envolveu o anel de Betty Grosse, que tinha reaparecido no dia exato a seguir a Maurice ter escrito a reclamar o seguro do mesmo.

Uma tarde, o filho de Vic, Garry, serviu-se de um copo de limonada e foi com ele sentar-se no quintal das traseiras. Pousou o copo, virou-se por um segundo e, quando estendeu a mão para o copo, descobriu que estava vazio.

Vários amigos e familiares dos Nottinghams tiveram experiências estranhas enquanto estavam na casa deles. A namorada de Garry, por exemplo:

«Subi as escadas para ir buscar um LP», contou-nos ela, «e estava mesmo no fundo da pilha. E quando me ia a baixar para o pegar, uma mão tocou-me no rabo. Pensei que era o Garry a

armar-se em parvo, mas quando me virei, não estava lá ninguém, por isso gritei e desci as escadas a chorar.»

E não foi tudo. «No dia seguinte, bateram à nossa porta e, quando a minha mãe lá foi, não estava ninguém.»

O pai de Peggy, o Sr. Richardson, fez-nos um relato muito gráfico e bastante humorístico de algo que lhe aconteceu. Estava a lavar a loiça do almoço no lava-loiça da cozinha e o Vic continuava sentado à mesa do outro lado da sala. No lava-loiça, ele tinha empilhado um escorredor verde em cima de uma chávena e de um pires, com um grande prato de carne em estanho por cima deles.

«Ainda estou a lavar as outras coisas e, de repente, este estanho que estava por cima subiu até aqui.» Indicou uma distância de cerca de quinze centímetros no ar. «E a coisa seguinte que soube foi que este escorredor foi levantado assim — a chávena e o pires não se moveram — e foi parar ao chão, acabou debaixo da cadeira.» Este foi um «qulit» absolutamente típico de um *poltergeist*.

A reação do Sr. Richardson foi imediata. «Eu disse 'vai-te lixar!'», recordou ele indignadamente.

«Estás convencido de que estas coisas acontecem agora?», perguntou-lhe Grosse.

«Bem, agora estou, depois de ter visto aquilo», respondeu ele. «Além de qualquer sombra de dúvida.» Depois acrescentou: «Mas não acreditaria se alguém me contasse.»

Os Nottinghams eram uma família sociável e costumavam receber amigos para uma partida de dardos. Um dos seus familiares mais próximos vinha todas as quintas-feiras nos últimos três anos, mas tinha deixado de vir após o início dos problemas com o *poltergeist*.

«Ele tem medo de levar a coisa para casa», observou Peggy.

Esta era uma reação comum. Uma senhora que estava hospedada no n.º 86 ouviu alguns ruídos estranhos uma noite, mas recusou-se a prestar declarações porque tinha medo que «isso» regressasse com ela para Leeds.

Um dos incidentes mais bem testemunhados de todos desde os episódios da almofada e da levitação de dezembro de 1977 teve lugar a 30 de maio de 1978, a segunda vez que o *poltergeist* deu

um espetáculo em público, à luz do dia, diante de várias testemunhas.

As crianças Harper andavam a discutir um bocado com os miúdos do n.º 86 por cima do muro do jardim quando, de repente, uma chuva de pedras caiu estrondosamente no jardim dos Harpers. Antes que alguém pudesse acusar os rapazes do 86 de as terem atirado, outro amontoado veio — da direção oposta. Depois, para aumentar a confusão, o homem do n.º 90 apareceu para se queixar zangado de que alguém lhe estava a atirar pedras.

A seguir a isso, desabou um bombardeamento inacreditável de pedras, garrafas de leite, tijolos e torrões de relva, com objetos a voar em todas as direções e a aterrar em pelo menos cinco jardins diferentes. Em breve instalou-se um pandemónio total em Wood Lane, com vizinhos a correr para dentro e para fora das casas uns dos outros para tentar descobrir o que se estava a passar.

E o que quer que fosse, não eram as crianças Harper a pregar partidas, pois continuou mesmo depois de a Sra. Harper as ter reunido a todas dentro de casa.

Maurice Grosse fez os possíveis e os impossíveis para tentar esclarecer o que tinha acontecido, recolhendo várias declarações no próprio dia e no local. Uma das crianças do n.º 86 disse-lhe que tinham vindo pedras por cima do telhado da casa dela, vindas da rua, enquanto todos os Harpers estavam sob a sua total visão. «Não foram eles», afirmou ela com firmeza.

Nenhum membro de qualquer uma das cinco famílias que Grosse entrevistou conseguiu efetivamente dizer que tinha visto alguém atirar o que quer que fosse, e a descrição mais clara de todas veio do irmão de Peggy Nottingham, Jack Richardson, que estava a tomar uma refeição na cozinha dela, onde contou a Grosse o que tinha visto:

«Estava bem aqui onde estou agora, a comer o meu almoço, e tenho uma janela virada para mim. E houve aquele estrondo enorme, e a velocidade disto que passou por ali...» Um torrão de terra tinha embatido contra a porta das traseiras, escancarando-a. «E depois olhei e vi-o a ir naquela direção!» Apontou para o fundo do jardim dos Nottinghams.

«A sério? A afastar-se desta casa?», perguntou Grosse.

«A afastar-se desta casa, diretamente», respondeu Jack Richardson com firmeza. «Estava a viajar tão depressa e depois simplesmente caiu. Era um pedaço redondo e encontrámos os restos dele. Fez-me estremecer — esta é a primeira vez que vejo algo acontecer aqui.» Ele ficou claramente impressionado com o acontecimento. Afinal de contas, se olharmos pela janela e virmos algo a voar para longe de nós, sabendo perfeitamente que não o atirámos, o que é suposto pensarmos?

E o que era suposto Brenda Burcombe pensar no dia em que a sua tarte de carne desapareceu? Tinha comprado uma para o seu almoço e depois levou-a para casa, deixando-a em cima da mesa da cozinha. Pouco tempo depois, simplesmente desapareceu, e Brenda nunca a encontrou, embora tenha inclusive voltado atrás para ver se a tinha deixado na loja. Mais tarde nesse dia, apareceu uma mensagem rabiscada no espelho da casa de banho dos Harpers: «FIQUEI COM A TUA TARTE DE CARNE». Rose, que não sabia nada sobre o almoço desaparecido de Brenda, esfregou o espelho até ficar limpo quando chegou a casa da escola, mas depois de ter terminado o seu lanche, foi à casa de banho e deparou-se com a mesmíssima mensagem no espelho.

Grosse e eu ficámos ambos intrigados com o facto de tantos homens e mulheres comuns, além das famílias Harper, Nottingham e Burcombe, terem ficado convencidos da realidade do *poltergeist* com base nas provas dos seus próprios olhos, e no entanto, quase sempre que trazíamos um colega membro da SPR, não acontecia absolutamente nada, e eles achavam difícil de acreditar que alguma vez tivesse acontecido algo, embora a maioria deles tivesse de admitir que achava igualmente difícil não confiar nas testemunhas envolvidas.

Isto nem sempre era o caso, contudo, com visitantes que iam várias vezes à casa. Uma delas foi Rosalind Morris, da rádio da BBC, que, tal como nós, começou a ter problemas com os seus gravadores. Um dia, chegou a Enfield e descobriu que o seu gravador de cassetes estava fora de serviço, tendo um dos botões sido calcado com tanta força que tinha ficado totalmente preso. Tinha estado a funcionar perfeitamente antes de ela sair de casa e ela tinha a certeza de que ninguém tinha batido na sua mala no comboio.

Noutra visita, trouxe uma das melhores máquinas da BBC, um gravador de bobinas Uher, geralmente considerado um dos mais fiáveis que se fabricam. Ela estava bem habituada à máquina, colocou a fita com cuidado e começou a gravar, momento em que a fita encravou fortemente e não se movia nem para a frente nem para trás.

No dia seguinte, levou-o para ser examinado pelo engenheiro da BBC Don Hitch. O que tinha acontecido, descobriu ele, foi que a fita se tinha virado ao contrário enquanto gravava, depois de algumas voltas de fita terem saltado da bobina alimentadora, quase exactamente a mesma coisa que tinha acontecido com o gravador de vídeo Pye.

«Embora eu não possa afirmar categoricamente que isto não poderia ter acontecido em circunstâncias normais», disse o Sr. Hitch numa declaração assinada, «não me recordo, durante a minha experiência de sete ou oito anos com estas máquinas, de um caso semelhante. No que me diz respeito, este incidente em particular permanece inexplicado.»

Houve apenas uma exceção à aparente regra do *poltergeist* de que os membros da SPR não deveriam testemunhar nada na sua primeira visita. Foi o Professor Hasted, que, embora tenha demonstrado um interesse ativo no caso ao longo de vários meses, fornecendo-nos não só equipamento valioso e conselhos igualmente valiosos, mas também a ajuda a tempo inteiro de David Robertson, só foi uma vez a Enfield pessoalmente.

Enquanto os Harpers se recolhiam para a cama, todos no quarto exceto Rose, que se encontrava ao fundo das escadas sob a total visão dele, ouviram um estrondo vindo da sala de estar e foram encontrar uma cadeira virada e a luz do teto a balançar de um lado para o outro. A lâmpada tinha-se partido, e de uma forma extremamente invulgar. Quando a retirou e examinou, o Professor Hasted descobriu que um dos suportes de vidro no qual o filamento estava montado se tinha quebrado. «Isto», disse-me ele, «é muito raro».

Era estranho que isto tivesse acontecido na presença de um investigador que se lembraria de examinar a lâmpada para ver exatamente o que se tinha partido, e dei por mim novamente

recordado de um pensamento que me tinha ocorrido no início do caso:

Estávamos nós a investigar um *poltergeist*, ou era ele que nos investigava a nós?

DEZOITO

«A Minha Pequena Mente»

«Quero ir-me embora daqui», disse Janet um dia em junho de 1978, altura em que o Espetáculo de Enfield já durava há nove meses, sem sinais de terminar. «Esta coisa, esta coisa...»

«Estou muito preocupada com a Janet», disse-nos a Sra. Harper. «Agora acredito que ela está a fazer algumas destas coisas e não sabe que as está a fazer. Tenho estado a observá-la muito de perto.» Relembrou a noite do primeiro transe violento de Janet, em outubro. «Acho que uma mudança teve lugar nela naquele dia. Será possível que ela esteja possuída por outro espírito, interiormente? E que este lhe esteja a dizer para fazer estas coisas? Sei que parece bastante terrível, mas é assim que eu vejo as coisas.»

A principal causa da sua preocupação foi ver Janet sair da casa de banho com uma expressão estranha no rosto. Como se não estivesse «no seu perfeito juízo», disse ela.

«O que estás aí a fazer, Janet?», tinha ela perguntado.

«Não sei o que fazer com isto. Estava no lava-loiça», respondeu Janet. A Sra. Harper não teve de lhe perguntar o que era «isto».

«Quando olhei», contou-nos ela, «parte dos excrementos estava no lava-loiça e a outra parte parecia estar na flanela. Não posso dizer que a vi fazer isso, porque a porta estava fechada, mas fiquei com aquela sensação de que ela o fez e depois percebeu que havia algo ali, e ela meio que não sabia o que fazer em relação a isso».

Mesmo que Janet fosse capaz de um comportamento tão repugnante, no qual eu não acreditava, deixar-se-ia ela apanhar tão facilmente? Mas o que quer que fosse, ou quem quer que fosse, que se tivesse metido nela, ela certamente não era conscientemente responsável por um incidente que teve lugar no espaço de um par de dias a contar deste.

Janet estava a descascar as batatas quando a bacia das cascas subitamente saltou para o chão. Grosse estava na sala de estar, com o seu gravador a funcionar, e mantinha-a sob a sua total visão. Ela não tinha definitivamente atirado a bacia.

«O que foi aquilo?», perguntou ele.

«Oh, a bacia saltou», respondeu Janet, como se fosse a coisa mais normal do mundo de acontecer. Grosse, como fazia quase sempre em tais ocasiões, fez um relato como testemunha ocular em benefício do seu gravador.

«A bacia», disse ele, «saltou do lava-loiça da cozinha para o chão, ao lado do lava-loiça. Ora, isto eu ouvi distintamente acontecer, e ela não estava nem perto daquilo. Estava completamente sob a minha visão.» Aqui estava mais um incidente do qual ele tinha a certeza absoluta de ser genuíno.

A Coisa parecia gostar de batatas. Quando Rose assumiu a sua vez de fazer a tarefa de descascar, uma tarde, tinha acabado de colocar as batatas na panela sobre o fogão quando a panela levantou voo, disparou pela sala fora e embateu contra a porta, espalhando batatas por todo o lado. Rose notou um pormenor curioso.

«Estava a girar de pernas para o ar», disse ela, «and as batatas continuavam lá dentro — aconteceu tão depressa». E mesmo enquanto estavam todos a limpar a sujidade, o secador de roupa centrífugo lá fora no hall começou a dar saltos por todo o lado. «Era como se estivesse a tentar atirar-se à Janet», disse Rose.

«Moveu-se, como uma máquina elétrica, ou algo do género», foi a versão de Janet. «Depois deu um estrondo e tentou virar-se.»

O *poltergeist*, como uma criança travessa (que é certamente a impressão que muitas vezes causava), gostava de atirar coisas para o chão e era especialmente fã de usar artigos de cozinha como cubos de brincar. Um dia, enquanto John Burcombe estava na casa com os Harpers, todos ouviram um barulho de loiça vindo da cozinha. John chegou lá primeiro.

«Estávamos aqui dentro», disse ele, «e ouvimos a garrafa de leite bater no chão, e eu saí com toda a gente». Ninguém se encontrava na cozinha na altura. O que todos encontraram foi uma pequena e arrumada disposição consistindo em quatro plantas do parapeito da janela organizadas em triângulo com uma no meio e

a garrafa de leite ao lado delas, mais uma caixa de lenços de papel e um recipiente de plástico em pé e uma bacia vermelha virada ao contrário.

Um dia, a Coisa até deu uma mãozinha à Sra. Harper, para variar, com os seus cozinhados. Ela estava a fazer um bolo e prestes a deitar o açúcar na taça de mistura quando ouviu distintamente uma voz ao seu ouvido dizer:

«Não tens açúcar suficiente aí, mãe!» Soava como uma das Vozes, mas todas as crianças estavam fora de casa. E, com efeito, quando foi verificar, descobriu que de facto não tinha açúcar suficiente para a sua receita habitual.

Embora incidentes como estes nos tranquilizassem de que Janet não estava diretamente envolvida em toda a atividade, estávamos a começar a partilhar da preocupação da Sra. Harper relativamente ao seu comportamento geral. Ela continuava a ter grandes dificuldades em conseguir adormecer sem ser atirada para fora da cama e, embora frequentemente desse a impressão de gostar imenso destas ginásticas noturnas, um incidente em particular deste período revelou um pormenor extraordinário quando Grosse questionou longamente a Sra. Harper sobre o assunto. Ela estava a contar-lhe como tinha visto Janet elevar-se da sua cama.

«Uns sessenta ou noventa centímetros para começar», disse a Sra. Harper, «e depois, um par de vezes, ela meio que rebolou, e a seguir a isso levitou várias vezes, muito alto, quase até ao teto».

«Ela estava deitada?», perguntou Grosse.

«Sim, a tentar voltar para a cama.»

«Na horizontal?»

«Sim», insistiu a Sra. Harper. «Estava deitada e a meter-se debaixo das cobertas.» Algo pareceu invulgarmente estranho a Grosse.

«Ela subiu com as cobertas?», perguntou ele.

«Não», respondeu ela com firmeza.

«Não», concordou Janet. «Eu simplesmente subi. As cobertas não se moveram.»

«Espera um minuto», disse Grosse. «Ouve com muita atenção. Tu estavas deitada, e as cobertas estavam a cobrir-te, e

depois levitaste no ar, mas as cobertas não foram contigo. O que estás a dizer é que passaste mesmo através das cobertas!»

«Não sei», respondeu Janet.

«Foi o que me pareceu», disse a sua mãe. «A cama não pareceu desmanchar-se.»

Isto era um bocado de mais. Em levitação já conseguíamos acreditar a esta altura, mas levitação através dos cobertores? Decidimos um plano de ação que, assim esperávamos, nos permitiria ver por nós próprios.

O David Robertson montou o equipamento de gravação de vídeo com a câmara fixa na parede do quarto e o gravador e o monitor no quarto de trás, o qual mantinha trancado. Depois, à hora de deitar, passámos todos por uma encenação elaborada que tínhamos ensaiado cuidadosamente com antecedência.

Assim que as raparigas ficaram na cama, o David foi para o quarto de trás com o Grosse. «Não vale a pena», disse ele em voz alta, «isto não está a funcionar». Seguiu-se uma longa discussão técnica, em benefício das raparigas. «Conheço um tipo ali mais acima na rua que deve ter a peça de que precisamos», disse Grosse, e ele e o David saíram então, conduzindo até dobrar a esquina e ficando ali sentados durante meia hora, período durante o qual o sistema de vídeo estava, logicamente, a funcionar na perfeição e ligado. A ideia original fora minha. Ponderei que poderíamos muito bem conseguir alguma ação real em vídeo se as raparigas não soubessem que este estava ligado. À parte a questão de saber se elas andavam a pregar partidas ou não, argumentei que o *poltergeist* parecia estar a fazer uso dos sentidos delas, pelo que, se elas não soubessem que estavam numa «câmara oculta», ele também não saberia. Pareceu uma excelente ideia na altura, mas foi um fracasso total. Mal Maurice e David saíram de casa, Janet saltou da cama sem motivo aparente e espreitou pelo buraco da fechadura do quarto de trás. E, por uma coincidência particularmente infeliz, o monitor de televisão e a bobina giratória do gravador encontravam-se em linha direta com o buraco da fechadura. Janet viu-os e soube imediatamente que a máquina estava a funcionar.

Percebeu que lhe estávamos a pregar uma partida. Assim, nada aconteceu. Janet contou-me mais tarde que tinha

desconfiado do nosso truque de imediato. Decidimos finalmente que Janet tinha simplesmente de sair de casa, como ela própria sugerira originalmente. O Professor Hasted e Grosse foram ver o Dr. Sacks, o psiquiatra local que vinha acompanhando a família há algum tempo, e, após uma longa discussão, concordou-se que Janet deveria regressar à instituição dirigida por freiras luso-católicas. Ela deixou a casa a 16 de junho de 1978 e, assim que ela partiu, fiz outro esforço para a internar no Hospital Maudsley. Eu tinha a certeza de que o Dr. Sacks seria mais cooperante do que o outro psiquiatra fora na minha primeira tentativa no ano anterior e, quando contactei o Dr. Fenwick no Maudsley, tive duas surpresas agradáveis. Não só ele continuava interessado no caso, como conhecia o Dr. Sacks pessoalmente e tinha a certeza de que não haveria qualquer problema em tratar da papelada necessária. Assim, finalmente, a 25 de julho, Janet viajou para sul do Rio Tamisa pela primeira vez na sua vida e instalou-se num quarto luminoso e alegre no Instituto de Neuropsiquiatria do Maudsley.

Não tínhamos podido visitá-la durante as suas seis semanas na instituição das freiras, mas elas tinham obviamente cuidado dela de forma admirável, pois ela parecia muito melhor, tanto física como mentalmente. Foi um grande dia para mim. Finalmente Janet estava onde eu queria que ela estivesse vários meses antes — num dos melhores hospitais do seu género no mundo, sob a supervisão pessoal de um psiquiatra que parecia genuinamente interessado no caso. E fiquei lisonjeado e encantado quando o Dr. Fenwick perguntou se Grosse e eu poderíamos ir dar um resumo da situação aos médicos antes da próxima ronda pelas enfermarias, quando estes iriam conhecer

Janet. Passámos um fim de semana a trabalhar numa apresentação muito concisa de todo o caso e ficámos bastante surpreendidos quando chegámos ao hospital e encontrámos uma sala cheia de médicos à espera de nos ouvir falar sobre *poltergeists*. Grosse leu-lhes o resumo que tínhamos preparado cuidadosamente, delineando as principais características do caso enquanto os onze médicos escutavam atentamente. A maioria deles eram psiquiatras e alguns pareciam muito distintos. Havia também dois africanos, que pareciam ligeiramente embaraçados.

Supus que o que estavam a ouvir não era exatamente o que tinham vindo aprender para a Europa. Ele lembrou os médicos de que os casos do tipo *poltergeist* intrigavam o mundo há pelo menos 1500 anos e que nunca tinham sido devidamente estudados por especialistas tão qualificados como eles. Delineou as abordagens espírita e freudiana no que tocava às teorias explicativas, lembrando à assistência, de passagem, que fora a *Society for Psychical Research* a primeira a mencionar o trabalho de Freud no seu jornal. (Coloquei isso no nosso texto para mostrar que a SPR tinha uma história bastante respeitável e não era apenas um grupo de caçadores de fantasmas excêntricos). Concluiu, como tínhamos feito em Cambridge, com um apelo a um ataque interdisciplinar ao problema. «Casos deste tipo, qualquer que seja a sua verdadeira natureza, são de grande interesse porque envolvem interações inequívocas entre a mente e a matéria. Parecem, portanto, ser da competência tanto do físico como do psiquiatra.» O Professor Hasted estava a tratar da física, e esperávamos que eles fossem capazes de aprender algo sobre o outro lado do problema — a mente de Janet.

Quando Grosse terminou a sua exposição, fez-se um silêncio total. Eu tinha a certeza de que nunca se ouvira nada assim no Maudsley antes, pois embora soubesse que duas das vítimas de *poltergeist* do Professor Bender tinham sido examinadas por psiquiatras, não consegui encontrar qualquer registo de isso alguma vez ter sido feito na Grã-Bretanha, com a possível exceção do caso escocês sobre o qual eu não tinha conseguido obter mais detalhes, exceto que apresentava um fenómeno de Voz semelhante ao nosso.

O Dr. Fenwick quebrou o silêncio ligeiramente constrangedor com um pedido de mais pormenores sobre os estados alterados de consciência de Janet e, finalmente, a reunião, que esperávamos que durasse quinze minutos, prolongou-se por mais de meia hora, embora vários dos médicos presentes tivessem permanecido calados o tempo todo; suspeitei que tinham sido apanhados de surpresa e simplesmente não sabiam o que dizer. Eles sabiam perfeitamente o que fazer, contudo, e soubemos que Janet iria receber o tratamento completo, incluindo exames físicos e psicológicos detalhados. Se houvesse algo de errado com ela,

estávamos seguros de que eles o descobririam. Entretanto, de regresso a Enfield, havia apenas um problema. Tínhamos agido partindo do pressuposto de que Janet fora o foco principal da atividade do *poltergeist* e de que, se a afastássemos de casa, o problema pararia. Mas não parou.

Poucos dias depois de ela ter ido para a instituição das freiras, John Burcombe fez uma das suas visitas habituais aos Harpers. Abriu o trinco do portão do jardim e dirigiu-se à porta da frente e, ao fazê-lo, a porta abriu-se. Entrou, pensando que uma das crianças a tinha aberto e se encontrava atrás dela, mas quando chegou lá dentro apanhou um choque. Não estava absolutamente ninguém em casa. Embora Burcombe se tivesse habituado aos acontecimentos estranhos, tanto na casa da sua irmã como na sua própria, achou mais do que um pouco perturbador quando algo assim acontecia enquanto estava sozinho.

E havia mais duas surpresas reservadas para ele. A primeira surgiu uns dias mais tarde. Grosse e eu tínhamos ido assistir a uma palestra na SPR sobre discos voadores. O orador mal se ouvia do fundo da sala e a minha mente começou a dispersar. De repente apanhei a palavra «poltergeist» mencionada pelo orador e virei-me para Grosse. «É mesmo só o que nos falta em Enfield», sussurrei. «Um disco voador.»

Por volta da mesma altura em que eu dizia isto, John Burcombe estava à porta da sala de estar dos Harpers, prestes a sair após ter estado à conversa com a sua irmã. Foi então que ambos ouviram um ruído estranho. «Ouviste aquilo?», perguntou a Sra. Harper. «Parece uma criança a rir», respondeu Burcombe. Pensou que vinha da cozinha. «Ora bem, não há que preocupar», pensou ele, e colocou a mão na maçaneta da porta da sala de estar que dava para o pequeno hall de entrada. Foi então que aconteceu. «De repente, sentiu-se uma corrente de ar poderosa vinda de trás de mim», contou-nos ele no dia seguinte. (A porta da frente estava fechada). «Senti-me a ser empurrado para a frente. Estava plenamente consciente do que me rodeava, mas assim que aquela corrente de ar passou, senti — sabia onde estava, mas era exatamente como estar rodeado por... nada.»

Ambos considerávamos John Burcombe como a melhor das testemunhas. Ele procurava sempre as palavras certas para fazer

uma descrição exata dos muitos incidentes que presenciou ao longo do caso. «Suponho que se poderia dizer que era um vácuo», continuou ele. «Mas não podia ser, porque aí tudo ficaria num silêncio mortal. Eu conseguia ouvir tudo. Foi uma sensação extremamente bizarra, era como... como estar num sítio — sabia-se onde se estava, mas estava-se perdido, rodeado por... nada. Desconectado.» Ele calculou que a experiência durou cerca de trinta segundos e não disse nada na altura. Enquanto caminhava para casa, sentiu-se subitamente cansado. Preparou uma chávena de chá, deu um gole e adormeceu imediatamente, acordando setenta minutos mais tarde. «Consigo adormecer em qualquer lado», disse ele. «Consigo adormecer num estendal da roupa. Mas, normalmente, quando se faz uma pequena sesta, está-se ciente do facto. Mas isto veio mesmo assim!»

Deu um estalido com os dedos. Teria ele sido apanhado na esteira de um disco voador de passagem? Quem sabe? Qualquer explicação sobre o que se passou em Enfield em 1977 e 1978 seria provavelmente de todo fantástica em função dos nossos conhecimentos atuais. Houve, por coincidência, uma série de relatos de avistamentos de OVNIs na zona de Enfield durante o caso, mas nem nós nem os Harpers alguma vez mencionámos o assunto.

A terceira experiência de John Burcombe enquanto Janet estava fora pregou-lhe um susto de morte. Desta vez, não só não estava ninguém na casa, como toda a família Harper se encontrava a cerca de oitenta quilómetros de distância. Estavam de férias na costa de Essex, com Janet, a quem tinham dado licença de saída do Maudsley para a ocasião. Como dantes, John ficou a tomar conta da casa deles enquanto estavam fora. «Neste dia», contou-nos ele, «entrei na sala de estar, parei, olhei pela janela para as pessoas que passavam a caminhar, depois virei-me para a minha direita, a olhar diretamente na direção da cozinha.

E vi ali, sentado à mesa da sala de estar, um homem. Estava sentado numa cadeira à mesa, de costas voltadas para mim. Tinha um braço sobre a mesa, apenas ali sentado. A roupa? Trazia uma camisa branca com riscas azuis, sem colarinho. Era o género de camisa — não uma camisa nova — velha, como as que se usavam nos anos trinta. Mangas arregaçadas, calças pretas, cinto de couro,

cabelo cinzento não muito espesso, meio escasso. O choque que passei ao ver isto! Ele não se moveu e parecia-me um intruso. Olhei para ele e passou-me pela mente dizer: 'Qual é a tua porra de jogo, pá? O que estás aqui a fazer?' Estava de costas para mim, de cabeça erguida, a olhar em frente.

Eu ia a dizer alguma coisa, mas depois lembrei-me da casa onde estava. Fechei os olhos, como num piscar de olhos, por um par de segundos. Depois abri os olhos — tinha sumido!» «Ele parecia completamente sólido?», perguntou Grosse. «Parecia exatamente como tu pareces agora», respondeu Burcombe sem hesitação. «Como uma pessoa perfeitamente normal sentada a uma mesa. Sem contornos difusos, sem nada. Claro como a água.» Tinha sido por volta das cinco horas de uma tarde de verão; plena luz do dia. «Saí da casa como um foguete», continuou ele. «Fiquei assustado. Voltei e disse à minha mulher: 'Lamento, mas não volto a entrar naquela casa sozinho de maneira nenhuma. Aquela porra de sítio está assombrada!'»

Mais tarde, nessa mesma noite, a filha de John, Brenda, chegou a casa com um ar muito assustado. Ela também era uma veterana da campanha de Enfield, tendo testemunhado vários incidentes tanto na sua própria casa como na dos Harpers. Era uma rapariga sensata, não dada a histerias ou a imaginações desmedidas. «O que se passa?», perguntou o pai. Não lhe contou nada da sua própria experiência. «Bem», respondeu Brenda, «ia a passar pela casa da Peggy Nottingham e vi uma sombra caminhar pela sala de estar». Ela já tinha passado a pé por aquela casa pelo menos umas quinhentas vezes desde agosto de 1977, mas nunca vira nada assim. Não foi capaz de dar uma descrição clara do que tinha visto, mas não havia dúvidas de que, fosse o que fosse, lhe tinha pregado um bom susto, e surgindo logo após a experiência do pai na casa ao lado, deixou-nos a pensar. Vic Nottingham ficou intrigado com o relato de Burcombe sobre a sua aparição. Perguntámos-lhe, taticamente, se achava que aquilo soava como o seu pai.

(A Voz tinha afirmado frequentemente ser Fred Nottingham, uma afirmação que não nos era possível levar a sério, pois, segundo todos os relatos, ele fora um homem bondoso de quem as raparigas Harper gostavam e conheciam bem). «Soa mais como o

meu avô», disse Vic. «Era um homem que se sentava sempre sem colarinho. Era operário de vias públicas e usava sempre o seu cinto.» Depois lembrou-se de outra coisa. Os seus avós tinham tido um menino que morrera aos quatro anos de idade após cair numa lareira. «Pode ter algo a ver com a lareira ter sido arrancada naquela noite», sugeriu Peggy.

Embora o incidente tivesse acontecido numa casa diferente, proporcionou-nos apenas mais uma coincidência que poderia ou não ser significativa. (Rose, que não sabia nada sobre a morte do rapaz, tinha-nos dito vários meses antes que vira um rapazinho saltar de dentro da lareira). Estaria tudo a começar a fazer sentido finalmente? Às vezes parecia que sim, mas era como um enorme puzzle do qual só tínhamos conseguido juntar duas ou três peças no meio de cerca de mil. Invejei o Jimmy, que conseguia converter uma enorme pilha de cubos de Lego num pequeno edifício arrumado num instante.

Para confundir ainda mais as coisas, Rose mencionou um dia que uma das aparições que afirmava ter visto era uma que já tinha visto quatro anos antes. Ela e algumas amigas da escola, contou-me ela, andavam a brincar com um tabuleiro ouija numa cabana. «Pusemos todas os nossos nomes à volta dele», disse ela, «e dissemos que se o frasco se inclinasse, estava assombrado, e se não se inclinasse, não estava assombrado. Fizemo-lo, não sabíamos bem o que estávamos a fazer na altura porque eu só tinha dez anos».

Fora ideia da sua amiga, disse ela. Tinha lido sobre isso num livro. «E quando o fizemos, o frasco inclinou-se e vimos o rosto deste homem à janela», continuou ela. «E vi-o na outra noite, o mesmo.» Perguntei-lhe se tinha a certeza. «Certeza absoluta, certeza absoluta, porque tinha o mesmo rosto e o mesmo género de olhos também.» Interroguei-a cuidadosamente durante muito tempo, evitando perguntas indutoras, tendo em conta as circunstâncias da sua «confissão» forçada perante a brigada de choque do *Daily Mirror*. Mas ela manteve-se tenazmente fiel à sua história e assegurou-me de que não voltaria a brincar com tabuleiros ouija. Aproveitei esta oportunidade para perguntar se ela tinha lido *O Exorcista* ou visto algum dos filmes baseados nele. Disse que não e não parecia interessada.

(Cerca de um ano mais tarde, a Sra. Harper requisitou um livro sobre fantasmas na biblioteca, mas deixou de o ler muito rapidamente. «Nada disto é novidade para mim», disse-me ela). As coincidências continuavam a acumular-se. Um dia, Maurice Grosse telefonou a John Burcombe, como fazia frequentemente, para perguntar se estava tudo bem. Anotou a hora: 19h20. Burcombe disse-lhe que estava tudo calmo. «Nesse caso, não vou aí hoje à noite», disse Grosse. Mais tarde, nessa noite, contou-me que tivera a sensação de que Burcombe poderia estar enganado e, às 19h35, o seu telefone tocou.

«Tive o pressentimento de que era o John a ligar para me dizer que algo tinha acontecido», disse ele. «Quando cheguei ao telefone, era o John, e contou-me que às 19h20, exatamente quando eu lhe tinha ligado, as coisas tinham começado a acontecer na casa dos Harpers.» E não foram acontecimentos menores, de todo. A Sra. Harper preencheu os detalhes mais tarde nessa noite: Estavam todos sentados na sala de estar. A Sra. Harper sentiu surgir uma das suas dores de cabeça premonitórias e mencionou isto a Rose, que disse ter sentido frio de repente. A Sra. Harper levantou-se então e foi à cozinha, onde encontrou uma chávena, um prato e uma colher dispostos no tapete do chão. «Oh, apanha isso!», disse ela com cansaço.

Rose veio ajudar. Depois ouviram um estrondo. A cadeira junto à janela tinha-se virado, embora ninguém estivesse perto dela. «Estou ali literalmente a tremer», contou-nos ela mais tarde nessa noite, «e, de repente, dá-se aquele estrondo monumental. O aparador comprido junto à parede tinha ido ao chão e, por esta altura, já estávamos todos na cozinha». Todos exceto Janet, entenda-se. Ela estava a trinta quilómetros de distância, no Hospital Maudsley. «Se isto começar tudo de novo», disse a Sra. Harper, «nunca serei capaz de aguentar». Tinha começado de novo, se é que na verdade alguma vez tinha parado. Os fenómenos tinham certamente abrandado após a partida de Janet, mas não por completo. Nunca saberemos exatamente o que aconteceu em julho e agosto de 1978, porque pedimos à Sra. Harper para parar de escrever as suas notas diárias, pensando que isto poderia de algum modo desencorajar mais atividade, e usámos de todos os nossos poderes de persuasão para sugerir que

o caso tinha terminado agora que Janet estava afastada, embora fosse bastante óbvio que estávamos enganados.

Tínhamos tentado de tudo, inclusive conseguir o melhor tratamento psiquiátrico possível para a Janet, e nada disso tinha funcionado, pelo menos não de forma permanente. Mas, pensei eu, todos os médiuns que tínhamos chamado tinham feito algum bem, pelo que contactei mais dois.

A primeira foi Ena Twigg, provavelmente a médium mais célebre da Grã-Bretanha, que disse que os seus serviços eram de tal forma requisitados que simplesmente não conseguiria sair de sua casa nos tempos mais próximos. Ela deu-me, contudo, uma impressionante e espontânea demonstração dos seus lendários poderes de clarividência ao telefone.

«Consigo ver um livro de orações judaico, com escrita em hebraico», disse ela. «Está aberto mais ou menos a meio.» Eu não lhe tinha dito absolutamente nada de específico sobre o caso. Liguei imediatamente a Grosse para lhe transmitir esta informação.

«Isso é muito interessante», disse ele. «Levei o meu livro de orações para lá na semana passada para fazer uma oração especial. E estava mesmo no meio do livro.» Eu sabia que ele fazia frequentemente orações na casa, mas nunca tínhamos discutido o assunto, por respeito mútuo pelas nossas religiões diferentes, e eu nunca o tinha visto com um livro de orações.

Poucos dias depois disto, discuti o caso de Enfield longamente com Rose Gladden, no cenário tranquilo da «aldeia modelo» do Festival da Grã-Bretanha de 1951 em Ickwell Bury, onde estávamos ambos a dar palestras na agradável sede da Yoga for Health Foundation. Era o cenário errado para um assunto tão desagradável, mas descobri que Rose, de quem eu apenas sabia ser curandeira, tinha tido experiência pessoal de tudo o que tínhamos encontrado em Enfield, incluindo as Vozes, e já tinha lidado pessoalmente com vários casos graves de poltergeist.

«Há muito mal a regressar à Terra neste momento», disse-me ela. «Eles querem assumir o controlo. Os que estão por trás disto

são os verdadeiramente maus, demónios ou como lhes queiramos chamar. Usam outros para fazer o trabalho por eles.» Isto era exactamente o que o George e a Annie Shaw nos tinham dito.

Rose ofereceu-se para ajudar em Enfield, mas estava prestes a partir numa viagem para os Estados Unidos, pelo que concordámos que eu entraria em contacto quando ela regressasse, caso a situação continuasse grave. Contudo, por razões que serão evidentes no capítulo seguinte, nunca cheguei a recorrer aos seus serviços, embora certamente o vá fazer se, isolado seja o pensamento, alguma vez me voltar a envolver noutro caso de poltergeist.

A 29 de julho de 1978, desloquei-me ao Hospital Maudsley com a Rosalind Morris para visitar a Janet.

Mal a reconheci. Parecia bem alimentada, relaxada e um ano mais velha do que quando a tinha visto pela última vez, dois meses antes. Estava a ser muito bem tratada e dava-se lindamente tanto com os funcionários como com os doentes, incluindo um ou dois destes últimos que estavam claramente muito perturbados mentalmente.

Ela apontou pela janela para um homem que caminhava apressadamente através do agradável pátio ajardinado. Trazia um chapéu preto por cima da sua grande barba preta e uma bata branca.

«Ele é um rabino judeu?», perguntou ela. Expliquei que o homem seria presumivelmente um judeu hassídico, e soube que era um dos médicos que a tinham examinado. Ela gostava dele, disse. Era simpático e engraçado também. Isto era um contraste extremamente marcante com a hostilidade que a sua Voz tinha repetidamente demonstrado para com Grosse, que invariavelmente fora tratado por «rabino judeu», num tom extremamente insultuoso.

Perguntei à Janet se tinha acontecido alguma coisa enquanto tinha estado na instituição das freiras.

«Sim», disse ela. «Fui à casa de banho uma noite e não queria acordar toda a gente, por isso não puxei o autoclismo. Depois,

quando ia a sair pela porta, ele puxou-se sozinho!» Uma pequena caixa também tinha saído disparada do parapeito da janela no seu quarto na sua segunda noite, disse ela, acrescentando: «As freiras disseram que era da minha imaginação». Mostrou-me depois um pedaço de uma régua de plástico que, segundo ela, se tinha quebrado em três pedaços na sua secretária da escola. Este foi um dos raríssimos incidentes que ela alguma vez afirmou terem acontecido na sua escola e, embora possa ter havido outros, não fizemos deliberadamente nenhumas investigações lá, uma vez que não queríamos que a Janet ficasse com a reputação de ser a excêntrica da escola, tanto junto dos funcionários como dos outros alunos.

A Rosalind e eu percebemos que nunca tínhamos tido a Janet só para nós antes e decidimos aproveitar ao máximo a oportunidade para a interrogar com algum detalhe sobre alguns dos primeiros incidentes em Enfield. Ela mostrou-se bastante cooperante, mas claramente não muito interessada no passado recente, e aproveitava qualquer oportunidade para mudar de assunto. Certa vez, apontou para uma grande fenda no teto, por cima da sua cama. «O telhado vai ceder», disse ela.

«Oh, não faz mal», respondi eu. «Os edifícios caem sempre quando a Janet Harper está por perto.» Depois perguntei-lhe como se sentia agora em relação a todo este assunto.

«Posso garantir que agora não vai acontecer nada», respondeu ela convictamente. «Fiquei com essa sensação.» Disse que quando regressasse a casa iria redecorar o seu antigo quarto e dormir sozinha.

«Quando estás no outro quarto com a Rose e com a mãe», perguntei eu, «sentes esta força...»

«A acumular-se, sim!», interrompeu ela. Pedi mais pormenores. Janet pareceu confusa. «Sim, bem, a mãe acaba por gritar um bocado comigo, porque está a acontecer à minha volta. É o que eu digo, vem ter comigo. Sabe», acrescentou solenemente, «eu tenho muita energia, dizem as pessoas».

Desatei-me a rir. «Já tinha reparado nisso!», disse eu. Aquilo tinha de ser o eufemismo de todos os tempos. Perguntei se houvera algum incidente desde que estava no hospital. Ela fez-me então um relato detalhado de como a mesa do chá tinha começado a cambalear, fazendo os pratos deslizar, mas ela própria a tinha examinado e descoberto imediatamente que uma das pernas da mesa era demasiado curta. Aqui estivera, com certeza, uma oportunidade perfeita para ela pregar uma partida, mas ela própria encontrara a explicação normal para um efeito que tinha alarmado bastante um dos outros doentes. Mais uma vez, senti que a Janet não era uma rapariga que precisasse de inventar fenómenos para impressionar os investigadores, e novamente nos disse que tinha a certeza de que nada aconteceria no Maudsley.

«Porque estou sozinha», explicou ela. «A força não se consegue acumular, porque não está mais ninguém para ajudar a acumulá-la, pois não?»

«Foi isso que as freiras te disseram?», perguntei eu. Isto parecia uma perceção psicológica incrivelmente profunda para uma rapariga da sua idade.

«Não», respondeu ela, «foi o que eu concluí, enquanto andava a pensar».

A Rosalind Morris perguntou então o que lhe andavam a fazer no hospital.

«Er, ao cérebro, sabe, todas aquelas coisinhas coladas à cabeça», disse ela. «E eu estava deitada nesta cama, e havia esta luz a acender e a apagar, e eu tinha de fechar os olhos e depois abri-los. Padrões, o tempo todo.» Ela estava claramente a achar aquilo tudo muito divertido.

«Bem, é por isso que estás aqui», disse eu. «Para descobrir se há alguma coisa a passar-se no teu cérebro que não devesse.»

«Eles não vão encontrar nada, pois não?», respondeu a Janet. «Toda a gente pensa que está tudo na minha pequena mente, mas não está. Eu sei que não está.»

Gostaria de ter explorado isto mais a fundo, mas no preciso momento em que o ia fazer, a porta abriu-se e entrou a rapariga

mais bonita que alguma vez vi na minha vida. Teria uns sete ou oito anos, com um vestido graciosamente bordado, cabelos longos e escuros e uns enormes olhos castanhos. Disse que estava na hora do chá.

«Esta é a pequena Samaya», disse a Janet. «Ela vem do hebraico, ou de um sítio qualquer. Tem um skate lindo — custou cerca de duzentas e oitenta libras. Ela tem aquela doença.»

A Samaya sorriu timidamente para nós, quase partindo-me o coração. Quaisquer que fossem os problemas que a Janet pudesse ter, a sua própria vida não parecia correr perigo.

A Janet pegou na mão do pequeno anjo e saíram para tomar o chá. A Rosalind e eu partimos, aliviados por a Janet, pelo menos, parecer ter-se livrado do seu problema. A Rosalind continuava com o dela, contudo, pois mais tarde nesse dia descobriu que, pela terceira vez neste caso, o seu gravador tinha avariado e tinha inexplicavelmente parado de gravar a meio da fita, embora felizmente o meu Sony fustigado pelas batalhas tivesse gravado a nossa sessão.

E, como eu viria a saber no dia seguinte, a família Harper também tinha um problema, um novo e extremamente alarmante.

DEZASSEIS
«UMA ESTRANHA PRESENÇA»

O Jimmy Harper tinha sido menos afetado pelo poltergeist do que qualquer outro membro da família. Dormia invariavelmente como uma pedra, ou como uma «tempestade de neve», como a Janet dizia, com a cabeça bem embrulhada no seu roupão, dormindo profundamente ao longo de inúmeros rituais noturnos, ao passo que durante o dia estava muitíssimo mais interessado no seu Lego do que em mesas a virarem-se.

Mas uma noite, em agosto de 1978, começou a gemer durante o sono, e havia algo naquele som que fez correr calafrios pela espinha da sua mãe. Soava de forma muito semelhante à maneira como os transe violentos de Janet tinham começado.

«Oh, meu Deus do céu», disse ela. «Não vamos ter de certeza uma repetição do que aconteceu com a Janet?» O Jimmy tinha adormecido há apenas escassos minutos, e ela teve de o abanar com força para o acordar.

«Estou com medo», disse ele quando finalmente acordou. Não disse de que tinha medo e voltou a adormecer imediatamente. De novo o gemido começou e de novo a Sra. Harper o acordou.

«Tenho medo de fechar os olhos», disse ele. Quando o Jimmy estava perturbado, conseguia falar de forma bastante clara. A Rose tinha ido ficar em casa de uma amiga, o Pete estava no colégio interno e a Janet encontrava-se no hospital, pelo que eles estavam sozinhos na casa.

«Tenho de ter mais alguém perto de mim», decidiu a Sra. Harper, pelo que tirou o Jimmy da cama e desceram ambos para a casa dos Burcombes para dormirem lá. Felizmente, o breve transe incipiente do Jimmy nunca mais se repetiu, mas um dia ele comportou-se de forma muito estranha durante o dia. O John Burcombe tinha passado por lá para ver a Sra. Harper e o Jimmy, como habitualmente, estava a brincar com o seu Lego, totalmente absorvido no que fazia.

«Que género de noite tiveram?», perguntou Burcombe.

«Tão calma que tem sido de dar cabo dos nervos», respondeu a sua irmã.

«Bem, isso provou uma coisa, não foi? Nada a ver com vocês as duas.»

«PORQUE NÃO TE VAIS FODER?»

O Jimmy estava sob a total visão de Burcombe.

«O que disseste, Jimmy?», perguntou a Sra. Harper em espanto.

«Nada», respondeu ele, sem desviar os olhos do seu Lego.

«A coisa que me espantou», contou-nos Burcombe, «foi que eu seria capaz de dizer que a Janet estava na sala, porque era exatamente a voz». Ele referia-se à Voz.

E Burcombe estava prestes a apanhar mais um choque. Uma noite, quando a Sra. Harper e o Jimmy se encontravam novamente alojados na sua casa, ele desceu a rua para ir buscar o despertador.

«A casa estava às escuras», contou-nos ele. «Subi as escadas para entrar no quarto para recolher o relógio e, quando cheguei à porta, ela abriu-se sozinha, de par em par, para me deixar passar. O que me pareceu tão fantástico foi ter visto o puxador da porta girar, como se alguém o estivesse a rodar do outro lado. Isto por si só já foi um bocado de dar cabo dos nervos, mas conhecendo a casa eu meio que estreci e disse 'Onde está o despertador? Vamos mas é embora daqui!'

Quando entrei na sala, a porta fechou-se atrás de mim. Não bateu com estrondo, foi mesmo como uma porta a fechar-se sozinha. Recolhi o despertador, virei-me, caminhei em direção à porta e o puxador da porta girou sozinho e a porta abriu-se o suficiente para eu sair normalmente.

Desci as escadas a trote e disparei para casa. Sinceramente, acho que se não conhecesse o historial daquela casa, teria saltado pela janela.» No total, Burcombe testemunhou aberturas de portas inexplicáveis em três ocasiões separadas. Poderia ter sido enganado uma vez, embora duvidássemos até disso, mas não três vezes.

Uma noite, a Sra. Harper acordou ao ouvir uma criança chamar «Mamã, mamã», numa voz lamurienta. O Jimmy estava a dormir profundamente. De qualquer forma, ele tratava-a sempre por mãe, tal como todas as crianças. A única altura em que tinha sido tratada por mamã fora pela Janet naqueles transe dela...

Depois, houve mais um desenvolvimento de que ela bem poderia ter passado sem ele.

Uma manhã, ela subiu a rua com o Pete, que estava de regresso para as férias de verão.

«Ele nunca teve um desmaio na vida», contou-nos ela mais tarde nesse dia. Ela tinha trabalhado num hospital na sua juventude e estava familiarizada com uma grande variedade de doenças e aflições.

«Olhei para ele e disse que havia algo de errado com ele. Os olhos pareciam revirar-se e andavam à roda. Nunca vi nada assim, e já vi pessoas desmaiarem e terem ataques.»

Apressou-se a ir à farmácia, onde lhe deram um medicamento para o Pete beber.

«Oh Deus», pensou ela. «O que mais nos vai calhar?» Mas o Pete recuperou rapidamente. «Sinto os braços e as pernas dormentes como se fossem picadas de agulhas», foi tudo o que ele disse.

Estando a Janet a salvo no hospital e tendo a Rose aparentemente aprendido a resistir à Coisa, conforme o Gerry Sherrick tinha instado, estaria ela agora a começar a atuar sobre os dois rapazes? Deveríamos ter mandado a família inteira para o Maudsley? Uma vez mais, senti que estávamos de volta à estaca zero.

Tinha-se tornado claro a esta altura que a Janet não podia ser a causa imediata da atividade do poltergeist, dado que esta continuava na sua ausência. Assim, não foi com grande surpresa que soubemos que não havia absolutamente nada de errado com a Janet. Os médicos do Maudsley descobriram que a sua inteligência, a estrutura cerebral, a personalidade e todas as radiografias eram perfeitamente normais e não só não encontraram indícios de lesões no cérebro dela, como não encontraram qualquer sinal de epilepsia.

Como a própria Janet me dissera: «Toda a gente pensa que está tudo na minha pequena mente, mas não está». Não havia de facto absolutamente nada de errado com a sua pequena mente; quer ela quer a sua mãe pareciam compreender instintivamente que a situação geral da família era o que tinha causado, ou pelo menos ajudado, o início do problema. Fora aquele «aumento de infelicidade» que a própria Janet sugerira ao Dr. Fletcher durante a sua única sessão de hipnose.

Esperava aprender mais sobre o caso através da hipnose e falei com um membro da British Society of Medical and Dental Hypnotists recomendado pelo Dr. Fenwick. O Dr. Ashburn, como

lhe chamarei, demonstrou grande interesse no caso, mas não gostou da minha ideia de usar regressão numa rapariga da idade de Janet. Contou-me de dois casos em que pacientes tinham sido regredidos a eventos particularmente angustiantes das suas vidas e sofrido esgotamentos nervosos como resultado direto.

«É demasiado perigoso», disse o Dr. Ashburn, «e eu pessoalmente não o faria». Ele deixou claro que nenhum dos seus colegas o faria também, e aconselhou-me vivamente a não abordar um hipnotizador sem qualificações médicas. Por conseguinte, abandonei o meu plano.

Parece agora bastante certo que os poltergeists precisam de um ambiente de tensão grupal no qual operar, e que os psiquiatras podem ajudar bastante ao dissolver essa tensão. Mas terá de caber ao físico a identificação da força que vira mesas, e tal como o Dr. Fenwick observou, depois de eu lhe ter feito um relato de alguns dos fenómenos físicos:

«Tem de reescrever as leis da física.» Assegurei-lhe que o Professor Hasted não se importaria de fazer isso; ele já tinha escrito muitos volumes grossos sobre as leis conhecidas e, ao contrário de alguns dos seus colegas, não tinha medo de aceitar a existência de forças e dimensões ainda fora do alcance dos nossos atuais

instrumentos de medição. Mas demoraria algum tempo até que mesmo ele pudesse começar a redigir as novas leis.

A Janet regressou a casa em setembro de 1978, tendo estado fora durante quase três meses. A sua mãe ficou encantada por ver o quão bem ela parecia e ela aparentava ter crescido bastante, assim como ter recuperado de quaisquer problemas mentais que pudesse ter tido.

No entanto, a Janet estava mal em casa há meia hora quando viu algo.

«Era um rapazinho, na cozinha», disse ela. «Pareceu-me o Jimmy.»

«Achas que viste uma figura parecida com o Jimmy?», perguntou Grosse.

«Eu não acho que o vi, eu sei que o vi», respondeu Janet com firmeza. A sua descrição assemelhava-se bastante à da aparição relatada vários meses antes pela sua mãe.

A Rose e o Jimmy também relataram numerosos avistamentos de um conjunto de homens idosos, enquanto, para desespero da Sra. Harper e nosso, uma boa parte da antiga atividade recomeçou, principalmente as pancadas. Uma ou duas cadeiras e mesas caíam de vez em quando e, embora a parte física não fosse tão má como tinha sido, era suficientemente má.

«Agora acho que isto é um autêntico incómodo geral», disse a Sra. Harper. «Às vezes acordo e penso: o que eu queria agora mais do que qualquer outra coisa? Nunca pedi muito na vida, mas seria bom acordar um dia e dizer: graças a Deus por isso; o que quer que aquilo quisesse, já o tem, e foi-se embora.»

Tanto ela como as crianças já estavam claramente fartas. Ter mandado a Janet para fora ajudara, mas não tinha parado com o problema. Eu começava a perguntar-me se ia passar o resto da vida num caso que me tinha ocupado durante um ano inteiro, quando recebi uma carta de um jornalista holandês chamado Peter Liefhebber.

Ele era, disse ele, um dos editores de um novo semanário holandês chamado Extra e especializava-se em assuntos relacionados com a investigação psíquica. Poderia ele vir fazer uma reportagem sobre o caso de Enfield?

Oh Senhor, pensei, mais um não! Eu estava a ficar cansado de passar horas a fio a informar jornalistas sobre o caso só para que eles depois compreendessem tudo mal. Mas sempre gostei tanto da Holanda como dos holandeses, por isso telefonei ao Peter e tive uma longa conversa com ele. Parecia genuinamente interessado no caso e tinha evidentemente feito a sua pesquisa sobre ele. Disse-me que gostaria de trazer um médium holandês que, disse ele, iria tentar pôr-lhe cobro.

«Ah, assim já estamos a falar a mesma língua!», disse eu. «És o primeiro jornalista que alguma vez se ofereceu para nos ajudar.»

Prometi-lhe total cooperação, desde que Grosse concordasse, o que aconteceu.

O Peter veio cá em outubro de 1978 preparado para passar uma semana inteira na história, trazendo consigo um jovem calmo e agradável chamado Dono Gmelig-Meyling. O Peter explicou que ele era um clarividente muito bom, e também um curandeiro, e que tinha posto fim pessoalmente a dois casos de poltergeist holandeses. Ele tinha a certeza de que conseguiria pôr fim a este também, e a sua autoconfiança surpreendeu-me, pois nenhum dos outros médiuns que eu tinha consultado fizera tal afirmação. Mas o Dono mantinha-se tão calmo como um canalizador experiente chamado para mudar o vedante de uma torneira.

«Como é que se para com estas coisas?», perguntei eu. «O que é que tu fazes na realidade?»

«Curo as pessoas da casa, isso é a coisa mais importante», respondeu ele. «Quando as pessoas estão a perder demasiada energia dos seus corpos, tornam-se muito adaptáveis para forças exteriores e eu impeço que a energia saia do corpo. Eu fecho as portas.» Isto fora exatamente o que todos os outros médiuns disseram que estavam a tentar fazer.

A Sra. Harper tinha concordado em tentar outro médium e eu tinha-lhe dito que, se o que quer que o Dono fizesse não resultasse, então, francamente, eu desistiria.

«Bem, vou dar-lhe uma oportunidade», disse ela. «Não vou apressar as coisas. Já esperei todo este tempo.»

O dia anterior à primeira visita dos holandeses tinha sido particularmente mau. Uma cómoda tinha-se virado às três da manhã, enquanto todos dormiam, num dos quartos vazios. Mais excrementos tinham aparecido no chão, e os Harpers tinham ouvido pancadas, passos e até sons de alguém a respirar perto deles.

«Por vezes sinto que esta casa está assombrada por uma estranha presença», disse a Sra. Harper, «à parte da atividade de poltergeist.» Esta observação iria adquirir um novo significado tendo em conta o que estava para vir.

Na sua primeira visita, a 2 de outubro de 1978, Dono vagueou pela casa, dizendo pouco e aparentemente sem fazer nada. Depois perguntou se podia trocar uma palavra com Janet a sós e eles subiram a rua até à loja, onde ele lhe comprou um gelado. Entretanto, Peter revelou ser uma excelente companhia e estivemos todos a discutir o caso durante cerca de meia hora, até Dono e Janet regressarem.

Dono subiu então sozinho durante uns minutos, depois desceu e, após mais alguma conversa de circunstância, saímos todos. Tive uma sensação de desilusão.

Peter pediu-me que não fizesse perguntas a Dono até ao nosso próximo encontro, dali a dois dias. Ele faria uma viagem no corpo astral mais tarde nessa noite no hotel e faria o que tivesse a fazer.

«Tudo bem», pensei eu, «deixem-no fazer o que quiser no plano astral».

Enquanto nos dirigíamos para Enfield, a 4 de outubro, perguntei a Dono quais as suas primeiras impressões.

«Primeiro, estávamos os dois muito nervosos», disse-me ele. «Sentíamos muita tensão na casa, e ao fim de uma hora ou assim a tensão foi desaparecendo lentamente.»

«Ah, ótimo», pensei. «Não precisávamos de pessoas a virem desde a Holanda para nos dizerem isso.»

«Chegaste a ver alguma entidade específica?», perguntei.

«Fiz uma viagem fora do corpo na esfera astral», continuou Dono, «e localizei lá uma rapariga de vinte e quatro anos. Foi muito difícil detetar quem ela era ou o que fazia, mas estava lá». Era só o que nos faltava. Tínhamos homens velhos, mulheres e crianças pequenas a esvoaçar por Enfield e agora tínhamos uma rapariga de vinte e quatro anos.

Mesmo com o Peter a ajudar com o inglês, o Dono teve dificuldade em explicar-me exatamente o que tinha visto ou feito durante o seu período de viagem astral. Tinha simplesmente entrado numa espécie de estado de transe e recebido impressões e a mais forte destas fora a da rapariga, embora não sugerisse que

ela fosse o poltergeist. Ela apenas tinha uma ligação próxima ao caso.

Parecia bastante entusiasmada, disse ele. «Estava a tentar captar a atenção da vizinhança.»

Não consegui conter o riso. «Conseguiu-a», disse eu. «Captou a atenção de metade do mundo!»

Mais uma vez, perguntei-lhe se achava que conseguia pôr fim ao caso. Esse seria o verdadeiro teste às suas estranhas capacidades.

«Sim, creio que sim», respondeu ele calmamente. A sua autoconfiança começava a impressionar-me e senti que, pelo menos, ele queria sinceramente ajudar os Harpers.

Na sua segunda visita, Peter e Dono levaram uma série de prendas para os Harpers, incluindo caixas de chocolates e um disco de música pop novo do John Travolta, o artista que tinha substituído os Bay City Rollers nas preferências das raparigas. A Janet pôs o disco a tocar e ela e a Rose começaram a pular pela sala, ambas a dançar muito bem, notei eu. Tivemos todos uma noite agradável e relaxante, mas mais uma vez o Dono pareceu não fazer absolutamente nada.

«O que estás tu a fazer de especial hoje à noite?», perguntei-lhe eu, por cima do ritmo animado da música do filme Grease. A Janet estava a fazer uma boa imitação da estrela do filme, a Olivia Newton-John, cujo penteado ela copiara fielmente.

«Depende do ambiente», respondeu ele enigmaticamente.

«Bem, o que fizeste até agora?»

«Nada de especial», disse ele. «O mais importante é acalmar as raparigas.» «O quê», pensei eu, «dando-lhes este disco tão barulhento?»

«Se houver ainda uma entidade por perto», continuou Dono, «ela consegue tirar a energia às raparigas. E quando elas estiverem calmas e convencidas de que não pode acontecer nada, então nada acontecerá».

Sentámo-nos na cozinha a debater o mistério dos poltergeists a bebericar uma chávena de chá. O que eu achava particularmente

intrigante, disse eu, era o facto de, apesar de os poltergeists serem tão estúpidos, conseguirem fazer alguns truques muito inteligentes, como virar mesas. Como, queria eu saber, faziam eles isso? Que energia estava a ser direcionada por quem, ou pelo quê, e acima de tudo porquê?

Peter Liefhebber sentia que devia estar envolvida a desmaterialização, assim como outras dimensões de espaço e tempo, e eu disse-lhe que isso se estava a tornar uma hipótese científica bastante respeitável. Eu tinha perguntado certa vez ao Professor Hasted se seria de todo razoável sugerir que a matéria sólida poderia passar através de outra matéria sólida.

«Através de barreiras energéticas, sim», tinha ele respondido. «O teletransporte é simples na física atómica. Está sempre a acontecer. Os átomos escavam túneis através de barreiras ao longo de toda a sua vida. É nisso que trabalhamos.» Ele não prestava qualquer atenção àquilo que é conhecido como a teoria da London Bridge, segundo a qual os átomos são desmontados e montados de novo, tal como a ponte que foi reconstruída depois de atravessar o Atlântico em pedaços, mas mostrava-se disposto a considerar a «teoria hiperdimensional», embora não conseguisse sugerir de onde vêm as «quase-forças» que levantam as mesas.

«Há partículas individuais a ser teletransportadas a todo o momento», dissera-me o Professor Hasted. «Na teoria quântica, não se pode dizer que uma partícula esteja num determinado local. Tudo o que se pode dizer é que está provavelmente lá, e de forma bastante improvável noutro sítio.»

E uma maneira de encarar o problema do poltergeist, disse ele, era sugerir que a mente consegue influenciar esta probabilidade, ao atuar como aquilo a que o físico americano Evan H. Walker chamou uma «constante de acoplamento».

«Ele não provou isto, mas é formalmente possível», continuou Hasted. Ele assegurou-me que se dava por bastante satisfeito de que alguns dos efeitos físicos que tínhamos observado em Enfield fossem reais e mostrou-me um pedaço notável de fita de vídeo no qual uma tira de metal se dobra a meio

sem ser tocada. Ele vinha a estudar o fenómeno da dobragem de metal há quatro anos e o seu gabinete estava atulhado com uma exibição extraordinária de pedaços de metal torcidos em toda a espécie de formas pelas crianças «mini-Geller» com as quais ele tinha estado a trabalhar. Assim, havia pelo menos alguns sinais de luz ao fundo do túnel na vertente física do síndrome do poltergeist.

O Professor Hasted fez outra observação muito interessante durante a nossa conversa. Eu tinha mencionado que algumas coisas estranhas tinham começado a acontecer com Maurice Grosse, tais como os episódios do motor do seu carro e o anel de diamantes desaparecido. Poderia o síndrome ser contagioso?, perguntei-lhe eu.

«Aconteceu-me exatamente a mesma coisa a mim», respondeu ele, «ou pelo menos com a minha mulher». Contou-me que após o seu primeiro encontro com Uri Geller em 1974, ocorreram vários acontecimentos inexplicáveis na sua própria casa. Isto levou-o a sugerir que poderia haver um «efeito de indução» nos fenómenos psíquicos, segundo o qual eles «pegam» de um médium para outro.

A 6 de outubro de 1978, fui despedir-me de Peter Liefhebber e Dono Gmelig-Meyling e pedi-lhes que me pusessem ao corrente dos acontecimentos desde a última vez que os tinha visto, visto que Grosse os tinha levado de carro de volta para Londres dois dias antes, após a sua segunda visita a Enfield, enquanto eu tinha apanhado o comboio.

«Quando vínhamos no carro com ele», disse Peter, «o Dono e eu voltámos a sentir uma enorme tensão, a mesma que tínhamos sentido quando chegámos pela primeira vez à casa dos Harpers. O Dono disse que havia algo na aura do Grosse — não conseguia decifrar o que era, mas era algo muito estreitamente ligado a todo o caso. Mais tarde, ele voltou a dizer a mesma coisa.»

«Há algo com ele», disse ele. «Acho que ele possui alguns poderes psíquicos, mas não sabe lidar com eles, embora pudesse aprender.»

Isso surpreendeu-me. Ninguém que conhecesse Maurice Grosse pela primeira vez, pensei eu, poderia tomá-lo por outra coisa que não uma pessoa muito prática e de raciocínio lógico. Eu sabia que ele ocasionalmente tivera experiências do tipo telepático, mas partia do princípio de que estas não eram mais do que parte daquilo a que chamamos bom sentido para os negócios, provavelmente partilhado por todos os homens de negócios bem-sucedidos. No entanto, tive de concordar que o Maurice sempre demonstrara um apego ao caso de Enfield que eu não conseguia explicar.

O Dono saiu para o seu quarto para tomar banho, dizendo que seria melhor se o Peter me contasse o que tinha acontecido, pois era difícil para ele exprimir-se longamente em inglês. Assim, o Peter e eu fomos beber um copo e ele contou-me a história toda. Ele e o Dono tinham ido ver o Grosse ao gabinete dele nessa tarde.

«Quando vínhamos no metro», começou ele, «o Dono disse-me que ia acontecer uma coisa muito embaraçosa. Ele conseguia senti-lo no estômago, e este sentimento nunca o deixa mal.»

Dei um gole na cerveja. O sumo de laranja do Peter permanecia intocado na mesa ao lado do meu gravador de som.

«Passados cem metros», prosseguiu ele, «o comboio parou num túnel e tivemos a sensação de que algo estava mal, um acidente, talvez».

«Oh, os comboios param frequentemente em túneis, sobretudo nos cruzamentos das linhas», disse eu. «Isso é bastante normal.»

«Não, não foi isso», respondeu o Peter. «Porque depois continuámos com o pressentimento e este ficou cada vez mais forte quando saímos da estação.» Eu tinha a certeza a esta altura de que o próprio Peter era também bastante «psíquico».

«Quando chegámos ao gabinete do Grosse, a sensação era muito forte. Enquanto subíamos as escadas, ficámos ambos muito suados e febris. Bem, a discussão que tivemos foi algo longa e muito interessante. O Grosse estava a tentar perceber se o Dono

tinha poderes psíquicos e se conseguia ter uma experiência fora do corpo por vontade própria.

O Dono disse que conseguia, pelo que o Grosse disse 'Bem, então por que não vai dar uma vista de olhos à minha casa?'. O Dono respondeu que isso não seria prova nenhuma, porque ele pode fazer a mesma coisa com
telepatia, e ver as coisas na tua aura. Isso não quer dizer que ele tenha estado em tua casa.

'Bem', perguntou Grosse, 'se consegues ver coisas na minha aura, o que vês tu?'

O Dono disse-lhe que via uma ligação muito forte na aura dele ao caso. Havia algo muito próximo, na sua família, relacionado com o caso, e ele tinha uma relação pessoal muito grande com o mesmo. Ele estava bem no meio do caso.»

Devo assinalar que, por esta altura, o Peter e o Dono mal tinham falado com o Grosse, e eu não lhes tinha dito absolutamente nada sobre ele exceto que estava encarregue do caso e a fazer um bom trabalho, no que me dizia respeito.

A seguir, continuou o Peter, o Dono tinha trazido à baila o assunto da rapariga de vinte e quatro anos que tinha sentido estar envolvida e perguntou a Grosse se ele conseguiria explicar o que ela poderia estar ali a fazer. Ela estava, insistiu Dono, envolvida «de duas maneiras».

Mais cedo, no hotel, o Dono tinha pegado numa das fotografias do Graham Morris de toda a família Harper e feito um teste de «psicometria» com ela. Psicometria é o nome dado à arte que algumas pessoas possuem de reunir informação sobre uma pessoa segurando num objeto que lhes pertença ou olhando para uma fotografia sua.

«Ele viu a rapariga de vinte e quatro anos ligada a Janet Harper, mas não aos outros», disse Peter. Esta foi a primeira das duas maneiras pelas quais ela estava envolvida.

A segunda maneira, que ele me contou de seguida, surpreendeu-me mais do que qualquer outra coisa que eu tivesse

visto ou ouvido em Enfield há bastante tempo, embora, em retrospetiva, suponha que devesse estar preparado para isso.

«A dado momento», prosseguiu ele, «Grosse disse-nos que tinha uma filha de vinte e quatro anos, que tinha perdido num acidente». Janet Grosse tinha morrido em 1976 e, se estivesse viva hoje, teria precisamente vinte e quatro anos. Embora Dono não conseguisse descrever a rapariga que sentira estar presente em Enfield, foi extremamente insistente quanto à sua idade, a qual, disse ele, ficara firmemente gravada na sua mente.

«Nesse momento», disse Peter, «todas as impressões de Dono convergiram para um ponto focal, e ele disse a Maurice Grosse: "Bem, é isso. É a sua filha"».

VINTE
A SÍNDROME DE ENFIELD

Olhei para Peter Liefhebber em silêncio e com espanto. Era verdade que Maurice Grosse me tinha perguntado uma vez se eu achava que a sua filha poderia ter alguma ligação com o caso de Enfield, como mencionei no Capítulo 15, mas eu não tinha acreditado nisso na altura e não acreditava agora. Dono, no meu entender, tinha descarrilado por completo.

Ainda assim, refleti mais tarde nesse dia, não conseguia imaginar Dono a fazer tal afirmação se não acreditasse piamente nela. Teria sido extremamente cruel da sua parte, e ele certamente não me causara a impressão de ser um homem que fizesse afirmações precipitadas. Na verdade, ele fazia muito poucas declarações e tanto ele como Peter estavam evidentemente ansiosos por ajudar-nos, a nós e aos Harpers.

Depois de Dono e Peter terem regressado à Holanda, tive uma longa conversa com Grosse. Estava naturalmente desejoso de ouvir o seu lado do encontro com eles e de o pôr ao corrente do meu. Primeiro, pus-lhe a tocar a minha fita e perguntei-lhe se o relato de Peter sobre a reunião deles era exato.

«Sim», respondeu Grosse. «Foi assim que correu. É verdade que fiquei bastante impressionado com o Dono. Ele estava muito seguro de si, mas não se armou em importante de todo.»

«E quanto a esta história da tua Janet?», perguntei. Era uma pergunta difícil, mas eu sabia que Maurice, que tinha frequentemente discutido a filha comigo, estaria disposto a adotar uma abordagem objetiva.

Ele pensou por um momento. «Bem, infelizmente — tratando-se de um caso de poltergeist — é perfeitamente possível que estas chamadas entidades tenham o poder de enganar e confundir os médiuns. Se conseguem confundir-nos a nós, e certamente o fizeram, por que não haveriam de confundir pessoas como o Dono e todos os outros médiuns que estiveram em Enfield? Isso, pelo menos, justificaria todas as coisas diferentes que nos contaram.» Lembrou-me da altura em que Brenda Burcombe tinha visto uma aparente imitação dele próprio através da porta de vidro: um exemplo perfeito de engano deliberado por parte do poltergeist.

«Eles não disseram todos coisas diferentes, sabes», sublinhei eu. «A Annie Shaw trouxe uma velha desagradável, e o Gerry Sherrick também. E tanto a Sra. Harper como o Vic Nottingham viram aparições de velhas independentemente, no mesmo dia. E tu próprio sentiste o cheiro a vegetais podres antes de saberes que o Gerry tinha mencionado essa possibilidade. Mais ainda, todos os médiuns insistiram que havia várias entidades diferentes envolvidas, e as próprias raparigas também o disseram naqueles sonhos conjuntos de 'dez coisas travessas' que continuavam a ter.

Por outro lado, não te esqueças de que nem todas as aparições vistas foram desagradáveis. Lembras-te de todos aqueles relatos do rapazinho que o John Burcombe achou que soava como o irmão que tinha perdido? E que tal a própria aparição de Burcombe, de longe a melhor de todas? Aquele velho que ele viu sentado à mesa não estava a fazer nada de mal, estava apenas ali sentado. E o Vic achou que a descrição do John poderia muito bem aplicar-se ao seu avô.»

Maurice não disse nada. Senti que ele não tinha ainda organizado os seus pensamentos, e sabia que ele nunca entrava numa discussão antes de o fazer, por isso continuei:

«Olha, vamos deixar uma coisa absolutamente clara. Ninguém está a sugerir por um minuto que a tua Janet tenha sido de alguma forma responsável por qualquer uma das coisas horríveis que aconteceram em Enfield. Interroguei o Peter e o Dono com bastante cuidado sobre esse ponto, e eles deixaram claro que concordavam comigo em que, só porque uma entidade era vista ou sentida naquela casa, isso não significava que fosse realmente responsável. Elas eram apenas vistas lá, só isso, e, pelo que sabemos, poderiam muito bem estar a tentar ajudar.

Mas fiquemo-nos pelos factos. O Dono insistiu que a tua Janet estava ligada ao caso, e a sugestão original foi dele e não tua. Esse é um ponto muito importante. E, se bem te lembras, logo no início do caso perguntaste-me um dia se eu achava que ela poderia de algum modo estar envolvida, por causa de todas aquelas coincidências que te levaram a ir para Enfield. Na altura, achei que estavas a ter imaginação a mais, apenas porque uma das raparigas de lá tinha o mesmo primeiro nome que a tua.

Acho que temos provas boas o suficiente para montar um cenário, com o que quero dizer um esboço do que poderá ter acontecido. Que tal isto?

A tua Janet morre após o seu acidente. Sendo jovem e altamente inteligente, logo se dá conta disso, e o seu primeiro impulso é naturalmente contactar-te a ti e à tua família e dar-vos a consolação de saberem que ela não deixou totalmente de existir. Este é um impulso perfeitamente natural, e temos prateleiras inteiras de provas de que algo — presumivelmente a mente — continua de facto a existir após a morte do corpo.

Lembra-te daqueles acontecimentos que se seguiram à sua morte: as velas a apagarem-se três dias seguidos, a água a aparecer no telhado do lado de fora do quarto dela — precisamente quando tu próprio pediste um 'sinal', e o relógio a

parar na casa da tua cunhada com os ponteiros a mostrar possivelmente a hora exata da sua morte.

Depois aparece o caso de Enfield, envolvendo uma rapariga chamada Janet, e a tua Janet, sendo uma jornalista muito persistente e inquisitiva, vai até lá para cobrir a história, pelas mesmas razões que o teria feito quando estava viva. Mas, como é evidente, ela não pode cobri-la por si própria na sua situação, por isso faz com que tu e eu vamos para lá fazê-lo por ela. Isto poderia explicar todas as outras coincidências: o caso não é demasiado longe da tua casa, o único jornalista em Fleet Street que se lembraria de ligar para a SPR fica com a história, e a SPR envia-te para lá imediatamente. E eu vou para lá uma semana mais tarde, por razões que ainda não consigo explicar totalmente.

Eu não estava muito inclinado a ir para lá ao início, como te lembras. Já tinha tido a minha conta de poltergeists e não precisava que me convencessem de que tais coisas existiam. E não tinha certamente qualquer intenção de escrever um livro sobre eles até se tornar bastante evidente que eu não ia conseguir fazer mais nada este ano, e que este caso tinha simplesmente de ficar registado. Talvez fosse isso que a tua Janet queria desde o início. Os escritores têm dito frequentemente que nem sempre sabem realmente por que escrevem o que escrevem, e estou perfeitamente disposto a aceitar que uma boa parte da 'inspiração', seja o que for que isso signifique, vem de fora das nossas próprias mentes.»

Maurice pensou por um momento. «Alguns inventores concordariam com isso», comentou ele. «Quanto ao teu cenário, é tudo muito interessante. Admiro certamente a tua imaginação de escritor.»

«Espera um minuto!», interrompi. «Eu não tenho nenhuma. Fui um fracasso total como escritor de ficção, como qualquer número de diretores editoriais e editores te poderá dizer. Tenho uma mente muito simples. Escrevo o que vejo à frente do meu nariz, ou o que escavo nas bibliotecas, ou o que as pessoas em

quem confio me contam. A inspiração de fontes desconhecidas, talvez, entra na equação, mas a imaginação, de modo nenhum!»

«Compreendo o teu ponto de vista», disse Maurice. «Tu é que sabes. Mas o teu cenário não explica por que razão o poltergeist de Enfield estava lá, em primeiro lugar. Ou, já agora, o que ele realmente era, ou é.»

«Ah», respondi, «para isso precisamos de outro cenário. Na verdade, precisamos de vários. Um poderia ser mais ou menos assim: 'Quando o Sr. e a Sra. Harper se divorciaram, um ambiente de tensão acumulou-se entre as crianças e a mãe, precisamente na altura em que as duas raparigas se aproximavam da maturidade física. Elas eram uma dupla muito enérgica para começar, ambas campeãs desportivas escolares, mas nem elas conseguiam gastar a tremenda energia que andavam a gerar. Por isso, uma série de entidades entrou e serviu-se dela'.»

«Quem seriam essas entidades?», perguntou Maurice.

«Poderia ser qualquer pessoa. Parece que tivemos metade do cemitério local numa altura ou noutra. Uma delas poderia ter sido o Sr. Watson, o homem que costumava viver ali e morreu na cadeira do andar de baixo, como a Voz disse. Nenhum dos Harpers sabia disso na altura, pois não?»

«Não, mas era um bom velho, segundo todos os relatos.»

«Tenho a certeza de que era. Como eram algumas das nossas Vozes. Lembra-te do pobre do Bill Hobbs — ele parecia apenas perdido e confuso, a tentar encontrar a mulher. Tive muitas vezes a impressão de que estávamos a lidar com fragmentos de mentes confusas que outrora pertenceram a homens e mulheres perfeitamente comuns que simplesmente não compreendem a sua condição atual, que foi exatamente o que Allan Kardec disse que eles eram, e ele passou mais tempo a investigar este tipo de casos do que ninguém. E ele também disse que estes fragmentos, a que chamou espíritos, são usados por outros espíritos para fazerem partidas e jogos para seu divertimento, ou talvez para fins mais sinistros, que foi o que os Shaws nos disseram. Acho que tudo começa a encaixar-se.»

«Claro», disse Maurice, «os nossos críticos dirão que estamos a ver coisas a mais numa série de coincidências normais».

«Não estou preocupado com os nossos críticos», disse eu. « Nós vimos os factos, e eles não. O que é uma coincidência normal, afinal de contas? Como diz Kardec, a natureza mostra-nos todos os dias que o seu poder vai além do testemunho dos nossos sentidos...»

«Ah — os factos!», interrompeu Maurice. «São os factos deste caso que são tudo o que tenho estado disposto a discutir, pelo menos em público. Deixo as teorias para outros, embora obviamente pense um pouco pela minha própria cabeça. E acho que tu e eu estamos de acordo em que não há dúvida razoável quanto aos factos básicos deste caso. Tivemos mais de um ano de factos bem testemunhados e totalmente inexplicáveis: pancadas e baques, móveis e outros objetos a voar pelo espaço, coisas a desaparecerem no ar e a aparecerem do nada, aparentemente a passar através de paredes e tetos, ou, se preferires, a entrar e a sair de outras dimensões do espaço; mais todas aquelas poças de água e outras coisas, os incêndios, as câmaras e gravadores a avariar e, como é evidente, todas aquelas perturbações psicológicas, se era isso que eram.

Estes factos», continuou ele, «foram testemunhados por pelo menos trinta pessoas; os Harpers, os Nottinghams e os Burcombes — três famílias perfeitamente comuns que convenceriam qualquer júri de que estavam a dizer a verdade, e ainda vários dos seus amigos, vizinhos e familiares e uma boa quantidade de testemunhas externas, incluindo a polícia, jornalistas, comerciantes locais, trabalhadores do município... De que mais provas precisas? Tu, eu e o David Robertson vimos pessoalmente dezenas de coisas a acontecer diante dos nossos próprios olhos que nem nós nem ninguém consegue explicar.

Gravámos uma boa parte delas em fita, e o Graham Morris conseguiu registar algumas delas em filme. Esses são os factos do caso de Enfield, e o que continua a espantar-me não é que os

nossos críticos discordem sobre as várias teorias acerca destas coisas, mas sim que nem sequer aceitem os factos!»

«Bem», disse eu, «eles são bastante difíceis de acreditar. Sem as nossas fitas e fotografias, eu próprio poderia ter alguma dificuldade em acreditar neles, mesmo agora. Sabes, as pessoas estão dispostas a aceitar os fenómenos psíquicos se forem apresentados como ficção ou fantasia, ou como parte de um sistema de crenças religiosas, mas se lhes dizes que é tudo verdade, a reação imediata de toda a gente é simplesmente presumir que estás enganado ou que és abertamente desonesto. Acho que a razão para isto é simplesmente o medo do desconhecido. É perfeitamente natural e não me preocupa porque não sou cientista. Se tivesse estudado física ou psicologia em vez de línguas e música, eu "saberia" que os fenómenos de poltergeist são impossíveis e, portanto, os relatos sobre os mesmos estão errados. Se fosses um professor de mecânica em vez de um inventor, com um interesse direto em descobrir novas formas de fazer as coisas, sejam elas "possíveis" ou não em termos do conhecimento existente, provavelmente sentirias o mesmo».

«Muito provavelmente sentiria», concordou Maurice. «Embora existam alguns cientistas por aí, felizmente, que não reagem da forma que acabaste de descrever. Fizemos alguns progressos na vertente física, graças ao Professor Hasted e ao David Robertson, e graças ao Dr. Fenwick e aos seus colegas no Maudsley, fizemos alguns progressos na vertente psicológica, embora tenham sido progressos negativos no sentido em que apenas estabeleceram que a Janet Harper era totalmente normal. Com mais alguns especialistas como estes, encontraremos a solução para o mistério do poltergeist com o tempo. Não será fácil; se houvesse uma solução simples, já a teríamos a esta altura. Mas vamos encontrá-la. Os poltergeists, sejam eles o que forem, fazem parte da natureza e, portanto, são naturais, não sobrenaturais, e a história do homem civilizado sugere-me que estamos gradualmente a arrancar-lhe todos os segredos à natureza.

Demorou milhares de anos, e demorará outros milhares, mas chegaremos lá.»

«Espero que cheguemos lá mais cedo do que isso», disse eu. «Não consegues tu, com a tua formação científica, apresentar uma hipótese, ou pelo menos um cenário baseado nos factos que recolhemos?»

«Sim, conseguiria», respondeu Maurice. «Posso especular que existe uma força natural ainda não identificada gerada pelos seres humanos em certas condições de tensão, e que esta força pode ser manipulada por uma personalidade secundária de tal forma que nos dá a impressão de uma ação inteligente por parte de um indivíduo separado, um espírito, se quiseres. Chamamos a esta força psicocinese, ou PC, o que significa simplesmente o movimento da matéria pela mente. Isto é pura especulação, claro. Ajusta-se a alguns dos factos, mas não explica nada.»

Os meses passaram e, por 1979, parecia que o poltergeist de Enfield se tinha ido embora tão inexplicavelmente como tinha chegado. Houve alguns incidentes isolados após a visita dos holandeses e um surto repentino, mas felizmente breve, em abril de 1979 — por coincidência, no aniversário da falecida Sra. Watson. (Mera coincidência). Ao longo deste período, Grosse manteve-se em contacto estreito com os Harpers, ajudando tanto nos seus problemas práticos como nos emocionais, e isto pode muito bem ter contribuído tanto como qualquer outra coisa para o regresso da normalidade. Pode ter sido tudo o que era necessário desde o início.

Por esta altura, tive ocasião de contactar um médium de Londres chamado Ronald Hearn sobre um assunto não relacionado com o caso de Enfield e tinha ficado bastante impressionado com os resultados. O Sr. Hearn trabalha de uma forma um pouco invulgar: não se reúne de todo com os seus clientes e não lhes pede qualquer informação a não ser o nome da pessoa falecida que é suposto ele tentar contactar. Depois, senta-se calmamente em sua casa e espera que as impressões lhe surjam e, quando surgem, fala para um gravador.

Originalmente contactei-o para ver se ele conseguiria fornecer a uma amiga minha recentemente enviuvada provas que sugerissem que o seu falecido marido tinha sobrevivido à morte, e uma ou duas das afirmações que o Sr. Hearn fez foram tão específicas e privadas que senti que algo mais do que coincidência ou palpites estava envolvido.

Fiquei também impressionado com a sua abordagem modesta e despretensiosa ao seu trabalho. Consequentemente, pedi-lhe para tentar entrar em contacto com Janet Grosse, depois de Maurice me ter dito que não tinha objeções.

Isto, pensei eu, seria uma experiência interessante em si mesma. Eu nunca tinha conhecido Janet Grosse e não sabia nada das suas características pessoais, ao passo que Ronald Hearn não tinha qualquer forma possível de saber o que quer que fosse a seu respeito, exceto que tinha morrido. Isso, além do seu nome, foi tudo o que lhe disse.

Um par de semanas mais tarde, a sua fita chegou através da minha caixa de correio. O Sr. Hearn começou com uma descrição de como trabalhava, explicando que acreditava que a sua forma de mediunidade mental era a receção, por telepatia, de impressões vindas de outro mundo ou dimensão. Ele não prometia nem garantia nada a não ser que faria o seu melhor para dizer exatamente o que estava a ser impresso na sua mente. Sublinhou o facto de que não via nem ouvia nada, apenas sentia impressões.

A primeira de mais de sessenta afirmações que ele fez em seguida referia-se ao sentido de humor de Janet Grosse. Ela tinha um riso particularmente percetível, acrescentou ele, e continuou a traçar o quadro de uma rapariga muito viva e enérgica, que era tanto impulsiva como tenaz. Era curiosa sobre tudo e, uma vez envolvida num assunto, não o largava. No entanto, era também altamente autocrítica e, embora inteligente e atraente, não se sentia como tal na medida em que o era.

Tinha olhos grandes e expressivos, cabelo escuro e aquele riso contagiante. Usava muito as mãos na conversação, fechando o punho para enfatizar um ponto. No geral, soava como uma

rapariga com uma personalidade muito forte, embora até ao momento não houvesse nada no que o Sr. Hearn dizia que não pudesse aplicar-se a uma série de raparigas.

Seguiram-se então algumas declarações mais específicas. Ela queria que o seu pai tomasse conhecimento de fenómenos psíquicos, e disse que ele se envolveria com a escrita, e também com a rádio e a televisão. Depois vieram referências fragmentadas a incidentes envolvendo um colar ou umas contas, uns livros, uma cama, um despertador que tinha tocado fora de hora, um problema com a porta de um carro e uma cadeira partida na cozinha. Perto do fim da gravação, o Sr. Hearn observou subitamente, do nada:

— Eu estava lá quando o órgão estava a tocar. Depois acrescentou: — Groselha... qualquer coisa sobre groselha... Ele não conseguia compreender estas referências, e eu pensei que talvez as suas impressões estivessem a desaparecer.

Enviei a gravação para o Maurice, e poucos dias depois encontrámo-nos no gabinete dele para a discutir. Ele fez um chá, e levámos as chávenas para a varanda, de onde se tem uma das melhores vistas de Londres, sobre as árvores do Finsbury Park até aos vastos espaços abertos de Hackney Marshes. A recente queda de neve intensa cobrira a sujidade habitual de Londres e até abafara o rugido da interminável cadeia de camiões pesados que trovejavam pela Archway Road, atrás de nós. Tirando algum edifício alto isolado, era uma paisagem do século XVIII.

— Então — perguntei —, o que achou?

— Muito interessante, de facto — respondeu Maurice. — O cabelo da Janet não era escuro, mas, de resto, quase tudo o que ele disse sobre ela estava correcto. A minha mulher e eu sentimos que ele não só estava a descrever a Janet, como também a realçar as suas características mais óbvias. E alguns dos incidentes específicos que ele mencionou foram coincidências notáveis, para dizer o mínimo. Por exemplo, aquela observação sobre a porta do carro; eu tenho tido problemas com as duas portas dos meus dois carros, e também temos uma cadeira partida na nossa cozinha. Suponho que isto se possa aplicar a muitas outras famílias, mas

houve duas afirmações naquela gravação que realmente me fizeram pensar.

— Lembra-se daquela observação sobre estar lá quando o órgão estava a tocar? Ora, há apenas algumas semanas, fui visitar um homem para tratar de negócios perto do aeroporto de Heathrow, e enquanto estava na casa dele, ele mostrou-me um órgão que tinha construído. Pedi-lhe que o tocasse para mim, e ele tocou, e essa foi a única ocasião, em muito tempo, em que ouvi um órgão a tocar. E não só isso: esta casa ficava mesmo ao virar da esquina daquele escritório assombrado que fomos visitar no outro dia.

(Maurice e eu tínhamos investigado brevemente vários outros casos durante e depois de Enfield. Um deles foi na sede de uma empresa muito conhecida perto de Heathrow, na qual vários membros do pessoal relataram incidentes não muito diferentes de alguns dos que ocorreram em Enfield.)

— Mais uma coincidência para acrescentar à nossa lista — disse eu. — Duas, na verdade. Qual foi a outra afirmação que o fez pensar?

— Essa foi ainda melhor, porque se referia a algo de que eu não sabia nada. Foi aquela observação, perto do fim da gravação, sobre uma groselha, que para mim não significava absolutamente nada. Ora, durante o fim de semana, passei a gravação a uma amiga de escola da Janet, e o que é que acha que ela disse?

Eu disse que gostaria de ouvir o que ela tinha dito em primeira mão, então o Maurice telefonou-lhe, explicou o que eu queria saber e passou-me o telefone.

— Achei tudo bastante convincente — disse-me a rapariga. — Especialmente aquela parte da groselha. A Janet dizia isso sempre.

— O que quer dizer? — perguntei. Parecia uma coisa estranha para se estar sempre a dizer.

— Oh, conhece a expressão «fazer de groselha»? Acontece que eu não conhecia, por isso ela explicou-mo. — Significa agir como uma espécie de acompanhante. O meu namorado e eu

convidámo-la para sair connosco uma vez, e ela disse: «Oh não, não vou fazer de groselha», e isto tornou-se uma piada privada entre nós. Ela disse-o várias vezes, não apenas uma.

Perguntei à amiga da Janet qual era, na opinião dela, a característica mais notável da Janet.

— O riso dela — respondeu. — Era um riso muito engraçado, e também nos fazia rir quando o ouvíamos. Recordei que esta tinha sido a primeira coisa que Ronald Hearn dissera na sua gravação. Agradeci à rapariga pela ajuda e desliguei depois de ela me ter dito que quase toda a gravação, tirando os incidentes sobre os quais ela não sabia nada, certamente se podia aplicar a Janet Grosse.

— Isso foi interessante — disse eu ao Maurice. — Tal como o facto de você ter passado a gravação talvez à única amiga da Janet para quem aquela história da groselha significava alguma coisa. Mas reparei que não havia nada na gravação que parecesse referir-se especificamente ao poltergeist, ou a Enfield.

— Verdade — concordou Maurice —, mas na investigação psíquica temos de nos contentar com aquilo que obtemos. Não adianta perguntar, como fazem alguns dos nossos colegas, porque é que o médium não disse isto ou aquilo, ou porque é que o poltergeist não fez isto ou aquilo. Ronald Hearn apenas disse o que sentiu que tinha de dizer, e foi suficientemente honesto para admitir que não fazia ideia de onde vinha a informação ou como era transmitida. Nós também não sabemos. No entanto, o facto é que toda esta informação foi transmitida e, como não me canso de dizer, tudo o que podemos fazer é estudar os factos.

Era tentador saltar para a conclusão de que Hearn tinha realmente estado em contacto com a mente sobrevivente, consciência, espírito ou o que quer que fosse de Janet Grosse. Nem Maurice nem eu fizemos isso, mas concordámos que informações correctas, desconhecidas por qualquer um de nós, tinham sido produzidas por um homem que nenhum de nós alguma vez encontrara, e em tal medida que sentimos que não podíamos atribuí-lo a palpites de sorte.

Estariam finalmente a encaixar-se mais peças do nosso puzzle? Teria a mente sobrevivente de Janet Grosse nos impelido a ir a Enfield, para que o pai dela pudesse receber provas convincentes de outras energias, dimensões e realidades, e eu escrevesse tudo? Não podia provar isso, nem podia provar o contrário. Só podia reflectir que, se fosse verdade, isso sugeriria que outras mentes sobreviventes estão a interagir com as dos vivos, que é exactamente o que Allan Kardec afirmou há mais de cem anos, e o que os espíritas de hoje acreditam firmemente. E quer tais crenças se baseiem em factos ou em fantasia, eu vira-as postas em prática com resultados positivos, como, por exemplo, quando os meus amigos espíritas brasileiros Luiz Gasparetto e Elsie Dubugras fizeram o que quatro médicos não conseguiram fazer e puseram um fim imediato às violentas crises de transe de Janet Harper, por métodos que certamente não poderiam ser descritos como normais.

— Ficamos certamente com muito para especular — disse eu enquanto lavávamos a loiça do chá. — Não pode haver uma explicação para tudo isto nos termos do nosso estado actual de conhecimento, senão já a teríamos. Pode ser por isso que tantas pessoas preferem rejeitar o tipo de provas que você e eu apresentamos.

— Acho que tem razão — disse Maurice. — Mas pelo menos temos os factos, e sabemos que são verdadeiros. Ao tornar este caso público, espero que encorajemos mais pessoas a estudar outros casos com mais cuidado no futuro. Então, eventualmente, as respostas virão. Aparecem sempre se as procurarmos. Somos como os antigos gregos que esfregavam os seus pedaços de âmbar e descobriram a eletricidade, sem terem a mais vaga ideia do que era ou do que fazer com ela. Levámos dois mil anos a juntar eletricidade e magnetismo e a fazê-los trabalhar para nós, e a descobrir o eletrão que torna tudo isso possível.

— Espero que não demore mais dois mil anos para descobrir como é que uma mente humana consegue fazer as mesas virar — disse eu.

— Pode demorar. Ainda não sabemos muito sobre a verdadeira natureza de seja o que for. Sabemos muito sobre efeitos, mas não muito sobre causas.

Vestimos os sobretudos, e Maurice apagou as luzes do gabinete.

— Ah, já agora — disse ele —, alguma vez descobriu alguma coisa sobre aquela coisa do síndroma que me contou em Cambridge?

— Sim — respondi —, descobri. Foi bastante interessante. Acenda a luz outra vez, faz favor? Remexi no saco de lona que me serve de pasta e tirei o meu caderno gasto.

— Aqui está — disse. — Síndroma de Gilles de la Tourette, ou Doença. Foi difícil de encontrar, porque está indexado em G, não em D, L ou T, como se poderia pensar. Quer ouvir sobre isso agora?

— Se acha que tem alguma coisa a ver com o Síndroma de Enfield — respondeu Maurice.

— Bem, pode ter. Deixarei isso para os psiquiatras decidirem.

Li das notas que tinha tirado de alguns manuais e revistas de psiquiatria, a maioria americanos.

— Gilles de la Tourette. Médico francês do século XIX que identificou pela primeira vez um síndroma caracterizado por coprolália, copropraxia, ecolália...

— O que é que isso tudo quer dizer em português? — perguntou Maurice.

— Tiques e movimentos súbitos e involuntários, incluindo gestos obscenos, emissões explosivas como ladrar e grunhir — soa familiar? — além de fenómenos imitativos comportamentais e verbais. O sintoma verbal que aparece em cerca de cinquenta por cento dos casos é a emissão explosiva de obscenidades, na maioria das vezes «merda» ou «foda-se»...

— Está a brincar! — exclamou Maurice.

— Não. Estou a citar o American Journal of Psychiatry. Setembro de 1974, página mil. E há mais. Esta doença é muito

rara, mais comum em rapazes do que em raparigas, geralmente começa antes dos dez anos. Causa desconhecida, mas pensa-se que está associada a acontecimentos traumáticos como a separação dos pais, o início da escola ou ser atropelado pelo cão do dono. Considerada por algumas autoridades como uma condição esquizofrénica, mas aqui está outro manual que diz que o síndroma de G. de la T. e a esquizofrenia são entidades claramente distintas que deveriam ser facilmente diferenciáveis pelo médico prático, embora não por nenhum dos médicos de Enfield, evidentemente.

— Isso é incrível! — disse Maurice. — O caso da Janet saiu mesmo dos manuais. Porque é que ninguém percebeu imediatamente o que ela tinha?

— Provavelmente tê-lo-iam feito se a tivessem visto no início — respondi. — Quando chegou ao Maudsley, o síndroma dela tinha evoluído para outra coisa, e ela estava perfeitamente bem. Veja, tudo o que diz nos manuais descreve o que tivemos no início do caso — ela tinha acabado de ir para uma escola nova, os pais tinham-se separado recentemente e, como sabe, ela sempre quis um cão. Tivemos os ladridos e os grunhidos, e suponho que aqueles ataques de transe violento possam ser descritos como «tiques involuntários múltiplos dos membros superiores». Quanto às obscenidades — «merda» e «foda-se» — foram duas das primeiras palavras que tivemos da Voz, na noite em que a fizemos falar pela primeira vez.

Maurice riu-se. — Lembra-se do Dr. Fenwick a dizer que teríamos de reescrever as leis da física? Bem, com todo o respeito, alguém vai ter de escrever um novo capítulo para o manual de psiquiatria.

— Receio que sim. Os manuais não mencionam mesas a virar, batidas no chão, levitação, desmaterialização, ou gravadores a avariar. Parece-me que há toda uma dimensão que Gilles de la Tourette deixou de fora do seu síndroma. Talvez ele soubesse tudo sobre fenómenos de poltergeist, mas simplesmente não acreditasse neles, ou não conseguisse que os seus colegas

acreditassem. É pena ele não se ter encontrado com Allan Kardec, que vivia em Paris na mesma época. Kardec sabia tudo sobre poltergeists. Mas suponho que então, como agora, os médicos não estavam dispostos sequer a considerar ideias que sugerissem a existência de entidades extrafísicas, ou espíritos.

— Os tempos podem estar a mudar — continuei. — Há um psiquiatra na Califórnia chamado Dr. Ralph Allison que apresentou uma comunicação à Northern California Psychiatric Society em Abril de 1974 sobre «Possessão e Exorcismo». Descreveu um caso seu em que uma «personalidade secundária» aparentemente se revelou como um espírito possessor identificável, que foi inclusive nomeado e rastreado, com a ajuda de um médico chamado Robert Leichtmann, que também é clarividente. Gostava de ter alguém assim aqui, para começar a reescrever esses manuais. Há um bom capítulo a ser escrito sobre o Síndroma de Enfield.

Fechei o caderno. Maurice trancou a porta do gabinete e caminhámos pela neve até à estação de metro.

— De qualquer modo — disse eu —, obrigado pelo chá, e obrigado pelo caso. Foi uma experiência. Ia acrescentar «e avise-me se encontrar outro», mas não o fiz. Senti que tinha atingido o limite do que podia fazer, ao registar os factos do caso de Enfield. A partir de agora, cabia aos verdadeiros especialistas.

Despedimo-nos e seguimos para as nossas casas. O caso de Enfield podia ter terminado, mas a procura da sua explicação mal começara. Espero que este livro encoraje outros a juntar-se a esta procura.

APÊNDICE 1
REFLEXÕES POSTERIORES, 2007

De todos os mistérios da natureza, nenhum é mais desconcertante do que o poltergeist. Para começar, não sabemos o que é. É apenas uma palavra que usamos para algo que não compreendemos. Sabemos, no entanto, bastante sobre a forma

como se comporta, e podemos razoavelmente chamar-lhe uma síndroma, ou «concorrência de sintomas», como diz o dicionário. Alguns críticos pensaram que eu saltei para uma conclusão precipitada quando sugeri que o «síndroma do poltergeist» era uma variedade rara da síndroma de Tourette, embora haja certamente semelhanças entre ambos — aqueles tiques, movimentos bruscos, explosões de linguagem obscena e comportamento geralmente disruptivo apresentados pelos doentes de Tourette também são comuns nas vítimas de poltergeist, e as crianças são as vítimas habituais de ambos os síndromas. Em cada caso, os sintomas tendem a desaparecer quando as vítimas saem de casa e quando adormecem — seja o que for que a antiga oração escocesa diga, as coisas normalmente não fazem «bum na noite», mas apenas (com raras exceções) quando as vítimas estão acordadas. Como descrito no Capítulo 16, foi o psiquiatra que conheci em Cambridge quem apontou as semelhanças entre as duas síndromas, e desde a primeira publicação deste livro em 1980, essas semelhanças também foram comentadas por dois investigadores conhecidos, Michael Persinger, especialista em distúrbios cerebrais (na reunião de 1993 da Parapsychological Association), e William Roll, um investigador de poltergeists com vasta experiência, no seu livro Unleashed (2004).

No entanto, apesar das semelhanças, a síndroma do poltergeist é muito, muito mais amplo. É, como Roll assinala, como se o de Tourette fosse estendido para além do corpo, fazendo os móveis contrair-se tanto quanto os membros e fazendo todas aquelas outras coisas estranhas que leu neste livro e muitas mais — Alan Gauld identificou nada menos que 63 sintomas que foram registados em cerca de quinhentos casos documentados ao longo dos últimos quinze séculos.

O que torna os poltergeists verdadeiramente desconcertantes é o facto de repetidamente fazerem coisas que nós não podemos fazer, como pegar em pessoas e atirá-las pela sala (ou para a casa ao lado), colocar almofadas no telhado sem abrir a janela, materializar objectos do nada, ou derrubar sofás pesados sem lhes

tocar. Em suma, não têm respeito nenhum pelas leis da física tal como pensamos compreendê-las. Portanto, ou todos os que deram testemunho para todos aqueles quinhentos casos estavam iludidos, mal relatados ou a mentir, ou, como o nosso colega professor de física John Hasted estava perfeitamente disposto a admitir, as nossas leis da física precisam de ser atualizadas para incluir pelo menos mais uma dimensão do espaço.

Alguns optam pela saída fácil deste dilema, como, por exemplo, Simon Hoggart e Mike Hutchinson no seu livro *Bizarre Beliefs* (1995), em que afirmam que «não há fantasmas, nem poltergeists, nem assombrações. São todos enganos, imaginários ou falsos». Uma crença bizarra, de facto, para quem quer que tenha tido experiência directa de tais coisas. Até fontes supostamente respeitáveis, como o *The Times*, podem ser vencidas pela vontade de não acreditar. Comentando o caso de Enfield, alegou (2 de Novembro de 2004), sem apresentar qualquer prova, que «anos mais tarde, as filhas, já adultas, admitiram que tudo tinha sido uma farsa». Elas não fizeram nada disso, obviamente, e para que conste, eis o que elas realmente admitiram:

Quando perguntaram a Janet, no *News At Six* da ITV (12 de Junho de 1980), pela apresentadora Rita Carter, se alguma vez tinha feito partidas, ela respondeu: «Oh sim, algumas vezes, mas nada de muito grave». Quando lhe fizeram uma pergunta semelhante, por Lynne Plummer, num programa da Radio France-Inter (17 de Junho de 1982), ela disse: «Uma ou duas vezes, só para ver se o Sr. Grosse e o Sr. Playfair nos apanhavam, e eles apanhavam sempre». Quando lhe perguntaram novamente, pelo jornalista Will Storr, numa longa e habilmente conduzida entrevista para o seu livro *Will Storr vs. The Supernatural* (2006), ela situou o número de fenómenos fingidos em «diria que dois por cento». Eu teria pensado em algo menos, mas mesmo que ela tivesse razão (e ela deve saber), isso ainda deixa noventa e oito por cento de coisas reais.

Quanto à sua irmã, numa declaração escrita (26 de Novembro de 1987), afirmou que «Sempre que fazíamos travessuras, éramos apanhadas pelo Sr. Grosse ou pelo Sr. Playfair». Espero que, finalmente, esta moeda tenha caído.

A propósito, quando faziam travessuras, não eram muito boas nisso, como na ocasião em que esconderam o meu gravador enquanto eu estava fora de casa, mas se esqueceram de o desligar, gravando assim a prova incriminadora e poupando-me ao trabalho de as interrogar. Pedi-lhes que não brincassem com o meu gravador, o que nunca mais fizeram, mas, de resto, não achei que fosse apropriado para mim, um hóspede, dizer às raparigas o que fazer na sua própria casa. Para mim, a partida ocasional era um exemplo de comportamento típico para raparigas da idade delas — não gostam todas as crianças de imitar o que veem à sua volta? — e um sinal bem-vindo de que a vida estava a voltar ao normal. Teria ficado preocupado se elas não tivessem feito algumas travessuras de vez em quando.

Posso acrescentar que dois jornais ofereceram grandes subornos por uma confissão das raparigas, e nenhum deles conseguiu uma.

Poderia gastar várias páginas a comentar as muitas imprecisões, distorções, meias-verdades e mentiras descaradas sobre o caso de Enfield que, ao longo dos anos, foram parar à imprensa ou a programas de rádio e televisão. Poderia gastar mais algumas a descrever alguns dos subprodutos, desde o filme *Poltergeist*, produzido por Steven Spielberg e descrito pelo argumentista Dan Aykroyd como baseado numa «assombração documentada em Inglaterra», até à paródia *Ghostwatch* da BBC, que, na minha opinião, também o foi, e resultou num acordo extrajudicial amplamente divulgado. No entanto, estou mais interessado em tentar resumir o que aprendi sobre poltergeists e porque penso que, apesar de todas as suas travessuras sem sentido, eles têm uma mensagem importante para nós.

A mensagem é esta. Ainda há muito que temos de aprender sobre o potencial da mente humana e sobre a verdadeira natureza da matéria física, e sobre as formas como estas interagem. A causa do síndroma de Tourette é razoavelmente conhecida e tem a ver com neurónios com mau funcionamento que levam a descargas elétricas súbitas no cérebro, que podem ser tratadas com medicação adequada. As causas do síndroma do poltergeist, no entanto, são completamente desconhecidas e desconfio de todos aqueles que apresentam respostas prontas, quer envolvam águas subterrâneas, ondas eletromagnéticas errantes ou o velho favorito, o diabo.

As causas dificilmente serão apenas físicas — se houvesse algo de seriamente errado com o cérebro de Janet, um neuropsiquiatra experiente como o Dr. Fenwick certamente o teria detetado, embora possa ser que, como ela estava longe de casa quando foi examinada, qualquer mau funcionamento cerebral temporário que ela pudesse ter sofrido no passado — e aqueles ataques e transes que descrevi no Capítulo 6 pareciam desconfortavelmente semelhantes a uma crise epilética que presenciei uma vez — pudesse simplesmente ter desaparecido.

Poderiam então as causas ser psicológicas? Também parece improvável. Embora seja verdade que as vítimas de poltergeist tendem a vir de famílias com um casamento desfeito e com algum stress no ambiente, também é verdade que, embora o colapso do casamento tenha aumentado muito nos últimos trinta anos, a incidência de poltergeists permaneceu extremamente rara e pode até ter diminuído, embora nunca saibamos quantos casos não são relatados. Se o stress fosse a única causa, os móveis estariam a voar por todo o país quase todo o tempo, o que, felizmente, não acontece.

Finalmente, poderão os poltergeists ser espíritos dos mortos, como se afirma frequentemente? Na minha opinião, definitivamente não, embora, como já disse, não tenha problema em tratá-los como se fossem entidades separadas, que é o que parecem ser, e não posso excluir algum tipo de componente

descarnado na sua constituição — como, por exemplo, sabia Janet que um antigo ocupante da casa tinha ficado cego e morrido na cadeira do rés-do-chão, antes de ela nascer? E novamente devo enfatizar o facto de que os poltergeists podem fazer coisas que nós, humanos, não podemos fazer, por isso é tentador supor que eles recebem alguma ajuda de outras dimensões.

Em suma, só posso repetir a resposta que dei a uma pergunta que me fizeram numa das minhas primeiras entrevistas de televisão, há trinta anos:

Pergunta: «Muito resumidamente, pode dizer-nos o que é um poltergeist?»

Resposta: «Muito resumidamente, não».

Seja o que for que venha a revelar-se, parecer-nos-ia tão estranho hoje como, por exemplo, a internet teria parecido a Newton ou talvez até a Einstein. Sempre que há um grande avanço na ciência, há aqueles que sentem que tudo o que vale a pena descobrir já foi descoberto. Em 1894, por exemplo, Albert Michelson, um futuro laureado com o Nobel, anunciou que «As leis e factos mais importantes da ciência física já foram todos descobertos, e estão agora tão firmemente estabelecidos que a possibilidade de serem alguma vez substituídos na sequência de novas descobertas é extremamente remota».

Seis anos depois, Max Planck fez precisamente uma dessas descobertas, do que chamou de quantum. Isto acabaria por pôr a física de pernas para o ar, mas no mesmo ano, um dos mais distintos cientistas da sua época, o antigo presidente da Royal Society, Lord Kelvin, ainda era capaz de declarar: «Não há nada de novo para descobrir na física agora. Tudo o que resta é uma medição cada vez mais precisa». Cinco anos depois, o jovem Albert Einstein publicou a sua Teoria da Relatividade Restrita, na altura talvez a descoberta mais radicalmente nova alguma vez feita na física.

Depois veio a teoria quântica, e o resto é história do século XX. A «realidade» de hoje é muito diferente da de há um século, e como Dean Radin mostrou no seu livro de vanguarda

Entangled Minds (2006), a física está a alcançar gradualmente as descobertas dos para-psicólogos em áreas como a telepatia, a precognição e a psicocinese, todas as quais já foram demonstradas como existentes em numerosas experiências de laboratório bem controladas que têm sido geralmente ignoradas (ou deliberadamente negligenciadas) tanto pelo estabelecimento científico como pelo público em geral.

Recordando a famosa rejeição de Einstein à ideia daquilo a que chamou «acção fantasmagórica à distância», Radin observa que «Já não é o caso de que a "acção à distância" não mediada seja proibida por ser fantasmagórica. De facto, a acção à distância não mediada na realidade quântica é necessária» (ênfase dele). Os poltergeists estão agora a parecer muito menos impossíveis do que há trinta anos.

Tenho de terminar com uma nota triste. As duas principais veteranas da campanha de Enfield faleceram, Peggy «Harper» em 2003 e Maurice Grosse em 2006. Peggy era uma mulher de uma força de carácter e resiliência formidáveis, que manteve a sua família unida apesar de vários meses das condições mais stressantes imagináveis. Maurice, amigo e colega durante trinta anos, foi um dos homens mais finos e honrados que conheci e um investigador notável que nunca deixou que o seu entusiasmo por observar e registar as provas interferisse com a sua preocupação pelo bem-estar da família.

Não fossem eles, esta história poderia ter terminado em tragédia, e serei sempre grato a Peggy e a Maurice por me terem permitido partilhar com eles uma das experiências mais memoráveis da minha vida, que fiz o meu melhor para descrever neste livro.

APÊNDICE 2
SUGESTÕES PARA LEITURA ADICIONAL

A.R.G. Owen *Can We Explain the Poltergeist?* Helix Press, Nova Iorque, 1964. Continua a ser a obra de referência sobre o assunto, após quarenta anos, embora precise de ser actualizada — e de um índice! O Dr. Owen não o consegue explicar, mais do que qualquer outra pessoa, mas escreveu um levantamento admiravelmente abrangente (436 páginas) da história e natureza do poltergeist, além de resumos de todas as tentativas sérias para o explicar. Leitura obrigatória para o estudante sério, tal como *Poltergeists*, de Alan Gauld e A.D. Cornell, Routledge & Kegan Paul, Londres, 1979. Contém uma lista de verificação de mais de 500 casos que datam de 530 d.C. a 1975.

W.G. Roll *The Poltergeist*. Star Books, Londres, 1976 (Edição de bolso). A introdução popular ideal. A frase de abertura do Capítulo 10 («Às 15h24 fui agradavelmente surpreendido pelo som de vidro partido») lembra-nos que Roll testemunhou pessoalmente uma grande quantidade de actividade poltergeist, e que combina a observação precisa com um bem-vindo sentido de humor. Em 2004, Roll (com Valerie Storey) publicou *Unleashed*, Paraview Pocket Books, Nova Iorque, um relato completo de um caso invulgar e excepcionalmente bem testemunhado. Contém uma discussão interessante sobre o síndroma de Tourette.

H. Thurston *Ghosts and Poltergeists*. Burns Oates, Londres, 1953. Uma valiosa fonte de casos antigos, escrito por um padre jesuíta.

T.K. Oesterreich *Possession — Demoniacal and Other*. New Hyde Park, University Books, 1966. Não trata de poltergeists propriamente ditos, mas das perturbações psicológicas tão frequentemente associadas a eles, como em Enfield.

Matthew Manning *The Link*. Corgi Books, Londres, 1975. (Edição de bolso). O primeiro livro completo sobre um caso de poltergeist escrito pela própria vítima. Contém um apêndice importante do Dr. Owen, autor de (1) acima.

Nandor Fodor *On the Trail of the Poltergeist*. Arco, Londres, 1959. Freudiano dedicado, Fodor foi o principal defensor da teoria do «tudo está na mente». Não resolveu o problema, mas pode ter feito algumas das perguntas certas.

Allan Kardec *O Livro dos Médiuns*. (1861). Traduzido por Anna Blackwell. Psychic Press, Londres, 1971. Os Capítulos 5 e 9 desta obra injustamente negligenciada contêm declarações concisas mas abrangentes da interpretação espírita do poltergeist.

Journal and Proceedings of the Society for Psychical Research. (49 Marloes Road, Londres W8 6LA). Publicado regularmente desde 1882, contém vários artigos importantes, desde o estudo clássico de Sir William Barrett (*Proceedings* 25, 1911) até ao relato de um caso (*Journal*, Junho de 1979) com algumas semelhanças notáveis com o de Enfield.

Journal of the American Society for Psychical Research. (5 West 73rd St., Nova Iorque NY 10023). Publicou vários relatos de casos americanos modernos, principalmente por W.G. Roll.

Marc Cramer *The Devil Within*. W.H. Allen, Londres, 1979. Uma actualização séria e há muito necessária dos livros de Oesterreich e Fodor.

D. Scott Rogo *The Poltergeist Experience*. Penguin Books, Baltimore (E.U.A.), 1979. Um bom levantamento recente, com interessante material em primeira mão.

APÊNDICE 3

O QUE FAZER COM O SEU POLTERGEIST

A primeira coisa a fazer se um poltergeist invadir a sua casa é não entrar em pânico. Isto pode não ser fácil, mas é essencial, pois os poltergeists parecem alimentar-se do medo e da ansiedade. É pouco provável que aconteça algo verdadeiramente terrível e é muito improvável que você ou os seus filhos estejam possuídos por demónios. Ajudará se tiver um interesse objectivo no que acontece, anotando incidentes e fotografando-os sempre que possível, sem dar ao poltergeist mais atenção do que a necessária, uma vez que a atenção é outro dos seus alimentos básicos.

A próxima coisa a fazer é identificar o epicentro ou pessoa-foco. Muitas vezes, mas nem sempre, será um rapaz ou rapariga perto da idade da puberdade, e, como medida de emergência, o epicentro deve ser separado do resto da família.

Depois, deve tentar chegar à causa do problema. O melhor é fazê-lo com um psiquiatra, na minha opinião, que deve examinar toda a família e tratar quem precisar de tratamento. Não fazer nada ou recusar levar o problema a sério, como aconteceu em Enfield, é uma grave negligência do dever.

Se, como é bastante provável, não encontrar um psiquiatra que tenha a mais vaga ideia do que fazer, não há mal em chamar um ministro religioso, um conselheiro ou um médium, desde que este último seja recomendado por alguém em quem confie.

Quanto ao exorcismo, pessoalmente, não quero nada com isso. Muitas vezes só piorou as coisas, chegando mesmo a levar à morte da vítima, como no horrível caso de Anneliese Michel na Alemanha. Como Marc Cramer coloca, o exorcismo pode significar libertação não do mal, mas para o mal. Não deve ser confundido com a intercessão praticada por alguns anglicanos, que pode ser útil, embora pareça depender muito da personalidade

do praticante. O falecido Cónego John Pearce-Higgins era particularmente hábil nisso, e pôs um fim imediato a um caso no sul de Londres que investiguei em 1975.

Uma palavra final para os vizinhos das vítimas de poltergeist: as pessoas ao lado não são bruxas nem demónios. Têm um problema sério e precisam do seu apoio e da sua simpatia, tal como precisariam se tivessem um incêndio ou uma inundação.